

Elaine Lima da Silva

**"A PELEIA DOS VELHOS DO/NO KARÚ":
DISCURSOS/PERCURSOS SOBRE ENVELHECIMENTO EM
SÃO JOSÉ DO CERRITO, SANTA CATARINA.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Mestra em Sociologia Política.

Orientadora: Prof^a. Dra. Elizabeth Farias da Silva

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Elaine Lima da
"A peleia dos velhos do/no Karú" : Discursos/percursos
sobre envelhecimento em São José do Cerrito, Santa
Catarina / Elaine Lima da Silva ; orientadora, Elizabeth
Farias da Silva - Florianópolis, SC, 2016.
332 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui referências

1. Sociologia Política. 2. Envelhecimento. 3. Velhices
Masculinas. 4. São José do Cerrito. 5. Projeto de
Modernidade. I. Farias da Silva, Elizabeth. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Sociologia Política. III. Título.

FOLHA DE ASSINATURAS
Inserir folha original na gráfica

Ao meu tio
Lorival Lopes da Silva (Vavá) - (1934-2013)

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão é para todas as pessoas e instituições que de alguma forma contribuíram para que esse percurso acontecesse.

Sou grata em primeiro lugar ao meu pai Orival Lopes. Pelas idas e vindas ao antigo "Caminho das Tropas", pela paciência durante meu percurso da pesquisa e leitura minuciosa de meus escritos. Pelas imagens disponibilizadas.

Gratidão ao meu irmão Leonardo Lima pela "peleia" de nossos caminhos acadêmicos e pelo Karú afora. Nossas trocas teórico-metodológicas e madrugadas com chimarrão e conversa.

Agradeço à minha mãe Terezinha Lima pela vida e pelas orações em meu nome.

Grata à minha irmã Franciele e meu cunhado Jaison, por compreenderem minha ausência em muitas circunstâncias.

Gratidão à minha orientadora Professora Elizabeth Farias da Silva, pela paciência, incentivo, generosidade, respeito e dedicação com cada um(a) de seus(as) orientandos(as).

Grata às professoras da banca: Prof^ª Silvana Bittencourt (UFMT), Prof^ª Jordelina Shier (NETI) e Prof^ª Marcia Mazon (PPGSP/UFSC) pela aceitação em participar dessa passagem.

Agradeço à coordenação e a todos(as) os(as) professores(as) do Programa de Sociologia Política pela possibilidade de inserção neste Programa e pelas reflexões teóricas propiciadas.

Grata à Capes pelo incentivo financeiro.

Aos meus amigos e amigas da turma de mestrado, em especial à Ju, Ro, Gi, Zosia, Fafá, Flávia, Di, Sabina, Márcio, João Gabriel, João Francisco, pelos almoços no RU e cafés no CFH, pelas conversas no face e nos corredores, pelos conselhos, pelas festinhas.

Gratidão aos amigos e amigas do núcleo que faço parte por suas valiosas críticas e ponderações: Professora Elizabeth, Franke, Bao, Juceli, Natália, Luan, Loren, Adriane e Maristela.

A todos os outros amigos e amigas pelo apoio e paciência em aceitar meus "não": Manu, Verinha, Denise, Nádia, Luciana Raimundo, as Camilá's (Reis e Philippi), Ricardo Silva, Roldão, Mari, Su, Samantha, Bessy, Marta, minha prima Denise.

À Mayla e à Natália, minhas professoras de Tai-chi e Yoga, gratidão por possibilitarem maior equilíbrio entre mente e corpo.

Gratidão à minha amiga de infância por nossas conversas e leitura minuciosa desses escritos.

Gratidão às professoras do Núcleo de Estudos da Terceira Idade pelo apoio e carinho de sempre: Nina, Cecília, Mônica e Eloá, minha avó do coração.

Agradeço aos meus familiares de São José do Cerrito/SC, pela acolhida e carinho com que sempre fui recebida.

Gratidão às instituições da Assistência Social, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Igreja Católica, em especial aos meus entrevistados e a todas as pessoas que cederam seu tempo para essa pesquisa.

Minha eterna gratidão!

RESUMO

É na modernidade que se institucionalizou o curso da vida no mundo ocidental, universalizando e regulamentando os indivíduos de acordo com suas idades. Essa regulamentação se deu através do Estado, instância central onde são coordenados os mecanismos de controle, como parte de um Projeto de Modernidade. A marcação ocidental via normas, leis e regras da sociedade determinam quando inicia a velhice dos indivíduos, no caso do Brasil aos 60 anos. O objetivo desta pesquisa foi compreender as concepções de velhice e envelhecimento do idoso de São José do Cerrito, Santa Catarina. Compreendido enquanto um 'transitante' na fronteira entre a perspectiva da personalidade, nas maneiras com que se percebem e atribuem sentido ao seu próprio envelhecer e, entre a perspectiva da vida social e pública, de como a legislação vigente sobre o envelhecimento atua entre os moradores. A pesquisa foi realizada em cinco etapas, de março a maio de 2015. Foram entrevistadas vinte e sete pessoas, homens idosos, com idade entre os 60 aos 87 anos e agentes institucionais vinculados direta ou indiretamente ao trabalho com esta faixa etária. Meu intuito foi tentar compreender como esses homens chegaram até ali, nas terras do Cerrito/SC, quais foram e são as (suas) histórias e a de seus antepassados. E o resultado foi que a compreensão do envelhecimento e das velhices dos idosos desta localidade perpassa em como transitam entre o rural e o urbano, as múltiplas identidades vivenciadas, aos grupos de pertencimento, ao cuidado de si, do outro e ao cuidado na/com a terra.

Palavras-chave: Envelhecimento. Velhices Masculinas. São José do Cerrito. Projeto de Modernidade.

ABSTRACT

It is in modernity that the course of life in the Western world has been institutionalized, universalizing and regulating individuals according to their ages. This regulation took place through the State, central instance where the control mechanisms are coordinated, as part of a Modernity Project. Western marking via norms, laws and society rules determine when the old age of individuals begins, in the case of Brazil at the age of 60. The objective of this research was to understand the conceptions of old age and aging of the elderly of São José do Cerrito, Santa Catarina. Understood as a 'transient' on the frontier between the perspective of personality, the ways in which they perceive themselves and give meaning to their own aging, and, from the perspective of social and public life, how current legislation on aging works among residents . The research was carried out in five stages, from March to May 2015. Twenty-seven people, elderly men, aged between 60 and 87 years and institutional agents directly or indirectly linked to the work with this age group were interviewed. My intention was to try to understand how these men came here, in the lands of Cerrito / SC, what were and are their stories and that of their ancestors. And the result was that the understanding of the aging and old age of the elderly in this locality runs through the way the rural and the urban, the multiple identities experienced, the groups of belonging, the care of self, the other and care in the Earth.

Keywords: Aging. Old Men. São José do Cerrito. Modernity Project.

O Karú

Vista de cima da cidade de São José do Cerrito/SC.



Foto: Orival Lopes, 2015.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Cartaz do Encontro dos Grupos de Idosos.	56
Imagem 2 - Pinheiro Araucária.	67
Imagem 3 - Gruta João Maria.	73
Imagem 4 - Plantação de Milho na região do Karú.	87
Imagem 5 - Ponte na localidade de Passos dos Fernandes.	90
Imagem 6 - A Dança (I).	118
Imagem 7 - A Dança (II).	119
Imagem 8 - Entrada no município de São José do Cerrito - SC.	189
Imagem 9 - Prefeitura de São José do Cerrito – SC.	190
Imagem 10 - Mapa do Karú.	191
Imagem 11 - CRAS Vó Maria.	192
Imagem 12 - Centro de Convivência.	192
Imagem 13 - Altar de Nossa Senhora no salão principal do Centro de Convivência.	194
Imagem 14 - Folder disposto no Sindicato dos Trabalhadores Rurais.	197
Imagem 15 - Hidrelétrica de São Roque.	199
Imagem 16 - Casa de Moisés e Zaíra.	201
Imagem 17 - Em destaque a vereadora Ana M ^a Marcon dos Santos... ..	203
Imagem 18 - Academia ao ar livre.	205
Imagem 19 - Banco prioritário.	206
Imagem 20 - Sítio de Pedro.	209
Imagem 21 - Açude do sítio de Pedro.	211
Imagem 22 - Propriedade de Pedro (I).	212
Imagem 23 - Propriedade de Pedro (II).	212
Imagem 24 - Igreja na localidade de Mineiros.	214
Imagem 25 - Publicações do Padre Malaquias.	218
Imagem 26 - Localidade de Itararé.	225
Imagem 27 - Feijão vermelho secando.	227
Imagem 28 - Jó na lida.	228
Imagem 29 - Residência do casal Jó e Eloá.	228
Imagem 30 - Antigo local da residência de meus antepassados.	231
Imagem 31 - Janela da cozinha de Ordália.	233
Imagem 32 - Procissão de Sexta-Feira Santa.	234

Imagem 33 - Encontro entre o Grupo de Idosos do Centro e do "Interior".	238
Imagem 34 - Passeio com a égua baia na casa de Jó e Eloá.	241
Imagem 35 - Jó em sua égua baia no seu sítio depois da BR.....	241
Imagem 36 - 18ª Feira do Terneiro e da Terneira. Boa Parada. São José do Cerrito - SC.....	243
Imagem 37 - "Buraco dos Bugres". Boa Parada. São José do Cerrito - SC.....	244
Imagem 38 - Senhores participantes do Grupo de Idosos do centro... ..	246
Imagem 39 - Capacitação Envelhecendo com Cidadania (I).	249
Imagem 40 - Capacitação Envelhecendo com Cidadania (II).	250
Imagem 41 - Convite da I Conferência Municipal da Pessoa Idosa. ..	252
Imagem 42 - Programação da 55ª Festa de São Pedro.	253
Imagem 43 - Exposição das fotos na Festa de São Pedro (I).	254
Imagem 44 - Exposição das fotos na Festa de São Pedro (II).	255
Imagem 45 - Ritual de benzimento dos carros.	257
Imagem 46 - No táxi de Gabriel.....	260
Imagem 47 - Rio Canoas.....	262
Imagem 48 - Sítio de Davi.	263
Imagem 49 - Critérios de adesão ao Bolsa Família.....	268
Imagem 50 - IX Conferência Municipal de Assistência Social (I).	269
Imagem 51 - IX Conferência Municipal de Assistência Social (II).	269
Imagem 52 - Demarcadores Urbanos.....	274

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - População Idosa no Brasil.....	35
Quadro 2 - População Idosa Urbana e Rural em Santa Catarina.....	36
Quadro 3 - População Idosa em São José do Cerrito – SC.....	36
Quadro 4 - Grupo de Idosos por Localidade.....	50
Quadro 5 - Informações das Entrevistas.....	54

LISTA DE SIGLAS

ABCCR - Associação Brasileira de Catarata e Cirurgia Refrativa
ANG - Associação Nacional de Gerontologia
AMURES - Associação dos Municípios da Região Serrana
APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
AVD - Atividade da Vida Diária
BPC - Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social
CASAN - Companhia Catarinense de Águas e Saneamento
CEART - Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina
CEASA - Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S/A
CMAS - Conselho Regional de Assistência Social
CMI - Conselho Municipal do Idoso
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNDI - Conselho Nacional dos Direitos do Idoso
CLT - Consolidações das Leis do Trabalho
CRAS - Centro de Referência de Assistência Social
DEM - Partido dos Democratas
EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
EACH - Escola de Artes, Ciências e Humanidades
EI - Estatuto do Idoso
FAI - Faculdades Adamantinenses Integradas
FUNAI - Fundação Nacional do Índio
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
INSS - Instituto Nacional do Seguro Social
LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social
MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens
MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
OMS - Organização Mundial da Saúde
PAIF - Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família
PGSP - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
PNDH - Programa Nacional de Direitos Humanos
PNI - Política Nacional do Idoso
PPGAS - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPGAV - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PNI - Política Nacional do Idoso

PT - Partido dos Trabalhadores
PSF - Programa Saúde da Família
PUC - Pontifícia Universidade Católica
SBGG - Sociedade Brasileira de Gerontologia e Geriatria
SICOOB - - Sistema de Cooperativa de Créditos no Brasil
SUAS - Sistema Único de Assistência Social
SUS - Sistema Único de Saúde
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCB - Universidade Católica de Brasília
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina
UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense
UPF - Universidade de Passo Fundo
USJT - Universidade São Judas Tadeu
USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

PRÓLOGO	23
1. INTRODUÇÃO	29
1.1 ESTRUTURA DA PESQUISA.....	36
2. METODOLOGIA	39
2.1 TEORIZANDO O PROCESSO METODOLÓGICO	39
2.2 A PRÁTICA DA METODOLOGIA.....	48
CAPÍTULO I	63
1.1 O HOMEM DOS "CAMPOS DAS LAGENS"	63
1.2 "TERRA FÉRTIL, HOMEM FORTE": A POVOAÇÃO DOS CAMPOS DE LAGES	64
1.3 A GUERRA DO CONTESTADO E AS DISPUTAS ATUAIS PELA TERRA.....	73
1.4 PROGRESSO E MIGRAÇÃO.....	84
CAPÍTULO II - DE TODAS AS VELHICES	91
2.1 ENVELHECIMENTO: UMA CIÊNCIA.....	97
2.2 QUESTÕES DE GÊNERO	104
2.2.1 Espaço público e privado.....	104
2.2.2 O cuidado de si e do outro	112
2.2.3 "Aceita esta dança?": corporalidades em um grupo de idosos	116
2.3 NOS CORREDORES DA MEMÓRIA	121
2.3.1 Memórias desta pesquisadora sobre o Karú e uma experiência de velhice	121
2.3.2 "Se tivesse um livro, a gente contava": memória dos entrevistados	124
2.4 DA REPRESENTAÇÃO DE SI.....	131
2.5 PROJETO DE MODERNIDADE.....	141
2.5.1 A instância central do Estado.....	141
2.5.2 Politizando as velhices.....	145
2.5.3 A legislação vigente em São José do Cerrito/SC.....	149
CAPÍTULO III	151
3.1. CARTOGRAFANDO O CAMPO	151
3.1.1 Perfil dos entrevistados e entrevistadas.....	151

3.1.2 Diários de Campo.....	189
3.1.3 Uma leitura da cartografia do campo	269
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	285
REFERÊNCIAS.....	301
APÊNDICE A – Ofício da Capacitação e Projeto.....	313
APÊNDICE B – Entrevistas.....	315
ANEXO A – Resumo das políticas internacionais e nacionais destinadas às pessoas idosas	317
ANEXO B – Decreto da I Conferência Municipal da Pessoa Idosa e Certificado	329
ANEXO C – Certificado da X Conferência Nacional de Assistência Social	331

PRÓLOGO

A "peleia" que dá início ao título desta pesquisa faz menção ao seu sentido etimológico na língua espanhola: "pelejar; batalhar; lutar; combater", conotando mesmo a ideia de uma luta empreendida pelos velhos da localidade de São José do Cerrito SC, por sua sobrevivência, porque a luta/peleia sintetiza a vida em relação à morte, morre quem deixa de pelear, não de viver.

É de uso comum a expressão "Não tá morto quem peleia", quase um dito popular presente nas conversas no interior do Planalto Catarinense e Rio Grande do Sul, surgindo inclusive como título de um artigo: "'Não tá morto quem peleia' - os desafios do ensino de história diante da atual realidade escolar"¹ que trata dos embates vividos pelos professores no repasse do conteúdo de história, mas que apesar das dificuldades não se deve perder as esperanças.

Outra referência do termo se encontra no livro do cartunista gaúcho, Neltair Abreu Santiago: "Não tá morto quem peleia" (2001)², que através de uma linguagem humorística, demonstra que o personagem em questão enfrenta todo tipo de desafio:

o Macanudo Taurino andava mais sumido que fio dental em polpa de china gorda. Pois do seu retiro no Rincão das Guanxumas o índio velho retorna empinado como conde de baralho e avisa que "Não tá morto quem peleia". Com seu jeitão despachado, enfrenta os grandes temas do momento: os enleios do computador, os chasques pela internet, o esmirrado telefone celular, o bug chocho do milênio, os milagres guindásticos do Viagra e os puxa e afrouxa do Mercosul. E não está solito nesse entrevero. (SANTIAGO, 2001).

É possível também que o termo teve estadia na região dos Campos de Lages desde sua fundação, devido intercâmbio de mulas, mantimentos e linguagens diversas, durante o caminho das tropas até o Uruguai:

¹ Publicado pela revista *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 2, p. 156 a 168, jul./dez. 2009.

² L & PM Editores. Disponível em:

http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=645528&ID=636194

da fundação [de Lages] em 1766, até quando terminaram as feiras de Sorocaba, por volta de 1850, foi o período de predomínio econômico do vendedor de mulas e cavalos, que formava sua tropa nos Campos do 'Rio Grande-de-São-Pedro', Uruguai, mesmo do outro lado do Rio da Prata e com ela viajava durante meses e meses, com longas paradas para invernar e outras para domar a animalada xucra - que era a totalidade - até atingir a famosa Vila Paulistana, centro distribuidor das tropas. (COSTA, 1982, p.151).

Advinda ou não das trocas com nossos "hermanos uruguayos", é certo que o termo ganhou seus adeptos na região serrana e gaúcha que foram passando de geração em geração adequando e moldando de acordo com suas vivências, conforme trechos de alguns dos meus entrevistados:

depois ainda naquele tempo trabalhava ainda pra poder arrumar trabalho ... a minha vida foi peleada ... nunca fiz ... agradeço ainda muito de poder manter a esperança [...] e outra coisa, eu não tive estudo, sofri muito com essas peleia. (MOISÉS³, 2015).

Outra coisa que eu agradeço muito a Deus, eu tá com 80 anos, tô um pouco esquecido, um pouco ... às vezes me dá essa tonturinha, dorzinha de cabeça, mas estou trabalhando e peleando praticamente normal. Isso é uma graça de Deus! (JÓ, 2015).

Mesmo nas conversas informais durante a pesquisa de campo, o termo peleia figurou em sentidos diversos, mas sempre conotando como um embate para vencer o cotidiano e resolver problemas. Uma terra farta de histórias de lutas anônimas e individuais pela posse de terra, bem como de histórias coletivas maiores como a Guerra do Contestado (1912-1916), que "agregou diferentes segmentos sociais, posseiros e sitiante de suas terras, ervateiros, médios fazendeiros, antigas lideranças federalistas e opositores políticos dos coronéis (...)" (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.25).

Discursos/percursos das peleias da vida determinaram mudanças no próprio nome da localidade, que de São José do Cerrito passou a ser chamada por um tempo de "Carú". Conforme o historiador

³ Os pseudônimos dos entrevistados serão explicitados mais adiante.

Paulo Pinheiro Machado (2004, p.30) um dos motivos dado foram as profecias do monge do Contestado, João Maria de Agostinho que em suas pregações insinuou que enquanto não mudassem o nome do Rio Caveiras, este não deixaria de fazer vítimas, então o rio passou a ser chamado de Rio Carú, em sua etimologia indígena significa "gente forte", "terra fértil". Tanto o Rio quanto a cidade, voltaram aos seus antigos nomes, Rio Caveiras e São José do Cerrito, que segundo a mesma autora, o fato se deu por forças políticas que consideraram que "o nome 'Caru' era proferido de forma pejorativa aos moradores quando iam a Lages, com expressões do tipo 'mas esse é lá do Carú'.

Não é raro que os termos "Carú" e "caboclo" refiram-se, conforme o professor, doutor em Antropologia, Geraldo Augusto Locks (1998), para nominar a população local,

são categorias carregadas de atributos desacreditadores. Elas foram, elaboradas na relação e por oposição estabelecida entre os habitantes nativos e a sociedade abrangente. São, todavia, formas utilizadas no discurso coloquial serrano e servem para classificação social, fazendo de São José do Cerrito o espaço mais estigmatizado da região dos Campos de Lages.

Mas não é a esse "Carú" que me refiro no título, mas sim à "gente forte" do Cerrito, à força dos homens idosos que entrevistei, à peleia dos antepassados desta região durante o período de colonização europeia até os dias atuais.

Terra que se sabe forte desde os Jê Meridionais, que do século VI ao século XVII colonizaram a região em busca de abrigo e alimento, história essa presente nas 107 casas subterrâneas espalhadas pela localidade⁴. Em períodos mais recentes os Xoklengs e os Kaingangos povoaram a região, protagonizando grandes embates com a população "branca" europeia, especialmente italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul, "além da disputa por espaço, a população colonizadora [europeia] não reconhecia os indígenas como gente. (PINHEIRO MACHADO 2004, p. 32), conforme será explicitado em capítulo posterior.

⁴ NOVASCO, Raul. "As casas subterrâneas e sua paisagem: cartografando o ambiente." Dissertação para obtenção de mestre pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. 2013

O Karú com "K" é para dar conta do universo indígena, um universo em que as palavras guardam em si toda uma trajetória histórica. Das lendas e mitos orais, algumas histórias são legitimadas pela escrita e uma delas foi contada por Daniel Mundurucu⁵ no seu livro "Karú Tanú", narrando a trajetória de um menino que estava sendo preparado para ser um pajé.

A peleia dos velhos no/do Karú tem seu início num passado de lutas e embates em que figuram, de alguma forma, entre uma história e outra, nos(as) autores(as) dessa pesquisa. Mas, como proposta deste trabalho, ela teve um recorte num tempo e espaço específico, a minha peleia começou em 2014 quando adentrei no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política e optei por compreender as velhices dos homens idosos do Karú, conforme Passos & Barros (2009), conhecer aquela realidade, acompanhando seu processo de constituição, e isto equivale a caminhar junto com os idosos, constituir-se nos seus caminhos, nas suas peleias. E o caminho teve seu curso iniciado em 23 de março de 2015, com primeiro relato de campo:

Vejo esta cidade de um ponto de vista diferente do que habitualmente conhecia. São José do Cerrito SC é além da rua dos meus parentes. Abriga funções e instituições diversas, pessoas ativas e acolhedoras, envolvidas em suas histórias individuais e coletivas. Enquanto pesquisadora, meu parentesco me auxiliou na entrada do campo. Por parte do meu tio, às vezes percebo uma certa "frieza" e um olhar mais atento em minha direção, quando falo dele. Falecido em 2013, sempre esteve vinculado à vida política, enquanto oposição. Atuante desde sempre, lutou pelos trabalhadores e pelas comunidades atingidas pelas barragens. Meus demais parentes não possuem vínculos políticos diretos. Minha tia é muito atuante e conhecida por todos. É costureira, participa das atividades da igreja e aluga quartos para as moças que vem do 'interior' trabalhar na cidade ou em Lages. Meu avô que

⁵ Escritor indígena, graduado em Filosofia, tem licenciatura em História e Psicologia. Doutor em Educação pela USP. Pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Disponível em: <http://danielmunduruku.blogspot.com.br/p/daniel-munduruku.html>

morou desde sempre aqui, também é muito conhecido como o "véinho das balas", por ter ficado quase 20 anos jogando balas para as crianças que passavam embaixo de sua janela. Hoje algumas dessas crianças são funcionárias nas instituições onde sou recebida. O padre - um cientista social de formação -, quando lhe disse que eu estava sendo mais bem aceita por conta de meu parentesco, lembrou-me da importância da família como suporte, como reconhecimento de ser "um deles" e de como o povo daqui reconhece isso. São José do Cerrito SC, como aponta as estatísticas, é habitado por muitos idosos⁶. Esses parecem ocupar todos os espaços: o comércio [tanto do lado de cá, como de lá do balcão], nos órgãos públicos, como a Secretaria da Assistência Social, a Secretaria de Educação, o Sindicato Rural, etc. Eles estão em todos os lugares. Os homens costumam ficar nas portas das lanchonetes e bares, nas esquinas e alguns sentados sozinhos ou com suas companheiras em frente suas casas. Não é raro ao atravessar a rua e ver um homem idoso dirigindo um automóvel. As mulheres geralmente estão na "lida", são muito atuantes, tanto em suas casas, como na comunidade de modo geral. Nos grupos para idosos, como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), as mulheres são muito atuantes nos cursos de bordados, crochês e todo tipo de artesanato. Há entre elas uma grande sociabilidade, costumam trocar quitutes, litros de leite, bolinhos, verduras plantadas por eles e por elas. A religião católica predomina, mas as Assembléias de Deus vem "troteando" atrás. No entanto, os mitos, ritos, as histórias de "espíritos", as rezas, as benzedadeiras, os chás com ervas, etc., convivem entre os idosos, de modo sutil. É mais fácil ver homens parados conversando na rua do

⁶ De acordo com IBGE (2010), de 9.273 habitantes no ano de 2010, 15% são pessoas idosas. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420340&search=santa-catarina>.

que mulheres, essas estão sempre andando de um lado para outro, fazendo alguma coisa. No Grupo de Idosos - que acontece semanalmente no Centro de Convivência -, quando disse para eles sobre minha pesquisa com homens idosos, um deles me disse rindo: 'quer saber qual o mais feio e o mais velho?' (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

1. INTRODUÇÃO

Desde o século XVI, a escrita foi um 'divisor de águas', julgando a inteligência e a civilização dos povos que detinham ou não o domínio da escrita. A partir do século 18 e 19, de acordo com o argentino Walter Mignolo (2003, p.23), "o critério de avaliação já não era a escrita, mas a história. 'Os povos sem história' situavam-se em um tempo 'anterior' ao 'presente'", uma nova direção do olhar (europeu) para os 'outros' povos sem escrita e, por conseguinte, sem história.

Esta foi, de acordo com Mignolo (2003), a marca do início da modernidade. Para Mignolo (2003), Dussel (2005), Lander (2005), Castro-Gómez (2005) entre outros autores e autoras dos chamados estudos "pós-coloniais", o projeto fundacional de uma nação se evidenciou a partir da implementação de instituições legitimadas pela escrita (mapas, gramáticas, constituições, manuais, tratados de higiene, etc.) e discursos hegemônicos que regulamentaram a vida, determinaram identidades e estabeleceram fronteiras entre uns e outros, definidos por essa "legalidade escriturária". Neste ínterim, na construção político-ideológica de um "eu" e um "outro", surgem binarismos classificatórios, tais como: tradição e modernidade, primitivo e moderno, mito e ciência, barbárie e civilização, Oriente e Ocidente, Primeiro e Terceiro Mundo, jovem e velho, enquanto modelos analíticos que permearam as ciências humanas. Mignolo (2003, p.173), conceitua modernidade como: "uma máquina geradora de alteridades que, em nome da razão e do humanismo, exclui de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade, a ambigüidade e a contingência das formas de vida concretas". Tais condições da modernidade foi reificada no século XVIII com o Iluminismo, onde o ciclo da vida humana e, conseqüentemente, o envelhecimento foi universalizado no Ocidente, ou seja, antes o homem não era percebido em sua individualidade, mas diluído na ideia de um coletivo, dentro de uma dada comunidade.

Na modernidade surge o indivíduo único, um adulto dotado de direitos e deveres. No século XVIII a maior parte das instituições modernas das sociedades ocidentais⁷ se consolidou, fazendo com que certos eventos e ações distantes, atuassem

⁷ O Ocidente, como sua contrapartida oriental, é uma construção fictícia, baseada em mitos e fantasias. De uma perspectiva geográfica, o conceito é relativo. Aquilo que o Ocidente chama de Oriente Médio é, do ponto de vista chinês, a Ásia Ocidental. Em árabe, a palavra utilizada para denominar o Oeste

de modo intenso e crescente sobre nossas vidas. Embora nas sociedades não ocidentais tivessem algum tipo de marcação etária como critério de diferença, é na modernidade que se institucionaliza o curso da vida no mundo ocidental, universalizando e regulamentando os indivíduos de acordo com suas idades e de acordo com o quesito de indivíduo produtivo (adultos) e não produtivo (crianças e idosos).

Um projeto de modernidade, segundo Mignolo (2003), requer a existência de uma instância central de onde são coordenados mecanismos de controle sobre o mundo social. Essa instância é o Estado, esfera que deveria garantir a organização da vida humana, ou ainda no sentido de Weber (2008), o funcionamento do Estado se dá pela dominação racional/legal que se fundamenta através de leis e/ou estatutos criados. O dever de obediência não está em uma pessoa, mas em uma norma estabelecida. O Estado é um lócus de metas coletivas, universalizantes e, de acordo com Mignolo (2003, p.173), "cria um campo de identidades homogêneas que tornem viável o projeto moderno da governamentalidade".

De acordo com sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1999) aponta que tal como os outros conceitos universalizantes desse processo hegemônico de uma história universal e linear,

como os outros conceitos (civilização, desenvolvimento, convergência, consenso), a ideia de universalização foi cunhada com a maré montante dos recursos das potências modernas e das ambições intelectuais modernas. Toda a família de conceitos anunciava em uníssono a vontade de tornar o mundo diferente e melhor do que fora e de expandir a mudança e a melhoria em escala global, à dimensão da espécie. Declarava a intenção de tornar semelhantes as condições de vida de todos, em toda parte, e, portanto, as oportunidades de vida para todo mundo, talvez mesmo torná-las iguais. Nada disso restou no

(Magreb) se refere ao norte da África, a parte mais ocidental do mundo árabe, em oposição a Mashreq, a parte oriental. O Ocidente e o não-Ocidente não podem ser compreendidos como opostos, pois na verdade são dois mundos que se interpenetram em um espaço instável de sincretismo. Desse ponto de vista, o "mito do Ocidente" e o "mito do Oriente" formam duas faces do mesmo signo colonial. SHOAT, Ella; STAM, Robert. Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação. COSAC NAIFY, 2006.

significado de globalização, tal como formulado no discurso atual. O novo termo refere-se primordialmente aos *efeitos globais*, notoriamente não pretendidos e imprevistos, e não às iniciativas e *empreendimentos globais*. (BAUMAN, 1999, p.67)

E, não pretendidos e imprevistos, porque os efeitos globais atuam e se mesclam em identidades heterogêneas, diferentes formas de saberes, memórias, línguas e histórias locais, onde projetos globais foram e são metabolizados.

O próprio tempo foi apropriado na modernidade enquanto parâmetro normativo da vida. Redefinido, segundo alguns(as) autores(as), atendendo ao sistema capitalista de produção. Em "Costumes em Comum" (1998)⁸, o historiador britânico Edward Palmer Thompson procura refletir sobre o tempo entre grupos de camponeses e pequenos agricultores, fazendo menção às comunidades ditas primitivas, mas direciona seu foco para a noção de tempo a partir das transformações ocorridas com o advento da Revolução Industrial Inglesa. O autor relaciona as mudanças nas formas de medir o tempo com as transformações no sistema de produção.

Para Thompson (1998) o passado humano não é um agregado de histórias separadas, mas uma soma unitária do comportamento humano, onde cada aspecto se relaciona com outros de determinadas maneiras. A concepção de tempo - que redefine e ressignifica a concepção de envelhecimento - não é homogênea, nem está atrelada a um modo linear na história dos povos. Thompson (1998) demonstra que:

Entre os povos primitivos a medição do tempo relaciona-se com os processos familiares no ciclo do trabalho ou tarefas domésticas. Exemplos: em Madagáscar, o tempo podia ser medido pelo "cozimento do arroz" ou pelo "fritar de um gafanhoto". Em Cross River, se dizia "o homem morreu em menos tempo do que leva o milho para assar". No Chile do século XVII o tempo era medido em "Credos". Na Birmânia, em tempos recentes, os monges levantavam ao amanhecer "quando há bastante luz para ver as veias na mão". (THOMPSON, 1998, p. 268).

⁸ O original do livro foi escrito em 1991.

Thompson (1998) tece críticas à coerência disciplinar na história, considerando que o conhecimento histórico é provisório, incompleto, seletivo e limitado. A psicóloga Ecléa Bosi (2003, p.23), de certa forma, compartilha de Thompson quando afirma: "existe dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo (BOSI, 2003, p.23), onde:

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (BOSI, 2003, p.15).

Bosi parece recuperar aqui uma história no sentido de Thompson, pois que este dedicou seus estudos especialmente a partir das transformações ocorridas não só entre as elites dirigentes, mas também entre grupos de operários e suburbanos, guardas das fábricas industriais e o trabalhador rural das sociedades pré-industriais.

O aprendizado repassado na cultura plebeia apontado por Thompson, demonstra o lugar social ocupado pelos mais velhos, o de transmissão do saber, mas também de resistência ao domínio ideológico dos governantes de que não se trata apenas de uma "cultura tradicional", em que as normas não eram as mesmas proclamadas pela igreja ou pelas autoridades, eram definidas dentro da própria cultura plebeia.

É preciso pouco para que sejamos persuadidos a aceitar a opinião enganosa de que o envelhecimento é igual em todo tempo e lugar. Não há uma homogeneidade no envelhecer. Está atrelado às relações de forças em cada formação social, em contextos específicos de cada momento histórico. Dado seu caráter biológico (nascer, viver, envelhecer e morrer), há uma certa tendência em normatizá-lo, via ideologias hegemônicas que determinam como se deve envelhecer:

um tipo que deve ser almejado por todos os que estão vivendo a velhice, os que estão envelhecendo e os que irão envelhecer: cuidando de si com tecnologias rejuvenescedoras, amparada pela mídia e pela oferta crescente de *kits anti rugas*, cremes, remédios, comprimidos *Viagra* e cirurgias que prometem devolver a juventude. Esse tipo "Idoso(a) Universal" estigmatiza os que não se enquadram neste perfil, culpando-os(as) por seu declínio natural da velhice [...] (SILVA,

2011).

De acordo com Stuart Hall (2000), precisamos compreender melhor as tensões e contradições geradas pelos compassos e direções irregulares do desenvolvimento histórico. O impacto do aumento da expectativa de vida é irregular e a própria irregularidade desse impacto pode ajudar a aprofundar e exacerbar os antagonismos setoriais contraditórios.

Dado às normatividades específicas para as pessoas idosas nas políticas públicas, idosos e idosas são colocados em um patamar jurídico que, muitas vezes, ignora as suas heterogeneidades e diversidades e ignora os contextos diferenciados de suas histórias locais. Os idosos e as idosas transitam entre as políticas nacionais, estaduais e municipais, nem sempre coerentes entre si, devendo ser beneficiados por uma série de direitos garantidos, mas que não necessariamente atendem suas necessidades. Há um conflito causado pela indefinição de seu próprio lugar, dado às mudanças permitidas pela velocidade da informação não mais dependente, de acordo com Bauman (1999, p.31), do corpo humano como portador da informação; do conflito de identidade, devido às categorizações etárias infinitamente desvinculadas de suas subjetividades e, do próprio conflito dos efeitos globais que descaracterizaram acoplamento de modos de vida locais, alterando noções de tempo e espaço:

O espaço tornou-se processado, centrado, organizado, normalizado, emancipado das restrições naturais do corpo [...] o espaço projetado é radicalmente diferente: planejado, não doado por Deus; artificial, não natural; mediado pelo hardware, não imediato ao wetware; racionalizado, não comunitário; nacional, não local. (TIMOTHY apud BAUMAN, 1999, p.24).

Esse espaço pode ser percebido do ponto de vista da “diferença colonial”. “Um espaço onde as histórias locais que estão inventando e implementando os projetos globais encontram aquelas histórias locais que os recebem” (Mignolo, 2003, p.102-103). Um local ao mesmo tempo físico e simbólico.

O lócus 'físico e simbólico' desta pesquisa é São José do Cerrito, cidade localizada no Planalto Serrano, microrregião dos Campos de Lages no estado de Santa Catarina. Com uma área de 969 km², São José do Cerrito/Cerrito ou Carú¹ é emancipada da cidade de Lages e torna-se município em 1961. Esta localidade de acordo com o

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2003)⁹, possui uma incidência de pobreza de 30,57%, considerando que no estado de Santa Catarina no mesmo ano (2003) este índice era de 27,19%. O município possui ainda um dos índices de desenvolvimento humano (IDHM) mais baixo do estado e este índice tem aumentado nas últimas décadas, em 1991 contava com 0,355 e em 2010 aumentou para 0,636. Apesar destes índices e da maioria da população ser usuária dos programas do SUS, SUAS e da Previdência Social, não se pode determinar necessariamente uma vida de pobreza, já que o município é essencialmente rural com a produção de vários produtos de lavoura permanente, como abacate, algodão, azeitona, banana, cacau, café, figo, guaraná, limão, caqui, maçã, palmito, uva e já foi considerado como a capital do feijão, além dos animais de pequeno porte¹⁰.

É uma dessas localidades de histórias locais subalternizadas¹¹, onde projetos globais são adaptados, integrados ou ignorados. A maioria de sua população tem raízes locais, conservando seus modos de viver e costumes deixados por seus antepassados, abrigando pessoas idosas em suas diversas idades e experiências, em um espaço que pode, por um lado, alocar o que há de mais rápido e moderno das tecnologias de informação, e, por outro, de acordo com Bauman (1999), permitir que seus habitantes se bastem de medidas antropomórficas (pés, punhados, polegadas, etc.) no cálculo das distâncias e a interação humana seja “confinada pelos limites naturais da visão, audição e capacidade de memorização” (Bauman, 1999, p.22), ou segundo o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1980, p.12): "o mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos".

Aguçada por tentar compreender o "estado da arte" sobre o envelhecimento nesta localidade, a percepção, "na qual certos

⁹ FONTE: IBGE, em parceria com os Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo e Superintendência da Zona Franca de Manaus - SUFRAMA. FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2000 e Pesquisa de Orçamento Familiares - POF 2002/2003.

¹⁰ FONTE: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

¹¹ Subalternizada no sentido da teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010) quando designa o termo às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante.

fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados" (Tuan, 1980, p.3), o objetivo da pesquisa é compreender as concepções de velhice e envelhecimento do idoso da localidade de São José do Cerrito/SC. Faz-se mister compreender o idoso enquanto um 'transitante' na fronteira entre a perspectiva da personalidade, nas maneiras com que se percebe e atribue sentido ao seu próprio envelhecer e, entre a perspectiva da vida social e pública, de como a legislação vigente a respeito da pessoa idosa atua com os moradores que vivenciam sua velhice.

O interesse e a escolha por esta localidade se deu por constituir terra de origem de meus antepassados, local de nascimento de meu pai e avô e de familiares que ainda hoje residem em São José do Cerrito SC. A justificativa empírica recai também para o fenômeno apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) de uma maior expectativa de vida dos homens em relação à mulher, contrariando o índice apontado em Santa Catarina e no Brasil, também de acordo com dados do IBGE (2010), conforme quadros abaixo:

Quadro 1 - População Idosa no Brasil.

	60-64	65-69	70-74	75-79	80-84	85-89	90-94	95 - 99
Homens	1,6%	1,2%	0,9%	0,6%	0,4%	0,2%	0,1%	0,0%
Mulheres	1,8%	1,4%	1,1%	0,8%	0,5%	0,3%	0,1%	0,0%

Fonte: Sinopse do Censo Demográfico 2010 Brasil. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12>>. Acesso em dezembro de 2015.

Quadro 2 - População Idosa Urbana e Rural em Santa Catarina.

	60-69 Urbano	70 ou + Urbano	60-69 Rural	70 ou + Rural
Homens	46 %	40%	53%	47%
Mulheres	54%	60%	47%	53%

Fonte: Sinopse do Censo Demográfico 2010 Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=sc&tema=sinopse_censodemog2010>. Acesso em maio 2015.

Quadro 3 - População Idosa em São José do Cerrito – SC.

Homens (60 a 70 anos ou mais)	8,1%
Mulheres (60 a 70 anos ou mais)	7,4%

Fonte: Elaboração da autora a partir do Site do IBGE. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=421680&sea_rch=santa-catarina|sao-jose-do-cerrito>. Acesso em maio 2015.

Embora não tenha sido possível encontrar em Santa Catarina e em São José do Cerrito dados mais específicos das idades acima de 70 anos - tal qual disponibilizado nos dados da população idosa no Brasil -, podemos pressupor que as estimativas nos anos seguintes, seguem a mesma estatística. Predomina na população idosa do país e do Estado de SC, uma maior expectativa de vida das mulheres, excetuando o período de 60 a 69 anos no meio rural no estado, em que há uma leve predominância de homens. Já em São José do Cerrito, 15,5% da população é composta por idosos (as), sendo a maioria homens.

1.1 ESTRUTURA DA PESQUISA

Esta dissertação divide-se em três capítulos. O primeiro discorre sobre a historicidade dos Campos de Lages/SC em que se insere a localidade de São José do Cerrito/SC, também conhecido como Karú, lugar de "homem forte" e "terra fértil", de acordo com sua etimologia Tupi Guarani. Este capítulo descreve as nuances do povoamento da região do Planalto Catarinense, liderado pela Coroa Portuguesa, especialmente com a migração europeia e os embates com os indígenas da região, passando pela Guerra do Contestado e a luta empreendida atualmente pelos seus moradores em torno das barragens.

O segundo capítulo adentra na temática axial da dissertação: o envelhecimento. Discursos no âmbito da ciência, no papel da Gerontologia, nos preceitos sobre a memória, identidade e corporalidade compõem o arcabouço teórico com vistas à análise dos dados de campo. A legislação vigente sobre a pessoa idosa nesta localidade se insere também neste capítulo, sob a égide de algumas políticas públicas nacionais e internacionais específicas para esta faixa etária.

Embora em todo o texto trechos das entrevistas e dos diários de campo dialoguem com os(as) autores(as), é aqui seu lócus de enunciação. As entrevistas foram pensadas para dois grupos distintos: homens com 60 anos ou mais e para os(as) profissionais das instituições vinculados(as) de alguma forma ao trabalho com a pessoa idosa. Essa divisão possibilitou coletar impressões sob diferentes olhares a respeito do envelhecimento no Karú, tanto dos próprios sujeitos envelhecidos, quanto das instituições, através de seus profissionais mais jovens (22 aos 57 anos).

Neste capítulo os diários de campo são dispostos na íntegra, de modo que o(a) leitor(a) possa percorrer junto com esta autora os caminhos e percursos percorridos por ela durante a pesquisa.

2. METODOLOGIA

2.1 TEORIZANDO O PROCESSO METODOLÓGICO

A psicóloga carioca Virgínia Kastrup argumenta que:

a produção dos dados ocorre desde a etapa inicial da pesquisa de campo, que perde assim o caráter de uma simples coleta de dados. É preciso sublinhar que esse processo continua com as etapas posteriores, atravessando as análises subsequentes dos dados e a escrita dos textos, continuando ainda com a publicação dos resultados. Para sermos bastante precisos seria necessário incluir também a circulação do material escrito e a própria leitura do mesmo pelos interessados, tudo isso sem falar na contribuição dos participantes da pesquisa na produção coletiva do conhecimento. (KASTRUP *apud* PASSOS et.al, 2009,p.48).

Esse parágrafo evidencia a minha postura metodológica, porém, considero ainda que a pesquisa tem seu início antes mesmo da produção de dados no/do campo, mas a partir da escolha do fenômeno social a ser estudado, das motivações que me levaram por este e não por outro caminho, a escolha do referencial teórico e "daqueles" com quem passei a conviver no período de pesquisa. Uma "experiência próxima" e "distante", parafraseando o antropólogo estadunidense Clifford James Geertz (2007), só que indo além desta dicotomia, uma vez que para esse autor,

experiência-próxima seria aquela em que o informante num trabalho de campo nos definiria aquilo que seus semelhantes vêem, sentem, pensam, imaginam [...] e experiência-distante, aquela que qualquer pesquisador(a) utiliza para levar a cabo seus objetivos científicos. (GEERTZ, 2007, p.87).

Ir além desta dicotomia significa "ver, sentir, pensar e imaginar" junto com os(as) "nativos(as)" ou de acordo com o antropólogo polonês Johannes Fabian (2013, p.11) ao considerar que o "(...) o presente etnográfico indica uma realidade dialógica - uma realidade que só se realiza na interação comunicativa entre o antropólogo e seus leitores, o 'objeto' antropológico permanece excluído deste diálogo". Considera-se

somente a "voz" autobiográfica do(a) pesquisador(a) e seus(uas) leitores(as) (não raro, seus pares acadêmicos), criando fronteiras temporais com os(as) "nativos".

Sob outro prisma, mas acatando a mesma crítica, o antropólogo estadunidense Roy Wagner (2012) em sua pesquisa com os habitantes da Nova Guiné, observa que "são as pessoas, as experiências e significados a elas associados, que não se quer perder, mais do que as ideias e coisas"(Wagner, 2012, p.88). Entendendo "coisas", por exemplo, como nosso aparato ideológico e de valores morais que se sobrepõe à própria experiência do/no campo e nos distancia desse "Outro" que pré-concebemos. O autor prossegue que "precisamos ser capazes de experienciar nosso 'objeto' de estudo diretamente, como significado alternativo, em vez de fazê-lo indiretamente, mediante sua literalização ou redução aos termos de nossa ideologia". (WAGNER, 2012, p.97).

"Experienciar nosso objetode estudo" como sugere Roy Wagner ou incluir o(a) "nativo(a)" como co-produtor(a) do conhecimento na tríade "pesquisador(a)-leitor(a)-'nativo'(a)", sem hierarquias, de acordo com Fabian (2013), é diferente de simplesmente retratá-los(as), usufruir de suas subjetividades e torná-las "nossas".

Uma vez posto o(a) "nativo" no seu devido lugar, o de co-produtor(a) do conhecimento da pesquisa engendrada pelo(a) pesquisador(a), resta estabelecer os outros elementos do contexto, dialogando ainda com Roy Wagner quando este afirma ser:

Um contexto parte da experiência - e também algo que nossa experiência constrói, é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si,e é formado pelo ato de relacioná-los. Os elementos de um contexto convencionalmente reconhecidos parecem se pertencer mutuamente, assim como elefantes, lonas, palhaços e acrobatas 'pertencem' a um circo. (WAGNER, 2012, p.111-112).

O contexto da pesquisa e seus elementos não foram previamente elaborados, a não ser a definição de "um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações" (Rolnik, 1989, s/p.). De modo que o processo metodológico da pesquisa atendesse às estratégias e táticas do lugar-espaco, entendendo espaco como *lugar praticado*, no sentido do historiador francês Michel De Certeau (1998), onde o lugar seria a "ordem". A ordem como sendo tudo que está dado e

o que garante a sua manutenção. Era preciso compreender previamente o movimento das "estratégias" e das "táticas" presentes em São José do CerritoSC, antes de adentrar no campo. Iniciei no campo em 23 de março de 2015 e entre idas e vindas, a última estadia foi dia 29 de julho.¹² No entanto, antes mesmo de seu início, procurei apreender as estratégias postuladas pelo poder, as burocracias e os trâmites sócio-econômicos e político-culturais em relação às pessoas idosas, para saber como me inserir no campo:

No final do ano passado entrei no site da Prefeitura de São José do Cerrito SC e no link "Contato", enviei um email falando brevemente sobre minha pesquisa e a possibilidade de fazer meu campo aqui. Não obtive resposta, mas em dezembro fui até à Prefeitura e fui atendida pela Assistente Social responsável. Ela me recebeu muito bem e disse que recebeu o email, gostou da ideia, mas não teve tempo de responder. Me apresentou na época a coordenadora do Grupo de Idosos. Ficou combinado que em janeiro elas me ligariam, após agendar a visita aos idosos do "interior". Isso não aconteceu, pois me informaram depois que não conseguiram condução para tal. Vim uma segunda vez, mas ainda não deu certo. Então, acabei vindo em março de novo, após entrega dos artigos das disciplinas e dessa vez obtive sucesso. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Esta citação é o marco inicial do Diário de Campo, escrito todos os dias enquanto no campo. Essa escolha permitiu que minhas subjetividades pudessem emergir com maior facilidade e detalhes minuciosos pudessem constar, mesmo os considerados pouco importantes, durante a escrita "já em casa", podiam fazer sentido. Escrever o diário de campo no campo permitiu-me também eximir um pouco do que Fabian (2013, p.10) critica "que o(a) antropólogo(a) no campo muitas vezes emprega concepções de tempo bastante diferentes daquelas que atualizam relatórios sobre suas descobertas". Escrever lá possibilitou-me traçar, conforme sugerem Passos & Barros (2009), um plano da experiência, acompanhando os efeitos sobre todo o processo da produção do conhecimento no/do próprio percurso da investigação. Esse

¹² Posteriormente será explicitado detalhadamente.

é o traçado da cartografia. De acordo com a psicoterapeuta paulista Sueli Rolnik (1989):

Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros [...] A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social [...] o que importa é que, para o cartógrafo, teoria é sempre cartografia. Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência [...] tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. E o que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem. Vê-se que a linguagem, para o cartógrafo, não é um veículo de mensagens e salvação. Ela é, em si mesma, criação de mundos. (ROLNIK, 1989, s/pg.).

Enveredar no processo cartográfico foi causa e efeito, o contexto indicou o método e o método fez emergir o contexto. Ainda não sabendo ao certo o que iria acontecer, exceto as informações prévias já destacadas, fui tateando até que minha atenção tivesse um "gesto de pouso":

O gesto de pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala, mudamos de "janela atencional" [...] A tônica do conceito é a dinâmica da atenção, visto que há mobilidade no seio de cada janela e também passagem de uma janela para outras, que coexistem com a primeira, embora com um modo diferente de presença. Cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem co-presentes. (KASTRUP *apud* PASSOS et.al, 2009, p.43-44).

As "janelas" foram surgindo à medida que fui desvelando o campo e o campo me sendo revelado. Valer-me ou não das relações de parentesco era uma estratégia e uma tática, pois que dependia do contexto, dos eventos e das pessoas:

Sobre minha estratégia de aproximação, ela está se valendo, além do meu parentesco, de minha fala "mais serrana", não é difícil falar como eles, usar o sotaque e palavras daqui como: "prosa", "pois é né!", "a gente fica sentido" e outros termos que, afinal, não são muito diferentes daqueles de onde nasci, Lages. Assim fica mais fácil. Percebo que à primeira vista, me enxergam como não sendo daqui e há um certo distanciamento, outras vezes, como parente de alguém da cidade. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Das "fissuras", relações, caminhadas e conversas emergiam ideias e possibilidades e, durante o trabalho de campo, ministrei uma capacitação e duas conferências. A necessidade de capacitação surgiu da observação aos(as) envolvidos(as) direta e indiretamente com as pessoas idosas, em não terem nenhum curso ou capacitação para este segmento etário. Sendo assim, concomitante ao trabalho de campo ora realizado e, recebendo apoio dos principais envolvidos, ministrei um Curso de Capacitação para Trabalho com Idosos: "Envelhecendo com Cidadania", no dia 29 de abril de 2015, com carga horária de seis horas para os(as) participantes, aprovado pela Secretaria da Educação e do Desporto do município, após ser entregue antecipadamente um Projeto. (*Apêndice A*)

No dia 28 de maio de 2015 foi realizada a "I Conferência Municipal da Pessoa Idosa", evento promovido pela Associação dos Municípios da Região Serrana/ AMURES, a partir da Resolução nº 22 de 17 de abril de 2014 do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso/CNDI e, por último, uma vez já tendo ganhado "apreço" entre os cerritenses, desta vez fui convidada a ministrar palestra em 28 de julho de 2015 na "X Conferência Nacional de Assistência Social: consolidar o SUAS de vez rumo a 2026" Sobre esses eventos segue abaixo os relatos:

A capacitação transcorreu de modo tranquila e produtiva, com a participação efetiva de todos. A maioria trouxe canetas e papel. A mais nova tinha 22 anos e a mais velha, uma senhora de 80 anos, Zaíra, esposa de um dos meus entrevistados, representando a saúde alternativa, já que medica

com ervas medicinais [...] ao todo compareceram 18 pessoas, sendo 16 mulheres das seguintes instituições: Conselho Regional de Assistência Social (CRAS), Pastoral da Pessoa Idosa¹³, Centro de Convivência, Assistência Social da Prefeitura, Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto e Posto de Saúde. E dois homens: um padre da Paróquia e o presidente do Sindicato Rural. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Ao todo compareceram 55 pessoas, sendo 46 mulheres (21-82 anos) e 9 homens (41-90 anos) pertencentes à comunidade e das seguintes instituições: CRAS, Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS), Secretaria da Educação, Cultura e Desporto, Câmara de Vereadores, Associação Comunitária Cerritense, Epagri, Sindicato dos Trabalhadores, APAE, Colégio Municipal Adão Rosa, Conselho Tutelar, Pastoral da Pessoa Idosa (através da presença de duas freiras) Centro de Convivência, Assistência Social da Prefeitura e Posto de Saúde e Eloá que participou na condição vinculada à Saúde Alternativa, já que trabalha com manipulação de ervas. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015)

Após o café, dirigi-me à Prefeitura para tratar do assunto da Conferência na parte da tarde. Precisava saber com a assistente social, informações de como o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) atua neste município para complementar minha apresentação. Nossa conversa foi animada, o sol deu o ar de sua graça e isso predizia uma maior participação no evento [...] 72 pessoas, dentre crianças (inclusive de

¹³ Formalmente ainda não existe esta Pastoral, já que a CNBB não liberou as verbas necessárias - segundo o padre - mas o grupo, participante da Pastoral da Saúde, atua com muitas pessoas idosas doentes, especialmente fazendo visitas domiciliares. Futuramente esperam implantar formalmente a Pastoral da Pessoa Idosa, já que nos dias atuais, se há alguma necessidade para as pessoas idosas, o grupo, liderado pelo padre, utilizam as verbas da Pastoral da Saúde e da Família, mas nos eventos em que fiz parte, o grupo se identificou como sendo da Pastoral da Pessoa Idosa.

colo), adultos e idosos, participaram da Conferência. A maior parte das pessoas idosas já eram meus conhecidos e alguns homens idosos eu já havia entrevistado, o que me tranquilizou, por ter sido já "aceita" e por sentir-me fazer parte deste lugar, considerada já uma "cerritense". Percebi a presença de pessoas muito carentes, haviam muitos usuários do SUAS que foram convocados a participar. De modo geral, a Conferência contou com representantes do governo e da sociedade civil (entidades e organizações de assistência social; representações de trabalhadores do SUAS e seus usuários e/ou organizações de usuários). O dia ensolarado e quente, em pleno julho na serra, animou a todos. Uma das assistentes sociais deu início à Conferência e em seguida ministrei a palestra enfatizando a ideia do "cuidado", palavra essa - que no meu entender - subsidia a assistência social. Tracei um panorama do ato de cuidar ao longo da história, do surgimento dos hospitais, asilos e orfanatos, perpassando pela "Lei dos Pobres" (1601) na Inglaterra, as primeiras iniciativas da assistência social, as leis que subsidiaram e subsidiam essa assistência, o papel do SUAS em âmbito federal, estadual e municipal [...] a palestra durou em média uma hora e em seguida já foram se encaminhando as deliberações da Conferência. Houve uma participação relativa dos presentes, mas atenção geral de todos [...] (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Os eventos aqui descritos sugerem menos uma "coleta de dados" e mais uma "produção de conhecimento compartilhados", pois como atesta Roy Wagner (2012, p. 23), "trabalho de campo é trabalho no campo", é envolver-se nas experiências possíveis, perceber as "pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o 'objeto' da pesquisa, o pesquisador e seus resultados". (Passos & Barros, 2009, p.17)

Claudia Fonseca, antropóloga estadunidense e residente no Brasil desde 1978, em palestra ministrada nas Jornadas Antropológicas

do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PGAS/UFSC (2015) sugere uma:

Antropologia Colaborativa, visto vivermos num mundo interconectado, tendo de reconhecer que o os fenômenos sociais que estudamos, não são bem compreendidos sem levar em conta uma série de atores, contextos, etc., e sendo que cada um dos espaços possui temporalidades distintas. Não estamos somente dentro da academia obedecendo somente a ela, mas aos nossos interlocutores. Não é mais no sentido de Geertz, de ficar muito tempo em campo. Há uma nova composição no nosso proceder etnográfico. Terminou a época do 'Indiana Jones' (TRECHOS DA PALESTRA PROFERIDA, 2015).

Tal concepção corrobora com a premissa cartográfica de que "o importante para o pesquisador é tudo que lhe é dado por sua posição nas relações sociais, na rede institucional" (Lourau *apud* Passos et.al, 2009, p.21). E estar imerso nas relações sociais, "o ponto de apoio é a experiência coletiva entendida como um saber-fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Eis aí o 'caminho' metodológico". (PASSOS & BARROS, 2009, pg.18).

A "antropologia colaborativa" que Cláudia Fonseca (2015) reivindica e o que ela sugere ainda com as "etnografias que nos une" rompe com o primado do individualismo antropológico, com a simples coleta de dados para adentrar no âmbito da produção conjunta do conhecimento. Não só me dispus dos relatos das entrevistas, das "observações dos participantes" e do "caderninho a tiracolo", mas das conversas nas "esquinas", nos cafés com "rosca" servidos em tardes em meio aos pinheiros, nas conferências políticas em que fui "tragada" a participar, nas festas religiosas, como a Festa de São Pedro - padroeiro da cidade -, nas procissões da Páscoa e também nas "benzeduras", nas histórias de "espiritados"¹⁴, nas caminhadas "serra adentro". Nestas peleias, foram realizados registros fotográficos, em que a câmera serviu enquanto um "gesto de pouso", onde o campo de observação se reconfigurou, conforme o *zoom* dado. Valer-me de diversas linguagens, pelo menos as possíveis dentro de cada contexto, serviu-me, conforme a antropóloga do Departamento de Antropologia Social/UFSC Ilka

¹⁴ De acordo com a linguagem local, "espiritado" são pessoas que sofrem influências de espíritos.

Boaventura (1998), uma condição mais abrangente da cadeia comunicativa, não apenas texto, mas fotografia, desenho, símbolo, metáfora, ícone, som, ocupando diferentes suportes e inscrições. E este caminhar não foi feito sozinho, nem poderia ser, sem ajuda dos parentes que me acolheram e movimentaram-se nos dias no/de campo, de modo facilitar minha estadia; a ajuda da comunidade hospitaleira e gentil, aos senhores de chapéu e bombacha, às senhoras "faceiras" das danças nas tardes de terça-feira no Grupo de Idosos e ao meu irmão e meu pai:

Tendo em vista a necessidade de continuar meu trabalho de campo, especialmente pela saída ao "interior" no dia 24.04.2015 e a capacitação no dia 29.04.2015, retornei para São José do Cerrito no dia 23 deste mesmo mês, desta vez, vim com meu pai e irmão. O pai se empolgou com meu campo, pela possibilidade do passeio e das fotos que poderia tirar. E meu irmão para desenvolver junto e concomitante ao meu trabalho, seu próprio nicho de pesquisas¹⁵. Saímos da Ilha num dia chuvoso, com chuva em praticamente toda viagem e para nossa sorte, aqui no Cerrito, apesar da "aragem" do inverno que chega, fazia sol e não chovia. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Nos dirigimos a um dos festeiros responsáveis, com quem tratamos antes para exposição das fotos de meu irmão tiradas no Grupo de Idosos durante meu campo. Seis fotos ficaram expostas na barraca de venda dos tickets das bebidas, juntamente com algumas informações: nome e breve histórico do artista, vinculação ao Programa de Mestrado em Artes Visuais na UDESC, breve descrição da temática "Dança dos Afetos" e homenagem ao seu orientador falecido mês passado. O local de exposição das fotos ficou

¹⁵Sua pesquisa intitula-se "Karú, terra fértil, homem forte" apresentada na linha de processos artísticos contemporâneos sob orientação da Profa. Dra Nara Beatriz Milioli no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina - PPGAV/ CEART/UDESC. Tem como objetivo reinventar as relações entre sujeitos nas suas individualidades e pluralidades de ser no espaço/tempo da localidade do Karú.

bem no centro da festa. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Após os cumprimentos, meu pai ficou na casa conversando com sua antiga professora Eloá, e eu e meu irmão fomos andar. Andamos uns 10 min. e logo já avistamos o cão que segue Sr. Jó sempre. E lá estava o homem de 80 anos, agachado de costa pra estrada e de frente pro mato tomando o lanche que sua esposa Eloá levou. Estava de chapéu de palha, calças surradas do trabalho e uma faca na cintura. Logo que o chamamos virou-se e ao nos ver disse: "mas o que estão fazendo perdido aí!". (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

2.2 A PRÁTICA DA METODOLOGIA

O trabalho de/no campo foi realizado em 4 (quatro) etapas no primeiro semestre de 2015, após alguns breves contatos preliminares: de 23 de março à 03 de abril; de 23 de abril à 30 de abril; de 26 de junho à 29 de junho e de 28 de julho à 29 de julho. E uma ida rápida no dia 28 de maio para ministrar a I Conferência Municipal da Pessoa Idosa. A primeira foi a mais difícil, mas também a de maior expectativa. A localidade se tornou "outra", diferente da que eu estava acostumada visitar desde criança. Fiquei hospedada na casa de minha tia, uma idosa de 70 anos que mora sozinha e aluga quartos de sua casa para meninas que moram no "interior" e vão estudar ou trabalhar em São José do Cerrito ou em Lages/SC.

A atenção foi difusa, em busca de um "pouso", de pistas que indicassem as táticas que deveria exercer. O primeiro *zoom* se deu através da Assistência Social da Prefeitura, através da responsável Dalila, destinando-me a visitar e a participar do encontro do Grupo de Idosos Conviver, que acontece semanalmente no Centro de Convivência.

O Grupo de Idosos Conviver está vinculado à Assistência Social da Prefeitura e conta com o apoio de alguns parceiros e parceiras governamentais ou não, como o CRAS¹⁶. Sua maior atividade é o

¹⁶ Iniciando suas atividades em 03 de novembro de 2010, em local Próprio do Poder Público Municipal, onde anteriormente funcionava a Casa da Costura que também era administrada pela Secretaria Municipal de Assistência Social, o

encontro toda terça-feira, das 13:30h às 17h, mais ou menos. O encontro consiste em orações, jogos - como bingos e dominó - medição da pressão arterial, danças e o lanche que é servido. Eventualmente as pessoas idosas participam de encontros com idosos do "interior", atividade essa de grande aceitação por todos(as). Os encontros acontecem no Centro de Convivência, onde também se oferece atividades para outras faixas etárias.

De acordo com o material disponibilizado pela coordenadora, no ano de 2014 constavam 114 (cento e quatorze) pessoas idosas, sendo 37 homens (55-102 anos), mencionando dois falecidos e um que nunca foi. E 74 mulheres (55-87 anos), mencionando uma acamada, uma doente e uma falecida.

No "interior" a atuação do Grupo não é tão intensa quanto na "cidade", devido dificuldade de acesso e a falta de transportes. À medida do possível, as responsáveis pelo Grupo promovem alguns encontros durante o ano no "interior". Repasso um quadro das localidades atendidas em 2013 para demonstrar a atuação do Grupo e traçar um perfil daqueles idosos pouco vistos:

CRAS Vó Maria passou a desempenhar várias ações sócio-assistenciais com sua população de abrangência. O CRAS Vó Maria teve seu nome sugerido e aprovado em reunião do Conselho Municipal de Assistência Social. A homenagem se deve ao fato que Vó Maria foi uma pessoa marcante para o município, sendo que através de sua religiosidade e cultura benzia várias pessoas com intuito que elas fossem curadas da enfermidade que estavam enfrentando. Sempre atenciosa prestativa e solidária, Vó Maria traz a lembrança de uma pessoa que com suas características e sua prática buscou fazer o bem para sociedade que estava inserida. Hoje o CRAS Vó Maria, traz em seu nome a identidade e autenticidade desse município. O CRAS oferece atividades de bordado, crochê e pintura para as mulheres idosas e é o órgão responsável por atender desde as mulheres gestantes até a idade da velhice. Maiores detalhes sobre este Conselho será explicitado no decorrer do texto. *PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO CERRITO ESTADO DE SANTA CATARINA. Secretaria Municipal de Assistência Social. São José do Cerrito/SC. Nov/2010*

Quadro 4 - Grupo de Idosos por Localidade.

Localidades	Homens	Mulheres	Observações
Araçá	4 (62-75 anos)	10 (62-100 anos)	-
Bela Vista	13 (65-85 anos)	21 (53- 88 anos)	Uma das mulheres consta como coordenadora
Campina Dogelo	13 (65-81 anos)	19 (59-84 anos)	-
Cruz Alta	5 (não consta-85 anos)	10 (não consta)	Este grupo foi finalizado por falta de participação
Ermida	7 (64-83 anos)	12 (58-84 anos)	-
Glória	3 (59-62 anos)	10 (58-72 anos)	Uma das mulheres consta como coordenadora
Gramado dos Oliveiras	10 (69-94 anos)	10 (58-78 anos)	-
Mineiros	4 (70-82 anos)	7 (57-79 anos)	Finalizado por falta de participação; a maioria se encontra doente e o homem mais velho consta como falecido
Nossa Sra. da Salete	10 (59-78 anos)	14 (57-83 anos)	Este grupo foi aberto, mas não teve participação
Ponte Canoas	1 (79 anos)	7 (63-80 anos)	-
Rincão dos Albinos	2 (com 77 anos)	7 (51-79 anos)	-
Rincão dos Muniz	4 (49-72 anos)	8 (42-80 anos)	Finalizado por falta de participação. A maioria tornou-se evangélica
Salto dos Marianos	14 (61-85 anos)	15 (60-87 anos)	-
Santa Catarina	15 (51-86 anos)	21 (57-89 anos)	-

Santo Antônio dos Pinhos	6 (63-76 anos)	8 (58-70 anos)	-
São Geraldo	7 (47-85 anos)	11 (45-74 anos)	-
São João das Palmeiras	7 (60-76 anos)	5 (61-71 anos)	Este grupo foi aberto, mas não teve participação
Socorro	2 (72 e 80 anos)	6 (63-85 anos)	Pouca participação; maioria doentes
Vargem Bonita	8 (65-80 anos)	14 (59-80 anos)	-

Fonte: Arquivo disponibilizado pelo CRAS.

Das 36 (trinta e seis) localidades¹⁷ constam 19 (dezenove) atendidas pelo Grupo de Idosos Conviver. São promovidos encontros quinzenais, mensais ou semestrais, dependendo das possibilidades de transporte, geralmente um ônibus escolar disponibilizado pela Prefeitura, especialmente em eventos específicos como Páscoa e Natal. A lista é de 2013, pois de acordo com as responsáveis, ainda não foi possível atualizá-las. Cabe ressaltar que a não atualização dos cadastros, incorre que as informações podem não condizer com a realidade, sendo uma aproximação desta.

Este Grupo foi a "janela atencional" que reconfigurou meu campo e deu o lance de partida. Através da participação nele, pude agendar algumas entrevistas, fazer-me conhecida e ser convidada para ir na casa de algumas pessoas idosas, participar de algumas atividades do cotidiano delas e delas, ter acesso às informações pertinentes ao grupo e às pessoas idosas da localidade, fazer algumas visitas no "interior" e conhecer os responsáveis pelas pessoas idosas, como o Conselho Municipal do Idoso (CMI) e o Conselho Regional de Assistência Social (CRAS), permitindo sair em busca dos seus representantes e suplentes.

Quando todos foram embora conversei um pouco mais com a coordenadora que me disse que o Grupo é muito maior quando tem baile. E só então reparei na parede uma folha com a composição do Conselho Municipal do Idoso. Anotei o nome de todos os oito representantes

¹⁷ Ressalto que informações oficiais sobre essas localidades não foram encontradas na Prefeitura, na Secretaria de Educação ou no CRAS, mas na Secretaria da Igreja, por conta da cobrança do dízimo.

(quatro de instituições governamentais - incluindo a coordenadora deste grupo - e quatro não governamentais) para entrevistá-los. A coordenadora do Grupo foi muito solícita, disse-me que algumas pessoas não seria possível contactar por diversos motivos, um deles, por exemplo, é uma idosa que já não está mais participando do Grupo, nem do CMI por motivo de doença. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Realmente tive muitas dificuldades em encontrar os titulares e suplentes do CMI. Das entidades governamentais, consegui entrevistar todos os titulares, mas nenhum suplente. Das entidades não governamentais, não entrevistei nenhum:

Fui até a Secretaria Municipal de Saúde e entrevistei a enfermeira cedida para o Grupo de Idosos Conviver. Procurei o suplente do CMI, funcionário do Posto e, para minha surpresa e para a dele, ele não sabia que era suplente. De qualquer forma, aceitou a entrevista por esta condição que acabou de saber. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Foram entrevistadas vinte e sete pessoas, sendo treze homens idosos, com idades entre os 60 aos 87 anos e quatorze profissionais envolvidos(as) direta ou indiretamente com as pessoas idosas, com faixas etárias entre os 22 anos aos 57 anos. Esses profissionais são vinculados(as) ao Conselho Regional de Assistência Social/ CRAS, ao Grupo de Idosos Conviver, alguns representantes do Conselho Municipal do Idoso/CMI, enfermeiras do Posto de Saúde, Sindicato Rural dos Trabalhadores e profissionais da Igreja Católica.

A escolha pelos entrevistados idosos, se deu primeiramente via a instituição da Assistência Social que possibilitou minha participação no Grupo de Idosos e, a partir disso, seguiu a técnica da "bola-de-neve", conforme Bao (2014):

Para seleccionar os entrevistados utilizei a técnica da “bola-de-neve”, que consiste em indicar uma ou mais pessoas para iniciar as entrevistas (com base nos critérios de pertencimento) e solicitar para que essas sugiram outras que consideram relevantes, permitindo que se desenhe então a rede de relações desses(as) sujeitos(as). (BAO, 2014, p. 73).

Desse modo, a partir da entrevista com alguns membros do Grupo, fui convidada por outros para tomar café em suas casas e, assim entrevistá-los, como foi o caso de Moisés.

Mas os critérios não foram somente os que partiram do campo institucional, pois, conforme a escritora e crítica de arte estadunidense Lucy R. Lippard, "uma coisa leva a outra" (Lippard, 2015) e, neste sentido, à medida que a cartografia foi se desenhando, relatos surgiam às margens das entrevistas formais, como "sussurros anônimos", conversas obtidas nos percursos do campo. Para Mignolo (2003, p. 12) esses "são documentos que não podem ser transcritos, conhecimento que vem e vai, mas permanece na mente e altera um determinado argumento [...]". Pedro e Gabriel se encaixam nestes "sussurros". O primeiro, conforme exposto no terceiro capítulo, a entrevista foi adaptada às condições do contexto. O evento não foi combinado anteriormente, a ida até sua casa foi propiciada pelos agentes institucionais que o conheciam e, dessa forma, pude chegar até ele. No entanto, uma vez que ele aceitou ser entrevistado, a conversa foi sendo anotada esporadicamente num caderno de campo, pois o barulho do ambiente (TV ligada, fritura no fogão e "sons do sítio" que vinha de fora) impediram a gravação em áudio. No caso de Gabriel, os "sussurros" foram mais evidentes, pois a conversa aconteceu durante o percurso em seu táxi na minha volta para a "cidade" da casa de Jó.

Os demais entrevistados e entrevistadas, envolvidos direta ou indiretamente com as pessoas idosas, foram escolhidos pelos critérios de vinculação institucional a que pertenciam, segundo por exemplo, sua representação na composição do CMI. Atuaram como entrevistados(as), mas também como informantes no campo, uma vez que tanto se dispuseram a responder as perguntas da entrevista, como propiciaram que outras pudessem acontecer, no efeito já dito, "bola-de-neve". Esses agentes e informantes institucionais também falavam, em nome do grupo, como o caso de Ana, coordenadora do Grupo de Idosos, de Rebeca, da Assistência Social da Prefeitura, das meninas do CRAS e o padre. De acordo com a cientista social carioca, Raquel Brum Fernandes (2010)

Bourdieu fala de efeito de oráculo, que seria justamente a possibilidade de falar em nome do grupo [...] dessa maneira o líder deve generalizar seu interesse próprio a fim de fazê-lo passar como interesse coletivo [...] Previsões e idéias em geral ganham força quando proferidas por alguém que

possui reconhecimento, poder simbólico, suas palavras são capazes de mobilizar ou desanimar o grupo. (FERNANDES, 2010, p.36).

O papel de líder institucional a que essas entrevistadas e entrevistados estão submetidos(as), conotam no sentido de Weber (1967-1968), em uma figura dominante através dos meios de que dispõem, não só através da dominação racional-legal, mas também pela tradição (o respeito ao padre para além de sua vinculação católica) e o carisma reconhecido através da confiança que as pessoas idosas vinculadas ao Grupo, depositam em suas coordenadoras da Assistência Social.

Com o intuito de preservar as identidades das pessoas entrevistadas, optei por utilizar pseudônimos com nomes bíblicos. A escolha é meramente ilustrativa e não tem nenhuma analogia. Segue quadro demonstrativo:

Quadro 5 - Informações das Entrevistas.

Nome	Idade	Profissão	Local da entrevista	Data da entrevista
Moisés	86	Aposentado rural	Residência na "cidade"	23.03.2015
Ageu	64	Prefeito em exercício	Prefeitura	27.03.2015
Jonas	63	Lavrador e plantador de uvas orgânicas	Residência na localidade de Socorro	27.03.2015
Malaquias	87	Padre em exercício	Paróquia	30.03.2015
Jó	81	Aposentado rural	Residência na localidade de Itararé	01.04.2015
Timóteo*	70	Aposentado rural	Sindicato dos Trabalhadores Rurais	26.03.2015
Ezequiel*	67	Aposentado rural	Residência na "cidade"	23.03.2015
Zacarias*	71	Aposentado rural	Centro de Convivência	24.03.2015
Marcos*	72	Aposentado rural	Centro de Convivência	24.03.2015

Mateus*	71	Feirante	Centro da "cidade" durante a Feira	27.03.2015
Samuel*	65	Médico	Residência e consultório na "cidade"	31.03.2015
Salomão	57	Padre em exercício	Paróquia	25.03.2015
Davi	57	Aposentado rural e homeopata	Localidade de Santo Antônio dos Pinhos	29.06.2015
Sara	-	Orientadora física social do CRAS	CRAS	25.03.2015
Ana	-	Coordenadora do Grupo de Idosos Conviver e representante titular no CMI	Centro de Convivência	26.03.2015
Raquel	-	Cargo comissionado na administração da Prefeitura/representante titular do CMI	Prefeitura	26.03.2015
Carmela	-	Enfermeira do Posto de Saúde e do Grupo de Idosos	Posto de Saúde	26.03.2015
Berenice	-	Secretária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais	Sindicato	26.03.2015
Dara	-	Enfermeira do Posto de Saúde e do Grupo de Idosos/ representante titular do CMI	Posto de Saúde	26.03.2015
Dinorá	-	Diretora da APAE	APAE	27.04.2015
Ester*	-	Psicóloga do CRAS	CRAS	25.03.2015
Maria*	-	Assistente Social do CRAS	CRAS	25.03.2015
Eva*	-	Secretária da Educação e representante titular no CMI	Secretaria da Educação	24.03.2015
Rebeca*	-	Pedagoga responsável	Prefeitura	26.03.2015

		pela Assistência Social do Município		
Oséias*	-	Policial	Delegacia	23.03.2015
Gabriel**	72	Taxista, fotógrafo e entregador de jornal	Durante trajeto no táxi	01.04.2015
Pedro**	70	Aposentado rural	Residência em Santo Antônio dos Pinhos	27.03.2015

Fonte: Elaboração própria.

* Devido problema com o gravador, alguns trechos das entrevistas foram perdidos, de modo que o conteúdo delas ficou prejudicado.

**Estas não foram entrevistas gravadas. Com Gabriel foi uma conversa informal durante trajeto percorrido no seu táxi. E com Pedro, durante visita em fazenda acompanhada pela coordenadora do Grupo de Idosos. Optei por anotar em um caderno as respostas, devido ruídos ao redor que iriam atrapalhar a gravação.

Utilizei "cidade" e "interior" entre aspas, pois embora todas as localidades do interior, bem como o centro da cidade façam parte do município de São José do Cerrito SC, seus moradores costumam dividir bem, em suas falas, um e outro. A cidade é um lugar de *status*, delimitado por suas instituições normativas: a Prefeitura, a Escola, o CRAS, a Igreja.

Imagem 1 - Cartaz do Encontro dos Grupos de Idosos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Conforme nos disse o prefeito,

No município já estamos fazendo, organizando a cidade, embelezando, estamos assim [...] o trabalho aqui da assistência já está bem acimentado, então esse ano estamos arrumando mais o "interior" pra chegar nas propriedades, na zona rural e também pra melhorar o escoamento da produção agrícola, então esse é o forte de São José do Cerrito. (AGEU, 2015).

Já o "interior" parece ser um espaço mais desprovido das regras que regem a cidade, o tempo tem outro movimento, tal qual Thompson (1998) verificou entre alguns povos, "em Madagáscar, o tempo podia ser medido pelo "cozimento do arroz" ou pelo "fritar de um gafanhoto" (Thompson, 1998, p.268). Um exemplo desse "contratempo" no meu campo, foi ter sabido um fato corriqueiro de um dos padres da Paróquia, que em suas visitas nas localidades do "interior", aproveita para descansar em algumas casas de famílias conhecidas ou, simplesmente dorme no carro em um mato próximo, conforme trechos do meu diário:

No meio da conversa, Pedro levantou-se da cadeira, dirigiu-se até a porta e disse: "peraf que vou ver se o Padre está dormindo ali no mato, ele costuma vir pra essa região e dormir no carro por aqui, quando está cansado, nós já temos até um quarto pra ele" (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Parece que o Padre Malaquias, que também foi entrevistado, sente-se mais à vontade em tirar um cochilo no seu carro quando está no "interior" do que na "cidade" quando anda às voltas com as atividades da Paróquia, conforme presenciei.

O *status* de morar/estar na cidade, para alguns, aumenta à medida que a localidade se aproxima mais das representações da cidade, como o asfalto, conforme relato do feirante Mateus: "eu resido aqui no Cerrito, no interior, em Santo Antônio dos Pinhos, mas o acesso é fácil, é asfaltado, pra nós é a mesma coisa que aqui na cidade". (MATEUS, 2015)

O município pesquisado é São José do Cerrito/SC, com suas delimitações administrativas demonstráveis no IBGE, mas a forma com que seus moradores, especialmente os idosos, delimitam seus espaços são providas de subjetividades diversas e distintas e definidas pelas relações históricas constituídas ou no sentido da Lippard (2015, s/p):

As políticas do lugar são constituídas de camadas de ressonância emocionais e estéticas, o que as

tomam difíceis objetos de análise. Sua natureza recíproca é melhor expressa no círculo do que na linha. "Entorno daqui" é uma noção/movimento irradiante e circular. "Fora daqui" é uma linha de mira, uma vista. Assentadas em um local central, as questões mais prementes são sobre como relacionar isto com as periferias. Ou o centro e a periferia são indistinguíveis? Se são, onde uma termina e começa a outra?

O "entorno daqui" remete aos moradores do Cerrito uma ideia de circularidade, o que lhes cerca, as localidades vizinhas, mesmo que há algumas "léguas" de distância, e "fora daqui", pode se referir tanto às outras cidades como Campos Novos/SC ou Lages/SC, como também a própria "cidade" do Cerrito. Indagado sobre seu entorno e o acesso aos serviços de Saúde, Jonas explicita bem o "interior" e a "cidade", conforme trecho de nossa conversa:

Entrevistadora: "e aqui o senhor tem vizinhos próximos?" - Jonas: tem a vizinhança sim, mas daí assim pra saúde, farmácia, médicos, a gente vai no Cerrito. Entrevistadora: "e a missa vocês costumam ir onde?" - Jonas: " vamos no Cerrito e aqui tem uma vez por mês, outras vezes é em outras localidades. (JONAS, 2015).

O Cerrito é designado aqui como sendo a "cidade", mesmo que a localidade de Socorro, onde Jonas reside, também esteja vinculada a este município. Ainda de acordo com Lippard (2015), "o deslocamento é tão importante quanto o lugar", ou seja, o participar das missas e festas de outras localidades, perceber o centro da cidade como um lugar onde se buscam os remédios e a aposentadoria, entre outros, é um estar entre a "cidade" e o "interior" e vice-versa. Dessa forma, a pesquisa transitou sempre nas margens do que seria um lugar e outro, de acordo com os sentidos atribuídos pelos entrevistados, sem necessariamente ser possível delimitar em todos os casos o que faz parte do "entorno" e o que está "fora", impossibilitando determinar exatamente onde começa e termina a "cidade" e o "interior". Essa discussão favorece o entendimento de como os homens idosos e demais moradores se percebem nesse espaço-lugar.

E é também por esse motivo que as entrevistas não possuem um caráter de amostra, primeiro porque a maior parte dos homens idosos cerritenses, reside nas localidades do "interior", onde os acessos nem sempre são fáceis. Algumas visitas que fiz nas localidades foram

facilitadas em boa parte, pela Prefeitura que disponibilizou transporte e funcionários para me guiar, outras vezes, utilizei os serviços de táxi e com alguns dos idosos tive a oportunidade de encontrá-los em alguns eventos na cidade. Desse modo, resolvi "explorar" ao máximo as condições de convívio com as pessoas idosas e o critério de escolha dos entrevistados homens foi a abertura que eles me davam (ou não) para entrevistá-los. Percebi na maioria dos homens no Grupo de Idosos, certo receio com as entrevistas, não queria importuná-los, sob pena de perder a simpatia conquistada. As entrevistas que consegui empreender no Grupo ou nas residências fluíram de modo espontâneo por parte dos idosos, embora eu tenha mencionado durante minha fala no Grupo de Idosos, meu interesse em entrevistá-los.

Resolvi fazer uso contínuo do diário de campo, de modo que toda noite ao retornar para casa, relatava de modo minucioso cada atividade daquele dia, com descrições pormenorizadas do cotidiano vivido, das personalidades dos moradores das localidades, seus modos de ser e fazer. Por fim, os relatos não foram somente dos homens idosos, mas de suas mulheres, como já havia atestado em minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, "as velhices masculinas são indissociáveis das velhices femininas". Os relatos também foram permeados pelas minhas próprias subjetividades, sentimentos de euforia ou cansaço, ideias e *insights* diversos, tiveram lugar nestas páginas:

Penso em mapear o máximo possível instituições governamentais, não-governamentais, comércio e até Correios, SICCOB e Banco do Brasil, que de alguma forma "lidam" com idosos. Nos correios, saber se a clientela conta com muitas pessoas idosas e qual o tipo de serviço que eles pedem. Nos bancos, qual a incidência de idosos que vão até ao banco. Também se há mais homens ou mulheres nestes locais e se são os homens idosos que costumam fazer as coisas para suas esposas ou é ao contrário. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

E neste dia 26 de março, a "observação participante" e as "entrevistas semi-estruturadas" pensadas como instrumentos metodológicos no projeto deixaram de ser as únicas "entradas", uma vez que o que importa são as "saídas múltiplas", conforme Sueli Rolnik (1989). Aproximei-me então desse "saber-fazendo" cartográfico, mapeando o máximo possível.

A entrada do aprendiz de cartógrafo no campo da pesquisa coloca imediatamente a questão de onde pousar sua atenção. Em geral ele se pergunta como selecionar o elemento ao qual prestar atenção, dentre aqueles múltiplos e variados que lhe atingem os sentidos e o pensamento [...] há dois pontos a serem examinados. O primeiro diz respeito à própria função da atenção, que não é de simples seleção de informações. A detecção e a apreensão de material, em princípio desconexo e fragmentado, de cenas e discursos, requerem uma concentração sem focalização, indicada por Gilles Deleuze através da ideia de uma atenção à espreita. O segundo ponto é que a atenção, enquanto processo complexo, pode assumir diferentes funcionamentos: seletivo ou flutuante, focado ou desfocado, concentrado ou disperso, voluntário ou involuntário, em várias combinações como seleção voluntária, flutuação involuntária, concentração desfocada, focalização dispersa, etc. Embora as variedades atencionais coexistam de direito, elas ganham (organizações e proporções distintas na configuração de diferentes políticas cognitivas). (KASTRUP, 2005, p. 33 e 35).

Conforme será visto no capítulo referente ao Diário de Campo e análises das entrevistas, todas as possíveis "entradas" (governamentais, não-governamentais, comércio, festa religiosa, Festa do Terneiro e da Terneira, entre outras), tornaram-se "alvo" de meu interesse, uma vez que 15% da população do Cerrito são compostas por pessoas idosas que transitam o tempo todo por todos os lugares: vão ao Banco, ao mercado, ao comércio, nos bares e cafés, na Igreja ou ficam simplesmente na "praça *proseando*"¹⁸:

Os homens costumam ficar nas portas das lanchonetes e bares, nas esquinas e alguns sentados sozinhos ou com suas companheiras em frente suas casas. Não é raro ao atravessar a rua, que seja um idoso que esteja dirigindo um automóvel, vale dizer - um idoso homem. As mulheres geralmente estão na "lida", são muito atuantes, tanto em suas casas, como na

¹⁸ No dizer popular: conversar.

comunidade de modo geral. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Não obstante, outras "entradas" e "janelas atencionais" foram surgindo no caminho, conforme o próprio caminhar.

CAPÍTULO I

1.1 O HOMEM DOS "CAMPOS DAS LAGENS"

Todo ponto de vista é a vista de um ponto [...] para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita. Cada um lerá e relerá conforme forem seus olhos. Compreenderá e interpretará conforme for o chão que seus pés pisam. (LEONARDO BOFF, 1997).

Para compreender as experiências e os modos de ser das pessoas de São José do Cerrito/Cerrito/Karú¹⁹, inicio este capítulo contextualizando o *lócus* onde os homens idosos "pisam os pés" e também o lugar onde seus ancestrais e meus ancestrais pisaram os pés. Um breve histórico do Planalto Catarinense, em que se insere a localidade de São José do Cerrito/SC - pertencente ao município de Lages/SC até 1961 - perpassando por contextos sociopolíticos, econômicos e culturais da região. Um lugar que tal qual seu segundo nome Karú, utilizado oficialmente por uma década (1943 a 1953) conota em sua etimologia indígena: lugar de "homem forte e terra fértil". (MACHADO, 2004)

É no presente, no ato de adentrar no trabalho de campo efetivamente, mas não só, que fui me dando conta do peso da

¹⁹ Ao longo do texto utilizarei a denominação de Cerrito ou Karú, que é como os moradores da localidade se referem usualmente. De acordo com pesquisa de Locks (1998, pgs.55-56) "Karú deriva de: Ka 'a = mato; Ka 'aguy = floresta; Ca 'a = monte, por debaixo de los árboles; para o povo guarani, o que vem da floresta, ou o que está por debaixo das árvores expressa fertilidade, vida; portanto pode-se atribuir ao termo - carú - o significado de "terra fértil", "terravida", terra própria para produzir alimento, (cf. Tesouro de la Lengua *Gvarani* por el Pe. Antônio Ruiz de Montoya. Madrid, ano de 1639, p. 84). Contudo, ao tomar conhecimento de outras fontes, pode-se concluir que o termo carú, contém inúmeras contrações semânticas, abrindo novas possibilidades de entendimento)".

historicidade do lugar, do fascínio de suas margens, de suas taipas, de suas araucárias, de seus rios, à medida que o carro avançava em direção à cidade. As leituras realizadas até ali, foram-se desvelando aos meus olhos, como um pano que sei vai tirando pra iniciar o espetáculo. De fato, como afirma Alberti (2006),

é impossível assistir ao que se passou, seguindo a continuidade do vivido, dos eventos e das emoções. E o que vale para nossas vidas vale também para o passado de uma forma geral: é impossível reproduzir em todos seus meandros e acontecimentos os mais banais, tal qual realmente aconteceu. (ALBERTI, 2006, p.13).

Não foi meu intuito desvelar por completo a história do lugar ou a vida dos homens idosos, os desejos que os alimentam, seus dramas de vida ou de morte, como atestou Alberti isso seria impossível, pois as memórias dos homens e os acontecimentos de determinado lugar, mesmo os oficiais e documentados, não segue uma continuidade do vivido. Para Alberti (2006, p. 14), "a história opera por descontinuidades: selecionamos acontecimentos, conjunturas e modos de viver, para conhecer e explicar o que se passou."

Meu intuito foi tentar compreender como esses homens chegaram até ali, nas terras de São José do Cerrito/SC, quais foram e são as (suas) histórias e a de seus antepassados.

1.2 "TERRA FÉRTIL, HOMEM FORTE": A POVOAÇÃO DOS CAMPOS DE LAGES

Nas últimas décadas, a história do Planalto Catarinense está sendo recontada sob outro viés. A descoberta de casas subterrâneas em várias localidades da região do planalto catarinense, especialmente no Cerrito, aponta para a chegada e permanência do grupo indígena Jê Meridionais que habitaram a região por volta de 3.000 anos atrás. De acordo com o historiador Raul Viana Novasco (2013, p.24):

Estudos linguísticos e etnográficos informam que os grupos Jê meridionais, hoje representados pelos Kaingang e Xokleng, fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê, originado no planalto central brasileiro, mais precisamente entre as nascentes dos rios São Francisco e Araguaia, possivelmente nas proximidades do grupo Jê central atualmente extinto, conhecido como Xakriabá. De acordo

com Urban (1992), os Jê meridionais teriam iniciado sua migração em direção ao sul há 3.000 anos, mas até o momento se desconhece o momento de sua chegada à região e as motivações de tal migração. O que se acredita, contudo, é que buscavam áreas com características semelhantes às do seu habitat de origem, o planalto central brasileiro[...]Ao chegar ao planalto meridional brasileiro, estes desenvolveram um *ethos* que está diretamente associado às configurações e às transformações ambientais dessa região. Deste *ethos*, que assim como o ambiente, sofreu diversas modificações nos dois últimos milênios, que é possível captar através das pesquisas arqueológicas e está depositado nos artefatos e nas estruturas de habitação e cerimoniais deixadas por esses grupos. Dos artefatos, encontram-se fragmentos de cerâmica e materiais líticos produzidos a partir do lascamento e/ou do polimento sobre blocos de basalto e arenito. Já as estruturas de habitação e cerimoniais, podem apresentar formas e dimensões diferentes, isoladas ou compondo agrupamentos. Tais variáveis são as peças que compõem o quebra-cabeça que os arqueólogos vêm tentando montar há décadas, cuja imagem final é o mapa do processo migratório empreendido por esse grupo sobre o planalto que envolve os estados do sul do Brasil.

Um dos argumentos sugeridos pela chegada e estadia dos Jê Meridionais é a terra fértil. Um lugar bom para se plantar e se viver, percebidos nos estudos arqueológicos nas mais de 100 casas subterrâneas, dispostas em uma área de 60.000 m² em São José do Cerrito SC. Segundo Schmitz (2014), os Jê Meridionais permaneceram no Planalto Catarinense durante 1100 anos, do século VI ao século XVII de nossa era, depois disso, deslocaram-se para outras regiões. Segundo este autor (2014):

os arqueólogos queriam saber que populações eram estas que construíram as casas e monumentos que hoje são ruínas; se elas deixaram descendentes e quem são eles [...] em tempos coloniais em todo o interior do planalto só viviam índios Kaingang e Xokleng, os quais produziam uma cerâmica semelhante às que os arqueólogos

encontram nas casas subterrâneas e monumentos. As casas subterrâneas também são atribuídas a estes índios em antigos relatos coloniais [...] com a penetração portuguesa no planalto a partir do litoral atlântico e das missões espanholas pelos rios Paraná e Uruguai, as populações do planalto perderam sua estabilidade e se tornaram móveis outra vez: os Kaingang ocuparam os matos do rio Paraná e do rio Uruguai, e os Xokleng se refugiaram na mata atlântica [...] a arqueologia nos proporciona em São José do Cerrito uma história indígena bem documentada de 1100 anos de duração. (SCHMITZ, 2014, p. 26-28).

Estima-se, segundo estudos arqueológicos que a araucária foi se adaptando às condições do sul, supondo que foram os Jê Meridionais que ajudaram a semear o pinheiro araucária, "espécie de vegetação fóssil por ter-se adaptado melhor às condições mais frias do final da última era glacial, permanecendo agora somente nas áreas altas e mais frias do planalto." (Novasco, 2013, p.22). O pinheiro araucária teria fornecido de suas copas, a sombra e de seus frutos, o alimento, a pinha que supostamente garantiu que "55 gerações humanas, duas vezes mais que as gerações dos europeus no Brasil" (Schmitz, 2014) se estabelecessem no Planalto Catarinense.

O pinheiro araucária nas palavras de Lolô Sganzerla, do *blog Obvious*, no texto "O tempo das coisas"(sem ano)²⁰, as árvores vivem a eternidade do tempo certo, possuem uma impassividade constante, não tem antes, nem depois. Pode conotar, de acordo com o escritor e político espanhol César Antonio Molina Sánchez (2003), ideia de respeito, representando silêncio e sabedoria:

La naturaleza sin árboles está desnuda [...] Los chinos distinguían entre los árboles nobles e innobles, árboles distinguidos por sus modales graciosos, vulgares, tiernos, majestuosos, austeros, antiguos. Los chinos hacían sobresalir de entre las diversas especies al pino, el ciruelo, el bambú o el sauce. El pino daba placer por su grandiosidad y nobleza de modales; el ciruelo destacaba por su romanticismo; el bambú por la

²⁰ Disponível em: <http://obviousmag.org/sem_vogais/2015/05/o-tempo-das-coisas.html>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

delicadeza de sus líneas; y el sauce destacaba por su gracia y su sugestión de mujer en movimiento. Pero la antigüedad al pino le daba una posición de privilegio con respecto al resto. Li Liweng dice que sentarse en un huerto lleno de árboles frutales, flores y sauces, sin que haya cerca un pino, es como sentarse en compañía de niños y mujeres sen la presencia de un austero maestro. Los chinos preferían, de entre los pinos, aquellos ya viejos, porque entonces eran más impresionantes [...] los pinos representaban el silencio y la majestad, el desprendimiento de la vida: "la naturaleza no habla", afirma Laotsé, pero cuando uno se tiende bajo un pino es como tener el sueño de la sabiduría²¹. (SÁNCHEZ, 2003, p.16).

E foi sob a orquestra deste "austero maestro", o pinheiro, que o Planalto Catarinense foi se constituindo durante os séculos que se seguiram, sob a sombra dos pinheiros que testemunharam e testemunham histórias e muitos conflitos na região.

Imagem 2 - Pinheiro Araucária.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

²¹ Passagem do livro “Viaje a la Costa da Morte”, de Cesar Antonio Molina Sánchez de Huerga y Fierro Editores, 2003.

O historiador Licurgo Costa (1982), a socióloga Elizabeth Farias da Silva (1994), o antropólogo Geraldo Augusto Locks (1998) e o historiador Paulo Pinheiro Machado (2004), descrevem as nuances do povoamento da região do Planalto Catarinense, como parte de um projeto de expansão - podemos dizer, um Projeto de Modernidade -, liderado pela Coroa Portuguesa e que tinha interesse em regularizar um caminho por onde seguiriam as tropas e assegurar a sua posse sobre um território disputado com a Coroa da Espanha. Desde a primeira metade do século XVI, segundo Locks (1998), a região do Planalto Serrano Catarinense foi percorrida por viajantes europeus, como Alvar Nunez Cabeza de Vaca²², seguido por bandeirantes paulistas e jesuítas.

Para Locks (1998), o ciclo do ouro de Minas Gerais em 1700, ocasionou a abertura de novos caminhos, em busca de sertões desconhecidos, dentre eles, os Campos de Lages, atraídos pela fama da riqueza de "Cima da Serra", povoados de rebanhos, além de atrair também "numerosos refugiados, 'foras da lei', pois, aí ainda não chegara o 'braço da justiça', acompanhando as tropas, peões paraguaios, corrientinos e uruguaio (...), vieram até bolivianos e um ou outro chileno, talvez já radicados na Argentina" (LOCKS, 1998, p.24)

Esses novos caminhos ficaram conhecidos como "Caminho dos Conventos", que de acordo com Costa (1982), "Conventos" - atual município de Araranguá SC - foi onde teve início em 1728, a passagem dos primeiros povoadores tropeiros que já conheciam o caminho de Viamão/Rio Grande do Sul (RS), pelo caminho do mar. Após algumas mudanças de percursos, o trajeto completo ficou conhecido por "Estrada Real" ou "Caminho do Sertão". E ainda "Caminho das Tropas". Durante décadas esse caminho foi o único elo de comunicação da Vila de Lages

²² Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca (1492-?) foi um dos mais intrépidos e incomuns conquistadores da história colonial da América. Ao naufragar na Flórida em 1527, caminhou, descalço e nu, 18 mil quilômetros até o México, onde chegou em 1537. Em 1541, nomeado governador do Rio da Prata, Cabeza de Vaca aportou na ilha de Santa Catarina – onde viveu alguns meses – e dali partiu, também a pé, rumo a Assunção, Paraguai, onde chegou em 1542. Durante toda sua vida aventureira – na Flórida, no Texas, no México, no Brasil e no Paraguai –, lutou em favor dos povos indígenas. E pagou caro por isso: foi preso e enviado para o exílio. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&CategoriaID=610619&ID=819200>. Acesso em 10 de abril de 2016

com o resto do mundo, até que no final do século XIX surgiram outras vias. (COSTA, 1982).

De acordo com Pinheiro Machado (2004, p. 62), "o Caminho das Tropas provocou uma grande diáspora de famílias paulistas e gaúchas por todo o Planalto Meridional".

É a partir de meados do século XVIII que começa um novo ciclo povoador da região, animado pela estabilização e crescimento do caminho das tropas que ligava, pelo planalto, as províncias platinas, o antigo distrito das Missões e a campanha gaúcha aos campos de Curitiba e a cidade de Sorocaba, ponto terminal do gado muar tangido desde o sul. O marco inicial da ocupação oficial e da colonização da região, com a fundação de Lages, em 1766, foi a iniciativa do governo da Capitania de São Paulo, mediante ordens da Coroa, de regularizar o caminho por onde seguiam as tropas e assegurar a posse portuguesa sobre um território que era objeto de disputa com a Coroa da Espanha. Consta que, muito antes da fundação da Vila de Lages, já havia várias fazendas de criação de gado, pertencentes a criadores que provinham dos campos gerais do Paraná e de São Paulo, os quais, desde o início do século XVIII, se haviam fixado na região. (PINHEIRO MACHADO, 2004, pgs 60 e 124).

Os Campos de Lages se constituía em parada obrigatória para as tropas de gado bovino. Segundo Pinheiro Machado (2004, p.25) "muitos desses tropeiros, permaneciam até por um ano refazendo os animais, porém poucos foram os que estabeleceram fazendas nos primeiros tempos". A região não era desabitada e seus novos moradores tiveram que disputar o território com os indígenas. Alguns relatos descritos dessa época ainda são carregados de uma ojeriza à população indígena, considerados silvícolas "ocos de cultura", um obstáculo ao projeto de expansão nacional.

estes índios, então difíceis de serem absorvidos pelo branco, criaram sempre muitos obstáculos à ação dos colonizadores [...] várias tentativas feitas em Lages para adotar, como confirma a fama de que sempre desfrutaram, de dificilmente civilizáveis. (COSTA, 1982, p.6).

Mais adiante, porém, o mesmo autor admite que "por outro lado, os atributos negativos dos índios eram agravados pelo revoltante comportamento do branco em relação a eles, preando-os onde era possível" e que por esse motivo não era fácil uma integração passiva, já que viviam "em estado de permanente desconfiança e ressentimento". (COSTA, 1982, p.7)

Seja como for, a povoação dos Campos de Lages continuou seu percurso imigratório, de acordo com a Prof^ª Dr^ª Elizabeth Farias da Silva em sua pesquisa sobre o fracasso da oposição no poder em Lages:1972-1982 (1994),"a atual Lages foi fundada como Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages em 1771, por paulistas à procura de gado nas coxilhas gaúchas". (Farias da Silva, 1994, p. 28). A ocupação do Planalto Serrano se dava segundo a concessão de privilégios especiais da Coroa. E teve na figura de Antônio Correia Pinto, designado pelo governador de São Paulo, o papel de povoar a região:

Tropeiro há longos anos e também antigo fazendeiro nos campos de Viamão e nos das "Lagens", Correia Pinto conhecia bem a região para onde dirigia sua caravana. E, ao chegar às Lages, decidindo-se pelo lugar denominado Taipas, parte do Chapadão do Cajuru, o Capitão-Mor logo começou, com estranha afoiteza, os trabalhos básicos para o levantamento da póvoa, começando em 1º de janeiro de 1767, pela Igreja [...] primeiro foi feito o levantamento do Pelourinho, símbolo da outorga do foral de Vila. Depois foi escolhido, solenemente, o lugar para a construção do edifício da Câmara de Vereadores e Cadeia Pública. A outra solenidade do dia foi a demarcação do rocio da Vila, ou seja, a área superficial do que mais tarde viria a ser denominada de "área urbana". (COSTA, 1982, pgs. 46 e 64). (grifos nossos).

Não diferente dos demais territórios do país, concedidos pelo título de sesmaria até 1822, a presença da Coroa Portuguesa também se fez presente no Planalto Serrano com a criação dos monumentos pelos quais as instituições exerce o controle: a Igreja, a Câmara de Vereadores e a Cadeia Pública. A Igreja como símbolo da imposição católica tão bem enunciado pelo próprio Antônio Correia Pinto em 1767:

Cheguei a estes Campos das Lagens ha um anno completo, e logo levantei uma capella de madeira e nesta colloquei as imagens dedicadas ao dito

templo; do que tudo logo dei parte ao Sr. Governador desta Província de todo o facto, como a todos foi constante, e a V. M. sciente. ETC. (COSTA, 1982, p.325).

Monumento pode ser entendido aqui, no sentido do historiador francês, Jacques Le Goff (1992, p. 535 e 536), para quem,

monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos [...] o monumento tem o poder de ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos.

Dentre os assuntos que tramitavam na Câmara de Vereadores no período da Coroa Portuguesa, alguns deles se referia às demarcações do "rocio da Vila", mas também às questões relacionadas à terra. Entre 1822 e 1850, conforme Pinheiro Machado (2004, p.73) "há um vácuo legislativo que só começará a ser regulamentado a partir da Lei de Terras de 1850". Esta Lei proibia a aquisição de terra que não fosse dado pela compra, mas estipulava um prazo de legitimação. O mesmo autor completa inferindo que muitas pessoas pertencentes aos diversos escalões do Estado, passaram a legitimar até mesmo regiões que não conheciam, mas seriam valorizadas por sua posição geográfica, independente de que estivessem lá.

Na metade do século XIX, de acordo com Costa (1982), os Campos de Lages passaram a ser oficialmente chamados de "Região Serrana de Santa Catarina":

Pelo mapa de vegetação, os Campos de Lages deveriam abranger somente uma área de "Campos limpos e mata galeria" em torno da cidade, o que corresponderia, grosso modo, a uma terça parte do território atual do município. Entretanto, ela é muito mais extensa e compreende os seguintes municípios: Lages, Curitibaanos, S. Joaquim, Campos Novos, Bom Retiro, Urubici, Erval D'Oeste, Anita Garibaldi, São José do Cerrito, Santa Cecília, Marari, Fraiburgo, Lebon Régis e Campo Belo do Sul. (COSTA, 1982, p.18).

Destes municípios citados, Marari foi vinculado posteriormente ao município de Tangará localizado no Oeste Catarinense. Curitibaanos,

Eral D'Oeste, Fraiburgo e Lebon Régis não fazem mais parte da atual Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES), conforme já visto na introdução.

Vale ressaltar que São José do Cerrito pertenceu à Lages até 1961 e, portanto, todo o histórico de Lages é também o mesmo histórico do Cerrito. Para Costa (1982), Lages foi de extrema importância estratégica durante o Período Colonial, por ser um núcleo que além de demarcar a ocupação portuguesa era também um ponto de resistência contra possíveis invasões castelhanas.

A migração para a "Vila de Lages" foi acirrada, conforme Pinheiro Machado (2004, p.63), devido "instabilidade política do Rio Grande do Sul, principalmente nos períodos da Revolução Farroupilha (1835-1845) e da Revolução Federalista (1893-1895)", que fizeram com que os gaúchos rumassem em busca de outras terras no Planalto Catarinense. Esse mesmo autor afirma que a região "foi drasticamente despovoada desde o século XVII pela ação de diversas bandeiras paulistas, que, naquele período, se haviam especializado na 'preação' de indígenas". (PINHEIRO MACHADO, 2004, p. 54). A Região:

era povoada originalmente por grupos indígenas Caingangues e Xoklengs, denominados pelos colonos, respectivamente, de coroados (pelo corte especial de cabelo que faziam) e botocudos (pela perfuração dos lábios com ossos e pedaços de madeira). Os dois povos pertencem ao grupo lingüístico Jê. Quanto à denominação genérica de "bugres", ainda hoje de uso comum no planalto, o padre Manoel Aires de Casal, afirmava em 1817, que era assim que os paulistas denominavam todos os grupos indígenas, do rio Tietê até o rio Uruguai. (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.108).

O tratamento destinado aos indígenas no Planalto Catarinense, não era diferente dos demais povoadores americanos. De acordo com Tuan (1980, p.73) "no início do período colonial o selvagem era visto, principalmente como uma ameaça, um lugar a ser recuperado e redimido das predações dos índios e dos demônios".

Em toda parte do país, havia embates entre os colonizadores e os indígenas. Esses embates se arrolaram nos séculos seguintes em função das disputas pelo território. No início do século XX no Planalto Catarinense, este embate se acirrou mais ainda por ocasião da Guerra do Contestado (1912-1916), por agregar a estes:

diferentes segmentos sociais, como posseiros e sitiante expulsos de suas terras, comunidades negras e caboclas do planalto, ervateiros, trabalhadores desempregados pela estrada de ferro, médios fazendeiros, antigas lideranças federalistas e opositores políticos dos coronéis. (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.25).

1.3 A GUERRA DO CONTESTADO E AS DISPUTAS ATUAIS PELA TERRA

Imagem 3 - Gruta João Maria.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

A Guerra do Contestado teve causas políticas, econômicas, religiosas e sociais. O surgimento de 'monges' - lideranças religiosas que prometiam milagres, curas e um mundo melhor ao povo -, motivou a esperança da população catarinense, seguidores dos beatos João Maria e José Maria que ganharam fama de homens santos, curadores de doentes, gado e plantações.

O nome “Contestado” foi dado devido ao conflito entre os estados de Santa Catarina e Paraná, iniciado em 1853 quando Paraná teve interesse em estender seus limites territoriais. Em 1909 o Supremo Tribunal Federal é favorável a Santa Catarina. Com tentativas de recursos por parte do Paraná, o conflito se arrasta até 1916, período este de tensão na região entre caboclos, sertanejos ou “fanáticos” como

foram designados, contra o governo da República, o "Coronelismo" da região²³ e os estrangeiros. Este conflito leva o nome que nada tinha a ver com a disputa territorial entre os estados, exceto pelo fato de que alguns redutos se situaram na região contestada, disputada por Paraná e Santa Catarina.

Os motivos da Guerra do Contestado foi a situação de miséria a que os moradores da região – pequenos produtores, peões das fazendas e os empregados da estrada de ferro da *Brasil Railway Company* do Grupo Americano *Farquhar* – foram submetidos. Depois de um longo tempo de comodismo econômico²⁴ pautada na criação bovina e na coleta de erva-mate no Planalto Catarinense, paulatinamente essas fontes de subsistência entraram em declínio, devido, dentre outros motivos, à política fiscal que elevou o imposto da erva e conseqüentemente a diminuição da sua exportação.

Thomé (in Mazon, 2005, p. 99), explicita como a construção da estrada de ferro se soma à disputa pela área contestada:

Com o início da construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, em 1912, os posseiros começam a ser expulsos. Há um conflito de coronéis no estado que se soma à disputa entre Paraná e Santa Catarina pelo Campo de Palmas, a Guerra do Contestado. O conflito, que vai de 1914 a 1923, envolveu 50% das terras do estado e deixou mais de 20 mil mortos entre civis e soldados. (THOMÉ In MAZON, 2005, p. 99).

O desgaste do sistema de compadrio, devido a aquisição de vastas terras por um grupo minoritário de fazendeiros, deixou grande porção da população (posseiros, ervateiros) destituídos de suas pequenas terras e atuando como peões²⁵. Soma-se a isso a quantidade de

²³ O "Coronelismo" é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.117)

²⁴ Não querendo dizer necessariamente 'tempo de fartura', já que os caboclos viviam sob o despotismo dos coronéis, sem chances de ascensão socioeconômica.

²⁵ O peão era, normalmente, um morador agregado à fazenda que possuía um pedaço de terra "de favor". Ali, com sua família, construía uma choupana de rachões de pinheiro e teto de palha, mantinha uma pequena lavoura de

trabalhadores de outras localidades, como Rio de Janeiro, Santos e Recife, que a *Brasil Railway* contratou para trabalhar na ferrovia²⁶, prometendo bons salários. Findo o trabalho, mal ou nada remunerado (numa ferrovia que nem surtiu o efeito esperado pelo Grupo *Farquhar*), esses trabalhadores não dispunham de dinheiro para voltar aos seus estados, se amontoando em casinhas ao longo da ferrovia e alguns abrigando suas famílias. Para agravar a situação, o governo concedeu para a empresa americana uma faixa de terra nos dois lados da ferrovia, interessada que estava na venda dos terrenos para imigrantes e como produtora de alimentos na rota do café. Munida deste decreto a empresa expulsou de modo violento esses moradores que viviam ao lado da ferrovia, que se juntaram aos sertanejos descontentes, restando-lhes o apego à religiosidade e ao messianismo, liderado pelos monges.

A organização entre os sertanejos se deu primordialmente pelo aspecto comum de descrença na ordem republicana vigente, ordem essa que eles acreditavam ser o grande motivo de suas desgraças, preferindo a monarquia, o “governo de Deus” e da espera apocalíptica do “Exército Encantado de São Sebastião” anunciada décadas antes pelo monge João Maria (dia este em que todos os mortos durante a batalha ressuscitariam).

Milhares de pessoas que chegavam sempre todos os dias aos redutos deveriam destituir-se de seus bens particulares em favor do coletivo. Esse fato atraiu muitas famílias, seja pela esperança de uma vida melhor que os redutos ofereciam e pela condição de extrema miséria, refugiavam-se em busca de alimento e de conforto espiritual obtido junto ao monge e seus seguidores. Não existia uma relação de venda, só de distribuição igualitária – pelo menos no início. Os líderes eram escolhidos quase que democraticamente, através de suas práticas e conhecimentos religiosos, incluindo curas e rezas. Aos poucos e, por uma questão de defesa, o conhecimento sobre táticas de guerra e uso de armas, passou a ser o principal atributo do líder. No início a comida era abundante e o caráter estritamente religioso. Com a chegada abrupta do exército armado e, munidos apenas de bandeiras brancas – acreditando-

subsistência, protegida do gado por muros de pedra encaixada, cultivando feijão, milho, abóboras e criando pequenos animais. (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.67)

²⁶ É importante lembrar que a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, rasgou grande parte da terra contestada, vindo a contribuir para o descontentamento da massa dos desprovidos.

se imunes às investidas do exército – muitos morreram e os redutos mudaram de tática, passando a atacar e garantir assim armas e alimentos. Todo reduto criado deveria estabelecer ao final da rua onde os casebres se amontoavam, uma construção maior que deveria funcionar como igreja: “havia uma participação ativa de todos nos vivas a São João Maria, a São Sebastião, à Monarquia, no ato de ouvir com atenção e acatar diligentemente as instruções e as ordens do comandante”. (AURAS, 2001, p.158)

Pinheiro Machado (2004) demonstra a ausência do Estado na vida dos muitos caboclos que, uma vez distantes dos dispositivos estatais para regularizarem suas terras, as mesmas que seus pais e avós tinham vivido, ficaram à mercê dos usurpadores, tendo que defender "seus sítios à bala". Além disso, "havia o problema adicional que complicava as vendas e heranças: o fato de o Estado não reconhecer a família cabocla, que normalmente não era formada por casamento civil ou religioso, mas por amasiamento". (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.140).

Essa contextualização serve para compreender a historicidade do Planalto Catarinense, que embasou boa parte das relações sociais existentes até hoje, imbricadas em suas lutas pela terra, em seus conflitos étnicos, em seus costumes e religiosidade:

Tal qual os indígenas, as populações de caboclos ficavam fora de uma política de terras. Os caboclos que viviam nas mais diferentes regiões do estado, principalmente no planalto médio e norte, geralmente como posseiros, praticando uma agricultura de subsistência. Essas comunidades de pequenos lavradores, vivendo em bairros rurais, eram particularmente fortes no Cerrito e na serra do Canoas, em Lages [...] pela tradição do planalto, a relação entre compadres e comadres implicava atitudes de auxílio, respeito e uma espécie de extensão dos laços familiares. A lei canônica católica, incorporada ao costume da população sertaneja, chegava ao ponto de condenar matrimônios entre compadre e comadre, mesmo que viúvos, por significar, na prática, algo semelhante a uma relação incestuosa. (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.67-68 e 139, grifos nossos).

As histórias do tempo dos "jagunços", permanece viva na memória dos moradores da região, seja pelas profecias dos monges que

por vezes orientam as "benzeduras", a alimentação dos redutos, distribuídas de forma coletiva ou pelas atrocidades praticadas pelos líderes religiosos e pela "escolta" do governo, conforme relato do meu avô João Maria Pereira da Silva (1914-2010):

então acharam de matar umas vacas, os mesmos jagunços. Saíram rebanhar, era muita gente, pegavam até 6 réis, em poucos dias comiam tudo. Os que depois chegavam, onde tinham carneado uma vaca, mesmo que estando azedo, erguiam num varal, deixavam dependurado ali pra secar um pouco, cheia de imundícia, de tudo, mas era perto d'água, lavavam, acendiam o fogo e pinchavam tudo ali pra comer. Você já pensou? no que passaram o [Rio] Canoas, a escolta bateu, gente dos soldados, rolaram numa grota e já ficaram por lá mesmo. Não se sabe se morreu ali. O Sebastião, filho da tia Euzébia, diz que não morria e a escolta teve que bater na cabeça, outros se entregaram de medo, porque a faca não podia com as armas de fogo. Quanto passaram trabalho aquele gente do Contestado, barbaridade O Adeodato, ow homem ruim! a espingarda dele tinha cento e poucos piques, cada um que ele matava faz um pique no cabo [...].

De acordo com Pinheiro Machado (2004), Adeodato foi o último comandante-geral dos redutos do Contestado. Era filho de um "capelão de terço" de São José do Cerrito, além de assistido por "virgens" era acompanhado pelo monge Maneca, o Pai Velho.

Em cada canto de reza na casa dos moradores, há ao lado dos santos católicos, uma foto do monge João Maria. Há um sincretismo religioso entre as práticas do catolicismo e as benzeduras, rezas para os monges e histórias de "espiritados", conforme fala de um dos entrevistados e trechos do Diário de Campo:

*Eu acho que você devia estudar na Bíblia né, quando Deus andou no mundo, ele expulsou o demônio [...] é espírito ruim que entra no corpo da pessoa. E depois a pessoa se alopra de um certo jeito, tem que acarcar²⁷ (MOISÉS, 2015)
Francisco é vendedor de latinhas, caixas, ferros e todo tipo de reciclado. Da outra vez já o tinha*

²⁷ no sentido popular, apertar.

visto nos arredores do Centro de Convivência tomando café que eles oferecem para ele e também o vi catando latinhas e outras coisas pelos lixos da cidade. Ele os coloca em sua bicicletinha e vende, disse-me hoje que vendo o quilo da lata a R\$ 1,50. Contou que há 40 anos atrás, ou seja, quando tinha 27 anos, seu pai, achando que ele era louco, o levou para a Colônia Santana em Florianópolis, onde levou vários choques elétricos, mas de nada adiantou, disse-me ele, pois seu problema era ser 'espiritado', ou seja, estava possuído por um espírito e, sendo assim, de nada adiantou os choques, que só estragaram sua cabeça e que foi curado por um benzedor que lhe tirou o espírito que o incomodava, mas daí os choques já tinham acabado com a cabeça dele. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Na época [por volta de 1950] tinha muita mulher que curava com planta, benzedura, e com fé ou sem fé, era o que tinha. Eu e Jó [marido] nos curamos de sarampo, que tava feio, só com benzedura, hoje em dia falando ninguém acredita, mas funcionava! (JÓ & ELOÁ, 2015).

A memória do Contestado surge num sentido coletivo no Planalto Serrano, especialmente no Cerrito. Do ponto de vista do sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), a memória atua enquanto pertencimento e sentimento com a nação, com o grupo, no caso, com os descendentes daqueles que estiveram lá e daqueles que se não estiveram, mas conheceram alguém que esteve, pois a memória se alimenta de outras memórias, forjando sempre signos de rememoração, seja a memória da valentia dos líderes ou o fanatismo dos jagunços, a comida dos redutos: a sapecada de pinhão em torno do fogo de chão, carne de porco, o bolinho frito, estes até hoje presentes nas festas típicas e nas mesas de seus moradores e, principalmente, a fé nos monges, ao lado dos santos católicos nos locais de reza dos entrevistados, há sempre uma imagem do monge João Maria.

Essa memória coletiva, alimentada pelos objetos, signos desta memória da historicidade da região, serve como baliza na compreensão da formação da identidade da população cerritense, especialmente da população idosa, perpetuadores desses costumes e dos valores neles imbricados. Para Bosi (2003, p. 25-26):

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade.

Além disso, as relações entre o "sagrado e o profano", o apadrinhamento dos empregados pelos fazendeiros, a autoridade exercida pelos mais velhos, detentores do saber das rezas e benzeduras, a "peleia" do sertanejo em meio aos conflitos da região, dão também os tons dessa identidade móvel do "homem forte" do Karú.

Após o conflito do Contestado que oficialmente cessou em 1916, mas décadas depois ainda se sabe das histórias de famílias inteiras 'embrenhadas' no mato, aponta-se uma segunda fase de imigração que se deu no primeiro quartel do século XX. Para Silva (1994), além do 2º Batalhão Rodoviário instalado em Lages em 1934, outro acontecimento que marcou o município de Lages foi a chegada dos "Alemães - provenientes da região litorânea de Santa Catarina - e italianos originários das colônias do Rio Grande do Sul que passaram a ter importância econômica na região serrana", quando até então predominava na região a pecuária extensiva²⁸ (Silva, 1994 p.29). Eram também, de acordo com Pinheiro Machado (2004), provenientes dos municípios de Blumenau e Joinville em Santa Catarina. Em entrevista, Jó confirma essa origem gaúcha:

o meu pai nasceu lá em Lagoa Vermelha, lá no Rio Grande do Sul, é a descendência dele. Daí veio pra cá em guri, já grande [...] na verdade todo mundo que eu conheço veio lá de Rio Grande! o pai tinha um sanguinho até de bugre! ele dizia que tinha não sei [...] de certo eles acharam um lugar muito bom pra morar, que tinha uma fazenda grande, eu não sei a área, mas

²⁸ Pecuária extensiva: aquela que é desenvolvida em grandes extensões de terras, com gado solto, geralmente sem grandes aplicação de recursos tecnológicos, investimentos financeiros nem recursos veterinários importantes. Pecuária intensiva: aquela que é praticada utilizando-se recursos tecnológicos avançados, tais como: gado confinado, reprodução através de inseminação artificial, controle via satélite etc. (SCOTT et. al., 2010)

era um terreno grande. E terra boa pra plantar". (JÓ, 2015).

Jó demonstra o interesse de seus pais pela "terra fértil". Esses alemães e italianos também impuseram uma nova ordem ao cenário, com a introdução das serrarias e das madeireiras, de acordo com Silva (1994, p. 29): "A nova atividade retirou das fazendas a supremacia econômica e também desfez o pólo aglutinador de força de trabalho que se fixava através delas".

Citando Bloemer, Mazon (2005, p.102) aponta que "o processo de exploração da madeira aumentou a partir da década de 1940 em razão da abertura das estradas na região e que somente o município de Lages chegou a ter 500 serrarias".

Seu Jó (2015) ao comentar durante entrevista sobre seu trabalho, explicita sua vinculação a uma das maiores madeireiras de Lages:

daí saí do exército e fui trabalhar no Battistela, uma madeireira grande lá de Lages. O serviço era pegar madeira bruta e beneficiar pra fazer caixa [...] eu trabalhava lá dentro classificando caixa, um classificava e o outro amarrava, daí ia lá embalar cerveja, essas coisas, tinha três tipos: fundo, lado e tampa. Tá. Daí tinha outro que era irmão do dono que era o gerente lá e tinha outro lá fora que via as 14 serrarias que fornecia as madeiras pras caixas [...](JÓ, 2015).

E o pinheiro, o "austero maestro" de Molina (2003), recupera seu prestígio, não mais por conta de sua sombra ou de suas sementes, mas pela importância econômica:

até o início do século XX a floresta de araucária era considerada até à década de 40 uma praga, pois atrapalhava a atividade pastoril. O pinhão, semente de araucária serviria principalmente para a alimentação dos porcos. Foi com a migração, no primeiro quartel do século XX, dos alemães (provenientes da região litorânea de Santa Catarina), mas primordialmente dos italianos originários das colônias do Rio Grande do Sul que os pinheirais - designação popular - passaram a ter importância econômica na região serrana e conseqüentemente no município de Lages. (SILVA, 1994, p.29).

Na mesma linha de raciocínio, Scott et al (2010), afirma que no Planalto Catarinense, a exploração econômica da madeira surge ao lado do latifúndio pastoril:

marcada pela presença do latifúndio pastoril e extrativo cuja base de exploração econômica é a madeira e seus derivados (celulose, papel), e a pecuária extensiva, no entorno da qual se desenvolve uma agricultura de base familiar, na sua maioria assentada num sistema produtivo tradicional baseado na produção agrícola, principalmente de grãos, gado de corte e fumo. (SCOTT et. al, 2010, p.158-159).

Na década de 1970 há uma queda das serrarias e madeireiras, ocasionando um declínio da oligarquia latifundiária tradicional, em função da:

urbanização acelerada em Lages, mudando abruptamente sua população rural, que era de 67% na década de 60 e passa para 30% na década de 1970 [...] a migração dos contingentes humanos que se ligaram à atividade madeireira, a fragmentação das fazendas, a industrialização - urbanização, tudo isso punha em xeque a hegemonia²⁹ sócio-econômica e política da oligarquia latifundiária tradicional. (SILVA, 1994, p.33).

A urbanização abrupta de que trata a autora, pode ser uma das explicações do aumento gradativo da migração de jovens da localidade do Karú que em 2010 contava com 9.273 habitantes, declinando em 2014 para 8.941, uma queda de 3,6% e, consequentemente, o aumento da população idosa que permaneceu nestas terras.

Na região serrana, de acordo com os autores e autoras, desde meados do século XVIII, já havia apropriação privada das terras com o estabelecimento das primeiras fazendas, "muitos particulares já possuíam títulos de sesmaria expedidos pelo governador de São Paulo. As áreas variavam de 5 mil a 20 mil hectares, reproduzindo no planalto

²⁹ Hegemonia é utilizada aqui no sentido de Gramsci: "É no interior do bloco histórico que se explicitam as relações de hegemonia, os mecanismos de dominação e direção exercidos por uma classe social sobre toda a sociedade em determinado momento histórico, bem como se esclarece a função dos intelectuais como organizadores da hegemonia. (SCHLESENER, 1992 pgs 17-18)

serrano o mesmo padrão latifundiário dominante no Brasil." (PINHEIRO MACHADO, 2004, p.74).

O próprio Correia Pinto, atesta Costa (1982, p.14 e 52), "possuía uma fazenda à margem do Rio Caveiras (...) eram, a princípio, tropeiros que seduzidos pela facilidade de conseguir vastas extensões de terras, foram ficando e se tornaram fazendeiros".

As disputas pela terra sempre foram uma condição da serra catarinense, perpassando pelas disputas jurídicas entre Santa Catarina e Paraná, o movimento dos sertanejos na Guerra do Contestado e a construção de barragens. Locks (1998, p.18) ressalta que a "primeira estratificação constituída por coronéis, fazendeiros, criadores, lavradores, agregados e peões é que procedeu a grande maioria dos atuais agricultores familiares cerritense".

Recentemente os embates gerados pela construção da barragem no leito do Rio Canoas, que afeta diretamente a região que compreende os municípios de Vargem (campo da obra), São José do Cerrito, Brunópolis e Curitiba. De acordo com o site do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB):

os primeiros passos da organização dos atingidos por barragens teve início ainda no final da década de 70, na Ditadura Militar, período em que ocorreu a retirada forçada de direitos civis e políticos [...] grandes empresas eletrointensivas (alumínio, ferro-liga, etc) estavam se instalando no país e exigiam as condições de infra-estrutura, nesse caso em especial, energia elétrica. Com isso, o Estado brasileiro foi o grande financiador da construção das hidrelétricas. Imediatamente iniciou-se a construção de grandes usinas em várias regiões do país (ricas em água doce de grande volume). Ao mesmo tempo que havia um estudo sobre o potencial e como fazer o aproveitamento da energia, não havia uma proposta de indenização adequada das famílias que viviam na beira dos rios. Conseqüência disso foi a expulsão de milhares de famílias de suas terras e casas, a maioria sem ter para onde ir. Muitas foram para as favelas das cidades, engrossaram as fileiras de sem-terras³⁰.

³⁰ Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB). Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/>> Acesso em 15 de janeiro de 2016.

Tais implicações evidenciam um processo de exploração e expropriação de terras já conhecido: a mesma empresa que reiniciou as obras³¹ já possui extenso histórico de violação de direitos humanos na instalação de barragens no Brasil, conforme foi veiculado em janeiro de 2015 no site do MAB. Segundo o que a imprensa divulgou ainda em meados de 2014, cerca de 730 famílias seriam desapropriadas com a construção da barragem. Desde então, inúmeros protestos por parte dos atingidos reivindicam sobretudo as indenizações. Faixas são levantadas com as palavras: *"Atingidos exigem preços justos nas terras e propriedades de filhos arrendatários"*³² ou mesmo, *"Somos da paz lutamos pelo direito de viver e criar nossos filhos"*.

Sobre as reivindicações que ocorrem desde 2014, com o início das obras, Dona Maria (2016), que ainda vive em localidade próxima à construção, conta sobre um dos últimos protestos na segunda metade de 2015 em que participou: "Estávamos em uns 200, era nós, as mulheres com porrete na frente e os homens com foice atrás, os homens vieram mal encarado e armado, mas nós não arredamos o pé" (DIÁRIO DE CAMPO DE LEONARDO LIMA, 2016).

Os eventos que intercedem a história de São José do Cerrito/SC e cidades vizinhas são profundamente marcados pela entrada da "vida moderna". Uma localidade essencialmente rural que teve seus modos de vida moldados às temporalidades da terra, à vida e ao trabalho no campo. O que era oferecido pela natureza e cultivado na terra não era somente o alimento, mas a própria existência que se fazia nas relações com a terra, de parentesco e com a comunidade, relações estas muito marcadas por um forte sentido religioso³³.

³¹ Ainda no fim de 2015, a construção da usina esteve parada por semanas, justamente devido as complicações ambientais, de indenizações e tantas outras, até que outra empresa assumiu a obra. (DIÁRIOS DE CAMPO, 2015).

³² Disponível em:

<<http://g1.globo.com/sc/santacatarina/noticia/2014/09/moradores-fecham-obra-de-barragem-em-sc-e-reclamam-de-indenizacoes.html>>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

³³ O princípio religioso, embora constante reduzido a doutrinas específicas, que gostaríamos de aqui chamar para outro sentido, nas palavras de Maffesoli (2005, p33), quando este nos fala da religião como um princípio elementar de relação, a "reunir-se" a "entregar-se ao outro".

O embate³⁴ por esta modernização da vida do campo, em especial a deste contexto específico que podemos argumentar, ainda não se deu por completo e se encontra em um processo de aceleração que no presente impõe visões de mundo que destoam daquelas que muitos dos antigos moradores ainda nos relatam.

Como Seu Jó e muitos outros contam, antigamente não tinha produção independente e mecanizada como é hoje, era comum os chamados *pixurum*, um mutirão em que os agricultores da época faziam para o plantio: de casa em casa, de pedaço de chão a pedaço de chão, todos iam cuidar do plantio (arar, semear, colher e principalmente limpar) da terra do “cumpadre” de maneira coletiva, para que não ficasse “custoso”(como tudo era de base manual) para cada um, e assim de casa em casa todos ajudavam a produção de uma maneira mais compartilhada e afetiva com os outros e com a terra.

Tais questões de cunho sociocultural e histórico-político do Karú , nos permite compreender algumas nuances da identidade do homem idoso desta localidade, deste "homem forte" que luta na e por uma "terra fértil".

1.4 PROGRESSO E MIGRAÇÃO

Por quase dois séculos (1766-1930), conforme Locks (1998, p.32):

predominou na região serrana o latifúndio. Por isso, a fazenda é tomada como espaço social simbólico, constituindo verdadeiro locus por onde se articulou o poder econômico, político e se engendraram as relações sociais; lugar onde os agentes elaboraram grande parte de sua ‘representação de mundo’, construíram sua ‘identidade individual e social’ ou forjaram ‘estilos de vida’.

³⁴ Um dos melhores exemplos que atestam este embate, foram as décadas de um processo longo de ordem política e jurídica que envolveu o asfaltamento da estrada de chão que ligava o trecho da 282 entre Lages/São José do Cerrito . Para situar brevemente a distância entre estes dois municípios, embora pequena em quilometragem, era grande pelas condições da pedregosa estrada de chão. O que levou, entre outros motivos, a expressão “esse aí é lá do Carú” que ainda carrega hoje um tom de distinção sociocultural, que evidenciava aqueles que eram da “cidade” e dos que viviam no “campo”.

A maioria da população cerritense tem raízes locais, conservando seus modos de viver e costumes deixados por seus antepassados, acumulando experiências em um espaço que pode, por um lado, alocar o que há de mais rápido e moderno das tecnologias de informação e de técnicas de plantio, por outro, de acordo com Bauman (1999), permitir que seus habitantes se bastem de medidas antropomórficas (pés, punhados, polegadas, etc.) no cálculo das distâncias e a interação humana seja “confinada pelos limites naturais da visão, audição e capacidade de memorização” (Bauman, 1999, p.22). Segundo Tuan (1980, p.12), “o mundo percebido através dos olhos é mais abstrato do que o conhecido por nós através dos outros sentidos”.

De um lado pesa a resistência nos modos de vida locais e por outro se enche pelas “facilidades” da vida moderna que nas suas promessas são tão seduzíveis ao homem que leva a vida, segundo o modo pragmático e imediato, típicos do ocidente.

A própria questão das barragens e suas implicações está longe de ser uma novidade nesta região e no Brasil. No Planalto Catarinense, localidades marcadas pela passagem e onipresença do Rio Caveiras e Rio Canoas, vivenciam há décadas um processo de permanente embate sociopolítico e ambiental em relação à construção das barragens e de todas as cicatrizes que decorrem da “marcha” ao progresso³⁵.

Este progresso que em poucas palavras se define por estratégias destinadas ao “acúmulo de riqueza na sociedade moderna” como aponta Hanna Arendt (2007), e que teve início com a expropriação do sujeito camponês de suas terras (no caso da região serrana os embates históricos contra os indígenas e contra os caboclos), é de suma importância considerar que os usos da terra nos remetem a questão da propriedade. Que conforme bem nos coloca Arendt, está sujeita ao uso e ao consumo e, portanto diminui constantemente. Compreendemos a propriedade então como uma forma de poder³⁶, um poder exercido que é garantido pelo Estado através dos mecanismos de controle, disciplina e mais

³⁵ Um movimento semelhante ao que descreve Maffesoli (2005): “Na marcha em espiral das histórias humanas, quando a abstração racional tende a triunfar, e a sociedade torna-se propriedade de alguns, assiste-se à sua implosão”.

³⁶ “Para toda filosofia progressista do século XIX “saber é poder”. O pensamento não vale mais por si mesmo, mas remetido a um fim que lhe é exterior: o poder sobre as pessoas (política) e sobre as coisas (economia). MAFFESOLI (2005 p. 126)

recentemente, pela gestão da informação enquanto forma economicamente viável.

No Planalto Catarinense, a questão da propriedade e o seu uso, está relacionada diretamente ao fenômeno do êxodo rural que, conforme Scott et al (2010), designa a permanência ou migração dos jovens para as cidades:

a condição do meio rural está relacionada à sua capacidade de oferecer oportunidades de obtenção de renda acesso a infraestruturas e serviços, sendo tal aspecto importante para pensar a permanência e/ou compreender a migração de jovens para as cidades. Se a expectativa que eles lançam sobre o seu futuro não encontra respaldo nas condições em que se encontram assentada a vida no meio rural, ela é direcionada para o meio urbano que, na percepção da juventude, oferece mais condições de realização pessoal, profissional e financeira. (SCOTT ET AL, 2010, p.163).

As autoras acrescentam que as condições econômicas da família e o tamanho da propriedade, muitas vezes não permitem que os jovens permaneçam na agricultura. Em uma localidade, onde a economia predominante é a agricultura familiar, o Cerrito, conforme Locks (1998, p.42), faz "uso de tecnologias tradicionais, de produção ao consumo e à venda de pequenos excedentes; tem como principais culturas o milho e o feijão. Já foi considerado o maior município produtor de feijão de Santa Catarina". De acordo com o Plano de Desenvolvimento Local do Município (1996, p.71), há um declínio da produtividade do feijão, em 1987 eram produzidos 37 sacos e em 1995, 21 sacos por alqueire. Porém, dados mais recente, de 2014, apontam que o agronegócio é a principal atividade econômica da região, e São José do Cerrito/SC, se destaca na produção de soja, milho, feijão e cebola³⁷.

³⁷ RÁDIO CLUBE DE LAGES. Disponível em:
<http://www.radioclubedelages.com.br/noticias.php?id_noticia=932. Acesso em 13 nov 2014

Imagem 4 - Plantação de Milho na região do Karú.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Em 2015, conforme a Lei nº 989 que estima a receita e despesa do município para o exercício financeiro de 2016, dos 20.827.968,76 da receita total repassada para o município, 1.745.263,85 foram destinadas para a agricultura. A maior parte desta receita foi destinada para a educação, seguida da saúde, administração, transporte e urbanismo.

As práticas da agricultura em São José do Cerrito se iniciaram de forma periférica, conforme Locks (1998):

nos moldes da Revolução Verde dos anos de 1960 e 1970, ou seja, introduziram tecnologias mais pesadas, como a utilização dos primeiros tratores, iniciaram o plantio de hortaliça com a aplicação de adubos químicos, sementes industrializadas, inseticidas e herbicidas, etc. Abriram e concentraram o mercado local de produtos agrícolas além de Lages, para capitais como Porto Alegre, Curitiba, sobretudo para São Paulo. (LOCKS, 1998, p.49).

O uso de inseticidas foi apontado pelos entrevistados Jonas (2015) e J6 (2015). O primeiro, como sendo um dos motivos de sua enfisema pulmonar³⁸ e o segundo sua percepção do uso do agrotóxico

³⁸ É uma doença crônica, na qual os tecidos dos pulmões são gradualmente destruídos, tornando-se hiperinsuflados (muito distendidos). Esta destruição ocorre nos alvéolos, onde acontece a troca gasosa do oxigênio pelo dióxido de

como sendo relacionado ao progresso e que por isso, ele estaria "atrasado":

*É... nós temos um negócio bom, vamos dizer, só questão que nós não estamos acertando muito em termo de produção, esse é um lado, um pouco por assistência técnica, que o nosso .. nós trabalhamos com agroecológico com a uva orgânica. Eu não posso lutar com veneno, hoje até que esses tempos .. faz uns 3 anos eu fui lá pra Florianópolis e daí lutar com a casa da minha irmã e quis me dar uma enfizema pulmonar, daí fazendo um monte de exame, aí ... o médico disse lá: "não .. você fique longe de veneno! [...] já trabalhei bastante com veneno, lutava com batata, semente certificada que leva veneno direto [...] no começo nós plantamos, até que ... na hora que foi plantado, uns 2 anos ali, daí é que partimos mesmo pra não ter veneno, ser orgânico né, aí fui fazer curso no Rio Grande, li! saí fora pra vê e daí uso só orgânico. (JONAS, 2015).
meu terreno enquanto eu for vivo, não vai ter veneno, porque eu não vou comer algo contaminado, nem meus filhos, nem meus neto, aí depois que eu morrer, aí não sei [...] ele acha que eu sou muito atrasado, por exemplo, o equitare de terra que eu vou plantar milho, se for passar veneno 2 horas vai lá com o trator e banha tudo e mata e eu vou limpando com aquela carpindeirinha que eu tenho ali com o cavalo né. (JÓ, 2015).*

Locks (1998) designa o agricultor cerritense sob dois aspectos baseados em seus estilos de vida, o "agricultor da tradição cultural" e o "agricultor em trânsito à modernização" e, segundo o autor, estes interagem com as

dimensões do econômico, do político e do social, consubstanciando um universo cultural que se manifesta em diferentes modos de vida. Eles se

carbono. Como resultado, a pessoa passa a sentir falta de ar para realizar tarefas ou exercitar-se. ABC da Saúde. Disponível em: <<https://www.abcdasaude.com.br/pneumologia/enfisema-pulmonar>>. Acesso em 30 agosto 2016.

revelam nos hábitos, no grau de ambição, na concepção e ritmo de trabalho, na religiosidade, nas formas de se organizar socialmente, na disposição de assimilar inovações técnico-agrícolas, na produção e comercialização por parte dos agricultores. (LOCKS, 1998, p. 21).

A pesquisa de Locks é do final da década de 1990, são quase 20 anos que separam a pesquisa dele da minha, no entanto, é possível que alguns agricultores pesquisados por ele já tenham falecido, outros envelheceram e, algumas técnicas de plantio e cultivo também modificaram, no entanto, ainda é possível perceber o "agricultor da tradição cultural" e o "agricultor em trânsito à modernização". Jonas relatou em trecho anterior que devido "enfizema pulmonar" teve que deixar de usar agrotóxico em sua plantação de batatas, atividade essa exercida desde que chegou no Cerrito há 8 anos, mas em outra localidade também costumava fazer uso de agrotóxico, agora é produtor de uva orgânica. O que modificou do modo tradicional do plantio foi o uso das ferramentas: "não mudou muito ... mas o que eu fazia que gostava e hoje não faço mais, é usar a faca na lavoura, mas daí o reumatismo, hoje não faço mais, mas eu gostava" (JONAS, 2015).

A terra é mencionada em várias pesquisas na região e nas minhas entrevistas como maior atributo de autoidentificação do agricultor cerritense. Esse "homem forte" que caminha por uma margem frágil que oscila entre os modos de vida e saberes da/com a terra e que não se deixaram ser soterrados pelos processos de modernização da vida. Locks (1998), apresenta a terra enquanto:

lugar de moradia e de garantia da vida, por isso é ressaltado o valor da segurança e da propriedade não absoluta da terra. Nesta concepção está subjacente o direito ao acesso à terra para todos aqueles que dela necessitam para morar e trabalhar. Trata-se de um bem social, possível de ser passado de geração para geração; muito mais que propriedade, trata-se da terra-patrimônio. (LOCKS. 1998, p.96).

Para este autor, os moradores mais antigos que conseguiram terras mais apropriadas para a agricultura foram os que constituíram as "localidades" hoje conhecidas, e sua denominação se deu pela vinculação ao primeiro morador que se fixou por estas terras ou pela associação de um santo de devoção, um santo padroeiro. É neste espaço-

lugar que o homem idoso do Karú, se constitui enquanto homem, enquanto idoso na sua peleia.

Porém, qualquer pretensão romantismo de quem chega na busca de uma paisagem rural ou da imagem figurativa do que é a vida no campo ou de um idoso do campo, poderá se decepcionar. O idoso é também um homem urbano, pois que transita em espaços de modernização, seja por sua participação nos dispositivos oferecidos pelo Estado, sindicatos, Sistema Único de Saúde (SUS), Sistema Único de Assistência Social (SUAS), Centro de Convivência do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), usuários da previdência social, além de suas atividades profissionais, como agricultores ativos, feirantes, piscicultores, etc. O asfalto é recente. E por ele muito se esperou. A sensação é de caminhamos em uma margem frágil que ainda percorre modos de vida e saberes com a terra, e para a terra, que não foram ainda soterrados por processos de “modernização”.

Imagem 5 - Ponte na localidade de Passos dos Fernandes.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

CAPÍTULO II - DE TODAS AS VELHICES

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer, tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou. Tempo de amar e tempo de odiar, tempo de guerra e tempo de paz. (ECLESIASTES, cap.3-versículo 1,2 e 8).

Adentrar no capítulo da temática central da dissertação, não deixa de causar uma grande expectativa, não sei se tanto para quem for ler, mas para quem escreve, a ansiedade toma conta, pois é um assunto por anos lido, vivido e experienciado em várias frentes. Em casa, entre os "meus idosos", no Núcleo de Estudos da Terceira Idade/NETI/UFSC, onde atuei como bolsista, estagiária, professora voluntária de antropologia e pesquisadora no trabalho de conclusão de curso, versando sobre velhices masculinas com homens participantes deste núcleo. Do NETI, alcei vôo para outras paragens em busca da compreensão do envelhecimento e, por assim dizer, parafraseando a gerontóloga Delia Catullo Goldfarb (1998, p.2): "Falando de todas as velhices [dos outros] sempre falamos de uma velhice [a nossa] e dos muitos velhos que poderemos chegar a ser. Da velhice que desejamos e da que tememos".

Afinal, conforme a psicóloga Ecléa Bosi (1987) e o sociólogo francês Michel Maffesoli (2006), fazemos parte de uma "comunidade de destino". No caso da primeira autora, o próprio envelhecimento e, no segundo caso, o autor sugere uma "estética comunitária" a que estamos submetidos.

As primeiras cartografias utilizadas no percurso desta pesquisa, teve seu início na compreensão de fazer parte desta comunidade de destino, observadora da velhice dos outros e observada tanto em minha condição de pesquisadora, quanto de meu próprio "ser envelhecendo", acompanhando e fazendo parte ao mesmo tempo, do "desmanchamento" de certos mundos e a formação de outros, conforme Rolnik (1989), que, dialogando com De Certeau (in DURAN, 2012, s/p) considera que:

o sujeito não é uma subjetividade fechada, monárquica, o sujeito, não é da ordem de um fechamento, mas de uma abertura, é atravessado por processos, é da ordem da fabricação e do desmanchamento, permanentemente.³⁹

E os membros desta comunidade de destino são, ainda segundo De Certeau, fabricados com todos os arquivos que a sociedade oferece, através da relação com os outros, com as coisas, com os objetos, com a natureza, com o nosso corpo e com todas as formas de linguagem, se refabricando constantemente (DURAN, 2012).

Daí que a compreensão do processo de envelhecimento a cada "zoom" ou "gesto de pouso", amplia cada vez mais outras possibilidades analíticas, outros possíveis recortes e diferentes contornos das faces da velhice emergiram no percurso cartográfico.

Porém, dentre tantos possíveis, recorro ao recorte do surgimento do indivíduo no mundo ocidental, deste mesmo indivíduo atravessado por processos, dentre eles sua velhice e ao que parece, durante essa fase, percebido somente por este viés, desconsiderando a conexão dos eventos do seu ciclo de vida como um todo.

Na modernidade⁴⁰ surge a ideia de um indivíduo único, um adulto dotado de direitos e deveres. No século XVIII a maior parte das instituições modernas das sociedades ocidentais se consolidaram, fazendo com que certos eventos e ações distantes, atuassem de modo intenso e crescente sobre nossas vidas. Com o despontar de um crescimento acelerado da população idosa, especialmente na Europa.

Houve um maior interesse médico por esta faixa etária como um grupo separado a ser estudado. No início do período da Revolução Industrial, autores (as) passaram a comparar o corpo a uma máquina

³⁹ FONTE: Uma leitura do cotidiano escolar com Michel de Certeau. Marília Claret Geraes Duran. International Studies on Law and Education 12 set-dez 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/certeau.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2016.

⁴⁰ Iniciado, segundo Wallerstein (2004, 2006)⁴⁰ no século XVI com as grandes navegações e reificado no século XVIII com o Iluminismo⁴⁰, que o ciclo da vida humana e, conseqüentemente o envelhecimento foi universalizado no mundo dentro de uma dada comunidade – é tido como um indivíduo único, um adulto dotado de direitos e deveres.

(SILVA, 2011, pgs. 24-25)

sujeita ao desgaste, analogia já feita por René Descartes (1596 – 1650), associando o conceito de velho ao conceito de doença. Porém, análises da fisiologia do envelhecimento e implicações clínicas das alterações observadas, desmentem que o envelhecimento possa ser uma doença. (SILVA, 2011, p. 29).

É neste recorte de um projeto de modernidade, enquanto "máquina geradora de alteridades, que em nome da razão, excluiu de seu imaginário a hibridez, a multiplicidade e a contingência das formas de vida concreta" (LANDER, 2005), bem como estratificou as ciências, os saberes relacionados às questões do envelhecimento, também foram estratificados em partes, vinculadas num primeiro momento de suas pesquisas ao processo biológico e suas perdas.

As perspectivas sobre o envelhecimento humano, sobretudo no que se refere a seus processos comportamentais e adaptativos, foram tradicionalmente pautadas em modelos centrados no declínio biológico e no aumento da idade como variáveis causais e explicativas. Contudo, a partir de meados do século passado, as contribuições metodológicas e conceituais propiciadas pela consideração das variáveis ambientais geraram um notório desenvolvimento do campo da Gerontologia no que diz respeito a teoria, pesquisa e aplicação, contribuindo para uma concepção multidimensional e multidirecional do envelhecimento. (BATISTONI, 2014, p.648).

De acordo com a Carta da Transdisciplinaridade em seu artigo primeiro: "Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de o dispersar em estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar".⁴¹

⁴¹ Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento da Arrábida, Portugal, 2-6 de Novembro de 1994) adotam a presente Carta compreendida como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade dos espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo o signatário desta Carta faz consigo próprio, livre de qualquer constrangimento jurídico e institucional. FONTE: Revista Transdisciplinar de Gerontologia. Universidade Sênior Contemporânea. Ano 1. Vol. 1. Dezembro-Maio. 2006/2007.

E a dinâmica social do envelhecimento envolve uma complexidade de fenômenos sociais, em que há uma "flexibilização das classificações das idades, o esmaecimento das fronteiras etárias, uma pluralidade e heterogeneidade de experiências geracionais, como fenômenos característicos da sociedade moderno-contemporânea". (GOLDENBERG, 2011,p.47), convergindo para o feixe de um entendimento e uma compreensão transdisciplinar.

Sem dúvida, o processo de envelhecimento é possuidor de características gerais, como o ciclo biológico (nascer, viver, envelhecer e morrer), mas que são estereotipados e engessados nos termos que lhes são atribuídos. Na língua inglesa, por exemplo, falar do "velho" oferece algumas tantas possibilidades: *old age* (idade), *elders* (anciãos), *senior citizens* (cidadãos seniores), *older americans* (americanos mais velhos), *old adults* (adultos mais velhos), *mature market* (mercado maduro), *soon-to-be elderly* (o que vai logo se tornar idoso). No Brasil, outros tantos surgem no "guarda chuva conceitual": terceira idade, quarta idade, idade do ouro, idade madura, melhor idade.

São termos mutáveis, de acordo com as sociedades e sua especificidade histórica com tendências em normatizá-lo, via ideologias hegemônicas que determinam como se deve envelhecer.

Em uma sociedade que glorifica a juventude, as imagens negativas comuns da velhice e do envelhecimento são geralmente evocadas para explicar o comportamento desrespeitoso em relação às pessoas idosas. (OMS, 2008)

O referencial biológico não é o único sinal da velhice se aproximando, Goldfarb (1998) toma como parâmetro outras definições como a psicológica - tendência à reminiscências excessivas, depressão, enrijecimento do pensamento, certo grau de regressão,

mas nada disto fala de todas as velhices, assemelhando-se mais a um apanhado de negatividades que a uma descrição correspondente a uma categoria universal. Tampouco podemos defini-la desde um ponto de vista social; a aposentadoria, por exemplo, não faz de um sujeito um velho, como o direito ao voto não faz de um adolescente um adulto [...] a dificuldade principal para categorizar a velhice consiste em que ela não é unicamente um estado, mas um constante e sempre inacabado processo de subjetivação.

(GOLDFARB, 1998, p. 9-10).

O impacto do aumento da expectativa de vida não é um fato "natural", mas condicionado por fatores econômicos, políticos, sociais, demográficos, culturais, e, por conseguinte, produzem efeitos distintos que determinarão leis específicas, novas lutas hegemônicas, outras denominações, uma vez a representação social da velhice está "enraizada em nosso tempo histórico, determinando atitudes e orientando estratégias". (GOLDFARB, 1998, p.6).

A compreensão do fenômeno do envelhecimento parece ser o retorno de um conhecimento mais holístico e menos fragmentado dos saberes, principalmente quando o aumento das expectativas de vida aliada à diminuição da taxa de natalidade resultam em uma das principais forças a moldar as sociedades no século XXI.

A urbanização, a globalização e o envelhecimento populacional têm sido considerados as principais forças a moldar as sociedades no século XXI. Assim sendo, as concepções mais atuais em Gerontologia e as preocupações públicas decorrentes dessas forças têm trazido demandas teóricas e práticas sob uma perspectiva macrosocial à Gerontologia Ambiental. (BATISTON, 2014, p.654).

Segundo a Organização Mundial da Saúde/OMS (2008) o envelhecimento ativo é um processo de vida moldado por vários fatores que, isolados ou em conjunto, favorecem a saúde, a participação e a segurança de idosos. Para a OMS, são considerados pessoas idosas os que tem 60 anos ou mais nos países desenvolvidos⁴² e os

⁴² O uso conceitual de "países desenvolvidos" e de "países em desenvolvimento" é uma atribuição estritamente vinculada às normatividades e as políticas públicas, tendo como fim principal interesses econômicos, conforme citação do Plano de Ação Internacional de Viena Sobre o Envelhecimento: "a Assembléia Geral das Nações Unidas decidiu, em sua resolução 33/52, de 14 de dezembro de 1978, convocar, em 1982, uma Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento. O propósito era que a Assembléia Mundial servisse de foro "para iniciar um programa internacional de ação que visa a garantir a segurança econômica e social das pessoas de idade, assim como oportunidades para que essas pessoas contribuam para o desenvolvimento de seus países" (BRASIL, 2003, grifos nossos).

que tem 65 anos ou mais de idade nos países em desenvolvimento. (BATISTONI, 2014).

Este corte etário foi definido em 1982 na Assembléia Mundial sobre Envelhecimento, realizada pela Organização das Nações Unidas/ONU na Áustria, e é o seguido pelas políticas públicas no Brasil, "A Política Nacional do Idoso" (Lei nº 8.842/1994) e o "Estatuto do Idoso" (Lei nº 10.741/2003).

De acordo com o "Guia Global: Cidade Amiga do Idoso" (OMS, 2008):

o número de pessoas com 60 anos ou mais dobrará, proporcionalmente, passando de 11%, em 2006, para 22%, em 2050. Então, pela primeira vez na história da humanidade, haverá mais idosos que crianças (com idade 0–14 anos) na população. Países em desenvolvimento estão envelhecendo em uma velocidade muito maior que a dos países desenvolvidos: em cinco décadas, pouco mais de 80% dos idosos do mundo viverão em países em desenvolvimento, comparativamente com 60% em 2005. Ao mesmo tempo, o nosso mundo é uma "cidade" em crescimento: já em 2007, mais da metade da população mundial está vivendo em cidades. Em muitos países, os idosos constituem uma grande porcentagem da população em áreas rurais e remotas, como consequência da emigração dos mais jovens. (OMS, 2008, pgs. 8 e 65).

Prova de que o envelhecimento ainda é mais percebido em seus aspectos biológicos, são os estudos sobre envelhecimento populacional centrados especialmente nos processos relacionados às condições de saúde, seguidos da aposentadoria e dos arranjos familiares como suporte às pessoas idosas (BEZERRA et. al, 2012).

As mesmas autoras ressaltam que: o "tema do envelhecimento da população brasileira só entrou realmente na agenda de pesquisa da Associação Nacional de Estudos Populacionais (ABEP) em 1988, durante o VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais"(BEZERRA et. al., p. 156). Ressaltam ainda que a longevidade feminina é maior, por questões culturais e por algumas vezes, seus companheiros costumarem ser décadas mais velho. O que significa que em idades mais avançadas, há um maior percentual de mulheres velhas do que de homens velhos.

Segundo síntese dos indicadores sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, mais de 20 milhões de brasileiros são

pessoas idosas (13% do país); 55,7 % são mulheres e 44,3% são homens; 84,3 % vive em áreas urbanas e 15,7% em áreas rurais, 14,8 % vivem sozinhas; 85% são ativas, 53% das famílias brasileiras são mantidas por pessoas idosas; 48,9% apresentam mais de uma doença crônica; 6% são dependentes e menos de 1% vivem em instituições asilares. (IBGE, 2013)

Esta demografia tem refletido um maior interesse, pois a "preocupação é definir graus diferenciados de dependência que vão refletir nos encargos públicos e familiares com os cuidados dos segmentos populacionais mais velhos que cada vez mais tem importância no nosso mapa demográfico". (GOLDENBERG, 2011 p.51).

Neste capítulo, considerando o leque de possibilidades das perspectivas de estudos sobre o envelhecimento humano, estabeleço alguns recortes condizentes ao objetivo desta pesquisa, o de compreender as concepções de velhice e envelhecimento do idoso cerritense, as maneiras com que se percebem e atribuem sentido ao seu próprio envelhecer.

2.1 ENVELHECIMENTO: UMA CIÊNCIA

O ato de ensinar a condição humana deve ser o objeto essencial do ensino, baseado de que o *ser humano é, a um só tempo, físico, psíquico, biológico, cultural, social e histórico formando uma unidade complexa.* (VAHL et.al., 2003).

O envelhecimento não é uma preocupação recente, segundo a intelectual francesa Simone de Beauvoir (1991), na China de Confúcio, a velhice era considerada sabedoria; entre os judeus, recompensa da virtude; entre os gregos, ao envelhecerem os deuses se tornavam cada vez mais "maldosos e perversos". No Japão do final do século XIX, as pessoas velhas ao completarem 70 anos eram levadas ao Monte Narayama para ali morrerem⁴³.

No ritual dos *Kĩsédjê* ou *Suyá*, índios que habitam o Xingu do Mato Grosso no Brasil, os jovens iniciados são considerados como

⁴³ NIPOCULTURA: a cultura japonesa ao seu alcance. A Balada de Narayama. Disponível em: <http://www.nipocultura.com.br/?p=582>

expressão máxima da ideia de masculinidade e autocontrole, enquanto o comportamento dos idosos é o oposto, caracterizado pelo humor, descontração e obscenidade. Os velhos da sociedade *Kĩsédjê* possuem um papel social de atuar como palhaços nos rituais, responsáveis por eventuais cenas de humor ao final da tarde, quando provocam risadas nos mais jovens. Também a autoridade dos especialistas em rituais dos *Suyá*, vem da sabedoria e memória para cantos. (SEEGGER, 2003). Para os índios Nambiquaras do Mato Grosso, existe só uma palavra para definir velho e feio. (GOLDFARB, 1998, p.37).

Weber (2004) tratando dos tipos de dominação, denomina a *Gerontocracia* como um tipo de dominação tradicional em que credita aos mais velhos – melhores conhecedores da sagrada tradição -, como por exemplo, a sociedade judaica, posições elevadas dentro da hierarquia social (hierarquia que vem do latim *hieros*, que significa sagrado e *arqui*, ordem), conforme sua citação: "deve-se entender por Gerontocracia la situación en que existe una autoridad en la asociación, esta se ejerce por los más viejos, originariamente según el sentido literal de la palabra: los mayores concedores de la sagrada tradición". (WEBER, 2004, p.184).

De acordo com Paschoal (2006) em 1903 surge a Gerontologia (do grego *geronto*: *velho, ancião e logia*, do grego *logos*: *tratado, estudo a respeito de*) utilizada pela primeira vez pelo cientista russo Elie Metchnikoff, como uma nova especialidade de estudo, diferente da Geriatria que surgiu seis anos depois, voltada às características biológicas do ser humano. Metchnikoff previu que a área da Gerontologia seria um dos ramos mais importantes da ciência, em virtude das modificações ocorridas no curso do último período da vida humana. Ele acreditava que algum dia uma velhice fisiológica "normal" poderia ser alcançada pela humanidade. O cientista russo não conseguiu apoio suficiente, numa época em que os olhos do mundo se voltavam para outra faixa etária: os jovens.

O sociólogo e gerontólogo espanhol, Ricardo Moragas Moragas⁴⁴, em seu livro "Gerontología Social: envejecimiento y calidad

⁴⁴ Ricardo Moragas Moragas é doutor pela universidade de Barcelona e obteve um Máster na Universidade da Califórnia, Berkeley. Especializado na temática do trabalho, recursos humanos e formação, trabalhou nos centros de estudos, empresas, administração pública e organismos internacionais. Foi professor de sociologia nas Universidades Autônomas de Barcelona e Rhode Island (EUA). Atualmente é professor na Universidade de Barcelona onde coordena diversos

de vida" (1991), destaca que a gerontologia é um saber interdisciplinar surgido pós Segunda Guerra Mundial:

Fruto del interés por un enfoque científico interdisciplinar de la ancianidad aparece la gerontología social, después de la segunda guerra mundial. La Asociación internacional de gerontología se constituye en 1950 con el objetivo de "promover la investigación gerontológica en biología, medicina y ciencias sociales, así como la colaboración entre estas ciencias". Se detallan a continuación diferentes disciplinas interesadas en la gerontología divididas en ciencias naturales y sociales, aunque, como reconoce la Asociación y cualquier ciudadano puede comprobar, la ancianidad es un fenómeno individual y social que va más allá de las líneas disciplinarias para abarcar globalmente a la persona. (MORAGAS, 1991, p.38).

Moragas (1991, p.21) acrescenta que a "la gerontologia social trata de los fenómenos humanos asociados al hecho de envejecer, proceso inherente a toda persona". Na mesma linha, a especialista em Gerontologia, Maria Luisa Trindade Bestetti (2014, p. 603), afirma que:

o estudo da Gerontologia abrange o processo do envelhecimento e não somente a velhice, o que torna todas as faixas etárias objetos de estudo importantes para pensarmos a longevidade como consequência de boa qualidade de vida. Pela novidade do tema, faltam artigos que o fundamentem na área da Gerontologia Ambiental. (BESTETTI, 2014, p.603).

Abranger a compreensão do estudo do processo de envelhecimento em todas as faixas etárias, requer o conhecimento de outros critérios, que não só os cronológicos:

Para Debert (2010), a cronologização da vida humana nunca foi clara, as fronteiras etárias sempre foram muito tênues. É preciso levar em

cursos, dirige pesquisas e o primeiro Máster de Gerontologia Social ministrado em uma Universidade espanhola. Portal do Envelhecimento. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/publicacoes/gerontologia.htm>>. Acesso em 17 de julho de 2016.

conta as variações nas etapas e na extensão em que o curso de vida é periodizado em sociedades modernas distintas, e a experiência de diferentes grupos sociais numa mesma sociedade. O tempo cronológico pode ser o mesmo para os indivíduos, mas a maneira vivida no percurso deste tempo é diferente. (SILVA, 2011, p.32).

Moragas (1991) corrobora nesta linha de pensamento, lembrando que a velhice baseada na idade cronológica - iniciada inclusive pelo sistema de aposentadoria criado pelo chanceler alemão Otto Von Bismack⁴⁵ - objetiva que todas as pessoas nascidas numa mesma data, tenham o mesmo comportamento:

Vejez cronológica é definida por el hecho de haber cumplido los sessenta y cinco años, se basa en las edades de retiro tradicionales cuyo primer precedente aparece con las medidas sociales del canciller Bismarck, el siglo XIX. Se fundamenta en la vejez histórica real del organismo, medida por el transcurso del tiempo. Es objetiva en su medida, ya que todas las personas nacidas en la misma fecha comparten idéntica edad cronológica y forman una unidad de análisis social, la cohorte, utilizada frecuentemente por demógrafos y estudiosos de la vida social. La edad cronológica se agrupa en años, lustros y décadas, y se considera que todos los sujetos nacidos en el mismo año tienen la misma edad. (MORAGAS, 1991, p. 22).

O autor reitera que: "la edad constituye un dato importante pero no determina la condición de la persona, pues lo esencial no es el mero transcurso del tiempo, sino la calidad del tiempo transcurrido, los

⁴⁵ Otto Von Bismarck criou o primeiro sistema de aposentadoria público nos anos 1880. A idade para se aposentar era 70 anos - e a expectativa era de que provavelmente se viveria apenas alguns anos mais para receber o benefício. FONTE: Na Alemanha, sistema de previdência criado por Bismarck é ameaçado. James Melik e Alex Ritson. Do Business Daily, Serviço Mundial da BBC. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/09/100915_eleicoes_aposenta_alemanha_ji.shtml>. Acesso em 01 de julho de 2016.

acontecimientos vividos y las condiciones ambientales que lo han rodeado" (MORAGAS, 1991 p.22).

Tuan (2012) ao cunhar topofilia enquanto um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, compartilha de Debert e Moragas ao considerar os estágios do ciclo da vida como variáveis de pessoa para pessoa:

A amplitude das respostas humanas para o mundo é aumentada além do que normalmente estudam os cientistas sociais, quando nos lembramos de considerar os estágios do ciclo da vida. Ocorrem grandes diferenças de capacidade dentro de cada grupo de idade. As taxas de crescimento e de envelhecimento variam muito de pessoa para pessoa. (TUAN, 1980 p.67).

As condições ambientais são apontadas como uma das possibilidades transdisciplinares de estudos na área da Sociologia e Gerontologia. O sociólogo francês Vincent Caradec (2011, p.41), sugere que "a sociologia da velhice deva ser uma sociologia ambientalista". Bestetti (2014, p. 653) observa que o:

status atual da Gerontologia Ambiental é plural em termos de níveis de análise do seu objeto de estudo, o que enriquece, mas desafia o campo na construção de sua perspectiva teórica. Semelhantemente ao quadro teórico da Gerontologia como um todo, o campo tem sido constituído por microteorias explicativas que buscam abarcar sua influência multidisciplinar. (BESTETTI, 2014, p.653).

Acrescenta no âmbito da Gerontologia Ambiental, outros investimentos de pesquisa comunitários e populacionais, como o estudo dos impactos socioespaciais do envelhecimento populacional. Afirmando que no Brasil, ainda existem poucos estudos na área:

A produção existente reflete, em geral, estudos relativos a idosos e envelhecimento provenientes da psicologia ambiental ou estudos relativos a intervenções ambientais com idosos com comprometimentos físicos ou cognitivos, de levantamento, e análise de fatores relacionados a ocorrência e prevenção de quedas ou, ainda, compondo a análise dos determinantes ambientais da promoção de saúde. (BESTETTI, 2014 p. 653).

O campo da Gerontologia Ambiental é concebida, segundo a gerontóloga Samila Sathler Tavares Batistoni (2014), enquanto campo multidisciplinar, alimentado por diversas ciências, um direcionamento diferente das pesquisas de trinta anos atrás, em que "a atenção (pública, social e de pesquisa) se centrava na minoria frágil dos idosos, residente em contextos institucionais" (Batistoni, 2014, p.654). O foco nas condições ambientais na questão do envelhecimento, permite ampliar a compreensão para comportamentos biológicos, sociais e psicológicos adaptativos, enquanto dimensões relevantes para uma velhice com qualidade de vida. As temáticas da Gerontologia Ambiental:

atravessa um *continuum* de análise envolvendo desde o microambiente (ambiente doméstico e privado), arranjos de moradia e satisfação residencial, mesoambientes (como contextos institucionais), macroambientes que estruturam a experiência do envelhecimento, tais como o estudo das transações com os contextos urbanos/rurais, questões de vizinhança, segurança, acessibilidade e políticas públicas [...] do ponto de vista histórico, a Gerontologia Ambiental é fruto de contribuições teóricas de diversas áreas, como da Sociologia Urbana da Escola de Chicago nos anos 1920, da Psicologia Social de Kurt Lewin⁴⁶ na década de 30, das teorias da aprendizagem que dominaram a Psicologia nas décadas de 40 e 50 e do desenvolvimento da Psicologia Ambiental na década de 60. (BATISTONI, 2014, p.648).

Neste ínterim, o papel do gerontólogo, segundo a mesma autora, surge no cenário do campo dos estudos do envelhecimento, na gestão de serviços clínicos, recreativos e institucionais, políticos, podendo atuar junto às pessoas idosas, às famílias e da sociedade em envelhecimento como um todo, considerando a relação com o ambiente, "uma vez que o

⁴⁶ Kurt Lewin (1890 - 1947). Psicólogo alemão. A teoria do campo psicológico, formulada por Lewin, afirma que as variações individuais do comportamento humano com relação à norma são condicionadas pela tensão entre as percepções que o indivíduo tem de si mesmo e pelo ambiente psicológico em que se insere, o espaço vital, onde abriu novos caminhos para o estudo dos grupos humanos. FONTE: Psicologia Alvorada. Disponível em: <<http://psicologiaalvorada.blogspot.com.br/2011/03/resumo-kurt-lewin.html>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

envelhecimento expõe cada vez mais os indivíduos às influências das condições de docilidade ambiental" (BATISTONI, 2014, p. 655).

Esta vertente ambiental, já tem adeptos desde a década de 1970, quando Tuan em 1980 promulgou que "sem a autocompreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos (TUAN, 1980 p.1).

Especificamente no Brasil, algumas propostas na área de Gerontologia, surgiram também nas décadas de 1970 e 1980. Em 1978 deu início a Sociedade de Geriatria e Gerontologia/SBGG, em 1982 a Associação Nacional de Gerontologia/ANG. Ainda em 1982 acontece pela primeira vez o "Ano Internacional do Idoso" e surge a primeira experiência de um programa educacional voltado para pessoas idosas nos moldes do contexto francês, o NETI⁴⁷.

Em 2005, no "8º Congresso Mundial de Gerontologia" realizado na cidade do Rio de Janeiro, foi apresentado o "Projeto Mundial Cidade Amiga do Idoso", produzido seu relatório posteriormente na sede da OMS em Genebra, na Suíça. O Protocolo de Pesquisa foi implementado em trinta e três⁴⁸ cidades, objetivando proporcionar ambientes

⁴⁷ O NETI é o pioneiro em programas para pessoas idosas no Brasil, no caráter do ensino, pesquisa e extensão. As atividades desenvolvidas no núcleo pautam-se na elaboração, socialização e ampliação dos conhecimentos, reestabelecendo o papel do(a) idoso(a) na sociedade brasileira. Seus projetos têm consonância com as diretrizes do Estatuto do Idoso (Lei Federal n. 10741/2003): "O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem a peculiar condição etária". Como missão o núcleo se propõe a redescobrir, recriar de forma integrada, sistematizar e socializar o conhecimento da Gerontologia, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão para inserir e promover as pessoas da terceira idade, no meio acadêmico e comunitário, como sujeitos em transformação e transformadores (NETI, 2013).

⁴⁸ Aman Jordânia; Cancún México; Dundalk Irlanda; Genebra Suíça; Halifax Canadá; Himeji Japão; Islamabad Paquistão; Istanbul Turquia; Kingston e Montego Bay (em conjunto), Jamaica; La Plata Argentina; Londres Inglaterra; Mayaguez Porto Rico; Melbourne Austrália; Melville Austrália; Cidade do México México; Moscou Federação Russa; Nairobi Quênia; Nova Delhi Índia; Ponce Porto Rico; Portage La Prairie Canadá; Portland Oregon Estados Unidos da América ; Rio de Janeiro Brasil; Região metropolitana do Ruhr Alemanha; Saanich Canadá; San José Costa Rica; Shanghai China; Sherbrooke Canadá; Tóquio Japão; Trípoli Líbano; Tuymazy Federação Russa; Udaipur Índia;

amigáveis às pessoas idosas visando a promoção de um envelhecimento ativo.

No campo da educação, após a criação do NETI, outros programas educacionais surgiram para esta faixa etária nas Instituições de Ensino Superior de Santa Catarina, por exemplo: Universidade da Experiência (Universidade do Sul de Santa Catarina), Faculdade da Maturidade (Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina), Universidade da Vida (Universidade do Vale do Itajaí), Universidade Alternativa (Universidade do Extremo Sul Catarinense), Programa Permanente Vida Ativa (Centro Universitário de Brusque), Programa Unochapecó-Ativa (Universidade Comunitária Regional de Chapecó), entre outros (CACHIONI, 2003 e dados disponibilizados pelo NETI).

Em palestra proferida pela psicóloga Meire Cachioni em 2011 no Auditório da Reitoria na UFSC, explicitou que naquele ano havia 66 cursos de especialização em Gerontologia e áreas afins, além de cursos de graduação em Gerontologia nas seguintes universidades: Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade São Paulo/EACH USP SP, na Universidade Federal de São Carlos/UFSCar e nas Faculdades Adamantinenses Integradas/FAI em São Paulo. E cursos de Pós-Graduação em Gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC SP, criada em 1998, na Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul/PUC RS (desde 2000), na Universidade Católica de Brasília/UCB, na Universidade de Passo Fundo/UPF (desde 2010), na Universidade São Judas Tadeu na cidade de São Paulo/USJT SP e na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (desde 2013).

2.2 QUESTÕES DE GÊNERO

2.2.1 Espaço público e privado

Quando foi um dia, mas eu nunca esqueço, a mãe braba, a mãe muito enérgica, daquelas pessoas mesmo que deuzulivre! pra você ir era só com o tio num lugar senão não ia, ou senão com eles. Aí, quando vi o

Leonel vinha vindo tinha um trio assim de a cavalo, que enxergava assim de loooonge quando vinha vindo. "Aquele sujeito lá ó na marcha", ele tinha uma égua vermelha marchadeira, uma gorda mais linda do mundo, e ele mais lindo do mundo. (ZAÍRA, esposa de Moisés, 2015).

Durante palestra que realizei em São José do Cerrito/SC na IX Conferência Municipal de Assistência Social, um idoso de 90 anos (com chapéu, bombacha e lenço), adentrou no espaço do Centro de Convivência, já tendo eu iniciado minha palestra e se dirigiu ao altar de Nossa Senhora, localizado num canto à minha esquerda. Andando a passos lentos em minha frente e do projetor, parou em frente ao altar fazendo reverência aos santos e proferiu em silêncio suas orações. Somente após isso voltou-se para o público que o olhava perplexo - talvez pela falta de decoro no evento -, procurou uma cadeira para sentar, passou novamente por mim cumprimentando-me cordialmente e sem maiores formalidades.

Esse acontecimento tem um valor peculiar, o espaço da palestra foi o Centro de Convivência, onde toda semana as pessoas idosas se reúnem para o encontro delas. Em dia e horário específico, este espaço lhes pertence, é onde rezam, dançam, trocam conversas, jogam bingo, sociabilizam entre si, nada mais comum então, adentrarem no "seu espaço" do modo como sempre entraram e agiram, independente do que estivesse acontecendo.

O "lugar-espaço" do Centro de Convivência da localidade de São José do Cerrito/SC atua de modo abrigar uma série de pluralidades distintas de usos deste espaço, atendendo às atividades voltadas para crianças e pessoas idosas em dias e horários programados, além de eventos específicos, como alguns encontros especiais, ou no caso aqui, uma conferência, o que evidencia ao que Michel de Certeau sugere: o "espaço é um lugar praticado" e, portanto, não é só físico, é também simbólico, produzido pelas operações que o orientam, que o temporalizam. Segundo o mesmo autor (1998, p.201):

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência [...] os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar 'próprio' e distinto que o define. Um

lugar é portanto uma configuração instantânea de posições.

O 'lugar' em si é determinado por práticas, valores morais, conjuntos de regras e leis que a regem. Ele não é dado *a priori*, só existe quando 'aprisionado' dentro desta ordem, numa dada temporalidade. Os diferentes usos de um lugar, pode configurá-lo enquanto ordem específica, mas pode existir outros usos que irão desafiar esta mesma ordem. O nonagenário que adentrou o espaço (entendido como sendo *dele*), "transgrediu" a ordem vigente do espaço naquele momento, agindo numa temporalidade distinta da que os demais estavam submetidos.

Os diferentes usos do lugar, atendem também às especificidades de gênero. O modo como homens e mulheres cerritenses ocupam esse espaço, é, muitas vezes, o mesmo modo como ocuparam e ocupam outros espaços privados e públicos, ou seja, com funções e papéis específicos. Em conformidade com Locks (1998) em sua pesquisa nesta mesma localidade, observa que:

na ocupação dos espaços, a casa continua ser o lugar do trabalho da mulher e filhas e a lavoura o lugar preponderante do homem e filhos. Mas essa divisão se dá unilateralmente, porque a mulher, ao mesmo tempo que se ocupa com os trabalhos domésticos, "*pega junto na lavoura*" e em atividades cuja natureza seriam consideradas exclusivamente do homem, como por exemplo, lavrar a terra. (LOCKS, 1998, p. 117).

O mesmo autor, porém, ressalta que "malgrado todas as dificuldades existentes, a 'mulher agricultora' em São José do Cerrito/SC, hoje vem conquistando estatuto de cidadania" (LOCKS, 1998, p.117). E essa cidadania pode ser percebida também na participação delas no Grupo de Idosos, enquanto espaço de maior participação das mulheres, especialmente àquelas engajadas em várias outras atividades da comunidade.

Enquanto localidade essencialmente agrícola, as relações de gênero no Cerrito estão imbricadas nas relações do trabalho na agricultura. De acordo com Grandi in Paulilo & Schmidt (2003, p.40) no contexto da agricultura familiar de Santa Catarina, "a divisão do trabalho é feita sob a orientação do chefe da família, o pai que, configurando-o como o administrador da propriedade, dá à organização familiar seu caráter extremamente patriarcal". Em nota de rodapé, Grandi demonstra que a mulher também tem participação na

administração interna da propriedade, mas mesmo essa participação não acontece a respeito dos assuntos que se relacionam com o público externo. Esse fato pode ser percebido no contexto de minha pesquisa, através da fala da secretária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais:

As pessoas não têm documentação né, principalmente a mulher, às vezes moram a vida inteira na lavoura trabalhando, quando chega na hora de se aposentar, faz um bloco de notas de duas ou três anos ... e hoje tem que ter 15 anos de contribuição da mulher pra ter direito a aposentadoria [...] os homens talvez são machistas, a mulher ficou lá trabalhando, às vezes ela não tem nem informação! Tem casos de acontecer de falecer o esposo, a mulher não sabia como é que pagava uma conta no mercado! Porque ela nunca vinha fazer esse tipo de coisa na cidade. (BERENICE, 2015).

Berenice incrédula continua: "eu achava que não tinha mais disso e tem ... tem uma minoria que às vezes os filhos vem e ajudam e como tem casos também assim do homem, mas geralmente é mais as mulheres que ficam lá na agricultura trabalhando ...".

No entanto, é preciso relativizar os discursos, uma vez que de acordo com o diário de campo, na fala do atendente do Banco do Brasil, a média diária de pessoas idosas que vão até ao banco são em torno de 50 e a maioria são mulheres das localidades do interior.

Grandi (2003) em sua pesquisa entre famílias agricultoras associadas às miniusinas de leite no estado de Santa Catarina, demonstra que mesmo em relação ao uso da tecnologia no campo,

o trabalho do homem é frequentemente definido como técnico e trabalho técnico é visto como trabalho de homem. Já o trabalho da mulher é frequentemente definido como não técnico e trabalho não técnico é visto como trabalho de mulher [...] a falta de conhecimento e treinamento faz com que as mulheres fiquem com as tarefas de menor prestígio e importância, sendo sempre excluídas, portanto, do trabalho que requer tecnologia. (GRANDI in PAULILO & SCHMIDT, 2003, p. 41).

O público que Berenice atende no Sindicato se encontra na faixa etária entre os 55 e 60 anos, em busca pelos direitos da aposentadoria, mas é oportuno ressaltar que à medida que a idade

avança para outras casas dos 70, 80 e 90 anos em diante, as relações de gênero até então experimentadas se arrefecem um pouco, especialmente no poder no relacionamento marido-mulher, que segundo Negreiros (2004, p.82):

às vezes se inverte durante o envelhecimento do casal. Ao se aposentar - voltar para os aposentos - o homem perde a função de provedor, líder (senão único, principal) da esfera pública. Passa a ficar, então, inseguro diante da mulher, acostumada a múltiplos papéis fora e dentro do lar.

Moisés, seis anos mais velho que sua esposa, demonstra em vários momentos da entrevista e de nossa convivência, sua velhice vinculada à velhice de sua esposa, seus cuidados e esmero, "Moisés estava orgulhoso de sua esposa, tanto nas fotos, quanto ali, enquanto ela mostrava os retratos. Moisés teve problemas sérios de próstata. Zaíra está "curando" ele com "emplastro" de argila" (DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Outro trecho relevante na constatação da inserção do homem nos espaços de cuidado doméstico, se encontra na fala da enfermeira Carmela sobre seus pais:

minha mãe usa oxigênio ... a gente é bem unido assim, a família ajuda muito sabe. Não só eu. A gente se reúne pra cuidar dela sabe. Eu vou lá todo dia, se eu não vou no dia eu ligo né, não vai eu, vai outra pessoa. Todo dia a gente se troca, ó, hoje eu não vou [...] o pai é vivo sim, ele ajuda. Ele é o que mais cuida, porque mesmo tendo uma pessoa que cuida, a noite é ele que fica né. O oxigênio tem que está sempre cuidando. (CARMELA, 2015).

Concomitante aos novos papéis do homem no âmbito doméstico, verifica-se "um significativo movimento das mulheres mais velhas, nesta geração - viagens, lazer, participação política nas comunidades e outras atividades na direção do espaço doméstico para o espaço público" (Negreiros, 2004, p. 83). As mulheres idosas cerritenses, pelo menos as do contexto da pesquisa, atestam o que diz Negreiros, participam ativamente nos grupos da terceira idade, vinculados ao Grupo de Idosos e de artesanato no CRAS, às pastorais da saúde, família, criança e do idoso. Diferenciações de papéis de gênero estão arraigadas entre os cerritentes também em função dos costumes de seus ancestrais,

O espaço doméstico é, assim, (re)construído como o território feminino. A partir dessa divisão do trabalho, as questões relacionadas à gestão da propriedade são atribuídas ao homem, não sendo um espaço de ‘competência’ feminina [...] em regiões de colonização alemã e italiana a sucessão da terra obedece ao princípio do trabalho no qual somente quem trabalha na terra tem direito a ela. Buscava-se dar aos filhos homens, sobretudo ao herdeiro, um lote de terra para manter família e às mulheres um dote e um enxoval, já que, com o casamento, passaria a fazer parte do grupo familiar do marido, sendo ele o responsável pelo seu sustento e dos seus filhos. Além da obrigação do marido em ser o responsável pela família, desobrigando a herança para as mulheres, o trabalho realizado na propriedade, considerado “ajuda”, não legitimava, sequer para elas mesmas, o recebimento de parcela da herança, reforçando as formas tradicionais de organização das famílias e a dependência em relação aos homens (pai, marido, ou filho). (STROPASOLAS in SCOTT, 2010, p.173 e 190).

Sendo o Cerrito/SC de colonização alemã e italiana, tal qual a citação de Stropasolas no Oeste Catarinense, há uma divisão do trabalho mais definida para homens e mulheres, mas gradualmente tem se modificado a partir da:

abertura política dos anos 70 e 80 que representou a possibilidade de inserção das mulheres e de apresentar sua pauta de reivindicações. A posição da Igreja Católica quando da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) – a maior parte do clero – foi favorável à reivindicação de direitos e de organização da sociedade civil. Se anteriormente o púlpito de igrejas e templos foi cúmplice da subalternidade feminina, neste momento ocorre o contrário. São os religiosos quem incentivam as mulheres a ter papel ativo na propriedade, a sindicalizar-se, a documentar-se e a participar dos movimentos. (RENK ET. AL. in SCOTT, 2010, p.376).

A pesquisa das autoras se refere às mudanças socioculturais ocorridas nas relações de gênero e intergeracionais no universo camponês e familiar no Oeste Catarinense, mas que é muito próximo da realidade no Cerrito. Tanto no aparato político institucional, já que o Grupo de Idosos no Centro de Convivência vincula-se à Assistência Social do município, como também à instituição religiosa, via Igreja Católica. As mulheres, não só idosas, são incentivadas a participar das atividades sociais da comunidade, como a Pastoral da Saúde e da Pessoa Idosa (ainda em andamento), conforme notas do diário de campo sobre a participação na Capacitação ministrada:

Ao todo compareceram 18 (dezoito) pessoas, sendo 16 (dezesseis) mulheres das seguintes instituições: Centro de Referência em Assistência Social/CRAS, Pastoral da Pessoa Idosa⁴⁹, Centro de Convivência, Assistência Social da Prefeitura, Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte, Posto de Saúde e D. Zena que participou na condição vinculada à Saúde Alternativa, já que trabalha com manipulação de ervas e os dois homens, o padre e o outro do Sindicato dos Trabalhadores. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

A sociabilidade feminina é apontada em várias pesquisas, geralmente vinculada a um maior desprendimento da mulher, reforçado pela sua maior expectativa de vida, participação majoritária nos grupos de convivência e terceira idade e a sua desinibição. Enquanto os homens, de acordo com Simões (2007), Birman (2009) e Debert (1994, 1999 e 2009), explicitam que eles se aproximam mais do que está relacionado às questões do trabalho como sindicatos e movimentos de aposentados. Goldenberg (2011, p. 9) corrobora nesta premissa atestando que: "o homem, quando se aposenta, perde uma das principais fontes de construção e valorização da identidade masculina: o trabalho".

⁴⁹ Formalmente ainda não existe esta Pastoral, já que a CNBB não liberou as verbas necessárias - segundo o Pe. Lindomar - mas o grupo, participante da Pastoral da Saúde, atua com muitos idosos doentes, especialmente fazendo visitas domiciliares. Futuramente esperam implantar a Pastoral da Pessoa Idosa, já que hoje, se há alguma necessidade para as pessoas idosas, o grupo, liderado pelo Pe. Lindomar, se utiliza das verbas da Pastoral da Saúde e da Família, mas na capacitação o grupo se identificou como sendo da Pastoral da Pessoa Idosa. (Trechos do Diário de Campo. 29.04.2015)

Magalhães (1989) acrescenta um desajustamento masculino sofrido dentro e fora de casa. O primeiro por não ter sido preparado para o serviço doméstico e o segundo pela ruptura da aposentadoria. O homem idoso vê-se, assim, despojado de sua masculinidade, seja pela perda gradual da identidade de chefe no trabalho, chefe de família e de sua virilidade.

No contexto rural, a compreensão das relações de gênero perpassa ainda por outros aspectos em função das atividades no campo:

Os processos que afetam as relações de gênero, de geração e de família em contextos rurais exigem uma atenção específica que permita desvendar a vivência de uma ruralidade cada vez mais emaranhada em complexas teias de poder e de significação. (...) Na continuidade e descontinuidade de envolvimento em atividades no campo, a atenção de pesquisadores tem se voltado aos jovens, aos idosos e aos próprios adultos que enfrentam a reordenação das relações familiares, associadas à organização de atividades de produção, de consumo, de comercialização, de sucessão e de direitos. (SCOTT et. al., 2010 p.15).

Essas atividades de produção na comunidade rural⁵⁰, podem ser percebidas do ponto de vista do trabalho feminino através da noção de "ajuda". Em pesquisa no município de Quilombo em Chapecó/SC, a socióloga Karolyna Marin Herrera considera que "o trabalho realizado pelas mulheres nas lavouras não é visível, e quando constatado geralmente é visto como uma 'ajuda' ao marido ou como parte das atividades domésticas" (Herrera, 2015,p.22). Ou ainda na pesquisa realizada em 2016 por Flavia Soares Ramos a respeito das agricultoras da Região da Grande Florianópolis:

justamente nestes locais onde é mais nitidamente estabelecida a ideia de que as mulheres "ajudam", os estudos ressaltam nuances de significados que

⁵⁰ Uma comunidade rural se constitui num espaço de sociabilidades intrincadas pelas representações feitas ao ser rural. O agricultor – enquanto categoria profissional – é suplantado pelo colono – categoria identitária. Nesse caso os moradores reproduzem um envolvimento histórico em torno da comunidade e de sua própria existência. Em geral o tornar-se colono envolveu, para a maioria, a migração e o estabelecimento de laços sociais na e para a comunidade. (KUMMER, 2013 p.16).

contestam qualquer ideia simples de “conformismo” ou de “complacência”. Descobrem espaços de agência feminina, entremeados nas práticas observadas; repensam a ajuda em termos de “complementação”; mostram uma pluriatividade que confere uma valorização a fontes diversificadas nas quais a contribuição feminina é fundamental; revelam mulheres que assumem plenamente as tarefas e que não podem ser concebidas como simplesmente “ajudando” [...] mostram como o envolvimento em associações e movimentos ascende uma consciência sobre o poder de atuação política delas, individual e coletivamente. (RAMOS, 2016, p.24).

Herrera (2015) e Ramos (2016) corroboram com Scott (2010) quando esta atesta que: "a noção da compreensão do trabalho feminino na roça e em atividades de auferir renda e recursos para sustento como “ajuda” persiste, sendo mais acentuada em contextos nos quais predomina a agricultura familiar". (SCOTT et. al., 2010 p.23).

Faço a ressalva que a pesquisa que se apresenta não teve como foco a agricultura familiar, no entanto compreender os papéis de gênero neste contexto, perpassa pelo trabalho na 'roça' exercido tanto pelo homem, quanto pela mulher, com algumas atribuições específicas a cada um, bem como a relação das velhices masculina e feminina com a terra e o plantio, em outras palavras, a "ambiência", noção que Bestetti (2014) cunhou para "o efeito moral que o meio físico induz no comportamento dos indivíduos (...) o encontro dos sujeitos com as condições físicas do lugar" (Bestetti, 2014, p.602). E esse encontro dos sujeitos (homens e mulheres) com o lugar, o seu lugar, requer um outro conceito nas relações de gênero, o de cuidado.

2.2.2 O cuidado de si e do outro

Nestas divisões sociais do trabalho vistas no subcapítulo anterior, vinculadas aos costumes étnicos, às práticas dos modelos patriarcais da cultura serrana, mas que não são tão estanques assim, uma vez moldadas por outros costumes e práticas adquiridas e moldadas e, como visto, ao próprio envelhecimento que descaracteriza um pouco esses papéis enrijecidos, a noção de cuidado adquire um caráter proeminente, especialmente nas velhices masculinas e femininas.

Pensar no cuidado vinculado às questões do envelhecimento, faz-nos pensar num primeiro momento ao cuidado às pessoas idosas fragilizadas. Ao longo da história, o cuidado parece ter sido um desígnio da família e, mais especificamente, das mulheres. Neste sentido, o historiador inglês Peter Burke (2014) em seu vídeo no Café Filosófico, indaga:

Quem cuidou das crianças, dos doentes, dos velhos e dos pobres ao longo da história? Em primeiro lugar, o centro do cuidado tradicional sempre foi a família, mais ou menos extensa, se pensarmos nos parentes: tios, primos, avós ou mesmo só em pai, mãe e filho. Geralmente também, este cuidado tem sido mais praticado pela mulher. (BURKE, 2014. Transcrição nossa).

Nas relações sociais de gênero no íterim das famílias, principalmente no que diz respeito às famílias agricultoras, o papel da mulher, de acordo com Herrera (2015, p.19) é "relativo aos cuidados domésticos circunscritos à esfera privada, enquanto ao homem cabia a responsabilidade do trabalho produtivo da agricultura e a representação da família na esfera pública". Num segundo momento, ampliando a análise do cuidado, inserimos no debate, ainda de acordo com Herrera (2015), que o cuidado na esfera doméstica concerne ainda ao cuidado e preparo dos alimentos. São elas, as mulheres

responsáveis por produzir e preparar a maioria dos alimentos consumidos por suas famílias. Esta preocupação com a alimentação saudável está relacionada ao cuidado com a saúde e a manutenção biológica dos membros da família, que, por sua vez, está diretamente vinculada ao modo como os alimentos são produzidos, refletindo na produção sem o uso de agrotóxico (HERRERA, 2015, p.23).

Mas, se o cuidado da segurança alimentar no preparo dos alimentos para consumo é uma atribuição feminina, o cuidado com seu plantio é também uma preocupação masculina. Em entrevista realizada durante trabalho de campo com idosos agricultores, ambos ressaltam sua repulsa em relação ao uso de agrotóxico e o papel ocupado por suas esposas:

eu planto a minha roça, pessoal todo mundo usa veneno né, põe aqueles banho de veneno pra passar o pasto e vir a planta. Eu não! meu

terreno enquanto eu for vivo, não vai ter veneno, porque eu não vou comer algo contaminado, nem minha mulher, nem meus filhos, nem meus netos, bisnetos, aí depois que eu morrer, aí não sei [...] por exemplo, o equitare de terra que eu vou plantar milho, se for passar veneno, 2h vai lá com o trator e banha tudo, mata mata e eu vou limpando com aquela carpindeirinha que eu tenho ali com o cavalo né, 10, 15 dias, uma semana pra limpar. (JÓ, 2015).

É... nós [ele e a esposa] temos um negócio bom, vamos dizer, só questão que nós não estamos acertando muito em termo de produção, esse é um lado, um pouco por assistência técnica, que o nosso .. nós trabalhamos com agroecológico com a uva orgânica. (JONAS, 2015).

O cuidado evidenciado por Jó e Jonas transcende às suas individualidades do cuidado de si, numa nítida preocupação com todos àqueles que irão se beneficiar de seus produtos. Especialmente nesta localidade em que, de acordo com Locks (1998, p. 11), "em São José do Cerrito o elemento de unidade e coesão da comunidade rural se manifesta nos laços de parentesco, nas relações de vizinhança, de compadrio e na identificação religiosa".

Foucault em seu texto: "A ética do cuidado de si como prática da liberdade" (2004), traça um panorama histórico do cuidado a partir da concepção grega de que "o cuidado de si é ético em si mesmo". Essa concepção foi modificada em parte pelo cristianismo, pois ao mesmo tempo em que a salvação se realizava pela renúncia de si mesmo, a busca por essa salvação também é uma maneira de cuidar de si. Foucault acredita que aquele que cuidasse adequadamente de si mesmo era capaz de se conduzir adequadamente em relação aos outros e para os outros. (Foucault, 2004)⁵¹. Ocupar-se do cuidado de si implica, de acordo com Foucault (2004) em

relações complexas com os outros [...] já que o cuidado de si permite ocupar a cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o

⁵¹ Fonte: Vocabulário Político. Luiz Fuganti. Foucault - "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". Disponível em:< <http://escolanomade.org/2016/02/19/a-etica-do-cuidado-de-si-como-pratica-da-liberdade/>>. Acesso em 01 de setembro de 2016.

lugar conveniente para exercer ou manter relações de amizade. Além disso, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. (FOUCAULT, 2004, s/p).

Essa citação remete a uma ideia de cuidado que extrapola o ambiente familiar para as sociabilidades vividas na comunidade, as relações de vizinhança e compadrio, citada por Locks (1998). Manter as relações de amizade, de cuidado com o outro, seja os vizinhos próximos, parentes, amigos, companheiros de grupo é preservar também o cuidado de si, evitar a depressão, o isolamento. Indagado sobre o que mais gostava de fazer, Marcos, pertencente ao Grupo de Idosos, foi peremptório em sua resposta: "vir aqui no encontro, já estou pensando agora em ir lá no dia 10 no encontro do "interior"!

A noção de cuidado para a compreensão das relações de gênero no Cerrito e para o ideário masculino de velhice nesta localidade, se justifica por sua abrangência em várias esferas do cuidado. Optar pelo não uso de agrotóxicos é ao mesmo tempo um cuidado de si mesmo, de sua esposa, netos, bisnetos, dos que irão usufruir dos produtos e da própria terra. Cuidar de si é, antes de qualquer coisa, garantir sua saúde: "(...) estou aqui, eu tenho que me cuidar... com o frio, a umidade, o veneno ... e poeira. E eu nunca fumei, por isso melhorei" (JONAS, 2015).

Cuidar de si é garantir o protagonismo e a independência, como forma de garantir o protagonismo e a independência do outro, pois de acordo com Jó: "(...) porque nós tivemos comentando uma coisa com a Eloá, enquanto ela puder, nós dando conta aqui de dentro e eu dando conta lá de fora, tamo indo agora quando um não poder mais, quando o outro tiver que ajudar, daí não sei como é que fica"(JÓ, 2015).

O cuidado, de acordo com Larrosa (s/ano) tem sua etimologia em espanhol,

atender a algo o a alguien significa tratarlo bien, cuidarlo, estar atento a lo que le gusta, a lo que necesita, a lo que le hace sentirse bien [...] El cuidado se da en un entre, es algo que se da entre las personas, entre los lenguajes, entre los cuerpos, entre los lugares, entre los saberes [...] Y cuidar es lo contrario de descuidar, de esa actitud que implica indiferencia y, sobre todo, indiferencia. (LARROSA, s/ano, pgs. 9-10).

O tratar bem, fazer o que o outro gosta, foi percebido não só entre Jó e Eloá, mas com outros casais como Moisés e Zaíra, Ezequiel e

Zilá, Jonas e Jane. O cuidado mútuo permite vivenciarem suas velhices com maior qualidade de vida, permitindo que um se apóie no outro quando, em muitos casos, seus filhos não estão lá.

A complexidade das relações de gênero no meio rural, reside em que nem sempre é possível definir um posicionamento de atuação dos papéis como sendo fixos ou imutáveis. O cuidado muitas vezes sobrepõe às diferenças de relações de gênero arraigadas pela historicidade da região onde predomina a submissão da mulher. O protagonismo feminino nos grupos da comunidade contrapõe ao isolamento maior do homem, que nem sempre está disposto a lidar com a perda da virilidade, com a aposentadoria e outras perdas possíveis, inerentes ao declínio biológico.

2.2.3 "Aceita esta dança?": corporalidades em um grupo de idosos

O corpo surge como temática central, à medida que a (in)dependência e autonomia refletem a inserção dos indivíduos na sociedade. Barros (2011) demonstra a expansão desta temática vinculada em vários espaços:

O corpo, as emoções, o comportamento, a responsabilidade do cuidado sobre si mesmo, a solidão são alguns dos temas presentes em diferentes espaços nos quais a questão da velhice é tratada: na mídia, nos discursos terapêuticos, nas conversas sociais, nos ambientes de cuidado com o corpo, como as academias de ginástica e os salões de beleza. (BARROS in GOLDENBERG, 2011, p.46).

E se a velhice é um *estar-sendo* no mundo, o corpo é o seu veículo, conforme Merleau-Ponty (1994, p. 205):

(...) é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço (...) A experiência do ser imanente que é o corpo, do estar das coisas no mundo. Sendo o espaço a condição existencial do corpo, a criação pelo ato corporal traz consigo a transformação do próprio espaço.

Sobretudo, o corpo é uma construção sociocultural dos papéis atribuídos aos homens e às mulheres durante suas vidas. O corpo é o

instrumento, a linguagem de conhecimento com o mundo, com os outros e consigo próprio.

Em uma pesquisa realizada com pessoas idosas do Núcleo Experimental de Tábuas, distrito de Nova Aparecida em Campinas/SP, sobre musicalidade e movimento corporal, Patrocínio (2010) ressalta que pessoas adultas e idosas podem possuir muita vergonha de seu corpo para colocá-lo em movimento e que por isso "é importante fazer com que se percebam e que existe beleza e capacidade em seus movimentos". (PATROCÍNIO, 2010, p. 41).

E para que o movimento flua é necessário antes da dança a consciência corporal, seus limites e possibilidades. Os "movimentos corporais atuam como linguagem para comunicar necessidades e sentimentos". (LINDNER; ROSSINI, 2013, p.19).

Este sub-capítulo se insere ao que Vincent Caradec (in Goldenberg, 2011) sugere, que os aspectos corporais da velhice e do envelhecimento - raramente apreendidos como tais pela sociologia do corpo - dependem igualmente de fatores internos e externos ao indivíduo. Estes últimos entendidos como "entornos sociais".

Durante a pesquisa de campo, participei em quatro encontros no Grupo de Idosos Conviver, sendo que o primeiro foi o único que não teve dança, por ser período da quaresma. A dança é um dos elementos mais atrativos de participação:

A tarde estávamos no Centro de Convivência às 13:15h e a música gaúcha já estava "tocando aos quatro ventos", enquanto as pessoas idosas iam chegando e alguns já dançando, especialmente as mulheres. A maioria ao chegar, antes de dançar iam até o altar rezar para Nossa Senhora [...] A dança é um momento de grande descontração deles e delas, mesmo os que só observam, escutam a música. As mulheres estavam trajadas com roupas muito coloridas, geralmente com estampas, tecidos leves, crochês, pois também era quente e sapatilhas que permitissem dançar. Algumas com vários adereços como pulseiras, brincos, anéis. Neste dia, contei 40 mulheres e 18 homens, muito mais do que os encontros durante a Semana Santa que não havia dança. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015).

Imagem 6 - A Dança (I).



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

A imagem revela na leveza e no colorido do tecido em movimento uma certa "faceirice", termo cunhado por Motta (1998) como forma particular de uma identidade feminina. Esta identidade pode ser percebida por um lado como coletiva, por ser construída através e entre as relações, visto haver proximidades das representações simbólicas e culturais que fazem sentido para elas e para eles (já que há homens no grupo) e, individuais, por pertencer a um *ethos* particular de cada mulher. A beleza, não mais representada pelas curvas de um corpo de outrora, se dá pela escolha das estampas e tecidos, em um reconhecimento da feminilidade e talvez, de negação do próprio corpo que envelhece.

Imagem 7 - A Dança (II).



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

Os cabelos compridos e brancos anunciados na imagem 2, estabelecem um parâmetro contraditório, por um lado, a de que o grisalho indicaria uma redução da vaidade ou o "branco cuidado torna-se uma alternativa à paleta de cores da tintura capilar".(Casotti;Campos in Goldenberg, 2011, p.121). O deixar o cabelo branco e comprido desafia a regra social, pode ser percebido também como reconhecimento e aceitação da velhice.

A velhice é anunciada de acordo com Barros (in Goldenberg, 2011), por um lado quando uma parte do corpo anuncia sinais de envelhecimento, como as rugas e uma menor disposição para as atividades, por outro lado, a institucionalização do ciclo de vida é baseada em referências cronológicas "definida basicamente pelo sexo, dia, mês e ano de nascimento e pela definição do vínculo parental que constam de nossos registros civis". (BARROS in GOLDENBERG, 2011, p.50).

No entanto, enquanto os sinais do corpo e as referências cronológicas anunciam a chegada da velhice, as fronteiras de participação do indivíduo na cultura é determinada pela morte social, aquela que retira do indivíduo sua autonomia e sua independência, afinal os indivíduos devem participar ativamente de sua cultura, sob pena de serem esquecidos por ela. Neste sentido, vários(as) autores(as) demonstram a importância das sociabilidades nos grupos sociais que possibilitam ainda, de acordo com Barros (in Goldenberg, 2011, p.55), o

desencadear da memória, considerando a memória como resultado de interações sociais em contextos sociais específicos.

Nos trechos do diário de campo e nas imagens 1 e 2, é perceptível a leveza e o colorido das roupas nos pares de dança femininos, embora alguns homens também se arrisquem a dançar. A dança é, antes de tudo uma possibilidade de um *estar-sendo* do corpo, e de fato, uma das atividades mais esperadas do grupo, seja por seu aspecto de afetividade, descontração e pausa de suas atividades no trabalho, especialmente do trabalho rural, considerando que o *ethos* do trabalho é fortemente marcante na construção da identidade do povo da região serrana.

A importância que se dá ao corpo, seja através do uso ou não uso dos cabelos brancos, das roupas leves e coloridas, dos adereços, do movimento durante a dança, é um desafio contra a invisibilidade dos corpos femininos e também masculinos, visto que eles, embaixo de seus chapéus, bota e bombacha, também cumprem as atividades propostas pelo grupo.

Ao trazer atenção para o espaço de convívio no Grupo de Idosos no Karú, ressalta-se a importância deste, como possibilidade de criar e ressignificar o corpo considerado como velho e as próprias definições cronológicas que determinam o envelhecimento. As marcas do tempo inscritas nos corpos e nas suas idades são vencidas pelas sociabilidades, pela rotina de convívio entre as pessoas idosas e os profissionais envolvidos, bem como as atividades de reza, de jogos, de lanches comunitários e, especialmente de dança, distinguem e demarcam essas experiências, cumprindo a função de definir outras identidades e corporalidades das velhices que não as estereotipadas de declínio.

Algumas atividades se apresentam como escolhas do próprio grupo de pessoas que participam, seja por optar não ter dança na quaresma ou visitar outros grupos das localidades do "interior", mas acima de tudo sugerem lacunas de que este grupo enquanto singularidade procura outro devir velhice. Neste sentido, destaco a dança que ora se apresenta, como um contraponto às práticas de cunho religioso, mas que traz enquanto prática não só a manifestação do corpo, mas um ritual que possibilita outras relações afetivas tanto com o espaço, quanto com o outro e que em certo sentido faz pontes com suas experiências enquanto jovem, visto que são descendentes de uma geração em que se "paquerava" ou conhecia o parceiro nas danças organizadas em festas populares.

As atividades do grupo, especialmente a dança conota uma pausa na vida moldada pelo trabalho na agricultura, pelos afazeres domésticos, visto muitas pessoas idosas, mesmo as aposentadas, continuarem nessas atividades. O corpo segue o fluxo da dança e privilegia o movimento em detrimento de um corpo estático. Serve enquanto suporte de significados, para a mulher idosa e para o homem idoso, ainda que estejam representados em papéis sociais distintos vinculados às diferenças de gênero num espaço rural, no grupo se privilegia a evocação do encontro, de uma cumplicidade dessas identidades, de novas formas de envelhecer.

2.3 NOS CORREDORES DA MEMÓRIA

2.3.1 Memórias desta pesquisadora sobre o Karú e uma experiência de velhice

Se o lugar é definido pela memória, mas não há ninguém com memória para trazê-la à superfície, um lugar torna-se um não-lugar? E se houver pessoas com memória, mas ninguém para transmiti-las? São essas memórias invalidadas por não serem comunicadas? Serão elas ainda valiosas para os outros sem uma conexão pessoal? (LIPPARD, 2015).

A partir da década de 1990, quando ficou viúvo, meu avô, o "véinho das balas", como é conhecido até hoje por aquelas paragens do Cerrito, jogou balas e, algumas vezes bananas, pela janela do quarto que fica no segundo andar da residência de seu filho mais velho. As balas jogadas eram destinadas especialmente para as crianças que passavam por lá, geralmente indo ou voltando da escola.

Poderia aparentar que tal atitude, derivava de um velhinho sozinho no seu quarto, talvez acometido por alguma demência, arremessando à esmo balas pela janela. Mas não. O ato em si, parecia mais uma reprodução do seu estilo de vida, ao que Locks (1998) denominou de 'campesinidade', modos que os moradores do Cerrito, especialmente os agricultores - como meu avô - vivenciaram suas relações sociais, permeadas pelo *ethos* do "pixurum", que ainda conforme Locks, é uma troca que ocorre entre as pessoas, entre seus trabalhos (...) ela aparece como uma ajuda, como prestação de serviço, prestação comunitária.

O "pixurum" certamente tem sua origem vinculada ao uso comum da terra e à economia de subsistência, onde inexistia o trabalho mercantilizado. (LOCKS, 1998, p.115). Para este autor, é possível que este *ethos* tenha influenciado, dentre outros fatores, a solidariedade entre os agricultores cerritenses. A hospitalidade nos Campos de Lages é considerada um cartão postal deste povo.

Em minhas lembranças enquanto neta, no sentido de Michael Pollak (1992), os acontecimentos foram/são vividos pessoalmente, mas também "vividos por tabela",

ou seja, vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Acontecimentos que nem sempre a pessoa participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não [...]. (POLLAK, 1992, p. 2).

Vem à tona as lembranças na casa de meus avós, um espaço que sempre fora de hospitalidade e de troca com a vizinhança, compadres e comadres. A afinidade de meu avô pelas crianças faziam-no ter sempre ao seu alcance balas e bolachas para distribuir. Primeiramente em sua casa na cidade de Lages/SC e depois, com a morte de minha avó, a atitude continuou no seu quarto - no Karú e depois em minha casa na Ilha - o quarto, fora sua casa por inteiro. Afinal, de acordo com Oiticica (1986, p.20): "Habitar um recinto é mais do que estar nele, é crescer com ele, é dar significado à casca-ovo; é a volta à proposição da casa-total (...)" Considero aqui casa-total, a casa que anteriormente meu avô residia com minha avó, ampla, com vários quartos, cozinha, sala de estar, banheiro, "paiol"⁵². À "casca-ovo" atribuo aos quartos em que residu após sair da "casa-total", nele havia todos os elementos simbólicos necessários à continuidade de suas atividades diárias, pelo menos as principais, as que garantissem dar sentido à sua vida. Na "casca-ovo" do meu avô sempre estivera ao lado de sua cama, um bidê, o mesmo que ganhara de presente de casamento, de cor clara, madeira rústica que se decompunha cada vez que suas gavetas eram abertas,

⁵² paiol pai.ol (substantivo masculino) 1 Depósito de pólvora e outros explosivos 2 Armazém em que se depositam produtos da lavoura. 3 Tulha de milho ou de outros cereais. 4 *Náut* Compartimento grande, em navios, para arrecadação de bagagens, mercadorias etc. 5 *Reg* (Bahia) Monte de cascalho. 6 *pop* Barriga, estômago. *P. de bater palhas*: cômodo todo fechado, sem janelas, onde se rasgam e batem as palhas da carnaúba para extração do pó que dá a cera.

adquiridas na época das serrarias de Lages/SC. Dentro delas, um retrato de São João Maria e da primeira Igreja do bairro Frei Rogério, onde morou em Lages/SC. Uma carteira antiga com cartas e fotos diversas dos filhos e netos, documentos de identidade e de lavrador, orações de santos de sua preferência. Sacos plásticos amarrados com barbante contendo outros tantos papéis e claro, balas. Quando estava no Karú, fazia parte do seu quarto um guarda-roupa que fazia jogo com o bidê. Esses móveis lhe acompanharam pela vida afora e "se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam". (BOSI, 2003, p.25)

Ao distribuir balas, o objetivo de meu avô parecia ser o de reinventar uma sociabilidade para dar continuidade à sua vida, no sentido da historiadora Cornelia Eckert (2007, p. 173).

É nos diferentes domínios da vida social, nos tempos de interação, nos lugares de sociabilização que focalizo um processo de reinvenção do cotidiano, de recriação dos pontos de referência, que permite reatualizar as práticas sociais e reordenar o tempo coletivo para viver uma continuidade[...] articulados em nome do valor da reciprocidade e dos fins interativos no espaço público e privado.

No sentido de Pierre Nora⁵³ (1993), os objetos estão presentes no “emaranhado do tecido entre história e memória seja no âmbito local, nacional ou internacional” (Brefe, 1999, p.14). E, voltando à Bosi (2003, p.26): "Quanto mais voltados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos, os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, perdem as arestas (...)". Os objetos atuam como consubstanciadores da memória, são portadores dela.

E, de fato, a cabeceira de madeira da cama do meu avô "brilhava" pelo uso contínuo em se apoiar nela para virar-se de um lado

⁵³ Segundo Pierre Nora, o surgimento do verbete "memória coletiva", deve seu surgimento de modo progressivo desde os anos 1970 na aplicação prática em torno dos "elementos do nacional", esmiuçando o mais profundo dos objetos, como o *Panteão*, o *Cemitério Pére Lachaise*. Museus que transmitiam, representavam uma expressão nacional. Esses locais, antes secundários, marginais, coadjuvantes na história passaram a ter um lugar de destaque na História. (BREFE, 1999).

para o outro, sentar quando um visitante chegava ou para ir até a janela jogar balas e ver o movimento.

De todos os elementos dispostos, era a janela que dava para a rua principal da cidade, a que mais sentido fizera naqueles dias dos anos que se passaram. Além dos netos, bisnetos e, porventura, uma ou outra criança que subia até o seu quarto, as crianças da rua logo acostumaram com o "véinho das balas" de bigode e cabelos muito brancos e um chapéu anos 50 que ficava na janela à espera. Em uma das gravações que fizemos com ele sobre os motivos que o levaram a tal ato, uma delas nos chamou a atenção. Dizia ele:

cada pessoa desde pequena já tem uma ideinha. Veja, eu me lembro que joguei balas para as crianças durante 14 anos e ficava observando ... as meninas distribuíam entre si, já os meninos não! os maiores ainda, pegava as que podiam e saíam correndo sem dividir com os outros.

Este breve relato dá início a este subcapítulo, que pretende dialogar entre memória e identidade. Para Portelli (1997, p.17), "cada pessoa é uma amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas".

2.3.2 "Se tivesse um livro, a gente contava": memória dos entrevistados

Nas fotos, os personagens não tem idade, tem tempo. Eternizados no retrato não permanecem estáticos, indiferentes. Ora exumem lembranças, ora refutam sentimentos. Personagens tão distantes e tão próximos vão e vem pelos inevitáveis corredores da memória.(PADRE MALAQUIAS, 2015).

(...) gente do céu, se tivesse um livro, a gente contava (...) tinha que ter um dicionário da vida, a gente contar parece mentira.(ZAÍRA, 2015).

Zaíra estava junto de Moisés, a entrevista era com homens idosos, mas como dissociar a velhice masculina da feminina? Afinal, como historiadores [e pesquisadores] orais, "o respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral". (PORTELLI, 1997, p.16).

O "parecer mentira" mencionado por Zaíra, o que aconteceu em suas vidas, conota de acordo com Halbwachs, a ideia de que

os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revê-los com mais intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. Não os vemos agora como os víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro. (HALBWACHS, 2006, p.30)

Relembrar o que agora lhe "parece mentira" ou é digno de constar em um livro, exalta ainda um caráter de desejo de transcendência, que suas histórias possam constar em um livro. Aliás, a restituição que nós pesquisadores temos compromisso com nossos entrevistados e entrevistadas, de acordo com Portelli (1997, p.31), "consiste em fazer com que sua voz seja ouvida, em levá-la para fora, em pôr fim à sua sensação de isolamento e impotência, em conseguir que seu discurso chegue a outras pessoas e comunidades". Não no sentido de que eles não possuam suas próprias vozes, elas já existem, mas cabe-nos

levá-la para fora da comunidade. Representa a forma específica de restituição ao nosso alcance, como acadêmicos que somos, pois, em nível profissional, temos condições de entrar em contato com editoras e veículos de comunicação em geral. Em vez de nos limitarmos a restituir à comunidade conhecimentos de que já dispõe, e nós os restituímos e os complementamos com conhecimentos nossos, compartilhando-os com aquelas regiões do mundo a que temos condições de chegar. (PORTELLI, 1997, p.31-32).

No momento da entrevista com Moisés, em que Zaíra acompanhava aprovando (ou não) o que seu marido dizia, nutrido possíveis lacunas do dito por ele, histórias eram contadas de forma menos cronológica e mais temática, uma busca nas lembranças do que melhor lhes convinha, uma "memória seletiva", onde nem tudo fica gravado ou ainda no sentido de um "enquadramento", àquilo que a memória autoriza. (POLLAK, 1992).

A memória pode ser acionada por diversos dispositivos, no sentido de Pollak (1989), o "barulho, os cheiros, as cores", as fotos dos parentes de Padre Malaquias e, ainda no caso deste evento em específico, a própria entrevista aciona lembranças diversas. Convidada

para um café na casa de Moisés e de Zaíra, o gravador só foi acionado após uns 15 minutos de conversa inicial, por isso, as falas iniciaram antes da gravação, "nosso papo" já estava consolidado muito antes do gravador e, por assim dizer, quando as perguntas iniciaram os assuntos iam e vinham, conforme iam surgindo na memória. As lembranças de Zaíra alimentavam a de Moisés e vice-versa:

Daí nós fomos numa festa de mastro, lembra Moisés, aquele mastro que usavam, que tinham uns panos, o nome do pano bem nessa que nós se achamos, daí era na casa da minha avó. Minha avó fez a festa de São Sebastião, né que eles faziam, ou era Santo Antônio? ... [Moisés responde à sua esposa: 'eu não sei mais que santo']. (ZAÍRA, 2015).

O passado se incorpora no presente e o presente no passado. Halbwachs (2006, p.29) afirma que "se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente". Acrescenta ainda que,

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva, quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo. (HALBWACHS, 2006, p.41).

Os grupos a que um indivíduo vincula-se durante a vida são muitos, o da família de origem, do trabalho, da família do cônjuge, de sua própria família que vai se constituindo, do sindicato, da igreja, do grupo de idosos, entre outros. Para Halbwachs (2006) a memória conota um sentimento de pertencimento, de coesão com o grupo, por isso, ela é coletiva. Para Pollak (1989; 1992) a memória é mais individual e menos coletiva, atua mais enquanto coerção do que coesão.

Nos trechos que se segue, Jó (2015) busca nas lembranças as histórias do grupo de seus antecedentes, ainda que não estejam mais "materialmente presentes" ou que ele próprio nem "estivesse estado lá". As histórias, de acordo com Pollak (1992) foram "vividias por tabela", "contavam... não sei". Já Moisés (2015) demonstra que o pertencimento

ao grupo de idosos - no sentido de Halbwachs - conota uma certa continuidade às relações sociais de amizade constituídas ao longo da vida, em situações de trabalho, por exemplo, mas Moisés aponta também as rupturas ocorridas no grupo inicial, à medida que àqueles indivíduos de sua geração foram sendo substituídos pela geração mais nova:

os pais da minha mãe eram dali, eram alemão, os tronco velho vieram da Alemanha, daí depois pro Rio Grande do Sul e vieram pra ali. O meu pai nasceu lá em Lagoa Vermelha, lá no Rio Grande, a descendência dele. Daí veio pra cá em guri, já grande. O pai já era descendente de ... sei lá, ele tinha até um sanguinho de bugre, contavam ... não sei ... engraçado ... eram duas famílias, tinha uma família mais velha que eu não cheguei a conhecer os tios, foram lá pra Santa Cecília, lá quem vai pra Curitiba e eles venderam o terreno, que quando eles vieram lá do Rio Grande, os tronco velho, pai do meu pai, eles compraram uma fazenda ali na divisa de Curitiba. Daí esses da família dos mais velhos, tia Teresa casada com os Santos que tem uma família dos Santos aqui, ela casou com o Neco Santos, fazia parte da família mais velha, esses homens e a tia Teresa daí o pai era da segunda família, era ele, o tio Pedro e a Clementina. (JÓ, 2015).

peguei a gostar do Grupo de Idosos e a gente ali pegava muita amizade, coisa que eu tive mais na vida, era isso aí [...] a gente trabalhava sempre junto com o povo, que é como eu te falei, trabalhei com a carreta 3 anos direto na Praça entregando leite e puxando lenha e fazendo mudança e coisa [...] tive 2 mandatos de tesoureiro e 2 mandatos no Sindicato, então ali também trabalha muito junto com o povo, então eu sempre digo graças a Deus, toda vida tive muita amizade [...] eu acho que todas as pessoas que tem amizade frequenta ali (MOISÉS, 2015).
agora, esses dias passado, o piá tava aqui, "pai, você quer ir conversar", sexta-feira na reunião, "não, mas se você vai ...", "eu vou lá levo o senhor, depois vou lá buscar". Então gosto muito,

tenho muitos amigos, só porque agora a maioria é gente nova [...] primeiramente eu tinha muita lida com esse povo mais de idade e agora morreram [...] já foram, então mais eu estou agüentando, mas a gente, graças a Deus é muito respeitado, uma parte de gente nova que tem, vem conversar [...]. (MOISÉS, 2015).

Em sua pesquisa com uma comunidade de mineiros aposentados no interior da França, Eckert (2007) relata que durante a aposentadoria ou quando não mais vinculados aos modos de produção da mina, o tempo vivido e os modos de vida dos moradores daquela região, são ritmados por práticas sociais reinventadas sob formas de sociabilidades diversas. Pode-se atribuir que no caso de Moisés e de outros entrevistados aposentados (ou não) do Karú, o Grupo de Idosos permite recuperar, reinventar a cumplicidade compartilhada vivida durante o trabalho de entrega do leite, da lenha do trabalho na *roça*, conforme fala de Moisés (2015): *fundei o nosso Grupo de Idosos e toda vida acompanhei.*

Para Eckert (2007) observa-se que as atividades recreativas de associações são novas formas de dar eficácia à vida cotidiana, pois

a rotina é o tempo de jogar *pétanque* (bocha), loto, bingo, de comprar um jornal, de um bate-papo informal na praça, do passeio, de ir à feira, de assistir às transmissões da televisão, das festas improvisadas ou marcadas pelo calendário, das atividades recreativas animadas pelas associações ou pela prefeitura. Esses instantes ganham significado e eficácia na vida cotidiana: as pessoas se reconhecem. (ECKERT, 2007, p.194).

E, este reconhecimento é percebido a partir do "valor-trabalho" presente nos discursos e no *devoir* de cada um dos participantes do grupo, mas também entre outros idosos da localidade que não participam do grupo, mas de outras formas de sociabilidade. O trabalho permeia as falas dos entrevistados do Karú, é o alicerce mais ou menos linear nas descontinuidades⁵⁴ de seus discursos em seus roteiros de vida. Outros assuntos vão e vem, de forma aleatória, conforme

⁵⁴ Atribuo ao termo "descontinuidades" neste artigo, o modo de reinventar a vida [ou parte dela] pra melhor vivê-la. Neste sentido, "viver bem" pode ser visto como uma capacidade de reinventar a si mesmo para melhor conviver consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

reordenam, na memória, os valores e referências simbólicas do grupo de pertencimento [...] é justamente nas lembranças das cadências temporais que essas pessoas concebem uma duração e podem falar de emoções e sentimentos que integram suas experiências individuais à memória coletiva do grupo de identidade[...]Esses ritmos pensados e vividos são múltiplos, entrecortados por outros tempos plurais, mas passíveis de um ordenamento temporal ancorado no mundo da mina, como constitutivo de uma comunidade de identidade fundada no "valor-trabalho". (ECKERT, 2007, pgs. 173 e 176).

No caso de minha pesquisa, um ordenamento temporal ancorado no mundo do trabalho na agricultura, enquanto vendedor de leite, etc. Os entrevistados Jó e Gabriel demonstram em suas falas, entrecortadas por outros assuntos, como o tema trabalho atravessa o relato em meio aos lugares, pessoas e acontecimentos diversos:

Não, não me arrependo, porque tudo quanto é lugar que eu vou, graças a Deus, meu dou bem! quando era piaçã assim, que eu trabalhava, saía lá de casa, acho que uns 14, 15 anos, tinha um primo meu que queria que eu fosse trabalhar com ele e coisa, e eu não queria, até que o pai um dia deu ordem e eu fui. E de lá eu não voltei mais pra casa. Fiquei 3 anos lá com esse meu primo, depois saí de lá fui servir o exército no Batalhão, o meu primo não queria que eu saísse da casa dele, de jeito nenhum, queria que eu ficasse morando com ele, como se eu fosse filho dele. Daí saí do exército fui trabalhar no Battistella, a firma grande lá de Lages [...]. (JÓ, 2015).

Trabalho! Sete horas eu estou na rodoviária esperando o jornal, porque às 9h eu entrego o jornal, daí vou pro táxi ou também bato foto eu que faço as fotinhos 3x4 na hora, outros fazem, mas demora, eu faço na hora [...]Eu me aposentei como taxista [...] mais tempo foi em Curitibaanos, 28 anos lá, aqui já faz uns 20 anos, só que daí fizeram o calçadão, desmancharam o meu ponto e não devolveram, agora estou com documentos aí pra levar no fórum lá, era pra ir hoje, mas hoje daí já tava um dia pela metade [...]mas eu tenho o

direito, tenho os alvarás antigo guardado.
(GABRIEL, 2015).

Por mais que a memória dos relatos não siga uma ordem cronológica linear e seja flutuante e mutável, existem, de acordo com Pollak (1992, p.2), "marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis", como por exemplo, as falas relativas ao trabalho.

Em minha pesquisa de conclusão de curso entre os homens idosos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade/NETI/UFSC, constatei que a categoria trabalho permeia a vida daqueles homens, "o desprezo por atividades não ligadas ao trabalho, na concepção oposta ao lazer, voltadas ao entretenimento, é uma característica dos aposentados engajados em sindicatos e associações" (SILVA, 2011, p.106).

E, embora o contexto desta pesquisa da dissertação esteja atrelado a um contexto rural, o trabalho, especialmente o trabalho na *roça*, também permeia as relações e os sentidos que dão a si mesmos, determinando o sentimento de identidade se une à memória do trabalho enquanto valor determinante na constituição do homem do Karú, como um modo de ser no mundo.

Ainda que Pollak (1992) credite a memória de forma mais individual, ele admite que

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual, como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.5).

Para este autor há uma ligação entre memória e o sentimento de identidade "que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros" (Pollak, 1992, p.5). A representação que um indivíduo tem de si mesmo é construída ao longo da vida, de como ele se representa e quer ser representado para os outros.

A memória dos moradores do Karú, pelo menos dos entrevistados, pode ser percebida também do ponto de vista de Halbwachs (2006), pela afinidade do sentimento de pertencimento aos grupos, seja "dos tempos do *pixurum*", em que se reuniam até 400 (quatrocentas) pessoas da comunidade para trabalhar na plantação, ao grupo do sindicato, ao grupo da igreja ou ao Grupo de Idosos do Centro de Convivência, em que as representações de que Pollak se refere,

àquela construída ao longo da vida, é constantemente reafirmada nesses grupos.

Uma vez destituídos dos grupos iniciais de sua árvore genealógica ou do tempo do trabalho quando mais jovens, buscam na adesão às novas redes sociais, aos novos grupos, reordenar seu cotidiano, sem perder de vista a própria representação construída de si mesmo ao longo da vida naquela localidade.

2.4 DA REPRESENTAÇÃO DE SI

O contar uma estória preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro. (PORTELLI, 2004, p.296).

As relações entre o indivíduo e a sociedade, remonta às clássicas discussões nas ciências sociais. Em Marx (1818-1883), o indivíduo não era percebido senão, por meio das relações sociais de produção. Em Durkheim (1858-1917), a sociedade é um organismo exterior e superior aos indivíduos, constituída por normas, leis e regras responsáveis pela formação moral e social dos indivíduos. São estas normas, leis e regras da sociedade que irão determinar a maneira de ser e de agir.

A ação dos indivíduos para Weber (1864-1920) é importante no destino da história, no entanto, a liberdade desses está ameaçada na sociedade capitalista, devido a burocratização. O espaço de ação dos indivíduos é restrito, dado à institucionalização e controle do Estado. Para este autor, a realidade social é caótica e infinitamente diversa e complexa. Weber (2003) considera que ao agir, cada indivíduo orienta sua conduta levando em conta a probabilidade de que o(s) outro(s) agirão socialmente de um modo que corresponda às suas expectativas.

Se as ações dos indivíduos são orientadas em relação ao "outro", ou no sentido de Pollak, a representação de si mesmo construída ao longo da vida se produz em referência aos outros, pode-se dizer que "a construção da identidade se dá de acordo com critérios de aceitabilidade, admissibilidade, credibilidade e, se faz por meio da negociação direta com outros" (Pollak, 1989, p.5). Memória e identidade, para este autor, são constantemente negociadas. Só se constrói uma autoimagem a partir da negociação e da transformação em função dos outros.

Nessa construção da identidade [...], há três elementos essenciais. A unidade física, ou seja, o

sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo. Há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico, moral e psicológico e, por último, o sentimento de coerência, os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. (POLLAK, 1989 p.5).

A unidade física que Pollak se refere, pode dizer respeito tanto à relação de como o indivíduo se relaciona com seu "eu", as questões do *self*, que não serão tratadas aqui, mas também a fronteira onde o "eu" termina e onde começa o "outro", o pertencimento do(s) indivíduo(s) ao(s) grupo(s), tratados em parte nas discussões sobre memória anteriormente.

Borda (2015), Hall (2000) e Mercadante (1998) compactuam com a mesma ideia de que a identidade se constitui pela diferença e exclusão e não fora dela e depende sempre, de acordo com Borda (2015), de uma "marcação" que não é fixa,

nunca somos os mesmos ao longo de nossas vidas, estamos sempre mudando. Ao mesmo tempo, contudo, afirmar a identidade como sendo “aquilo que alguém é” evidencia o traço marcante que associa a identidade a algo estável, fixo e imutável, o que nada mais é do que a forma clássica de se pensar o fenômeno. (BORDA, 2015, pgs.115-116).

Implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que a identidade se dá apenas por meio da relação com o Outro (...). (Hall, 2000, p.110). Esse outro, no caso da pessoa velha, se dá em oposição ao jovem,

a identidade é sempre pensada a partir da relação com o outro, assim sendo a identidade do velho é construída pela oposição à identidade do jovem [...] Sempre se é velho a partir do olhar dos outros. A surpresa que ocorre entre os sujeitos classificados como velhos ocorre pela defasagem que se dá entre o corpo-aparência e a experiência interna da vida. (MERCADANTE, 1998, p. 59 e 61).

Mercadante (1998) explicita a dificuldade dos sujeitos internalizarem um "tempo que passou", e de acarretar um sentimento interno de velhice, de uma nova (ou outra) identidade. Não significa

necessariamente um abandono ou abolição do que "já se foi", mas conforme Hall (2003, p. 105),

uma reconceptualização do "sujeito". É preciso pensá-lo em sua nova posição - deslocada ou descentrada - no interior do paradigma. Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade - ou melhor, a questão da identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação e a política de exclusão que essa subjetivação parece implicar - volta a aparecer. (HALL, 2000, p.105).

A identificação designada por Hall, se dá, segundo ele, "a partir do reconhecimento de alguma origem comum ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas (...)" (Hall, 2000, p. 106). Essa associação ou identificação a grupos sociais mais próximos ou distantes, pequenos ou abrangentes, conforme Ferrigno (2006), "constrói nossa identidade, seja ela de gênero, idade, estudantil, profissional, étnica, religiosa, classe social, nacional, etc. (FERRIGNO, 2006, p.12).

Para este autor, é impossível pensar o indivíduo sem levar em conta o contexto em que vive, os vínculos sociais obtidos ao longo da vida.

A identidade pessoal, àquela que o indivíduo já possui ao nascer e a identidade social por meio dos grupos que ele/ela vai se vinculando é cunhada por Ferrigno como uma identidade psicossocial, uma identidade fronteiriça, uma

área comum entre o indivíduo e o grupo que considera o trabalho individual na elaboração da identidade grupal, revelando, entre outros aspectos, os sentimentos de pertencimento ou de pertença a um determinado grupo, ou seja, determinando a força de nossas relações de associativismo. (FERRIGNO, 2006, p.12) .

As associações e identificações ao longo da história ocidental, se deram, conforme Ferrigno (2006), através da religião, da nacionalidade, da classe social, que caracterizaram nossas identidades. E, se essas instituições, elas próprias imersas num mundo "desencantado" , pelas quais os indivíduos foram (e são) submetidos aos seus discursos e lógicas, as identidades são também cambiantes, plásticas, sem um núcleo estável,

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional [...] esta concepção de identidade não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história. Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, "o mesmo", idêntico a si mesmo ao longo do tempo [...] as identidades não são nunca unificadas, elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas, não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108).

A identidade se dá pelas alianças estratégicas e não pela perspectiva de uma identidade dada. O sujeito é "sujeitado" às suas elaborações internas, subjetivas, aos contextos locais de suas experiências e, às práticas, discursos e lógicas exteriores para além do local, bem como, o intercâmbio entre o local e o global e vice-versa, invocando, uma origem, que de acordo com Hall (2003), reside em um passado histórico com o qual se mantém ainda uma certa correspondência. O sujeito é, de acordo com Michel De Certeau in Duran (2012), construído na linguagem, atravessado por processos, é da ordem da fabricação e do desmanchamento, (re)fabricando-se constantemente, através de todos os arquivos que a sociedade oferece, através da relação com os outros, com as coisas, com os objetos, com a natureza e com o corpo e com todas as formas de linguagem.

Esses recursos da história, linguagem e cultura na produção do que somos ou deveríamos ser, tem a ver, de acordo com Hall (2003, p.109), não com as "questões que 'quem nós somos' ou 'de onde viemos', mas muito mais com as questões 'quem nós podemos nos tornar', 'como nós temos sido representados' e 'como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios'".

A representação do "ser velho" para os homens cerritenses, está de acordo com os(as) autores(as), uma vez que se vincula-se tanto ao *outro* que não se é mais - a criança e o homem jovem que ele foi -, à *outra*, no papel de suas mães, esposas e namoradas (ou quase

namoradas). Há ainda um *outro* que ele ainda vai ser, num futuro incerto que prenuncia um não "poder ser mais o que é",

ah, tem uma coisa que eu queria mostrar pra senhora, vai rir de mim ...[e me entregou seu livro para que eu lesse um trecho]: "Haviam jovens que eu gostava muito, uma delas se chamava Lúcia B., lá de Tapera, íamos juntos à missa e aí eu me aproveitava para me aproximar cada vez mais dela [...] até hoje eu não sei se ela se deu conta do meu amor, só sei que é casada, tem filhos e mora no Paraná. Outra que eu admirava e gostaria de ter casado com ela, era a Maria M., também natural de Tapera. Procurava na casa dos pais dela uva, mas era só uma desculpa, o que eu queria mesmo não eram as uvas [muitos risos], mas o seu amor. Também não deu certo. Hoje é casada com um primo meu. A terceira pretendida era Pierina. O pai tinha um bar e uma cancha de boxa, várias vezes eu passei ao redor da casa, mas nunca tive a coragem de entrar ..." e de falar sobre o assunto e aí morreu o terceiro amor. Ignoro seu paradeiro. Tudo isso faz parte de todo adolescente. E minha vida não podia ter sido diferente, me ajudou a me amadurecer, o amor puro é um dom de Deus. Pra você vê né, não dá pra acreditar! agora a última teve na Itália me mandou uma carta que estive lá onde eu estive. Agora faleceu lá em Brasília. A outra faleceu em um acidente, morreu dois no acidente e a terceira acho que morreu também. Não sobrou nenhuma das três. Respondo: "O senhor ia ser viúvo!"; e ele: 'é verdade! mas eu não escondo nada, está tudo escrito aqui, não preciso esconder, não devo nada pra ninguém, é a coisa mais normal do mundo! (PADRE MALAQUIAS, 2015).

eu penso da velhice o seguinte: por um lado a gente volta a ser criança de novo [...] é porque... como é que eu digo ... tem certas coisas que a gente não pode mais fazer e nem deve fazer, isso pode-se dizer que volta a ser criança! e tem outras coisas que eu agradeço a Deus por poder

ter feito e fiz coisa boa e me sinto muito feliz de ter feito. (JÓ, 2015).

Eu acho que uma vez que a pessoa queira fazer, pela idade não importa, tem coisa que eu acho que assim não precisa, mas muita gente diz: "ah, eu já estou ficando velho" se a pessoa tem saúde ... eu acho até que serve para espárecer sabe como é. (JONAS, 2015).

Não, eu não tenho medo da velhice, tenho medo de eu ficar na mão dos outros! se morrer logo, também não tem importância ... (JONAS, 2015).

pois olha ... eu acho especial, só é como eu digo sempre, é uma barra sofrida, uma barra pesada, pra quem viveu trabalhando, peleando como a gente viveu, pra ver agora ... mas acho muito bacana ainda, muito bacana, a gente se diverte, ainda está andando, está tudo legal ainda, o pior de tudo é que tem muitos próximos que ficam só na cama e coisa ... (MOISÉS, 2015).

Acho que é uma boa etapa também né [risos], bastante saúde, não tem melhor né. (AGEU, 2015).

Eu penso que vai chegar uma hora que a gente não vai poder mais ... (MATEUS, 2015).

digo pra você que a velhice é uma coisa triste, porque eu cuidei da minha mãe na velhice. Ela faleceu com 91 anos. A minha mãe foi muito bem de vida, de saúde até 85 e depois ... foi terrível ... na verdade o povo tá envelhecendo né. (DAVI, 2015).

Os entrevistados demonstram que a fronteira entre o "ser" ou "não ser" velho é atribuída ao que se pode ou não se pode mais fazer, geralmente vincula-se à saúde (ou falta dela). Outras identidades além da velhice, são percebidas, como Padre Malaquias em que prenuncia ter sido um *outro* possível que não padre, mas possivelmente viúvo. Seja como for, em qualquer uma dessas fronteiras, a "idade não importa", como disse Jonas, mas "vai chegar uma hora que a gente não vai poder mais ...", completa Mateus.

A marcação ocidental via normas, leis e regras da sociedade determinam quando inicia a velhice dos indivíduos, no caso do Brasil, aos 60 anos, conforme Estatuto do Idoso de 2003, em seu artigo 1º: "É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos

assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos". Como visto no primeiro capítulo, em 1982 é que foi definido na Áustria, a categoria etária em que os indivíduos seriam considerados idosos. E a partir dessa normativa, independente dos sentimentos de identidade, das subjetividades diversas, dos modos de vida heterogêneos dos sujeitos, suas vinculações foram designados à categoria da velhice, via marcação etária.

E, embora minha crítica recaia justamente nessa demarcação etária que define o "não ser" e o "ser velho" a partir das definições cronológicas, contraditoriamente, um dos meus critérios de escolha dos entrevistados idosos, foi suas idades. Primeiro, porque é essa classificação que os vincula à vida social e normativa, as representações externas que lhes designam a velhice são institucionalizadas e os sujeitos são submetidos a ela, como a aposentadoria, os programas de assistência social, o SUS e todo o aparato estatal em torno desta questão. Segundo, a escolha por homens de 60 anos ou mais, se deu em função de que outra forma de escolha, a partir de outros critérios que não cronológicos, demandaria um tempo maior de estudo e de campo, que pudesse reconhecer de que forma os indivíduos adultos se percebem (ou não) velhos, formas essas desprezadas pelas sociedades orientais que não reconhecem que os indivíduos, de acordo com Debert (2007), podem orientar a dinâmica de suas vidas, não pela idade, mas pelo reconhecimento da capacidade que ele tem em realizar determinadas tarefas. Porém, foi perceptível reconhecer que alguns homens entrevistados de 60 anos ou mais, não se reconhecem na velhice, pois que continuam fazendo as mesmas coisas que faziam há 20 ou 40 anos atrás, especialmente os que ainda lidam com a terra, como Jó, Jonas e Moisés, embora não com a mesma disposição.

Esse fenômeno pode ser percebido do ponto de vista do adiamento ou esticamento da expectativa de vida, em que as faixas etárias vão sendo "empurradas" para mais tarde, condição essa mais perceptível no meio urbano, conforme relatei em minha pesquisa na graduação:

Há um adiamento da idade adulta ou prolongamento da infância e adolescência. Estudos da Psicologia Social apontam a *síndrome da porta giratória*, definida como a tendência entre jovens adultos, entre os 20 aos 40 anos retornarem ao lar dos seus pais, uma vez não conseguirem ter estabelecido sua vida própria, por

questões financeiras ou emocionais⁵⁵. (SILVA, 2011, p. 48).

Além disso, há uma maior intergeracionalidade, em que várias gerações ocupam os mesmos espaços, especialmente no meio urbano. Já no meio rural, não se percebe, necessariamente, esse mesmo fenômeno, visto a maioria dos jovens não ocupam os mesmos espaços rurais de seus pais e avós e migrarem para espaços urbanos. Talvez se possa concluir que a ausência dos pais jovens nas atividades rurais juntos aos seus pais não permite que estes comparem suas velhices à juventude dos seus filhos e netos, pelo menos, não com tanta veemência, pois entre meus entrevistados, a presença de seus filhos(as) e netos(as) não são de forma cotidiana, mas esporádicas: "temos duas bisnetas agora, eles que vem mais visitar, mais do que vamos pra lá, porque a criançada aqui né" (MOISÉS, 2015). No dia-a-dia de suas atividades, geralmente contam com suas esposas em seus afazeres.

A identidade dos homens do Cerrito, conforme isto com Locks (1998) associa-se fortemente ao trabalho na agricultura. Embora Davi atue há mais de 30 anos com o trabalho de homeopatia, fazendo vários cursos de aperfeiçoamento, é como produtor orgânico que ele se identifica:

Não, não, eu sou mesmo pequeno produtor rural orgânico. Homeopatia, eu faço esse serviço mais por ... porque esse negócio de viver com homeopatia ou de massagem, eu tenho que trabalhar pra sobreviver, hoje eu to guardando dia santo né que é o Dia de São Pedro né, senão tava na roça. (DAVI, 2015).

O reconhecimento de se estar na casa da velhice, pode acontecer antes mesmo dos 60 anos, como é o caso de Davi. Ele se coloca no mesmo patamar dos velhos que ainda moram na área rural: "O povo novo está indo pra cidade né ...quem está hoje numa zona rural? está eu velho com 57 anos, os novos quase não tem mais (Davi, 2015). Há aqui um pertencimento geracional, no sentido da unidade geracional de Mannheim (1998), "uma dinâmica em que gerações reais trabalham conjuntamente suas experiências. Essas unidades podem constituir-se em forma de grupos, movimentos, associações, desde que se

⁵⁵ Para maiores detalhes, ver: PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos & FELDMAN, Ruth Duskin "Desenvolvimento Humano" São Paulo: McGraw-Hill, 2009.

identifiquem numa experiência comum" (SILVA, 2011, pgs.54-55)⁵⁶. Davi se sente pertencido àquele grupo que não é o dos jovens.

Jó, de 81 anos, relativiza sua própria idade, demonstrando que não só ele, mas muitos dos nascidos na primeira metade do século XX nos Campos de Lages, tiveram suas idades manipuladas por seus pais, a fim de impedi-los de servir o exército e, assim, ficarem trabalhando no seio da família na agricultura,

A minha idade eu tenho 2 idades [risos]. Eu sou de 1934, o pai não queria que a gente fosse servir o exército, os outros todos ele não deixou ir, mas eu queria ir, daí ele foi lá dizer que eu não era registrado, porque daí se não tivesse registro no cartório, não podia tirar a certidão pra se apresentar no exército. Daí quando eu fui servir, não podia, porque não tinha registro, daí eu tive que me registrar, daí naquele dia não dava, tive que voltar outro dia, aí fiz o registro e fiquei com a data de 1936, dois anos depois que eu nasci. Então eu estou com o registro de 2 anos depois nos meus documentos, mas na verdade eu sou de 1934. (JÓ, 2015).

Mas não é só a classificação etária que determinam as velhices dos homens do Cerrito, também suas vinculações a outros grupos de pertencimento como a religião, a classe social, a nacionalidade.

Em sua pesquisa sobre as relações étnicas e geracionais contemporâneas entre os(as) ditos(as) “descendentes de italianos(as)” na cidade de Toledo, Unidade Federativa Paraná, Carlos Eduardo Bao (2014), demonstra que “as relações identitárias vivenciadas pelos(as) “descendentes de italianos(as)” habitantes na cidade de Toledo não são exclusividade do local (...) pois estão atreladas ao contexto mais amplo das relações “neocoloniais” entre povos ditos “colonizados” e “colonizadores” (BAO, 2014, p.17 e 27).

⁵⁶ Para maiores informações sobre o conceito de geração ver minha pesquisa de conclusão de curso: "Velhices Masculinas: um estudo de experiências sobre envelhecer" (2011) e a dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política/UFSC de Carlos Eduardo Bao: "Fronteiras da 'italianidade': representações entre gerações na cidade de Toledo-Paraná (1990-2014). Florianópolis, 2014.

Como visto no primeiro capítulo desta dissertação, muitos moradores do Cerrito são descendentes de italianos, tal qual os pesquisados de Bao. As relações são permeadas pelo sentimento de pertencimento ao(s) grupo(s) locais, mas não só, também a um projeto maior,

O Estado-Nação, criação da intelectualidade europeia, é a instituição política por meio da qual se dissemina o projeto global de modernização das antigas “colônias europeias” no reconstruído arranjo da dominação internacional (e intercontinental) após a “descolonização”. (BAO, 2014, p.19).

O grupo dos descendentes de italianos do Cerrito, herda e compartilha suas memórias e, por assim dizer, o sentimento de identidade, pela vinculação a uma história mais ampla, à chegada dos italianos originários das colônias do Rio Grande do Sul, no início do século XX na região dos Campos de Lages.

A avó do entrevistado Ezequiel veio de navio da Itália com a família e se instalou primeiramente em Lagoa Vermelha/RS. Depois disso, seu marido foi para a guerra (não se sabe exatamente se foi a do Paraguai) e ficou 6 anos desaparecido, neste meio tempo, a casa de sua avó foi saqueada por bandidos e ela, mais os 3 filhos foram para São José do Cerrito/SC, onde mais tarde juntou-se a eles, o marido, vindo da guerra. Assim contou a irmã de Ezequiel.

A tríade dos valores centrais da identidade étnica: representações de "trabalho", "família" e "religião" percebidas na pesquisa de Bao (2014), são também constantes em minha pesquisa:

sempre gostei de trabalhar lá com o pai ... não tinha problema, podia ficar lá, mas é .. eu ficava trabalhando pra ele! eu queria ganhar meu dinheirinho sabe, fazer a minha vida (JÓ, 2015).

a única coisa que eu digo, a pessoa seguir a religião bem certo e ter fé em Deus e Nossa Senhora e não se envolver com coisa passageira, droga, cigarro, isso é o que eu digo, porque a vida é curta. (MOISÉS, 2015).

Eu tinha arrumado tudo pra ficar, tava tudo certinho, mas tem uma coisa que não serve pra mim: se você passar, por exemplo, você é 3º sargento, passa pra 2º que é um grau a mais, não todos, mas a maioria das vezes, dali uns dias, você recebe um boletim transferindo lá pra outro

batalhão, no Rio de Janeiro, naquele tempo era só Rio de Janeiro, Porto Alegre ... e eu nunca gostei ... sempre fui amoroso pra família, não gostei de ficar longe. (JÓ, 2015).

O que eu digo é isso. Tendo saúde, preguiça não pode ter! Enquanto a gente puder lutar, tem que lutar. Jesus lutou, deu conselho, destratava se fosse preciso, e tava peleando ainda, assim que deve ser a religião. (JONAS, 2015).

Finalizando este subcapítulo e, longe de fechar um conceito da identidade dos homens velhos do Cerrito, pois como visto, estão atreladas a uma complexidade de questões, construídas dentro e fora dos discursos e, conforme Hall (2003, p.109):

produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma "identidade" em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.

As identidades ou identificações associa-se para além dos contextos sociohistóricos visto no primeiro capítulo, mas também aos discursos da ciência, por meio da gerontologia e das discussões de gênero e aos discursos institucionalizados das políticas públicas e projetos globais mais amplos.

2.5 PROJETO DE MODERNIDADE

2.5.1 A instância central do Estado

Conforme já perpassado na introdução, o Estado é a instância central onde são coordenados os mecanismos de controle, como parte de um Projeto de Modernidade, e que, de acordo com Bauman (1999) seus efeitos globais atuam, se mesclam em diferentes formas de saberes, memórias, línguas e histórias locais, onde tais projetos globais foram e são metabolizados. Como parte da proposta desta pesquisa, as políticas

públicas vinculadas diretamente à questão do envelhecimento, a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/1994) e o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003) e as que também de alguma forma normatizam e regem questões que lhe dizem respeito como a Constituição Federal de 1988, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e o Sistema Único de Saúde (SUS) foram considerados enquanto projetos globais, como parte de um Projeto de Modernidade. Mas o que necessariamente seria um Projeto de Modernidade? De acordo com Castro-Goméz (2005):

Em primeiro lugar, e de maneira geral, referimo-nos à tentativa fáustica de submeter a vida inteira ao controle absoluto do homem sob a direção segura do conhecimento [...] O próprio homem que, servindo-se da razão, é capaz de decifrar as leis inerentes à natureza para colocá-las a seu serviço. Está reabilitação do homem caminha de mãos dadas com a idéia do domínio sobre a natureza através da ciência e da técnica [...] quando falamos da modernidade como “projeto”, estamos referindo-nos também, e principalmente, à existência de uma *instância central* a partir da qual são dispensados e coordenados os mecanismos de controle sobre o mundo natural e social, o Estado, entendido como a esfera em que todos os interesses encontrados na sociedade podem chegar a uma “síntese”, isto é, como o *locus* capaz de formular metas coletivas, válidas para todos. Para isso se exige a aplicação estrita de “critérios racionais” que permitam ao Estado canalizar os desejos, os interesses e as emoções dos cidadãos em direção às metas definidas por ele mesmo. (CASTRO-GOMÉZ, 2005, s/p.).

Critérios racionais e de submissão da vida ao controle de uma instância central, é também a concepção de Estado de Weber (1967, 1968) para quem um dos elementos essenciais do Estado, além do território, é o monopólio do uso legítimo da força física,

devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território - que corresponde a um dos elementos essenciais do Estado - reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física [...] O Estado consiste em uma relação de dominação do homem sobre o homem [...] três razões internas que justificam a dominação, existindo

consequentemente, três fundamentos da legitimidade [...] a autoridade do "passado eterno", isto é, dos costumes santificados pela validade imemorial e pelo hábito, enraizados nos homens, de respeitá-lo. Tal é o poder tradicional, que o patriarca ou o senhor de terras, outrora exercia. Em segundo lugar, a autoridade se funda em dons pessoais e extraordinários de um indivíduo (carisma) devoção e confiança estritamente pessoais depositadas em alguém que se singulariza por qualidades prodigiosas, por heroísmo ou por outras qualidades exemplares que dele fazem o chefe. Tal é o "poder carismático", exercido pelo profeta ou no - domínio político - pelo dirigente guerreiro eleito, pelo soberano escolhido, pelo grande demagogo ou pelo dirigente de um partido político. Existe, por fim, a autoridade que se impõe, em razão da "legalidade", em razão da crença na validade de um estatuto legal e de uma competência positiva, fundada em regras racionalmente estabelecidas, ou, a autoridade fundada na obediência, que reconhece obrigações conforme o estatuto estabelecido. (WEBER, 1967-1968, pgs.56 a 58).

O sistema centralizado do Estado e a instauração de uma administração burocrática racional, são instrumentos que possibilitaram levar adiante o Projeto da Modernidade. E essa administração burocrática se legitima sob a forma de leis, normas e regras que, de acordo com Castro-Gómez (2005, s/p),

planeja programas modernizadores, organiza a compreensão do mundo em termos de inclusões e exclusões [...] o projeto fundacional da nação se leva a cabo mediante a implementação de instituições legitimadas pela letra e discursos hegemônicos que regulamentam a conduta dos atores sociais, estabelecendo fronteiras entre uns e outros e lhes transmitem a certeza de existir dentro ou fora dos limites definidos por essa legalidade escriturária. [...] A função jurídico-política das constituições é, precisamente, *inventar a cidadania*, ou seja, criar um campo de identidades homogêneas que tornem viável o projeto moderno da governamentalidade.

A produção das diferenças se consolidou naquilo que se opunha às identidades homogêneas, uma cidadania inventada. O poder sobre a vida passou a exercer-se no adestramento do homem, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, na integração em sistemas de controle eficazes e econômicos e através do suporte e datação dos processos biológicos: nascimento, mortalidade, nível de saúde e longevidade. Este poder denuncia para Foucault um modo que não visa mais matar, mas investir sobre a vida – um Estado que cultivava homens, que cria *cultura*. (BAUMAN, 2006; FOUCAULT, 1982; 1997).

O Projeto de Modernidade se consolidou sob a égide de um Estado uno, que conforme Viveiros de Castro (2016), "o Estado é sempre único, total, um universo em si mesmo. Ainda que existam muitos Estados-nação, cada um é uma encarnação do Estado Universal". (Viveiros de Castro, 2016, s/p). Há uma incompatibilidade entre este Estado Universal e a pluralidade dos povos submetidos a este Estado, uma "discrepância entre o reino da tomada de decisões institucionalizada e o universo no qual os recursos necessários para as decisões e sua aplicação são produzidos, distribuídos, apropriados e utilizados (...)". (BAUMAN, 1999, p.10).

Ao forjar uma cidadania, no caso brasileira, isto é, de acordo com Viveiros de Castro (2016, s/p), cria-se a ideia de "uma pessoa definida, registrada, vigiada, controlada, assistida — em suma, pesada, contada e medida por um Estado-nação territorial, o “Brasil”. Continua o autor:

Ser brasileiro é ser (ou dever-ser) cidadão, em outras palavras, súdito de um Estado soberano, isto é, transcendente. Essa condição de súdito (um dos eufemismos de súdito é “sujeito [de direitos]” não tem absolutamente nada a ver com a relação indígena vital, originária, com a terra, com o lugar em que se vive e de onde se tira seu sustento, onde se faz a vida junto com seus parentes e amigos. Ser indígena é ter como referência primordial a relação com a terra em que nasceu ou onde se estabeleceu para fazer sua vida, seja ela uma aldeia na floresta, um vilarejo no sertão, uma comunidade de beira-rio ou uma favela nas periferias metropolitanas. É ser parte de uma comunidade ligada a um lugar específico, ou seja, é integrar um povo. Ser cidadão, ao contrário, é ser parte de uma população controlada (ao mesmo

tempo “defendida” e atacada) por um Estado.
(VIVEIROS DE CASTRO, 2016, s/p).

O autor contrapõe à palavra "indígena", considerada por ele como àquele que tem relação com a terra onde nasceu, à "alienígena", que pode ser entendido alguém de fora daquele lugar. A legislação escriturária não são, necessariamente, para os "indígenas", mas para os "cidadãos", sujeitos de direitos, "súditos de um Estado soberano".

O envelhecimento biológico, enquanto condição natural do ser humano, sempre existiu, o que mudou foram os discursos em torno dela. A categorização etária foi apenas um dos discursos para institucionalizar a velhice e tornar os velhos, cidadãos com direitos e deveres.

2.5.2 Politizando as velhices

Jurilza M^a de Barros (2015) em sua tese de doutorado no Serviço Social, faz uma reconstituição histórica e linear da promulgação das leis relacionadas ao envelhecimento e à velhice. A autora separa em capítulos as políticas internacionais e as nacionais, não necessariamente em ordem cronológica. Para fins dos objetivos dessa pesquisa, não achei necessário citá-las no texto principal, mas para o(a) leitor(a) interessado(a), dispus em anexo por ordem cronológica todas as políticas citadas pela autora. (*Anexo I*) De acordo com Barros (2015, p.15-16):

O controle democrático das políticas destinadas às pessoas idosas, conforme previsto na Constituição Federal vigente, promulgada em 1988, pode ser exercido por vários canais institucionais de participação política direta, tais como o plebiscito, o referendo e a iniciativa popular; mas são os Conselhos de Defesa de Direitos da Pessoa Idosa, existentes nas três esferas de Governo (União, estados e municípios, além do Distrito Federal), que devem exercer regularmente essa tarefa.

O que nos interessa, sem adentrar em todas as leis desde 1903 levantadas pela autora é ressaltar a 1^a Assembleia Mundial sobre Envelhecimento em Viena, ocorrida em 1982 que, conforme já visto, é o marco classificatório das velhices no mundo ocidental moderno. A partir deste marco, outras políticas surgiram e suas designações respingaram no Brasil. Em 1988 novas normatizações entraram em cena com a Constituição Federal, mas ainda não especificamente em relação à

pessoa idosa, mas contemplando um Sistema de Seguridade Social, composto pelas políticas de Previdência, Saúde e Assistência Social. De acordo com Faria in Netto (1996, p.77):

O conceito de idoso que adotamos no meio jurídico é o conceito cronológico.

De acordo com a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 6º define: são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição. Com a promulgação da Constituição, um novo conceito de política social foi materializado no conjunto da Seguridade Social, compreendendo a Saúde e a Previdência Social. Cada um desses elementos particulariza um segmento da população brasileira. A Saúde, direito de todos (art. 196 da Constituição Federal), é universal; a Previdência Social atende aos que lhe são contribuintes e a Assistência Social é prestada aos necessitados e desamparados (art. 203 da Constituição Federal). (FARIA, 1996 p.77).

A Constituição foi resultado também da luta de vários movimentos sociais empreendidos desde a década de 1960 no Brasil. Foi a partir desse momento histórico que o Brasil não só passou a participar com maior regularidade das discussões internacionais sobre a temática do envelhecimento, como também passou a levar em conta as normativas produzidas com base nessas discussões. (BARROS, 2015).

Segundo Nosswitz (2008), a partir da década de 1980 no Brasil, aumentou a importância política dos governos municipais e estaduais, que assumiram novas funções e atribuições, havendo uma abertura para a co-participação da sociedade na gestão pública. A Política Nacional do Idoso (PNI)/1994, incluiu em suas diretrizes a origem dos Conselhos Municipais, Estaduais e Nacionais nas diferentes áreas sociais (criança e adolescente, assistência social, saúde, idoso, entre outros) como órgãos permanentes, paritários e deliberativos, compostos de representantes do governo local e organizações representativas da sociedade civil ligadas à área:

Os conselhos de políticas públicas são espaços públicos de composição plural e paritária entre Estado e sociedade civil, de natureza deliberativa, cuja função é formular e controlar a execução das

políticas públicas setoriais. Os conselhos de gestão de políticas sociais são fundados nos conceitos de democracia, cidadania e participação [...]. (NOSSWITZ, 2008, p.34; p.38).

Portanto, os conselhos de uma dada localidade pretendem ser o órgão democrático intermediário e controlador das políticas nacionais e estaduais. No sentido de Bauman (1999), o *lócus* de produção e apropriação das decisões institucionalizadas pode ser entendido como determinadas localidades onde políticas públicas se mesclam nos contextos locais, modificando-se, adaptando-se (ou não) às normativas globais.

De acordo com o Mapa das Políticas, Programas e Projetos do Governo Federal para a População Idosa (2014), seguindo os objetivos do Plano Nacional de Direitos Humanos PNDH-3, em comemoração aos 10 anos do Estatuto do Idoso, a então Presidenta Dilma assinou o Decreto Presidencial 8.114, em 30 de setembro/2013, sobre o Compromisso Nacional para Envelhecimento Ativo, coordenado pela Secretaria dos Direitos Humanos e com a participação dos dezessete ministérios. Neste mesmo documento, foi apontado a

predominância feminina entre as pessoas idosas no Brasil como um fenômeno urbano. Nas áreas rurais, predominam os homens. A maior participação das mulheres nesse fluxo migratório explica a diferença. Isto implica em necessidades distintas de cuidados para a população idosa. A predominância masculina nas áreas rurais pode resultar em isolamento e abandono. (BRASIL, 2014, p.15).

No contexto da localidade de São José do Cerrito/SC, as agentes institucionais demonstram em suas falas como a legislação vigente tramita nas atividades com o público idoso:

Nós temos a Lei que foi criada no nosso município, o Conselho Municipal do Idoso que foi criada em 2007, eu tava nessa época trabalhando com a Gestão, me lembro bem. Então foi criado o Conselho Municipal do Idoso, esta é uma das leis mais fortes dentro do município, sem contar o Estatuto do Idoso que a gente trabalha muito em cima e daí a Política Nacional do Idoso (ANA, 2015).

Depois eu vim direto aqui na Prefeitura no prédio como se diz, daí comecei a trabalhar com Bolsa

Família com cadastro único, mais mesmo ... a gente trabalha sempre através do Estatuto, orientações que vem através do próprio Estatuto ... até agora tem a Conferência do Idoso [...]. (REBECA, 2015).

Eu entrei pra representar a secretaria né, como suplente eu participo das reuniões [...] porque eu participei de uma e a outra eu saí na metade, então ... (RAQUEL, 2015).

Sobre as exigências do Estatuto do Idoso, Lia me informa] eles tem privilégio pra pegar a ficha, nós damos dez fichas e uma é do idoso, é um idoso sim e outro não, entendeu. Uma pessoa com mais de 50 anos, outra não. A maior dificuldade é a falta de mais colegas pra trabalhar com a gente pra poder desenvolver bem o serviço com o idoso, carro nós temos, faltam mesmo são pessoas pra trabalhar junto. (LIA, 2015).

Ana, coordenadora do Grupo de Idosos e representante titular do Conselho Municipal do Idoso, demonstra a importância do CMI como um discurso a ser seguido. Rebeca, responsável pela Gestão da Assistência Social, atesta que as atividades do município são seguidas "à risca" pelas orientações do Estatuto e Raquel, representante suplente do CMI e ocupando cargo comissionado na administração da Prefeitura, demonstra a representatividade governamental no Conselho, mas também sua dificuldade em participar das reuniões, devido justamente seu trabalho na Prefeitura. Já a enfermeira Lia ressalta a prioridade do atendimento à pessoa idosa no Posto, mas também as dificuldades estruturais de trabalho pela falta de recursos humanos.

As políticas e sua tramitação local, também puderam ser percebidas em outras instâncias, como a fala do taxista Gabriel, três vezes vereador:

Vereador aqui uma vez e duas vezes em Curitiba/SC, mas eu não quero mais, sabe como é que funciona na Câmara de Vereadores? funciona através de comissão, vamos supor, tem três membros na comissão, eu muitas vezes me absteve de votar num projeto, porque não se enquadrava num artigo tal, né ... voltava pra mesa. (GABRIEL, 2015).

ele sabe da fogueira da BR 282 quem foi de atrás ali! A Salete me ajudou muito! até nós chegar pra

asfaltar ... eu digo e provo, até nós chegar na Ideli Salvati passamos vergonha por causa dessa 282. À Ideli Salvati nós devemos obrigação pro resto da vida dela. (GABRIEL, 2015).

Nessas falas verifica-se procedimentos internos aos discursos oficiais que escapam ao próprio controle, à demanda que os (as) agentes precisam dar conta. Embora haja uma legitimidade nos discursos da legislação e o seguimento de suas normas seja uma prerrogativa, os imponderáveis da vida social exigem, às vezes, outros posicionamentos, pois fogem do que é homogêneo e coletivo.

2.5.3 A legislação vigente em São José do Cerrito/SC

Conforme visto com Nosswitz (2008), a Política Nacional do Idoso (PNI)/1994 e o Estatuto do Idoso (EI)/2003, que incluiu em suas diretrizes a origem dos Conselhos Municipais, Estaduais e Nacionais nas diferentes áreas sociais, dentre elas a da pessoa idosa, atua no Cerrito através do Conselho Municipal do Idoso (CMI), criado, de acordo com Ana, a coordenadora do Grupo de Idosos, a partir da Lei nº 728 através do Decreto nº 1632 de 23 de maio de 2007. O CMI está vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social que é o órgão responsável pela coordenação, articulação e realização da Política Municipal do Idoso, através do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Vó Maria. O trabalho com as pessoas idosas no CRAS se dá através do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (Paif), o Clube de Mães, o Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social (BPC) e o acompanhamento ao Grupo de Idosos Conviver, além de visitas nas residências ou outros encaminhamentos, dependendo do caso, para a Gestão de Assistência Social na Prefeitura⁵⁷. De acordo com o Projeto do CRAS (2010), seu funcionamento é em prol de

permitir um trabalho com caráter continuado, propiciar um espaço em que a família possa ser trabalhada entre seus membros, identificar as peculiaridades desses grupos, e trabalhar para a garantia dos direitos e o bem-estar social de todos os usuários dos serviços socioassistenciais

⁵⁷ maiores detalhes sobre o trabalho do CRAS, pode ser visto no perfil dos entrevistados e entrevistadas.

previstos ao CRAS. Os indicadores sociais apontam a necessidade de se desenvolver um conjunto de políticas públicas especialmente nas áreas de geração de renda, habitação e saneamento básico, para reverter o quadro de exclusão social, melhorar a qualidade de vida da população e contribuir para o desenvolvimento social do município.

Enquanto estive em campo, convivi entre as profissionais do CRAS, da Gestão da Assistência Social da Prefeitura, com alguns representantes do CMI e, principalmente com o Grupo de Idosos Conviver. Neste período aconteceram três eventos de cunho político pertinente à pessoa idosa: uma Capacitação para Trabalho com Idosos "Envelhecendo com Cidadania" que ocorreu no dia 29 de abril de 2015, a I Conferência Municipal da Pessoa Idosa: "Protagonismo e Empoderamento" (*Anexo 2*) em 28 de maio de 2015 e a X Conferência Nacional de Assistência Social "Pacto Republicano no SUAS rumo a 2026: O SUAS que temos e o SUAS que queremos" em 28 de julho de 2015. (*Anexo 3*).

As Conferências Municipais dos Direitos da Pessoa Idosa foi uma deliberação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso/CNDI e que ocorreu em vários municípios no país em 2015, entendido como um evento democrático, de ampla participação e efetivo compromisso de todos(as), que deveria propor avanços para a consolidação das políticas públicas e da conquista do envelhecimento com dignidade.

Conforme relato das enfermeiras do Sistema Único de Saúde/SUS, o Posto de Saúde possui duas equipes do Programa Saúde da Família (PSF), há, conforme será visto no perfil das entrevistadas do SUS, uma prioridade às pessoas idosas nas fichas distribuídas para consulta, dois laboratórios vinculado ao Posto e uma van que sai duas vezes por dia para efetuar outros exames e consultas em Lages/SC, com prioridade para as pessoas idosas usuárias do SUS.

CAPÍTULO III

3.1 CARTOGRAFANDO O CAMPO

As movimentações do mapa cartográfico constituído no processo da pesquisa, a partir das relações verticais constituídas e construídas, estarão dispostas neste capítulo sobre a forma de descrição das falas dos(as) profissionais pertinentes ao trabalho com as pessoas idosas, destacando a concepção de cada um(a) sobre o homem idoso do Karú. Os diários de campo estão dispostos na íntegra, de modo explicitar o percurso durante o campo, as estratégias e táticas possíveis para atingir o objetivo proposto.

As entrevistas foram pensadas para dois grupos distintos: homens com 60 anos ou mais e para os(as) profissionais das instituições vinculados(as) de alguma forma ao trabalho com a pessoa idosa, a saber: Gestão da Assistência Social, CRAS, Posto de Saúde, Sindicato e Igreja Católica. Essa divisão possibilitou coletar impressões, sob diferentes olhares a respeito do envelhecimento no Karú, tanto deles próprios, quanto dos mais jovens vinculados às instituições (22 aos 57 anos). As entrevistas foram distintas para ambos os grupos, de acordo com o (*Apêndice B*).

Optei descrever abaixo o perfil dos entrevistados e entrevistadas, referente aos profissionais institucionais por pontuarem de modo mais sucinto e objetivo as respostas. As entrevistas dos idosos por se serem mais subjetivas e extensas, não criei um perfil, visto as narrativas serem utilizadas ao longo da dissertação, juntamente com a discussão teórica.

3.1.1 Perfil dos entrevistados e entrevistadas

Carmela. Enfermeira do Posto de Saúde. Representante titular do CMI.

Carmela reside no Cerrito, bem como seus pais. Sua mãe está com 76 anos e o pai com 74 anos. A mãe usa oxigênio. Segundo Carmela: "a gente é bem unido assim, a família ajuda muito sabe. Não só eu. A gente se reúne para cuidar dela sabe. Eu vou lá todo dia, se eu não vou no dia eu ligo né, não vai eu, vai outra pessoa".

Carmela conta que trabalha há seis anos no Posto, pois o único hospital da localidade fechou por falta de recursos. No Posto é possível fazer eletrocardiograma, os demais exames são marcados para fazer na

cidade de Lages/SC. Uma van é disponibilizada algumas vezes na semana que sai do Posto às sete horas da manhã até Lages, voltando às 11 horas. E depois no período da tarde sai às 13 horas e volta às 17 horas. Leva pacientes de todas as idades para consultas e exames. A prioridade são os idosos e os atendidos pelo Sistema Único de Saúde/SUS, se sobrar vagas podem ir outras pessoas. Em conversa, soube que em sua maioria são pessoas idosas, alguns tem tratamentos mais graves como hemodiálise.

Carmela me informa não ser possível atender todas as localidades do município, somente as áreas cobertas, "porque nós temos duas equipes do PSF. Eu sou de uma das equipes". Essas equipes atendem todas, mesmo as áreas "descobertas" (não atendidas diariamente), só que com menos frequência que as "cobertas" (as atendidas diariamente). A equipe conta com os médicos, "a equipe é pequena, às vezes vai só uma enfermeira, conforme vai dando né" e tem algumas localidades que não tem Posto de Saúde. Conta que foi iniciado em anos anteriores, uma campanha para a saúde do homem,

teve um ano que eu participei coletando sangue pra fazer o exame da próstata e foi muita gente, olha ... foi de tirar o chapéu como dizem. Eu achei que não ia dar nada, as mulheres ainda vem, mas homens ...mas eles participaram, vieram. Idosos, jovens, todos. Pra todos os homens.

Além do câncer de próstata, segundo Carmela e outros profissionais da saúde que conversei, as principais doenças que acometem os homens idosos cerritenses são: hipertensão, catarata e diabetes.

Essas campanhas de saúde, especificamente para o homem brasileiro, foram desencadeadas com maior ênfase, a partir da implementação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do homem de 2008,

O Ministério da Saúde, nos 20 anos do Sistema Único de Saúde (SUS), apresenta uma das prioridades desse governo, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, desenvolvida em parceria entre gestores dos SUS, sociedades científicas, sociedade civil organizada, pesquisadores, acadêmicos e agências de cooperação internacional. [...] um dos principais objetivos desta Política é promover ações de saúde que contribuam significativamente para a

compreensão da realidade singular masculina nos seus diversos contextos socioculturais e político-econômicos; outro, é o respeito aos diferentes níveis de desenvolvimento e organização dos sistemas locais de saúde e tipos de gestão. Este conjunto possibilita o aumento da expectativa de vida e a redução dos índices de morbimortalidade por causas preveníveis e evitáveis nessa população. (BRASIL, 2008, p.3).

Sobre sua representação no CMI, Carmela me informa que iniciou no começo de 2015. "eu participei uma vez, outra não pude ir. Às vezes estou em campanha, às vezes eu estou no Posto do Glória, eles também não vão pegar a agenda de cada um. Então, às vezes por isso você acaba não conseguindo ir né".

A respeito de sua compreensão sobre a velhice, Carmela relata: "É complicado, esses dias eu tava falando pro meu marido, a gente vê tanto velhinho sofrendo né".

O homem idoso cerritense na concepção de Carmela

Então, esses dias nós estava no pedágio, eu vi o Seu Sebastião, que mora no Lajeado da Taipa e eu fui conversar com ele, eu tava atendendo as crianças na verdade, mas daí eu vi ele e fui conversar com ... e o sr. não sei o que ... ele tava com 90 e o que ele tava fazendo? Tava jogando terra nos aipim lá na lavoura. Daí eles trouxeram antes, que tava até com problemas de próstata, aí nós fomos lá tirar a bolsa, porque tava com a bolsa, aí ele disse: não, to bem, não precisei mais, tava na lavoura".

Geralmente a equipe visita mais os acamados, os que não podem mais ir até ao Posto, "no interior depende de carro, tem dia que não pode sair, aquela coisa". Geralmente os idosos do interior, nem sempre moram com os filhos, às vezes é algum outro parente,

mas os idosos são mais carentes, pode notar que de uma certa idade em diante, vai ver a pressão, eles já vão contando a vida deles, tem que dar mais atenção e ter mais cuidado. Banho, medicamento ... uma que eles tem salário baixo, tem que sobreviver daquilo né, então pra eles é tudo mais difícil. A maioria são aposentados aqui.

Geralmente eles ficam mais sozinhos também eu acho, tem os parentes que cuida, às vezes vem pra ficar junto, tem essa coisa, deixam eles sozinhos consultar, aí tem que dar uma atenção maior [...] as mulheres se defendem, sempre elas são mais ativas né, elas reclamam mais, elas falam, os homens são um pouco mais quietinhos. [...] Eu diria que eles deveriam ser mais ativos assim, ser mais tipo a mulher, sempre ela foi mais ativa, o homem já é meio mais parado, se tem um problema demora dizer. Eles tem vergonha né, são muito envergonhados.

Carmela relata que certa vez as enfermeiras foram num Posto do interior para falar sobre sexualidade e os homens ficaram muito constrangidos, "pro médico até que eles falam, pra nós não". Perguntei sobre o papel das mulheres na consulta dos homens e ela relata: "ah, a mulher está sempre na frente (...) eles deixam a coisa ficar bem no final, se ele não tiver dor, não tiver nada, eles não vem por conta própria". No entanto, apesar dessa informação, Carmela também considera que os homens estão se cuidando mais.

Indagada sobre a existência de idosos centenários, Carmela me informou acima de 80 anos é mais raro, os que tem são acamados, "porque tem poucos os que consegue vir de 80, 90 anos, tem que ter carro, são pessoas que a gente vai fazer visitas, já são doentes". A respeito dos medicamentos de que eles necessitam, boa parte são fornecidos na Farmácia do Posto, raramente precisam comprar, mas é necessário apresentar receita médica. Com a receita, inclusive a família pode pegar.

Sobre o transporte público, depende da localidade do interior, "eu não sei muito dos horários, tem vez que é só quarta e sexta, por exemplo, alguns meio-dia vai embora e não tem de tarde né".

Perguntei se o cavalo ainda era um transporte muito usado por "estas bandas", ao que Carmela comenta: "Esses dias nós estava rindo, avistamos numa lavoura, tinham 4 ou 5 motos. Tá mudando né. Depois mais para frente passou um carro com 4 ... aquelas roçadeiras em cima assim, nem usam mais foice!"

Finalmente, Carmela considera que São José do Cerrito deveria ter

um centro de apoio, não asilo, mas que cuidasse daquele idoso que não tem onde ficar, porque eu já conheci muitos idosos que ah, já não tem mais

parente né, daí gasta a aposentadoria pra uma pessoa cuidar. Não é a mesma coisa, nem parecido. Se tivesse um centro de apoio. É o que eu acho.

Dara. Enfermeira do Posto de Saúde e do Grupo de Idosos. Representante Titular do CMI.

No Grupo de Idosos conheci Dara, sorridente, após ver a pressão de todos, põe-se a dançar com o grupo. Ali, combinamos uma entrevista e esta aconteceu no Posto de Saúde onde trabalha.

Reside no Cerrito desde os 4 anos de idade. Seu pai faleceu com 78 anos, " ele tinha problema de estômago e foi se complicando, a gente levou para Curitiba e fez cirurgia e tudo, mas não teve jeito" E sua mãe é viva. Sobre sua participação no Grupo de Idosos como enfermeira para tirar a pressão das pessoas idosas, ela relata: "eu tinha uma amiga minha que ia mais sabe, depois tinha outra que às vezes ela não ia, eu substituía e assim, tinha outra enfermeira que se aposentou, mas agora sou eu, 3 anos que eu estou direto. Amo!". A dança embala as tardes no Grupo de Idosos e, como eu própria testemunhei, Dara participa também desta atividade com eles. Segue a conversa durante entrevista:

Entrevistadora: *Mas eles dançam também, dançam contigo?* Dara: *dançam!* - Entrevistadora: *as mulheres não ficam com ciúme?* - Dara: *não ficam, porque eu na verdade eles adoram ...eu fazia uns 35 anos que não dançava, desde que me casei, a gente se acomoda, o marido não quer mais. Então eu adoro!* - Entrevistadora: *E teu marido não gosta de dançar?* - Dara: *depois que casou não vai em baile em ... eu vou! adoro dançar, eu brinco com ele dizendo que o dia que eu achar um par pra dançar ele vai ver!*

Perguntei se o fato de ser mulher, facilitaria ou dificultaria seu trabalho com idosos homens, ela disse que é tranquilo. Em toda entrevista, ela ressalta a falta de um local específico para o cuidado com a pessoa idosa, não um asilo exatamente, mas um lar. "Eu vejo aqui tantas pessoas que não tem ninguém! eu acho que se eles ficassem numa casa de apoio assim, um lar para idosos, porque a gente nota tanta precisão".

Indagada se no Posto havia um médico idoso, ela me informa que sim, não sabe exatamente a idade, "mas tem mais de 60 de certeza", posteriormente eu entrevistei o médico do Posto, Dr. Samuel.

Antes da entrevista com a Dara no Posto, conversei com um senhor que trabalha ali e que seu nome constava como suplente no CMI. Ele demonstrou não saber disso e durante a entrevista com Dara ele se aproximou de nós meio rindo: "Quem é que me colocou como suplente do Conselho do Idoso que eu nunca vi? [risos] eu não sabia, me pegou de surpresa, eu sei que sou suplente do Conselho de Saúde, agora do Conselho do Idoso não tinha nem ideia! [risos]"

O homem idoso cerritense na concepção de Dara

Sobre sua participação no Grupo de Idosos, Dara confirma juntamente com os dados que já tenho de que sempre teve maior participação feminina.

No entanto, a conversa gira mais em torno de seu papel no Posto de Saúde. Dara informa que nas localidades do interior há dois postos de atendimento que o médico atende uma vez por semana e que fora isso, são atendidos pelas enfermeiras e técnicas de enfermagem, inclusive atendem nas casas das pessoas também. As visitas nas localidades são alternadas.

Dara afirma que muitos idosos moram sozinhos, especialmente, homens, "os idosos ficam e os filhos saem". Eles acabam "se virando, dá pena, eu sou muito sentimental, me emotivo com qualquer coisa. Ai menina, às vezes eles falam, reclamam (...) a gente sempre conversa com eles né, no atendimento".

Sobre a velhice feminina e a masculina, Dara considera que não há muita diferença, embora admita que "eu já percebo pela mãe, a mãe tem 76 anos, eles ficam mais irritantes, sei lá, ficam bem mais difíceis de lidar, os homens ainda mais".

Ana. Coordenadora do Grupo de Idosos. Representante titular no CMI.

Ana sempre morou no Cerrito, na localidade Fazenda Nova, "daqui passando a Federal (estrada da BR) toda ela é Fazenda Nova, mais na divisa, porque é 8km para dentro". Seus avós e seus pais também são do Cerrito, "até que minha avó e meu avô por parte da minha mãe eles são mais italianos né, sempre viveram por aqui".

Seus pais participam do Grupo de Idosos, mas, conforme suas palavras, sua mãe é mais ativa, o pai também participa, "mas está meio preguiçoso, ultimamente não está vindo muito no Grupo. Ele é daqueles mais antigos, que não pára, tem que trabalhar e tem a cabeça não muito aberta, meio fechada".

Ana casou aos 18 anos e tem 3 filhos. Possui o Curso Técnico em Contabilidade, mas se considera agricultora, "porque a gente que mora no interior, não deixamos de ser agricultores (...) sempre fui agricultora, vendia queijos, ovos, sempre tive atividades rurais". É também funcionária pública "provisória", pois não é concursada, atuando como coordenadora do Grupo de Idosos Conviver que está vinculado ao Centro de Referência de Assistência Social/CRAS e presidente do CMI,

Na outra gestão eu já trabalhei com os idosos [...] eu tive uma administração em 2009, depende muito de quem tá na administração, quem ganha, por causa do partido, essas coisas todas, quem é contratado ou é funcionário contratado é quando o muda o partido [...] Porque daí teve uma outra administração que eu saí, que era a oposição né, aqui geralmente na hora das coligações dá dois lados, então sempre um é oposição, no caso o meu partido, porque meu esposo é vereador, é PMDB que hoje está coligado com o Prefeito que é do DEM. Então depende muito das coligações, hoje ele tá junto, mas depois ele pode ser adversário, a gente não sabe né. Então por isso que depende muito da época de coligação dos partidos.

Além da coligação com o PMDB, perguntei se havia outro motivo de ela trabalhar com as pessoas idosas e como foi essa aproximação. Ela me contou que foi convidada por uma antiga coordenadora, para auxiliar no lanche, na arrumação das salas e acompanhar os eventos. Sendo a coordenadora uma senhora "já de idade", com o tempo, Ana passou a coordenar o grupo do "interior" e mais tarde o do centro também, quando essa senhora ficou doente, mas não só, "na verdade, é porque tem a coligação, como coloquei né, tem um quadro de funcionários que cai fora, então ela não retornou mais".

Ela não sabe exatamente quando iniciou o Grupo de Idosos. O que sabe é que no início era permitido participar a partir dos 55 anos, quando o Grupo era menor. Mas, com a grande procura e por determinação do Estatuto do Idoso, a exigência como possibilidade de participação foi de que as pessoas tivessem completado os 60 anos, embora os que já estavam no grupo com idades menores, não foram retirados, inclusive até hoje, tem pessoas idosas no Grupo que ainda não completaram os 60 anos,

Eles são permitidos virem aqui, porque daí ficaria até chato se a gente dissesse agora não pode mais, mas só que a gente não foi pegando mais sem ter a idade. E sendo que alguns não tem idade ainda, mas são voluntários né, até ajudam a gente, servem o lanche, acompanham o grupo né, eles estão participando.

Ana completa que como não há no município outro local específico para a pessoa idosa, muitos só estão esperando completar os 60 anos para entrar no Grupo, o que a preocupa, já que o espaço é pequeno e participam atualmente de 70 a 80 pessoas idosas e estão cadastrados mais de 100, contando só os do centro. Portanto, quando há alguma programação entre o grupo do centro e o grupo do "interior", é necessário procurar outro espaço, como centros comunitários de algumas localidades, conforme presenciei.

Indaguei se alguma vez ela havia participado de algum tipo de treinamento ou capacitação para trabalhar com este grupo etário,

É, na outra administração que eu tive aqui em outro período, eu participei, tive em Lages, depois fui pra Florianópolis, quando acontecia aqueles congressos, então, bastante orientação, a gente aprende muita coisa, a gente está lá defendendo eles, então é bem importante essa parte aí ...

Ana me disse que vez ou outra, o Grupo recebe alguns palestrantes, "a gente busca os temas, quando cabe pro CRAS trabalhar, vem a psicóloga fazer as colocações, quando é tema sobre saúde, a gente pede na Secretaria da Saúde". Mas a grande procura pelo Grupo é a dança. Ana me informa que não existe outro espaço de dança para as pessoas idosas na localidade.

Ela aproveita o espaço da entrevista para expor a necessidade de um transporte específico para reunir os grupos do centro e do "interior" e, assim, aumentar o número de encontros:

quero fazer mais uma colocação, porque aqui no centro é semanalmente, toda semana a gente tem os encontros e no interior não tem como se realizar dessa forma, porque a gente não tem e nossa Secretaria não disponibiliza de ônibus, pra gente está fazendo mais encontros, porque pra mim ir só numa comunidade ... tem comunidade que é 10, outra é 20, então são poucas pessoas pra trabalhar, então tem que reunir um grupo pra fazer uma festa mais legal né. Então é necessário

o transporte, a gente pede ajuda do transporte da Educação[...] então são as maiores dificuldades que encontramos aqui, até mesmo porque lá no interior, como eles já são mais acomodados, na quaresma eles tem essa visão de não dançar, então uma festa sem uma dança, tem que ter brincadeiras, outras coisas, então a gente já procura não fazer dentro da quaresma, que é no início do ano geralmente, fevereiro e março, sai da quaresma a gente já procura trabalhar com eles, mas daí já vem inverno, é outra época que eles não saem de casa [...] até já fiz um projeto pro Estado pedindo ônibus, mas não se realizou ainda, não sei se vamos conseguir.

Sobre sua participação no CMI, ela iniciou desde sua criação. No período em que esteve afastada dessas atividades, por conta das coligações partidárias, Ana saiu do CMI, mas no seu retorno, assumiu como Presidente. Segundo Ana e o Regimento Interno do CMI que tive acesso, a eleição é de dois em dois anos e a composição do Conselho é paritária, representada por oito membros titulares e oito suplentes de órgãos governamentais e não-governamentais. Os governamentais são representados pela Secretaria Municipal de Assistência Social, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto e Secretaria Municipal de Administração e Planejamento. E os das instituições não-governamentais serão eleitos em fórum próprio com as seguintes representações: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Pastoral da Saúde ou Fundação Médico Assistencial do Trabalhador Rural, entidades prestadoras de serviços às pessoas idosas e um representante do Grupo de Idosos. Além de participar das reuniões, os representantes tem por função:

Acompanhar todas as leis e direitos dos idosos que estão sendo executadas, porque de repente tem a lei ali no papel, mas na realidade pode não estar acontecendo, então sempre tem que ficar atento e o que eu peço muito para as conselheiras, aonde elas tiverem. Um idoso, às vezes, está precisando de ajuda, às vezes está lá na Saúde, ou está lá no banco ou na rua, que elas olhem com carinho, que dêem atenção, que vejam que é um idoso, se puder conversar, converse, ajudar a atravessar a rua, então o conselheiro tem que estar atento ao idoso [...] eu gosto de sair

na rua, de fazer essa parte, de estar com eles e prostrar, ali tem o dia deles buscarem o benefício, porque é de início de mês até a metade do mês, até dia 15. Então vem muitos idosos do interior.

Ana ressalta que foram feitas algumas mudanças no regimento interno em relação à participação dos conselheiros, pois, segundo ela,

como todo mundo trabalha e faz outra coisa, o tempo é curto pra todos, então a gente deixou menos encontros do Conselho, mas que fosse convocado na hora que fosse preciso [...] e tanto que a gente colocou os dias combinados, horário e dia que eles conseguiriam dar conta. Então tudo isso a gente coloca no regimento interno de acordo com eles.

De posse de um folheto que Ana me emprestou para tirar cópia e que constava os nomes dos representantes e suplentes, tentei contactá-los para uma possível entrevista, mas tive dificuldades, conforme consta no meu diário de campo: "Estive no Sindicato dos Trabalhadores Rurais procurando a representante do CMI, mas fui informada que ela não trabalha mais lá, nem sabem de seu paradeiro" (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015)

Consegui entrevistar todos os titulares das entidades governamentais, mas nenhum suplente. E das não-governamentais não consegui entrevistar ninguém. Ora, porque o representante estava doente ou estava em Lages/SC acompanhando um familiar doente, ora porque não residia mais no Cerrito ou simplesmente, ninguém sabia de seu paradeiro.

Como Ana também é coordenadora do Grupo de Idosos, ela acha justo que na próxima eleição do CMI seja substituída, "porque como eu trabalho com o Grupo e o Conselho é um órgão fiscal, eu também preciso ser fiscalizada no meu trabalho, como vou fiscalizar eu mesma".

A respeito das denúncias sobre maus tratos com pessoas idosas, alguns casos são encaminhados para o CRAS que por sua vez fazem uma visita e, se for o caso, novamente são encaminhados para a Delegacia do município ou, conforme tem ocorrido, denúncias são feitas diretamente pelo Disque 100. "Esse serviço vem de fora, mas atende todo o município", disse-me Ana, inclusive que em visita ao grupo de idosos do "interior" fizeram alguns esclarecimentos a respeito do uso do Disque 100.

Perguntei se, além dos representantes idosos poderiam participar do CMI outras pessoas idosas e Ana respondeu:

É que a gente não coloca em público, mas não tem problema, pode participar, mas agora no Conselho eu quero chamar eles, porque é bom que eles estejam a par do que está acontecendo né, os do grupo de idosos. Só que nós temos idosos nossos no Conselho, de qualquer forma já tem representante.

A respeito se Ana sentia alguma dificuldade em trabalhar com este público:

É, sempre tem em todo lugar, todo setor, só que a gente procura fazer o melhor, o que está ao alcance da gente, porque tem coisa que são limitadas, daí a gente tem que buscar formas, e eu sempre busco muito o CRAS as companheiras, lá tem as profissionais, assistente social, psicóloga, às vezes até pra esclarecer algumas coisas pra eles aqui.

Sobre a velhice, Ana diz que quer "chegar com mais idade", se espelhando em Zaíra⁵⁸. Indagada se tem medo da morte, ela diz ser "uma coisa de Deus", todos tem que ter a consciência da morte. Neste ínterim, ela informa que durante o tempo em que está à frente do Grupo já acompanhou vários óbitos de pessoas idosas, tanto do centro, como do "interior".

Finalizando a entrevista, como tínhamos um longo trabalho de campo pela frente, já que boa parte dos contatos que tive com as pessoas idosas, devo à Ana: "eu fico sempre disponível para a hora que você precisar e quero aprender mais com você também que está nessa área".

O homem idoso cerritense na concepção de Ana

Ana me informa que a idade média dos idosos e das idosas participantes dos grupos do "interior" e do centro está entre 60 e 80 anos, com uma margem bem grande tanto pra mais, quanto pra menos. A partir dos 70 anos, a participação começa a diminuir. Ela descreve um perfil diferenciado entre a pessoa idosa do centro e a pessoa idosa do "interior",

⁵⁸ Esposa do entrevistado Moisés.

Lá no interior eles são bem mais acomodados. A gente sente muita dificuldade em trabalhar com eles, às vezes a gente faz a programação e eles acabam não participando. Alguns lá do interior que vem aqui no centro, a gente permite, porque estão querendo participar mais, aí acabam vindo aqui.

A respeito da classe econômica, os que pertencem ao CRAS são de baixa renda e os que não pertencem, possuem melhores condições, segundo ela. O CRAS possui uma verba própria para a pessoa idosa, mas o trabalho do Grupo não distingue os atendidos pelo CRAS e os demais.

Raquel. Cargo comissionado na administração da Prefeitura. Representante titular do CMI.

Raquel nasceu em Lages/SC, mas morou desde sempre no Cerrito, bem como seus pais e seus avós. Sua avó é falecida e Raquel foi sua cuidadora, "era tudo na cama, então era com a gente, então foi por causa dessa parte que eu desenvolvi a vontade de trabalhar com idoso". Seu avô é vivo, tem 86 anos, mas não mora mais no Cerrito, foi morar em outra cidade com uma tia de Raquel.

Trabalha há 2 anos na administração da Prefeitura e desde que entrou como representante do CMI, participou de uma reunião e a outra precisou sair na metade, "é uma coisa que eu gosto, porque desenvolve um trabalho muito interessante com idosos e eu acho bem interessante estar programando atividades para o bem estar deles, é isso". Como participou pouco, me diz que não conhece ainda as leis que protegem o idoso. Sobre possíveis dificuldades de trabalhar com esta categoria etária, Raquel relata:

Dificuldades ... é porque vai muito da pessoa né, porque tem que ter carisma, tem que ter paciência, dar atenção e tem pessoa que não tem isso, como eles voltam a ser crianças, tem que ter muito cuidado, tipo, dificuldade, às vezes a gente faz ali os encontros, nem todos os idosos tem a possibilidade de ir, porque não tem quem os conduza, a família, às vezes não faz questão que participe, então acho que é isso a dificuldade que tem.

A velhice para Raquel "faz parte, é uma época muito boa da vida, saber que você está lá, que cumpriu uma grande carreira, uma grande família, acho que deve ser um momento muito bom".

Indagada sobre possíveis projetos que ela teria enquanto representante do CMI, Raquel declara sua preocupação com a violência familiar, embora considere que não conheça casos de maus tratos no Cerrito,

aqui não tem ninguém, mas pelo que a gente vê na mídia né, então procurar dar um pouco de qualidade, ajudar na questão dos remédios, às vezes tem que tomar medicamento e não tem condição de comprar, ter uma academia para exercício físico, às vezes, um tratamento, para que eles possam estar com a memória deles ocupada, se entretendo e não tá ali, como se fosse velho não servisse mais pra nada. Tem que ter alguma coisa.

Berenice. Secretária do Sindicato do Trabalhadores Rurais.

Marcamos a entrevista para um dia e horário específico, onde ela supunha que haveria menos movimento. Mesmo assim, toda hora a entrevista era interrompida.

Berenice nasceu no Cerrito, bem como seus pais e avós, embora ressalte que ela mora no centro, o pai, que tem 71 anos, mora no "interior" sozinho e a mãe em Jaraguá do Sul/SC. Perguntei se o pai dela "se virava bem", disse-me que sim e que vez ou outra ela vai lá ver o que precisa.

Ficou viúva aos 29 anos, seu marido faleceu em um acidente aos 32 anos e tem um filho adolescente. Trabalha no Sindicato há 8 anos e disse-me que atende todas as faixas etárias, todos os trabalhadores rurais (jovens, adultos e idosos). No Sindicato trabalham três funcionários 40 horas semanais. O público do Sindicato abrange tanto as pessoas do "interior", como do centro, pois embora o foco do atendimento seja as questões rurais, há quem necessite agendar outros serviços como marcação de perícia, informações gerais sobre condições de trabalho, especialmente quando alguns não possuem carteira assinada.

Como boa parte dos que frequentam o Sindicato são homens, ou seja, são mais presentes na esfera pública/política do que as mulheres,

perguntei se enquanto mulher ela encontrava alguma dificuldade no seu trabalho,

Na verdade assim, eu não tenho problemas com eles, porque tem que tratar bem, seja homem ou mulher, aí de repente até eles pensem diferente, podem achar que a mulher não vai saber fazer, porque geralmente esses homens que são criados à moda antiga, eles acham assim que a mulher deles não pode fazer tal coisa, mas se a outra fazer pra eles está bom, tipo assim, eu fiz uma documentação, a mulher não faz ou não pode ou não quer que faça, ainda existe o machismo. Porque eles não querem que ela saia de casa né, então é ele que faz, ele que sabe, tem o controle de tudo. Faz 8 anos que eu faço a mesma função, então aqui você ajuda, você dá informação, você escuta pessoas que vem aqui que querem desabafar e que dizem: "eu quero desabafar, porque eu estou precisando" então assim, existe esse tipo de coisa ... eu achei que isso não existia mais.

Berenice ressalta que para desfrutar de uma velhice tranquila, sem muitos problemas, podendo usufruir alguma coisa da vida, é necessário trabalhar enquanto jovem, porque segundo ela, "depende do SUS, às vezes não atende na hora que precisa, não tem dinheiro para pagar uma consulta".

O homem idoso cerritense na concepção de Berenice

Embora o público do Sindicato não seja específico para a pessoa idosa, a grande maioria dos homens e das mulheres que procuram o local estão na faixa etária entre os 55 e 60 anos⁵⁹, "é tudo

⁵⁹ A sanção da Lei nº 13.183 de 4 de novembro de 2015, estabeleceu novas regras para o Regime Geral de Previdência Social (RGPS), mas manteve o direito dos trabalhadores rurais à aposentadoria como segurados especiais aos 60 anos (homens) e 55 anos (mulheres). Eles podem continuar acessando a aposentadoria, mesmo sem ter cumprido a exigência feita ao trabalhador urbano, que deve contribuir com a Previdência por 30 anos (mulheres) e 35 anos (homens). Fonte: Portal Brasil. Aposentadoria especial para trabalhador rural está assegurada com novas regras. Publicado em 05 novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e->

encaminhado por aqui", diz Berenice. Ela me diz que nem sempre é fácil agilizar o processo de aposentadoria, devido a falta de documentação:

as pessoas não tem documentação, principalmente, a mulher né que mora a vida inteira na lavoura trabalhando, quando chega na hora de se aposentar, faz um bloco de notas de dois ou três anos, e hoje tem que ter 15 anos a mulher pra ter direito a aposentadoria ... e o homem 15 anos também, só que daí a mulher é com 55 anos de idade e o homem é 60 anos [...] porque a gente orienta.

Perguntei se todos que recorriam ao Sindicato conseguiam se aposentar e Berenice me disse que poucos não conseguiam, mas nesses casos, eles entram na justiça e geralmente conseguem. Alguns possuem o apoio dos filhos, mas geralmente agem por conta própria.

Enquanto moradora e secretária do Sindicato, Berenice diz que considera o homem idoso do Cerrito, machista,

são homens talvez mais machista, a mulher ficou lá trabalhando, às vezes ela não tem nem informação! tem casos de acontecer de falecer o esposo, a mulher não sabia como é que pagava uma conta no mercado! porque ela nunca vinha fazer esse tipo de coisa [...]Jelas estão trabalhando

emprego/2015/11/aposentadoria-especial-para-trabalhador-rural-esta-assegurada-com-novas-regras>. Acesso em 15 de maio de 2016. No entanto, em 02 de agosto de 2016, o governo interino de Michel Temer propõe regras mais rígidas para a concessão de aposentadorias: idade mínima de 65 anos para homens e de 62 anos para mulheres, inicialmente, para solicitar o benefício. A intenção é igualar os dois em 65 anos e, no futuro, elevar para 70 anos. A mudança deverá atingir integralmente quem tiver até 50 anos na data da implementação das novas regras. Nesse caso, será preciso trabalhar até 65 anos (homens) ou até 62 (mulheres) para se aposentar. Somente quem tiver 50 anos ou mais quando a reforma for implementada terá direito a regras de transição. Com a imposição da idade mínima, o fator previdenciário e a fórmula 85/95 tendem a perder validade, já que não haverá mais aposentadoria por tempo de contribuição. Fonte: Diário Catarinense. Reforma da Previdência. "Veja como a proposta de mudança da aposentadoria pode atingir você". Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2016/08/veja-como-a-proposta-de-mudanca-na-aposentadoria-pode-atingir-voce-7081603.html>>. Acesso em 01 de agosto de 2016. No entanto, a previdência do setor rural no governo Temer é polêmica e não foi mencionada neste texto.

lá direto na agricultura, daí tem uma parte que às vezes os filhos vem acompanhar. Elas são muito dependentes deles [...] tem mulheres que a gente nem conhece, aí quando chega aqui, a gente descobre que é a esposa do fulano que está todo dia aqui [...] é porque essa faixa de idade de 55 a 60, são aquelas pessoas que foram educadas lá antigamente que a mulher ficavam em casa trabalhando e quem fazia as obrigações de fora era o homem e aqui na cidade, tem uma idade mais nova né, uma juventude, uma idade média, porque hoje a mulher trabalha igual o homem, ela se vira, tem a liberdade dela e as mulheres do sítio não tem essa independência, elas são bem dependentes deles. Mesmo assim a gente vai perguntar tal coisa: "ah, pergunte pro meu marido, porque eu só trabalho lá, faça isso, mas eu não sei.

Para Berenice há mais pessoas analfabetas no "interior" do que no centro, "tem pessoas que é bem analfabeta, tem pessoas do interior que não sabem nem ler, nem escrever o próprio nome".

Eva. Secretária da Educação, Cultura e Desporto. Representante titular no CMI.

Eva nasceu em Campos Novos/SC e reside no Cerrito há 18 anos, desde 1997 quando casou. Está concluindo a Graduação em Pedagogia e trabalha na Secretaria há 7 anos. No CMI entrou em 2013 a convite do secretário, "de certo achou que eu tinha alguma coisa a ver, porque eu gosto sempre de estar ajudando as pessoas né". E ressalta que a participação no Conselho é voluntária.

Indagada se ela sabia quais eram as leis para o idoso, ela disse que sim, "a gente sabe né, o que pode, o que não pode"

Considera os homens idosos mais fechados, como por exemplo na área da saúde, "às vezes não tem os filhos para ajudar, pra orientar, não tem a mulher, uma companheira é o que eu vejo, embora o Cerrito disponibilize apoio para as pessoas idosas à medida do possível". Para ela ser jovem é mais fácil, pois se tem mais saúde e mais resistência. A velhice para ela, depende de como cada um conduz, "porque a gente vê situações aqui no município que a velhice não é problema para as pessoas, conseguem viver tranquilamente, em alguns casos levam uma vida normal, tem que batalhar".

Sobre seus projetos no CMI, tal qual as enfermeiras, ela imagina que o Cerrito precisaria de um Lar específico para eles,

A gente tem um conhecido que morava aqui no sítio a vida toda, estava acostumado com a roça, né e eu vi que foi bem melhor pra ele ir para um lar, com atividades, recreação, lanche, psicólogo, tem tudo. Então, eu tinha ideia que no nosso município pudesse acontecer isso aí.

Maria. Assistente Social do CRAS.

Maria nasceu em São José do Cerrito. Assistente social de formação, trabalha no CRAS via contrato das Consolidações das Leis do Trabalho/CLT e está aguardando concurso público. Segundo ela, o projeto já foi aprovado na Câmara e crê que saíria ainda em 2015.

No CRAS, juntamente com a equipe, fazem o atendimento ao Grupo de Idosos, "de alguma forma colaborando, fazendo alguma dinâmica e, algum caso que pode ser mais prioritário, damos mais atenção". Iniciou em março de 2015, mas trabalha no Cerrito como assistente social há 3 anos. Neste período já trabalhou com este público no âmbito da família. Relata que na secretaria da Assistência Social na Prefeitura, onde trabalhava antes, chegavam muitas denúncias de maus tratos. Informa que o município possui muitos idosos e muitos casos de denúncia e a dificuldade da Assistência Social se dá porque o acesso a muitas localidades é difícil, outras vezes, há grande resistência por parte das pessoas idosas e dos próprios familiares, "a gente vai trabalhando conforme a demanda (...) muitos tem o hábito de não querer sair de sua casinha, resistência sofrida pela família que quer tentar ajudar o idoso né".

O trabalho com as pessoas idosas no CRAS se dá através do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (Paif), o Clube de Mães, o Benefício de Prestação Continuada de Assistência Social (BPC) e o acompanhamento ao Grupo de Idosos, além das visitas na casa ou outros encaminhamentos.

Sobre o fato de ser mulher, Maria acredita que facilita seu trabalho com as pessoas idosas, embora relate que ela já trabalhou em outra circunstância com um educador físico homem e que era muito bem aceito pelas pessoas idosas.

A diferença entre ser jovem e ser velho, para ela, está na aparência física e nas limitações, além do que, para os mais velhos a

morte é um pensamento que se nutre, enquanto os mais jovens não pensam nisso ainda.

Como projeto, a assistente social pensa em continuar seu trabalho no CRAS, embora saiba não ser possível abraçar todos as pessoas idosas, mas,

pelo menos, os mais prioritários que passarem pra nós que precisam de um atendimento mais sistemático, mais visitas, mais acompanhamento e trabalhar algumas orientações com a família, eu quero conseguir e estamos aguardando concurso. Porque como fomos contratadas em março, a gente não sabe do dia de amanhã.

O homem idoso cerritense na concepção de Maria

Além do que já foi relatado sobre os casos de violência contra a pessoa idosa, Maria ressalta que o perfil do homem idoso desta localidade é a resistência, mas não só do homem idoso, mas dos homens de outras idades também,

não só o idoso, como também os jovens, eles são mais resistentes, vou dar um exemplo bem básico: na questão da saúde, é difícil, você ver um homem ir consultar, quem nem diz o ditado, "eles vão morrendo". Não só no caso do idoso, mas os homens jovens, a mulher já é mais cuidadosa e o idoso homem parece assim que eles são ainda mais resistentes, até em hábitos de higiene também.

Ester. Psicóloga do CRAS.

Ester nasceu em Lages/SC, mas sempre morou no Cerrito, exceto por um período de 2 anos por conta da graduação em Psicologia. Seus pais também são desta localidade. Iniciou em 2015 no CRAS, como CLT, tal como as demais.

Relata que durante o estágio, trabalhou com pessoas idosas no hospital o que facilita seu trabalho no CRAS, concomitante outras questões perpassadas no estágio, como relações familiares e sobre as perdas que sofremos na vida,

Tenho muito medo da morte, principalmente da família, dos meus pais. Lá na faculdade a gente aprendia que não estamos preparados para perder coisas materiais e muito menos as pessoas.

Não estamos preparados para perder. Eu tenho medo, mas a graduação de certa forma, me ajudou a entender melhor este processo.

No CRAS, sua atuação com as pessoas idosas se dá através dos grupos, bem como com o "Serviço de Proteção e Atendimento Integral a Família" (Paif), o Clube de Mães e as visitas, mas o atendimento abrange também outros grupos etários, "aqui no CRAS existem vários grupos né, então o grupo de idosos é um, a gente tem que fazer alguns trabalhos com eles, junto com a Ana na terça".

Como iniciou há pouco tempo, Ester vê como dificuldade inicial, se adaptar às atividades que já existem, mas para isso, ela constata que,

a gente tem que pesquisar, tem que ler, estar se aprimorando pra trabalhar com vários tipos de público né, porque trabalhamos com gestantes, crianças e idosos. Mas dificuldade ... é mais de se encontrar, pois quando iniciei no CRAS os grupos já estavam em andamento.

O fato de ser mulher e tão jovem, ela não percebe como um obstáculo, desde que se busque ferramentas para trabalhar e, credita o trabalho em grupo da equipe do CRAS como um ponto positivo, "a gente trabalha junto, faz tudo junto".

Tem como expectativa realizar um bom trabalho com as pessoas idosas no que lhe compete, no momento, "se inteirar" das atividades já existentes com esse segmento etário, acompanhar os grupos e buscar outros temas para trabalhar com eles.

O homem idoso cerritense na concepção de Ester

Assim como as demais entrevistadas, Ester também considera que o homem idoso desta localidade é "mais fechado". Para ela, é mais fácil criar vínculos com a mulher, idosa ou jovem, mas admite que há casos que o homem é mais acessível.

Sara. Orientadora física social do CRAS.

Nasceu em Lages/SC, mas sempre residiu no Cerrito, terra de seus pais e seus avós. É educadora física de formação e no CRAS atua como orientadora social há dois meses, enquanto CLT. No entanto, já

trabalha como educadora social há três anos em outros locais, mas com as pessoas idosas especificamente, só no CRAS.

A dificuldade encontrada no trabalho é a falta de participação nas atividades, "tem que ter todo cuidado para trabalhar com eles e dificulta um pouco o trabalho pela não aceitação de alguns".

Ao contrário das demais, Sara percebe uma certa resistência em seu trabalho pelo fato de ser mulher e mais jovem. Para ela, a diferença percebida entre ser jovem e ser velho é a aparência física e a sabedoria, embora considere que "tem jovens que acabam sendo mais velhos que os velhos. "E tem velho que é bem ativo, eu conheço uma senhora super dez! ela faz de tudo".

Embora acredite que não se pode chegar na velhice 100% por conta do corpo, mas ainda assim, considera uma fase muito boa. Por isso, suas expectativas como orientadora social no CRAS são as melhores,

fiz ginástica na cadeira deu certo, aí vou fazendo alongamento, aí eles vão se adaptando [...] algum tipo de movimento mais difícil eles não fazem, mas eu incentivo, falo da importância que é o exercício para eles irem fazendo. Eu vejo mais que eles arranjam uma desculpa né, porque eu explico pra eles que é bom pra isso, bom pra aquilo, até ajuda na questão de eles melhorarem o físico e a alimentação também, porque é saúde.

Com as pessoas idosas Sara trabalha somente com o grupo da Ana no Centro de Convivência, em função do espaço que é maior e, por enquanto, ela não trabalhará nas localidades do "interior", porque além do grupo de idosos, tem também o grupo das crianças no centro.

O homem idoso cerritense na concepção de Sara

Sara percebe o idoso do Cerrito como menos participante do que a mulher, embora ambos possuem uma certa resistência para as atividades,

o homem participa, mas é mais nos grupos dele né, no comércio, nos jogos ... como eu posso te explicar, é mais a cultura deles. Aqui é assim. Fica até difícil de trabalhar, porque eles tem essa cultura e seguem isso, a tradição. Mas as mulheres mesmo ativas, tem algumas que a gente

também sente dificuldade de trabalhar, elas tem rejeição. Mas vai indo você conquista.

Rebeca⁶⁰. Pedagoga responsável pela Assistência Social do Município

Meu trabalho de campo iniciou com Rebeca, quando cheguei na cidade e me dirigi à Prefeitura foi ela quem me recebeu e me encaminhou para o Grupo de Idosos. Antes de trabalhar na Gestão da Assistência Social na Prefeitura, Rebeca trabalhou juntamente com Ana no Grupo,

eu trabalhei lá por seis anos e desde o início a gente começou também junto, começamos com o Grupo de Idosos, então eu já trabalhava junto a ornamentar, arrumar o espaço, servir, ajudar, até dançar [...] depois eu vim direto aqui na Prefeitura no prédio como se diz, daí comecei a trabalhar com Bolsa Família com cadastro único [...] a gente trabalha sempre com as orientações que vem através do próprio Estatuto do Idoso, inclusive agora tem a Conferência Municipal do Idoso.

O homem idoso cerritense na concepção de Rebeca

Rebeca informa que o Grupo de Idosos é o único lugar específico para a pessoa idosa, associa dança, bingo, lanche, oração, atividades físicas e palestras, "eles gostam de ir, porque aqui não tem outro lugar para eles irem".

Sobre a participação em eventos de cunho mais político, como as Conferências, Rebeca lamenta a pouca participação, "se tiver cinco é uma vitória, porque o público nosso é um público mais carente, que não tem muita instrução, eles não se interessam (...) fora os que não vão de jeito nenhum".

Lia. Enfermeira do Posto de Saúde.

Nasceu no Cerrito, terra de seus pais e avós. Diz gostar de morar nesta localidade, já foi embora, mas voltou por opção e por falta de emprego em outros lugares, ao contrário de muitos jovens que migram pela falta de emprego, há aqueles e aquelas que como Lia,

⁶⁰ Em função de problemas no áudio, a entrevista foi prejudicada.

conseguem se alocar com maior facilidade no próprio Cerrito. Mora no centro da cidade. Sua formação é enfermeira e trabalha no Posto de Saúde há sete anos, mas faz visitas aos idosos há cinco anos. Em relação ao trabalho como as pessoas idosas,

aqui nós tínhamos um grupo de idosos, mas por falta de tempo e mais pessoas para trabalhar, parou, mas agora eles contrataram mais enfermeiras, então a gente vai ter que fazer o programa novamente funcionar. Outra coisa que estamos fazendo é o acompanhamento de uma enfermeira no Grupo de Idosos pertencente ao CRAS, nas terças para verificar a pressão, mas não fazemos mais nada específico, por enquanto está parado, só no começo de ano.

Sobre as visitas domiciliares, Lia me informa que as enfermeiras só fazem quando solicitado pela família, mas geralmente quem avisa da urgência são os agentes comunitários que trabalham nas localidades. O médico é um homem e as enfermeiras são mulheres, mas sobre este fato, Lia acredita que ser mulher facilita o trabalho.

Todas as localidades são atendidas, não somente as cadastradas, mas também as não cadastradas. As cadastradas são visitadas todos os dias, as "descobertas" não.

Temos 26 agentes comunitários cadastrados, somos duas enfermeiras responsáveis por treze agentes. E ainda tem as áreas descobertas, que tá em branco ali [e ela me aponta um mapa na sala, onde a parte colorida representa os atendidos todos os dias], mas precisaria de mais enfermeiras, mais médicos e mais agentes comunitários pra gente poder trabalhar.

Sobre as normativas do Estatuto do Idoso⁶¹, Lia me informa que as pessoas idosas tem privilégio no atendimento, das dez fichas distribuídas por dia, "uma é para a pessoa com mais de 50 anos, outra não".

⁶¹ É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde/SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos. (Estatuto do Idoso. Capítulo IV - Do direito à saúde. Art. 15. Senado Federal, 2003 p. 22)

O Posto possui dois laboratórios vinculados à unidade e o SUS cobre parte do total de exames, os demais exames podem ser realizados em Lages/SC. Mas para isso tem que carimbar o pedido do médico antes de marcar a viagem,

Tem o carro do Posto que leva, mas tem que marcar dias antes. O carro leva 15 pessoas de manhã e 15 a tarde, independente da idade, se precisar de acompanhante para o idoso, vai também gratuitamente. E os exames a mesma coisa, Tomografia, Raio-x, tudo tem que marcar, mas tem que ser pelo SUS, se for particular só se sobrar vaga no carro.

Lia ressalta que a partir dos 40 anos, todos os homens tem que fazer uma vez por ano um "checape", exames de vários tipos, mas geralmente os homens do Cerrito "quando chegam, já estão com o estado muito avançado da doença". E a partir dos 50 nos se for detectado alguma alteração, "tem que fazer o exame da uretra, o 'toque', pra ver o tamanho da próstata que está e às vezes eles já se deparam com um câncer". Lia me informa que um dos motivos do câncer de próstata no Cerrito e região, é a carne vermelha, mas não só, "eu acredito também que é a falta de cuidados, falta de orientação e má alimentação, a tendência vai ser dos homens todos morrerem por câncer de próstata".

A falta de cuidados que Lia se refere, diz respeito também à prevenção de escaras⁶² e todas as AVDs (atividades de vida diária que incluem atividades rotineiras como alimentação, vestir e despir, banho e higiene pessoal)⁶³

O homem idoso cerritense na concepção de Lia

A maioria dos homens atendidos no Posto estão na faixa etária entre os 60 e 70 anos e são poucos os centenários. A maior doença que acomete os homens idosos é o câncer de próstata e problemas de pressão. Nas visitas domiciliares percebe algumas vezes os maus tratos

⁶² As escaras de decúbito, ou de pressão, são feridas que aparecem na pele de indivíduos que permanecem muito tempo na mesma posição, como ocorre em pacientes internados em um hospital ou que ficam acamados dentro de casa.

Fonte: Tua Saúde. Doenças da Pele. Disponível em:

<<http://www.tuasaude.com/escaras/>>. Acesso em: 15 agosto 2016.

⁶³ De acordo com material disponibilizado pelo Curso de Cuidadores Terapêuticos oferecido pelo Instituto Guga Kuerten. Florianópolis/SC. 2016

que alguns idosos sofrem, especialmente nas localidades do "interior" e faz uma denúncia,

alguns familiares usam o dinheiro do idoso e os deixam de lado, alguns quando solicitado visita, chegamos lá, o idoso está sujo, sem ser trocado, com problemas de pele, eu, sempre peço pra família dar um banho na minha frente primeiro, porque eu não vou atender a pessoa assim, não tenho nojo, mas o problema é que usam o dinheiro e não cuidam. Em algumas circunstâncias eu falo porque não tem condições às vezes eu vou no susto, teve uma senhora que estava sendo maltratada, eu mesmo verifiquei, aí já fomos na Assistência Social ver o que estava acontecendo, essa senhora mora no interior, tem 105 anos. Horrível.

A média de idosos homens que procuram semanalmente o Posto, seria mais ou menos 20% em relação aos 80% das mulheres. Lia me informa que o maior motivo da procura é para eles trocarem a carteirinha do SUS, pois a receita do médico só é válida para quatro meses, então eles precisam ir ao Posto nas datas estipuladas para conseguirem a receita e o remédio, especialmente os hipertensos.

Salomão. Padre em exercício.

Nasceu no município de Urubici/SC e reside na Paróquia de São José do Cerrito/SC desde 2008, atuando junto a dois padres, um deles, o Padre Malaquias de 87 anos que também foi entrevistado.

Padre Salomão ingressou no Seminário com 22 anos e ao perguntar sua idade, curiosamente respondeu em 3ª pessoa: "a gente tem 52 anos". Talvez pelo fato de trabalhar sempre no coletivo. Diz que se adaptou bem nesta localidade, se identificando com a população local. De fato, em vários eventos em que estive presente, ele participou ativamente.

Sua primeira formação foi em Ciências Sociais pela Uniplac de Lages/SC, curso já extinto. Iniciou seus trabalhos na Paróquia na cidade de Lages/SC em 1985, depois disso foi para Florianópolis/SC cursar Teologia por um período de quatro anos. Curiosa sobre sua primeira formação, perguntei o que ele achou do curso: "Gostei! é muito bom, mesmo porque a gente como padre, tem o lado da fé, o lado religioso, mas também tem o lado social também que nos desafia, com certeza"

Como Padre atua há 23 anos e sobre seu trabalho com as pessoas idosas, ele define:

Eu acho assim que a pessoa do idoso, como também a criança, eu acho que são duas etapas da vida que precisam de muita atenção, criança nós sabemos que ela é dependente e a pessoa idosa, ela também se torna uma pessoa dependente né. Então eu penso que visto essa situação, aqui também, foi um pedido do nosso bispo, que em todas as Paróquias tivesse a Pastoral do Idoso, então eu penso assim que eles merecem muito carinho, muito cuidado e também uma assistência, uma presença nossa com a Igreja, como eu dizia, nós temos a Pastoral da Criança e estamos implementando a do idoso, mas já atuamos [...] estamos ainda aprendendo, nos adaptando e conhecendo, porque é uma coisa nova, diferente. Então nós estamos aí conversando, também tem uma irmã que está acompanhando a Diocese, ela está dando uma assessoria pra nós, pra que a gente possa implantar essa Pastoral aqui.

Dentro da Instituição da Igreja Católica, o órgão que protege as pessoas idosas é a Pastoral da Pessoa Idosa⁶⁴ por iniciativa do Conselho

⁶⁴ De acordo com a página da Pastoral da Pessoa Idosa (PPI) CNBB para implantar essa Pastoral, as paróquias deverão seguir os seguintes critérios: 1º Passo - Reunião de Sensibilização (o Pároco deve estar informado desta solicitação e ter autorizado; muitas vezes é ele mesmo o solicitante; o Pároco ou a pessoa da paróquia que solicitou, deverá agendar uma reunião com as pessoas interessadas, para que alguém da Pastoral da Pessoa Idosa - coordenador diocesano, ou um facilitador - possa participar e esclarecer os objetivos e a metodologia desta Pastoral. 2º Passo - Capacitação dos Líderes Comunitários (duração mínima de 21 horas; grupos de no máximo 30 pessoas, o ideal é que não passe de 20 pessoas; cada participante preenche previamente uma ficha de inscrição onde se compromete a fazer as visitas às pessoas idosas, conforme a metodologia da PPI; só será feita capacitação em paróquias onde o Pároco solicitou ou autorizou o funcionamento desta Pastoral; ao longo da capacitação já deve ser pensado e definido quem será o coordenador paroquial que deverá ser homologado pelo Pároco; de preferência seja uma pessoa que participou da capacitação – o coordenador diocesano ou o facilitador deverá conversar sobre esse detalhe com o Pároco antes de ser nomeado o coordenador paroquial; na última etapa é trabalhado o conteúdo da reunião mensal para

Nacional dos Bispos do Brasil/CNBB. Padre Salomão menciona o importante papel da Dra. Zilda Arns (1934-2010) que criou a Pastoral da Criança⁶⁵, depois dela outras pastorais surgiram. Segundo o Padre, "antes era uma preocupação mais da sociedade, enfim, do Poder Público e tinha algumas atividades, mas ainda não era bem uma Pastoral, que vai além do encontro de algumas atividades, tem essa preocupação mais próxima da pessoa idosa". De acordo com o Padre Salomão,

A Pastoral faz visitas, tem que fazer um relatório direitinho, tem alguns itens que devem ser respondidos pelos agentes da Pastoral. É bem interessante porque você vai conhecendo a pessoa, a realidade e a situação dela, isso é muito importante, porque como dizia o Papa é uma Igreja em saída, que vai ao encontro né. Então, principalmente a Pastoral da Criança e a Pastoral do Idoso, a Igreja tem essa preocupação, porque muitas vezes acontece e acontecia, as pessoas vinham na Igreja e a Igreja não ia até elas, então penso que essa preocupação dessa Igreja missionária, que vai ao encontro, em saída, ela vai responder também essa necessidade que às vezes, ficou a desejar.

O Padre sintetiza que é necessário sempre um diálogo, pois às vezes se lida com questões muito delicadas, principalmente no âmbito da família, onde se encontram algumas resistências. No entanto, salienta que a Pastoral da Pessoa Idosa que ainda está em andamento, não dispõe de muitos recursos,

reflexão e avaliação; quando a capacitação for dada em etapas intercaladas, nesta etapa será elaborada a 1ª Folha de Acompanhamento Domiciliar da Pessoa Idosa/FADOPI; neste caso, a FADOPI será enviada à coordenação nacional, juntamente com o cadastro da paróquia; as primeiras 6 reuniões mensais de líderes deverão ser acompanhadas pelo facilitador que deu a capacitação; esse detalhe é fundamental, pois os líderes poderão necessitar de ajuda nas primeiras reuniões. FONTE: Pastoral da Pessoa Idosa CNBB. Disponível em: <<http://www.pastoraldapessoaidosa.org.br/index.php/como-implantar-a-pastoral-da-pessoa-idosa>>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

⁶⁵ 1983 • Fundação da Pastoral da Criança, juntamente com Dom Geraldo Majella Agnelo, em Florestópolis – Paraná. Fonte: Pastoral da Criança. Biografia da Dra. Zilda Arns Neumann. Disponível em: <<https://www.pastoraldacrianca.org.br/biografia-dra-zilda>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

a CNBB mesmo na Pastoral da Criança está diminuindo, diz que não tem verbas. A gente sabe assim que às vezes não é uma prioridade da criança, nem do idoso, infelizmente, mas a gente tem a esperança, falaram pra nós que está para ser liberado uma ajuda da CNBB ou então da União né, uma ajuda pra Pastoral da Criança e estamos esperando também uma ajuda pra Pastoral da Pessoa Idosa, mas por enquanto não se tem ainda este recurso. Até a minha sugestão, eu falava com a irmã, porque sempre tem gastos, viagens, alimentação, encontros, assessoria, então eu tava sugerindo fazer a nível de Diocese, uma rifa, alguma promoção, é uma ideia que a gente tá amadurecendo pra se ter uma verba.

Conhecer a realidade das pessoas, se inserir em suas vidas, entrar mais em contato com elas nas celebrações, nos encontros, nas visitas, é um privilégio de ser padre e essa condição facilita também o trabalho da Pastoral, relata.

O Padre reconhece que para chegar em uma casa, primeiro tem que fazer amizade com a pessoa, instigar um espírito de confiança e de acolhida, "porque às vezes também fica difícil de conversar". O Padre atua quase como um pesquisador em campo, pois vivencia junto com a população local e, dessa convivência ele também precisa produzir, dar conta de seu trabalho na Paróquia,

é importante ouvir, porque as pessoas gostam de contar a sua história, a sua experiência de vida, sua família, tudo que aconteceu na vida dela. Às vezes você vai numa casa para falar, mas você vai ouvir, principalmente. As pessoas gostam de alguém que escutem elas, que lhes dê atenção, carinho, uma palavra, fazer amizade.

Atualmente trinta e sete capelas e três escolas são atendidas pela Igreja nas localidades do interior, mas se pretende ampliar e melhorar esse atendimento,

a gente procura pelo menos uma vez por mês fazer a visita, celebrar, também há sempre uma conversa com eles, quando a gente pode ... porque às vezes também o tempo nos desafia, a gente chega lá, tem que rezar já tem que partir pra

outra capela, mas a gente procura dar um tempinho maior, somos uma equipe [...] damos uma grande atenção para os grupos de família da cidade e do interior, funciona muito bem, é uma das Paróquias que mais tem grupos de família, foi feito uma pesquisa agora recente.

Ele me conta que são 25 paróquias na região serrana e que a Paróquia de São José do Cerrito/SC é uma das que mais tem localidades no interior, "porque as demais, a maioria já está na cidade, se não me engano, é nós aqui e Campo Belo do Sul/SC"

Sobre a participação das pessoas idosas nas atividades da Igreja, há uma grande dificuldade em relação a falta de transporte, "quando tem um encontro aqui [se referindo à cidade] o pessoal já fica esperando lá no ponto, perto de suas casas no interior".

Em minhas andanças durante o campo, ouvi dizer que algumas pessoas utilizam o cavalo como transporte. Estes são encilhados em algum lugar seguro para não machucar as patas dos bichos, enquanto seus donos continuam o trajeto a pé ou de ônibus. O padre confirma esse relato e ressalta o desafio do Poder Público em arrumar as estradas, pois há dificuldades de circulação até de carro, "tem melhorado, mas ainda é muito difícil".

Dentro de suas possibilidades, Padre Salomão pensa na existência de uma casa que poderia abrigar as pessoas e os padres da terceira idade, "a gente deve estar pensando pro futuro né".

Como mensagem final, Padre Salomão ressalta sua vontade em que a Igreja Católica possa se fortalecer cada vez mais em parceria com o Poder Público,

Porque eu vejo assim dentro do sistema, essas pessoas são descartadas, porque agora não produzem mais elas já deram tudo de si, tudo que poderiam dar. E na agricultura? Quantas pessoas que vieram do interior pra nossa região serrana, em São José do Cerrito e outros municípios né. Então muitas vezes que deram a sua vida, uma vida sofrida, desassistida, infelizmente a agricultura não é muito valorizada. É importante acolher essas pessoas e estar atentos aos direitos que sejam garantidos, a vida e o cuidado. E conscientizar também as famílias, é muito importante, porque as pessoas idosas em sua grande maioria, estão

no meio da família! um dia, a gente pode ser uma pessoa idosa, como é que a gente gostaria de ser cuidado?

E, se Geertz (1983) estava certo de que a "nossa compreensão de nós mesmos e de outros - nós mesmos entre outros - é influenciada não só pelo intercâmbio com nossas próprias formas culturais, mas também, pela caracterização que pesquisadores e outros fazem das formas culturais que nos são alheias" (Geertz,1983, p.17), Padre Salomão, nosso cientista social da Paróquia se percebeu dentro dessa compreensão,

A gente gostaria de agradecer, acho que a lembrança né, ter vindo aqui, ter feito esta entrevista, é muito importante, até eu cresci também. A gente cresce, porque às vezes a gente fica muito na atividade e a gente não pára um pouquinho pra pensar na nossa ação, nas atitudes, o nosso trabalho. Então me fez crescer bastante [...]a gente tá aqui para servir. É muito importante essa preocupação e que a gente possa estar divulgando tanto a pesquisa e o nosso trabalho, cada um faz a sua parte, é um trabalho de formiguinha, mas que depois dá grandes resultados.

O homem idoso cerritense na concepção de Padre Salomão

Padre Salomão considera o homem idoso do Cerrito participativo na vida da Igreja, mas, comparado à mulher idosa, o Padre admite que os homens idosos (e os jovens também) são mais retraídos, mais quietos, "parece que a mulher tem mais iniciativa, mas a gente percebe assim que os homens apóiam quando a mulher quer participar, quando ela quer ir nos encontros, se eles não vão, eles permitem, apóiam e incentivam".

O Padre vê na solidão dos homens idosos, não só uma questão de abandono, mas de escolha, "o próprio idoso quer ficar sozinho algumas vezes".

Davi. Homeopata. Participação Especial de **Gabriel**, o taxista que nos levou até a casa de Davi.

Davi tem 57 anos e mora sozinho na localidade de Santo Antônio dos Pinhos, no mesmo lugar que fora de seus pais,

Nasci e me criei aqui, só saí pra fora pra fazer curso, mas a minha localidade é aqui mesmo. Então se o cara diz que eu nunca mudei, não! Eu fiz mudança de 11 meses, 11 meses não é mudança, fui pra Mato Grosso estudar homeopatia. Isso foi em 1991.

Indagado se preferiria morar na cidade, Davi diz não gostar de cidade barulhenta, "eu digo que a vida é mais sossegada aqui", mas ressalta que uma pessoa aposentada vivendo sozinha no sítio, corre muito o risco de ser assaltada hoje em dia.

Seu pai faleceu com 70 anos com câncer no intestino, mas segundo Davi, seu grande problema nem fora esse,

Meu pai tinha uns 54 anos quando adoeceu e faleceu com 70 anos. O sistema de nervos dele ... daí em 1972 meu pai não conseguiu trabalhar mais ... foi a questão de nervos que foi desencadeando, depressão, depois hoje não se opera mais úlcera, naquele tempo ... meu pai adoeceu muito cedo, eu era pequeno, a enfermidade do meu pai acompanhou 25 anos. Ele morreu em 1989, daí foi usado emplastro de barro aqui ... meu pai peleou com médico, clínica, porque eu defendo essa tese, claro que morreu com câncer, isso eu sempre digo, mas teve um prolongamento muito grande ... foi até pra Colônia Santana, naquele tempo levaram pro hospital de louco, daí lá ele melhorou na verdade, mas o que acontece, ele veio pra cá, ficou assim meio deitado, assim eu lembro, daquelas cenas. Foi levado ele em um padre em Campos Novos, ele fazia imposição de mãos, não era outra coisa e a minha mãe levou ele lá, daí esse padre disse: "ele vai chegar em casa, não vou dizer que ele vai lá derrubar de machado, mas ele vai voltar a se animar, cuidar dessa casa" , pois veio, daquele dia em diante ele não deitou mais de depressão, daí ele se esmerou a cuidar dos porcos, pra lá e pra cá ... mas foi vindo úlcera, essas coisas ...

Os emplastos de barro era Davi quem fazia em seu pai. Ele também cuidou de sua mãe, falecida aos 91 anos, "a minha mãe foi muito bem de vida, de saúde até 85 anos e depois ... foi terrível".

Apesar de seu grande conhecimento com homeopatia, Davi se identifica como pequeno produtor rural orgânico, "eu faço esse serviço

mais por ... porque esse negócio de viver com homeopatia ou de massagem, eu tenho que trabalhar pra sobreviver, hoje eu estou guardando dia santo né que é o Dia de São Pedro, senão tava na roça".

Davi me informa que planta milho, feijão, amendoim, mais para subsistência, pois vende pouco, como mora sozinho, não consome tudo o que planta, "daí a gente dá uns quilos, quando sobrar vende, é assim. Eu vendo leite de vez quando, coisa assim e vivo também, vamos supor, de alguma doaçãozinha, mas essa é pequena né".

Ressalta que se fosse para viver de homeopatia, morria de fome, "não iria aguentar as despesas, porque água aqui a gente não paga, dá pra se manter, mas não tem uma sobra grande". Como sempre foi agricultor, quis saber quando iniciou seu trabalho como homeopata, inicialmente ele me disse que "nasceu do vento", mas aos poucos foi desenrolando sua história. Davi atende na Pastoral da Saúde toda quarta-feira desde agosto de 1985, porém, antes já conhecia muito de botânica. Sobre isso, ele me conta que certa vez, um homem que era ferreiro lhe entregou um livro, "esses livros é pra vocês que estão na roça, pra nós não adianta". Era um livro sobre plantas, começou a ler e gostou. Logo em seguida, já entrou na Pastoral e a partir de então, dá assessoria em fitoterapia e homeopatia. O primeiro curso que participou foi na localidade de Morro das Pedras em Araranguá/SC, depois disso foi várias vezes para Mato Grosso: 1995, 1996, 1997 e 1998. Confessa que no começo não acreditava muito nas gotinhas, mas depois usando em si mesmo, passou a acreditar, "hoje eu defendo a tese que funciona".

Perguntei se além da Paróquia ele atendia também em sua casa, disse-me que não exatamente, mas se aparece alguém, ele fica com dó, não tem os vidrinhos homeopáticos em casa, mas muitas vezes, só a conversa já ajuda.

Sobre o perfil de seus pacientes, Davi me informou que quem mais procura a homeopatia são as pessoas mais esclarecidas, "daí chegou uma senhora de 80 anos, eu olhei pra ela assim, 82 anos! era uma professora aposentada. Então a gente sabe, vai algum leigo, vamos supor, mas é pouco". Mesmo os atendimentos sendo na Paróquia da Igreja Católica, ainda assim, Davi admite que a homeopatia não é divulgada no Cerrito e que o povo confunde homeopatia com fitoterapia. Mas o trabalho de Davi vai além, ele também faz imposição de mãos para passar energia, acupuntura, "a digital, mas eu entendo a de agulha, de ponto eu entendo tudo".

Gabriel (72 anos), o taxista, estava ali conosco e de repente interrompe a conversa, colocando as mãos na perna com jeito de dor: "O que que eu tenho nesta perna?", Davi responde: "Não era varizes? Cuidado! isso pode ser até uma trombose" e Gabriel continua: "Pois olha ... e dói no meio do pé ...", "mas daí é esporão", completa Davi. E Gabriel lembra: "Pois uma vez você me curou esporão, agora voltou!", Davi finaliza: "Vai lá quarta-feira". E Davi observando uma certa melancolia em Gabriel, resolve puxar papo: "Esse Gabriel me arrumou bastante certificado, lembra Gabriel? você que arrumou pra mim ou não lembra mais?". Gabriel, conforme sua entrevista, além de taxista, fotógrafo e entregador de jornal, também foi vereador. Ele, contente com a atenção responde: "Lembro!" E Davi dá continuidade: "O Gabriel foi vereador duas vezes". Nosso taxista empolgado vai entrando na "prosa". Nos minutos seguintes, Gabriel e Davi perpetuaram uma conversa sobre os trâmites da construção da BR 282 que ficou pronta em 2009.

Depois do café servido pelo dono da casa, "se sirvam, tem bolachas caseira, salame, queijo ... podem tomar bem tomado", continuei a entrevista, quis saber mais sobre seus pacientes, disse-me que a maioria são adultos e pessoas idosas. A maioria vai de ônibus, mas alguns também vão de carro, o maior motivo da procura pelo homeopata é o "problema de nervos", reumatismo, problemas de coluna e hipertensão. Considera que o Cerrito tem muitos idosos hipertensos.

Sobre a velhice, Davi associa ao cuidado, se a pessoa não tiver quem lhe cuide, não há outro jeito, senão o de procurar uma casa de abrigo e faz uma advertência: "eu sempre digo o seguinte, porque eu vi coisa muito complicada de pai ou mãe passar tudo pros filhos, não deve passar, hoje o juiz nem deixa mais né, porque na velhice vai remédio, fralda", além do mais, Davi demonstra que a área rural é predominantemente ocupada por pessoas idosas, "o povo novo está indo pra cidade, quem está hoje numa zona rural? Está eu, velho com 57 anos, os novos quase não tem mais e os velhos é que ficam".

Davi é um homem politizado, junto com meu tio na década de 1980, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores no Cerrito. Perguntei pra ele sobre seus planos para a cidade, especialmente para a pessoa idosa:

eu penso muito que tem, vamos supor, porque colocar nomes de rua como "Videira", "Lages", "Florianópolis", pra que? Tantas pessoas boas que já se foram pra serem homenageadas, eu

penso isso aí, mudar esse sistema [...] você perguntou dos idosos, às vezes, tem coisas que eles não querem se adaptar, eu tenho um compadre que está com 84 anos e não quer se adaptar, mas lógico que tem! Ele disse que os filhos deles não deixam ele andar a cavalo, mas ande pelos poteiros só, uma coisa assim, mas quando precisar sair vai de carro! [...] com a Constituição de 1988 melhorou muito, porque antigamente - pegando o exemplo da roça - ganhava meio salário e depois da que a Constituição foi aprovada a aposentadoria pra mulher com 55 anos e o homem com 60 anos, já baixou 5 anos ali, que a vida da roça é muito sofrida, não adianta ... tem várias coisas que precisa ser melhorado, vamos falar em zona rural, porque na cidade é outra coisa, o sinal de celular tinha que ser melhorado, a questão da saúde tem que melhorar muito, porque a lei avançou, mas se a pessoa não tiver um dinheirinho ela morre na fila do SUS, já morria desde o tempo do FHC, antes, não vem dizer que isso é coisa do governo do PT, não, isso aí já acontecia.

Gabriel que continuava ali ouvindo, complementa: "nunca teve tão bom pro pequeno agricultor, por exemplo, no campo, "Minha casa, Minha vida", com três anos de prazo pra pagar, sem juros! o pessoal não controla ... tem que ter uma estratégia".

Davi corrobora com Gabriel no que diz respeito às melhorias para as pessoas idosas,

eu digo que melhorou a mudança de vida, na verdade eu vou dizer assim, já vou entrar no campo político, depois que o governo do PT pegou mesmo melhorou bastante a vida do povo, tem falha tem! mas só que melhorou bastante ...

E a conversa foi seguindo seu rumo final, nosso taxista estava cansado, a noite já apontava e no sítio, não havia luz elétrica, de modo que a noite seria impossível voltar e, mesmo estando dentro do roteiro da entrevista, a finitude surgiu na conversa de modo sutil. Davi, como tantos outros entrevistados, considera a morte natural, "a gente na velhice acostuma com a morte". O homeopata admite e aceita a saudade, "porque saudade da pessoa a gente tem que ter, mas não pode ter

tristeza", para ele, se há vida, há morte e, se vivêssemos para sempre, a vida não teria sentido algum. Como mensagem para os mais novos ele aconselha já prevendo o futuro de tantos mestres e doutores,

eu digo que vão estudar enquanto é novo, porque depois de velho ... como é que vai interpretar texto ou coisa assim e, pegar uma profissão, porque se ficar só estudando, dá o que que acontece ... porque eu conheço gente aqui que é formado engenheiro agrônomo e trabalha num hotel. E não adianta querer só serviço na área em que se formou, não! Eu digo que é importante pendurar um canudo, mas tem que trabalhar.

O homem idoso cerritense na concepção de Davi

Nos atendimentos às quartas-feiras, em sua grande maioria, tal qual no Posto de Saúde, além de ser um maior número de pessoas idosas, são mulheres, "atendo sim, idosos bastante, mais é mulher, os homens procuram pouco". A média de atendimento de pessoas idosas por mês, de acordo com ele, é mais de 30, geralmente entre as faixas etárias entre os 60 e 70 anos provenientes, 20% da "cidade" e 80% das localidades do interior.

Davi considera como dificuldade no atendimento aos homens idosos, além da pouca iniciativa da consulta, a falta de disciplina em tomar os remédios dos vidrinhos homeopáticos, "uns tomam mesmo a sério, os que tomam a sério melhoram, outros guardam o vidrinho, outros não tomam mais. Aí eu sempre digo pra voltar, mas às vezes não gostaram de conversar com a gente, daí a gente fica assim né ..."

Os vícios do álcool e do cigarro é também um grande motivo de doença dos homens idosos, mas Davi é taxativo ao dizer:

eu vou dizer pra você que uma pessoa de 80 anos eu não proíbo nem o cigarro, agora que nem hoje eu disse, um piá de 40 anos fumando! Por que? agora com 80 pode fumar! Aí o piá aqui disse: "mas meu tio está fumando com 80 anos ...", disse pra ele: "mas você não vai chegar aos 80 ... teu tio sempre fez fumo de rolo, daí é uma coisa diferente, agora você com 40 anos fumando rapaz!"

A teimosia é um dos aspectos relevantes apontados por Davi, em relação ao homem idoso do Cerrito, "ele chega numa altura que fica

um pouco teimoso né, o idoso não pode subir, vamos supor, agora um idoso de 65 anos que tenta subir num pinheiro, dá um acidente e não vai sarar mais!".

Dinorá. Diretora da APAE.

A APAE existe no Cerrito há 18 anos. Foi criado por um grupo de pessoas que vendo a necessidade de um atendimento específico, criou um espaço cedido pela Prefeitura e depois a custo de muito trabalho, conseguiram esse espaço aqui que foi construído e estamos ampliando pelo número de alunos, já foi ampliado duas vezes. Que bom se a gente tivesse só esses alunos, chega de deficiência, mas infelizmente ... a gente está trabalhando a previsão, só que surgem casos a cada momento. (DINORÁ, 2015).

Dinorá reside no Cerrito, bem como seus pais e avós paternos. É pedagoga e tem Pós-Graduação em Educação Especial. Entrou na APAE há uns nove ou dez anos como coordenadora pedagógica, mas na direção atua há três anos. É funcionária do Estado cedida para a Fundação Catarinense e esta a cede para a APAE, associação privada. Os professores são todos admitidos em caráter temporário/ACTs.

No momento da entrevista a APAE contava com 77 alunos. Destes, 72 são alunos de sala de aula e cinco vão na Associação somente para atendimento da equipe técnica do SUS e voltam para casa. Mais de 50% dos que participam são pessoas com 60 anos ou mais, a maioria são homens moradores do "interior". No período matutino há um número maior de alunos, pois o transporte que o município dispõe é no horário da manhã.

Segundo Dinorá, o espaço físico não comporta mais, "mas a gente sempre acha uma forma, tem uma sala grande que a gente já colocou uma cortina no meio pra dividir e atender nos dois espaços, estamos improvisando". Os alunos não almoçam na APAE, mas o lanche das 10h é reforçado e a tarde, "servimos uma coisa mais leve, até porque a tarde é um público mais comprometido, são cadeirantes, àqueles que precisam de um olhar mais atento".

A entrada na APAE se dá a partir do momento em que seja diagnosticado alguma deficiência e que os familiares queiram que eles participem, "atendemos de 0 anos até a vontade deles". As atividades da Associação são intergeracionais e não são distribuídas por disciplinas,

exceto Artes e Educação Física. Relatou que as turmas são divididas por afinidade e não por grupos geracionais. Nas atividades de Arte não há divisão por gênero, homens e mulheres, especialmente os mais idosos trabalham juntos,

fazem crochê, tricô, costuram, fazem fuchiquinho, essas flores aqui são feitas por eles! Todas as turmas trabalham com artesanato, inclusive os homens, aqui eles não tem a divisão do serviço de mulher e o serviço de homens. Tanto que tem umas vassourinhas - inclusive a gente nunca tem, porque todo mundo quer, é vendida. Essa vassourinha, as meninas fazem tipo aquela correntinha de crochê e os meninos passam a lã, amarram, fazem tipo uma peruquinha de Emília, daí eles vestem na vassoura. Então todos trabalham naquilo, fazem também tapetes, uns cortam as tirinhas, outros amarram. Estão ali desenvolvendo a coordenação, eles não param, estão ali interagindo, tanto que depois eu quero que vocês vejam as salas, estão todos ao redor da mesa trabalhando.

Outra atividade propiciada pela APAE é a musicalização. Toda sexta-feira um professor de música ensaia com a banda formada por pessoas de várias faixas etárias, composta mais por homens, do que por mulheres.

Atenta aos direitos das pessoas com deficiência, Dinorá lamenta que devido ao tamanho do município e a falta de postos de trabalho, a APAE não dispõe de nenhum projeto de iniciação para o trabalho, pois não há como inseri-los⁶⁶.

Dinorá me informou que muitos artesanatos confeccionados pelos alunos são expostos e vendidos em alguns eventos. Cada um faz

⁶⁶ A Lei 8.213/1991, no artigo 93, institui a obrigatoriedade de reserva de postos de trabalho a pessoas com deficiência, fixando os percentuais conforme o número de funcionários. Assim, empresas com 100 ou mais empregados devem reservar de 2 a 5% dos seus cargos a pessoas com deficiência; empresas com até 200 empregados devem cumprir uma cota de 2%; de 201 a 500 empregados, a cota é 3%; até 1000 empregados, 4%; e, acima de 1000, 5%. Dependendo do grau de deficiência, o trabalhador poderá ter horário de trabalho flexível ou reduzido. Fonte: Federação da Apaes do Estado/FEAPAES. Disponível em: <<http://www.apaesantacatarina.org.br/noticia.phtml/68896>>. Acesso em 01 de maio de 2016.

uma atividade, de acordo com a habilidade específica sob orientação e supervisão de um professor. O dinheiro arrecadado vai para o caixa que serve para efetuar alguns eventos, como o Dia das Mães.

Mas a participação social destes alunos da APAE não pára por aí ... eles participam de um projeto de reciclagem de lixo, especialmente os mais idosos que se empolgam mais:

A gente pega papelão no comércio, normalmente eles ligam avisando. Os alunos abrem as caixas, amarram, enfim. Aí o papelão a gente faz assim, cada mês uma turma é responsável, lógico, que os pequeninhos não, algumas turmas não participam da reciclagem, os idosos adoram! Chega no final do mês, a gente vende esse papelão, vamos pensar que deu 100 reais, esse valor a gente divide, R\$ 50,00 fica no caixa da escola e R\$ 50,00 para a turma. Daí quando a turma está com o valor x vamos numa padaria fazer um lanche, fazer um passeio, eles vão decidir o que fazer. Eles fazem bastante passeio. Em agosto, por exemplo, tem a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência, nós temos parceira com a APAE de Correia Pinto/SC, um ano eles vem pra cá, outro ano, nós vamos pra lá. Então a gente vai para um sítio normalmente, então é a interação de 2 escolas. Beto Carrero, esse ano a gente quer levá-los à Pomerode/SC.

Indaguei se inclusive os idosos iriam para o Beto Carrero e Dinorá me informa que, desde que a família autorize por escrito e se comprometa a levar na APAE no horário estipulado, eles vão. Geralmente conseguem transporte e alimentação, mas "para o Beto Carrero, a gente pede pra família pagar a entrada, de repente tem àquelas famílias que não tem como, a gente busca padrinhos na comunidade".

A pessoa idosa da APAE

As pessoas idosas que estavam na APAE naquele momento da entrevista, segundo Dinorá, estão ali há bastante tempo e, ao contrário de muitos homens idosos cerritenses, considerados pelas agentes da Saúde e da Assistência Social como "mais parados", os idosos da APAE, em sua grande maioria são ativos. Gostam de jogar futebol, participam da banda, fazem ginástica e artes, *pintam e bordam*, embora

estejam mais lentos, de acordo com Dinorá, mas "esse nosso público não sente que estão envelhecendo, eles não se atém a essa realidade",

a maioria deles pelo fato de estar ali na questão do envelhecimento, a gente já nota que estão mais lentos, tanto que a gente tem a Academia aqui na frente, tem um projeto da professora pra que ela possa estar vindo mais dias da semana e trabalhar com os mais velhos mais vezes aqui na academia, porque queira ou não, eles tem que ter uma mobilidade maior. Nossos alunos da tarde tem a mobilidade mais reduzida, mas eu posso dizer que é pelo fato do envelhecimento natural mesmo e não pela deficiência em si, e isso é natural de todos nós, ditos "normais", agora imagina eles com essa limitação, que de certa forma, a família e a sociedade já limita eles mais ainda e a idade acarreta isso tudo.

Para Dinorá, com os mais velhos precisa de um cuidado ainda maior, "ir mais devagar, pois eles ainda se acham a todo vapor né!". A idosa mais velha tem 72 anos, mas a maioria está na faixa etária entre os 60 e 70 anos, além de muitos na dita idade madura, na casa dos 50 anos.

Dinorá nos informa que a família nem sempre apóia, "a maioria dos idosos daqui é cuidado por um irmão, sobrinho, alguém assim".

Com tantas demências que surgem no decorrer da idade como o *Alzheimer* e o *Parkinson*, perguntei à diretora se o motivo dessas pessoas estarem na APAE era por conta destas demências, ela disse que não: "a deficiência dos nossos alunos é mental e sempre tiveram. Tem gente que demorou a ser diagnosticado, mas eles já tinham essa deficiência".

Muitas pessoas idosas da APAE recebem o benefício da aposentadoria. Dinorá percebe que nas reuniões pedagógicas para a família, "nem todos tem aquela preocupação realmente, infelizmente tem muita preocupação na questão de manter o benefício, porque alguns são aposentados". Ela me explica que para o aluno conseguir ou renovar o benefício precisa encaminhar via a Associação, mas que uma vez conseguido, a família não leva mais seu idoso para participar da APAE.

Outra dificuldade apontada é a "irritabilidade quando chega numa certa idade", daí a opção da coordenação de separar as atividades por afinidade e não por idade.

Oséias. Policial.

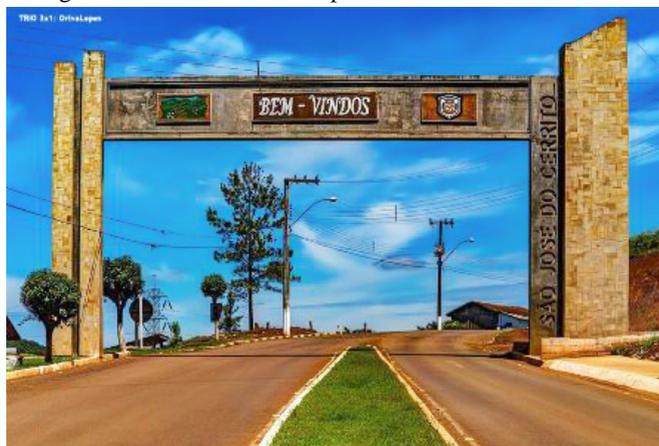
Oséias foi o primeiro entrevistado. Após sair da Prefeitura no primeiro dia do campo, saí meio que a esmo pelas ruas, tentando ver qualquer coisa que pudesse me servir como um sinal, um início e não só o acesso que teria através do Grupo de Idosos. Deparei-me com a Delegacia e, como ouvia diariamente no rádio da minha tia sobre ocorrências de maus tratos às pessoas idosas, resolvi entrar.

Oséias nasceu no Rio Grande do Sul e reside em Lages/SC. É graduado em Educação e tem pós-graduação em Segurança. Trabalha no Cerrito há 8 anos como policial civil, mas na área de segurança há 30 anos. Informa que há alguns casos de violência contra a pessoa idosa, maus tratos da família, mas não adentra muito no assunto.

3.1.2 Diários de Campo

I Parte

Imagem 8 - Entrada no município de São José do Cerrito - SC.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

No final de 2014 entrei no site da Prefeitura de São José do Cerrito - <http://www.cerrito.sc.gov.br/>-e no link "Contato", enviei um email descrevendo brevemente sobre minha pesquisa e a possibilidade de fazer meu campo nesta localidade. Não obtive resposta, mas em dezembro do mesmo ano fui na Prefeitura e fui recebida por Rebeca, responsável da Assistência Social do município. Ela me recebeu de

forma cordial. Disse-me que recebeu o email, gostou da ideia, mas não teve tempo de responder. Na época me apresentou Ana, coordenadora do Grupo de Idosos.

Imagem 9 - Prefeitura de São José do Cerrito – SC



Foto Orival Lopes, 2015.

Ficou combinado que no mês seguinte elas me ligariam, após o Grupo agendar a visita aos grupos de idosos do “interior”, pois eu teria interesse em acompanhar. Isso não aconteceu, pois me informaram depois que não conseguiram condução para tal. Assim, o trabalho de campo propriamente dito iniciou em março, após entrega dos meus artigos para as disciplinas do primeiro ano do mestrado.

De março a julho percorri pela "cidade" e por alguns locais do "interior". Esse percurso pode ser percebido em algumas anotações por onde passamos, conforme o mapa cartografado:

Imagem 11 - CRAS Vó Maria.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2015.

Imagem 12 - Centro de Convivência.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2015.

Conversamos um pouco mais sobre os trâmites destas duas semanas que ficaria aqui. Ana me disponibilizou alguns documentos, como a relação dos idosos de 2014. Combinamos que eu participaria do Grupo de Idosos Conviver no dia seguinte.

Saindo dali passei pela Delegacia e resolvi entrar. Acabei entrevistando um policial civil sobre possíveis denúncias de maus tratos aos idosos ou outros tipos de ocorrências. Ele me informou que felizmente tem poucos casos de ocorrências envolvendo pessoas idosas.

Voltando pra casa da tia, encontrei com meu priminho que me levou na casa de seu tio avô, Ezequiel e a esposa Zilá. O casal mora sozinho. Eu já os conhecia há muitos anos, mas nunca conversamos direito, apenas sabiam que eu era sobrinha do tio e da tia. Estavam os dois sentados no sofá vendo novela. Conversamos um pouquinho e logo falei sobre a pesquisa e ele concordou que eu gravasse. Parecia desconfortável, especialmente por causa do gravador, mas mesmo assim

aceitou e também após eu ter lido o TCLE (Termo de Consentimento Livre de Entrevista), não foi uma boa ideia, pois deu um tom de desconfiança, especialmente da esposa que perguntou: "mas não vai dar nenhum problema né?" Na resposta sobre os motivos de existir mais mulheres em grupos para a terceira idade: "dá quase três mulheres pra cada homem!", disse-me o entrevistado. Zilá diz muito contrariada: "olha Seu Ezequiel que está gravando hein!". Suas respostas foram mais genéricas e pontuais, sem falar muito de festas, de bailes, mas enfatizar a "lida" no trabalho. Não quis responder a pergunta: "o que não gosta de fazer?". Pulou. O casal participa do Grupo de Idosos Conviver. Percebi que no outro dia no Grupo, Ezequiel, como outros, nem sempre fica ao lado da esposa, eles jogam dominó entre eles. Também durante o lanche, Ezequiel continuou junto aos homens, mas a esposa não pareceu se importar, pois também estava entretida com outras mulheres. No dia da entrevista, ele sentou-se à mesa e sua esposa ficou no sofá.

24.03 (terça-feira)

Às 13 horas e 30 minutos fui para o Grupo de Idosos no Centro de Convivência. Disse-me Ana que a partir das 13 horas as pessoas idosas já começam a chegar. Quando cheguei algumas idosas estavam sentadas nas cadeiras ao lado da parede, especialmente os homens. O salão é grande, mas Ana disse que é pequeno, visto cada vez mais pessoas idosas entrarem no Grupo. Num canto, um pequeno altar religioso com Nossa Senhora, a Bíblia aberta e algumas velas acesas.

Imagem 13 - Altar de Nossa Senhora no salão principal do Centro de Convivência.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2015.

Um som estava tocando músicas religiosas. Na outra sala, extensão dessa, várias mesinhas e cadeiras para os jogos de baralho e dominó. Logo na entrada estavam Zaíra e Moisés. Ela, muito arrumada e "faceira", ele muito tranquilo. Logo puxei conversa com ele e outros senhores que sentavam num banco. Descobri logo que conhecia meu avô. Me falou intercalando sua história e da cidade. Algumas pessoas idosas perguntavam se eu era parente do Seu Moisés. A "prosa" tava boa, mas quis também interagir com outras pessoas para me "enturmar" melhor.

Participaram aproximadamente 30 mulheres e 13 homens, visto após minha contagem, muitas pessoas irem chegando a todo momento e perdi a conta. Quase todo os homens sentaram-se no banco ao lado da parede e as mulheres se espalhavam mais, se aproximando do centro com suas cadeiras quando Ana chamou todos. Os homens quase não se mexeram, exceto um deles que sentou com as mulheres. Alguns homens foram junto com suas esposas, outros chegaram sozinhos, um que entrevistei era viúvo. Trajavam roupas de cores sóbrias, sapatos ou sandálias, calças de "tergal" ou jeans. Um deles estava de botas e bombacha, bem ao estilo serrano.

Neste dia não teve alongamento, como de costume, pois a professora de educação física foi ao dentista. Antes de iniciar, eles ia jogando baralho e dominó, conversavam e tiravam a pressão com a enfermeira. Notei que ficavam atentos na pressão uns dos outros, se "gabando" quando a pressão tava boa.

Às 14 horas iniciou a novena de Páscoa puxadas por Ana e por uma senhora ao seu lado. Os homens continuaram nos bancos mais afastados, mas rezando também, embora tenha quase certeza que eles não ouviam as "rezas" do livrinho, vez ou outra se distraíam conversando entre eles. As mulheres eram mais participativas e revezavam o terço. Uma delas, trajada com muitos adereços, confidenciou-me baixinho que acha rezar importante, mas prefere dançar. Devido a quaresma, foi combinado entre todos que não haveria dança, embora Rebeca e Ana me informaram que deixaram em aberto, caso alguém quisesse dançar após as atividades, mas ninguém quis. Penso que mesmo que alguém quisesse iria se sentir constrangido(a) perante os demais que não acham certo dançar. A novena durou mais ou menos uma hora.

Após disso a cozinheira trouxe um bolo numa mesa de rodinha e Ana chamou na frente todos os aniversariantes de janeiro, fevereiro e março. Ana entregou para cada um velas coloridas, para que ao apagar a vela dissessem suas idades. A mais nova fez 55 anos e a mais velha 80. Embora o Grupo aceite somente pessoas a partir dos 60 anos, de acordo com o Estatuto, muitos procuram o Grupo antes disso, então há sempre uma negociação, pois há um tempo atrás se aceitava pessoas mais novas, mas com o aumento do número de idosos a partir dos 60, tiveram que impedir a participação dos que ainda não completaram 60 anos, devido a falta de estrutura. Porém, alguns que já participaram, fica difícil mandar embora, disse-me Ana.

Durante o ato de apagar a vela e falar a idade, notei que alguns idosos, especialmente os homens, falavam muito baixinho. Antes do bolo ser cortado para o lanche, Ana me apresentou e tive uma fala de 15 minutos. Falei brevemente de minha pesquisa, minha vinculação ao NETI, minha concepção de envelhecimento, propus uma atividade para a semana que vem (que cada um levasse um objeto e contasse uma história a partir disso) e por último, meu parentesco na cidade. Este fato fez com que algumas pessoas se aproximassem depois de mim para falar sobre meu avô e tornei-me "um deles".

Após o lanche, foi realizado um bingo, como de costume, momento muito esperado por todas as pessoas, sendo sorteado coisas que as próprias pessoas levam: litro de leite de sua criação, sachês de banheiro, potes, etc. Um senhor se aproximou e disse conhecer meu pai e - conforme eu havia convocado anteriormente - ele disse que participaria da entrevista. Fomos então à salinha da Ana por causa do barulho. A entrevista demorou bastante. Esse senhor está viúvo há um ano e nove meses. Ao fim da entrevista muitas pessoas idosas já tinham ido embora, mas entrevistei ainda o Seu Marcos na mesma salinha. Parecia primeiramente tímido e falava muito baixo, com respostas rápidas e curtas. Mas em algumas respostas, como "do que mais gosta", falou gostar de baile, quando ia levar os gaiteiros, e sobre sua esposa ficar brava disse: "não adianta ficar brava né". Aos poucos pareceu ficar mais à vontade. Parecia muito "concordado" com tudo, não disse do que não gostava e além dos bailes, disse-me gostar muito do Grupo Idoso dali, e que estava na expectativa de participar do encontro do "interior" no dia 10, de acordo com a programação.

Quando todos foram embora conversei um pouco mais com Ana que disse-me que o Grupo é muito maior quando tem baile. E só então reparei na parede uma folha com a composição do Conselho Municipal do Idoso. Anotei o nome de todos os oito representantes (quatro de instituições governamentais - incluindo a Ana - e quatro não governamentais) para entrevistá-los. Ana foi muito solícita, mas alguns nomes já me disse não ser possível, uma delas é uma idosa que já não está mais participando do Grupo.

25.03 (quarta-feira)

Saí cedo para procurar um gravador, pois tive problemas com o meu ... comprei um celular ... a princípio deu certo, mas vou a partir de agora levar os dois celulares.

Estive no Sindicato dos Trabalhadores Rurais procurando a representante do CMI, mas fui informada que ela não trabalha mais lá, nem sabem de seu paradeiro. Como percebi que no Sindicato há muito movimento de pessoas idosas, resolvi entrevistar uma das funcionárias, mas devido o movimento, peguei alguns *folder's* e revistas que podem ajudar, e, uma vez que fui permitida, bati algumas foto, marquei outro horário e fui embora. Durante minha estadia ali, dois idosos entraram e falavam sobre seus direitos enquanto lavradores, buscando ajuda do sindicato. Isso parece ser bem comum ali.

Imagem 14 - Folder disposto no Sindicato dos Trabalhadores Rurais.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2015.

Às 10 horas fui visitar o Padre Salomão, conforme havia marcado. A casa paroquial é grande. Na parte debaixo da casa, fica a secretaria onde consta várias fotos de igrejas - algumas bem simples - das localidades do interior. Na parte de cima, os quartos, cozinha, sala e uma salinha logo na entrada onde aconteceu a entrevista. Esta transcorreu muito tranquila, tive ótima impressão deste padre, especialmente pela ação social da igreja. O Padre me ofereceu um café com "cequilha" (espécie de biscoito passado no açúcar, muito comum aqui) na mesa de jantar. Na parede, um quadro da Itália e outro do Cerrito, creio que o Padre Malaquias é italiano de origem. Após a entrevista, relatou que sua estadia aqui se deu principalmente para ajudar o trabalho - além de ajudar a cuidar também - do Padre Malaquias, um senhor de 87 anos, muito ativo, mas que esteve muito doente ano passado, passando por uma cirurgia delicada, mas ele, Padre Salomão esteve a todo momento perto dele. O vê como um exemplo, muito engajado com a comunidade, mas lhe chamou atenção pois é descuidado com a saúde, como dormir no carro de qualquer jeito ou no

sofá vendo televisão. Ele, Padre Salomão, também deita no sofá, pois gosta de ver futebol, mas também já sente dores no pescoço. Convidou-me para um café na casa paroquial e me presenteou com um livro sobre a arqueologia do Cerrito, relatando sobre os problemas com as comunidades de São João das Palmeiras, Teodoro Bento e Vila Santa Catarina, pertencentes ao município de São José do Cerrito/SC e os municípios de Rio da Vargem/SC, Brunópolis/SC e parte de Curitiba/SC, que estão sofrendo as ações da empresa Engevix, devido a construção da Hidrelétrica São Roque.⁶⁷ Há dois anos esta empresa está construindo a barragem, com previsão de término para este ano (2015) e, conforme Padre Salomão, não está havendo diálogo com estas populações que precisam sair de suas terras, dentre elas, muitas pessoas idosas. Inclusive, a Engevix está envolvida com os escândalos da Lava Jato⁶⁸. Padre Salomão relatou sua indignação quando esteve nestas comunidades, segundo ele, "na falta de humanidade por parte da empresa" e que ele quase perdeu a paciência e, por conta disso, nem foi mais lá, só o Padre Malaquias que foi. Tentei conversar com o Padre Malaquias hoje, mas ele realmente não pára, chegou e saiu, sem que eu o visse. No final, Padre Salomão disse que aprendeu muito com a entrevista, pois é difícil oportunidades que façam pensar sobre o trabalho que realiza. A entrevista durou quase 2h, mais a conversa informal durante o café.

Voltei para a tia almoçar às 12 horas. A tarde fui na Prefeitura, pois tinha marcado com o Prefeito, mas devido licitação, tinha muita gente e ficou para amanhã. Na volta passei na Secretaria de Educação e consegui entrevistar uma das representantes do Conselho Municipal do Idoso, Eva. Foi muito bom.

⁶⁷ Hidrelétrica São Roque. Órgão responsável - Ministério de Minas e Energia. Abrangência - São José do Cerrito, Campos Novos, Brunópolis, Curitiba, Frei Rogério e Vargem. Investimento previsto - R\$ 855.952.000,00. Fonte: PAC Ministério do Planejamento. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/obra/1819>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

⁶⁸ Justiça concede prisão domiciliar a sócio da Engevix preso pela Lava Jato. Preso no âmbito da 19ª Operação Lava Jato, o empresário José Antunes Sobrinho, sócio da Engevix, teve concedida a prisão domiciliar no início da noite desta segunda-feira (9), pela 7ª Vara Criminal Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/05/justica-concede-prisao-domiciliar-empresario-presos-pela-lava-jato.html>>. Acesso em 22 de agosto de 2016.

Às 15 horas fui no CRAS e entrevistei a assistente social, a psicóloga e a orientadora física. Neste dia e ontem, quando estive ali, notei a presença de mulheres fazendo bordados e um cartaz em homenagem a uma idosa conhecida como vó Maria, que deu nome a esta instituição: CRAS Vó Maria.

Imagem 15 - Hidrelétrica de São Roque.



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

Fiquei mais ou menos uma hora no CRAS e de lá fui para a casa de Moisés e Zaíra, um casal muito simpático que conheci no Grupo ontem e me convidaram para ir até sua casa. Ele tem 86 anos e ela 80. Para chegar à casa, passa-se por um trecho ao lado da escola municipal, entra-se por um portão de ferro e um grande lote se abre aos nossos olhos. No fundo, uma casinha de madeira azul, com muitas flores coloridas e plantas na frente, ao lado uma área com várias redes. Um gato se espreguiça sem muito se importar com minha presença,

enquanto o cão me olha com cara de poucos amigos. Na parte de trás da casa, vi um terreno em declínio, com uma casinha para a criação - galinhas, porcos, etc., que passeavam por ali. Zaíra vinha logo atrás de mim, tava no Curso de Bordados do CRAS, ao saber que fui até sua casa, tentou me alcançar. Chegou com sua sacolinha toda colorida feita por ela. Seu Moisés estava num banco na cozinha, cheio de almofadas embaixo da janela, muito tranquilo, não parecendo querer sair dali de jeito nenhum. Me cumprimentou amigavelmente e a conversa logo engatou, perpassando por suas histórias, histórias do Cerrito, de pessoas que eles ajudaram, de remédios caseiros, enfim. A entrevista em si, nem tinha começado, mas eu já tinha muito material. Tomamos um café e pedi autorização para gravar. É um casal muito unido, não faltava oportunidade para demonstrarem isso, fosse pelos olhares, pelo toque das mãos, pelas histórias deles, um complementando o outro. Após a entrevista, Zaíra já estava louca para me mostrar o álbum em que várias vezes foi Rainha do Grupo de Idosos do Cerrito, disputando a coroa até fora da Região. Ela, muito elegante, sempre com Seu Moisés, orgulhoso de sua esposa, tanto nas fotos, quanto ali, enquanto ela mostrava os retratos. Contou que Seu Moisés teve problemas sérios de próstata (aliás, o maior problema que atinge os homens idosos dessa região). Zaíra está "curando" ele com "emplastro" de argila. Quiseram que eu dormisse ali, mas minha tia me esperava. D. Zaíra me acompanhou até o portão do lote, não sem antes seu marido pedir que ela colocasse um xale na cabeça por causa do sereno. Na saída me presenteou com flores roxas, chamada perpétua, da frente de sua casa. Cheguei na tia às 20 horas.

Imagem 16 - Casa de Moisés e Zaíra.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2015.

26.03 (quarta-feira)

Hoje iniciei pela manhã entrevistando a Ana, coordenadora do Grupo de Idosos Conviver e representante do Conselho Municipal do Idoso/CMI. Disse-me não ser concursada - aliás, muitas das entrevistadas dos órgãos públicos não são, entram por contratação, como as meninas do CRAS, via Consolidação das Leis do Trabalho/CLT - ou por indicação, como é o caso de Ana, devido coligação do partido, pois seu marido é vereador pelo PMDB. Seu pai também foi vereador, pelo mesmo partido. Quando cheguei, Ana já estava me esperando em sua salinha no Centro de Convivência e tinha em mãos, além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE que deixei com ela, um livrinho do Estatuto do Idoso e os documentos do CMI. Estava um pouco apreensiva e sugeriu que pudesse responder a lápis antes de responder de fato para que a entrevista fosse mais "objetiva". Respondi que preferia mesmo que não fosse objetiva, mas mais uma conversa

mesmo, não tão formal. Acho que a convenci. Notei que suas respostas foram muito bem pensadas e articuladas e me pareceu estar à vontade. Demonstra gostar muito de seu trabalho com pessoas idosas. Em sua salinha havia muitos pacotes de farinha e açúcar que são usados no próprio Centro e também enviado para alguns Centros no "interior". Também no salão onde acontece o encontro tem fotos das pessoas idosas do Grupo que participaram em anos anteriores de alguns eventos, como o Concurso de Rainhas, tendo como representante, na maioria das vezes, Zaíra.

Após a entrevista, tomei um café e notei que havia no corredor lá fora um senhor e uma senhora idosa, vestidos precariamente. Tomavam um café com pão. Ana me informou que no Centro Francisco e Safira ganhavam café da manhã, almoço e lanche. Já haviam convivido juntos anos atrás, mas que agora estavam morando em casas separadas, sozinhos e só se encontravam eventualmente ali. Francisco vende latinhas e outros apetrechos em sua bicicleta durante o dia na "cidade", mas reside no "interior".

No período da tarde fui novamente à Prefeitura, mas não consegui de novo falar com o Prefeito que já havia saído. Marquei com a Raquel (representante do CMI por parte da administração da Prefeitura) que iria entrevistá-la no dia seguinte, supondo ser possível "aproveitar" e entrevistar o Prefeito também. Notei que nos quadros dos ex-vereadores dispostos na parede, desde 1964 até agora, dos 30 expostos, havia somente uma mulher que foi presidente da câmara de vereadores no período de 01.01.2013 até 31.12.2013 e, ao que se constata continua atuando como vereadora e trabalha também na Secretaria Municipal de Educação.

Imagem 17 - Em destaque a vereadora Ana M^a Marcon dos Santos.



Fonte: Arquivo Pessoal. 2015.

Aproveitei que estava na Prefeitura e entrevistei Rebeca, responsável pela Gestão do Serviço Social. Ela me disse que não há um cadastro do número de pessoas idosas do Cerrito e que não teriam condições de fazê-lo, somente o IBGE. Possuem sim uma lista das pessoas idosas cadastradas que procuram a Prefeitura.

Saindo, fui até a Secretaria Municipal de Saúde e entrevistei Carmela, enfermeira cedida para o Grupo de Idosos Conviver. Procurei um dos representantes suplente do CMI, funcionário da Farmácia e, para minha surpresa e para a dele, ele não sabia que era suplente. De qualquer forma, aceitou a entrevista por esta condição que acabou de saber e também por trabalhar na farmácia e atender muitas pessoas idosas. Marcamos semana que vem após às 16 horas⁶⁹.

Em seguida entrevistei uma das enfermeiras que costuma atender o "interior". Ela está grávida e por isso não está indo no momento. Combinamos que semana que vem, me avisariam quando a outra enfermeira fosse fazer uma visita no "interior" ou mesmo na casa de algum idoso aqui da "cidade" que não participa do Grupo. Acompanhar as enfermeiras me dá outra perspectiva, a de visitar idosos

⁶⁹ Devido percalços, essa entrevista acabou não acontecendo. Não quis insistir.

nem tão ativos assim, nem tão saudáveis, mas os acamados, os depressivos, os doentes de modo geral⁷⁰.

Fiquei também de procurar o Dr. Samuel que tem 71 anos e costuma atender pessoas idosas, além de crianças, sua especialidade. Ele costuma estar no Posto (pois o único Hospital da cidade fechou) na parte da manhã, por volta das 14 horas às 15 horas. Vou procurá-lo na segunda, bem como saber sobre alguma saída das enfermeiras. Soube no Posto e também pela minha tia, que há uma *van* disponível algumas vezes na semana que sai às 7 horas da manhã até Lages/SC, voltando às 11 horas. E depois a tarde sai às 13 horas e volta às 17 horas. Leva pacientes de todas as idades para consultas e exames. Os particulares só vão se tem vaga, mas geralmente tem, pois a prioridade são os atendidos pelo SUS. Em conversa com alguns, soube que em sua maioria são idosos, alguns tem tratamentos mais graves como hemodiálise.

Passei depois na lanchonete que também presta serviços de copiadora e tirei cópias de alguns documentos emprestados da Prefeitura. Fui então até o Sindicato que fiquei de ir ontem, mas não tive tempo. A secretária Berenice, como sempre, estava muito ocupada e acabei entrevistando um idoso do "interior", Timóteo, que estava ali puxando papo junto com sua segunda esposa, bem mais nova. Muito ativo e falante, descobri que esse senhor foi candidato a vice-prefeito junto com meu tio que se candidatou a prefeito pelo Partido dos Trabalhadores nos anos 1980. Após obter o consentimento de Timóteo, liguei o gravador e em nossa conversa, me confidenciou que já foi presidente deste Sindicato Rural. Indaguei se tinha medo da morte, e ele me disse: "eu tenho medo de morrer novo demais [risos] é só esse o meu medo, se não chegar aos 200 anos é ruim ...". Sobre as maiores necessidades que percebe para a pessoa idosa, Timóteo me diz que é a falta de remédios,

eu ... por exemplo, os atendimentos médicos, ainda é precário no Brasil bem precário e ... tem muitas outras necessidades ... o poder aquisitivo das pessoas mais fracas, tem discriminação só porque é mais pobre, isso existe, sempre existiu e ainda está existindo ... o atendimento do rico é um

⁷⁰ Tentei algumas vezes, mas não consegui durante o trabalho de campo acompanhar nenhuma enfermeira nas casas dos idosos, devido outras atividades que foram surgindo, quando chegava no Posto a(s) enfermeira(s) já tinham saído ou naquele dia não fariam a visita. Imponderáveis da vida

e o atendimento do pobre é outro ... sempre foi, mas agora é melhor, de primeiro ainda foi pior, mas ainda falta, tem que melhorar muita coisa. (TIMÓTEO, 2015).

Após entrevista com Timóteo, entrevistei Berenice, ambas entrevistas foram em meio às conversas paralelas com todos que estavam ali. Às vezes é muito difícil conseguir um "clima" para a entrevista e a entrevista precisa se adaptar ao "clima" que já existe. O mais surpreendente que Berenice me contou, foi que as mulheres idosas lavradoras quando estão prestes a se aposentar (com 55 anos ou após 15 anos de contribuição) ou quando ficam viúvas, não sabem nada de seus direitos, sequer tem identidade, ou seja, a vida inteira foram seus maridos que lidaram com todo o dinheiro da família e não tiveram "disposição" de arrumar a documentação de suas esposas. Muitas analfabetas, sequer sabem o banco que estão seu dinheiro. Rosana disse que seus maridos não gostam que suas mulheres saiam de casa em nenhuma circunstância e também elas próprias, às vezes se casaram muito cedo e só lidam com a casa e a lavoura, deixando todo o resto pro marido, uma repetição do modo como seus pais também vivem.

Cansada, passei no cemitério para visitar os moradores de lá: meus avós e meu tio. Conversei com eles e agradei por estar aqui. Voltei pra tia, fui na academia ao ar livre com meu priminho Rodrigo. Algumas pessoas idosas, homens e mulheres também estavam lá usufruindo do novo espaço concedido pela prefeitura.

Imagem 18 - Academia ao ar livre.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

Notei que algumas pessoas, especialmente alguns homens idosos, talvez sabendo da pesquisa que estou realizando, já me cumprimentam pela cidade sem me conhecer necessariamente.

Penso em mapear o máximo possível de instituições governamentais, não-governamentais, comércio e até Correios, SICOOB (Sistema de Cooperativas de Crédito no Brasil) e Banco do Brasil, que de alguma forma lidam com pessoas idosas. Nos Correios, saber qual é a média das pessoas idosas que frequentam e qual o tipo de serviço que eles pedem. Nos bancos, qual a incidência das pessoas desta faixa etária que vão até lá. Também se há mais homens ou mulheres nestes locais e se são os homens idosos que costumam fazer as coisas para suas esposas ou se elas fazem por elas, já que no Sindicato obtive essa revelação ...

Imagem 19 - Banco prioritário.



Arquivo Pessoal. 2015

Conforme assegura a Lei nº 10.048 de novembro de 2000 que preconiza em seu Art. 1º - "as pessoas com deficiência, os idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, as gestantes, as lactantes, as pessoas com crianças de colo e os obesos terão atendimento prioritário", bem como atende o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 2003) em seu Art. 3º, parágrafo único: "atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população". Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10048.htm>. Acesso em 22 de agosto de 2016. E ESTATUTO DO IDOSO. Senadora Ideli Salvatti. Brasília, 2003.

27.03 (sexta-feira)

O dia amanheceu garoando. Fui até à Prefeitura e consegui a entrevista com o Prefeito e em seguida com Raquel. O Prefeito enfatizou que sua preocupação é maior com as estradas do "interior" "e que agora, contrário há sete anos atrás em outras gestões, os acessos para o "interior" e vice-versa já estão bem melhores.

Na entrevista com Raquel, constatei mais uma vez que a participação dos representantes do CMI em suas reuniões é parcial, limitada pelos choques de horários em suas funções no trabalho, mas também que nem o Estado, nem o município propiciaram até agora qualquer treinamento, capacitação, curso ou palestra a respeito da questão do envelhecimento. De modo que os(as) agentes institucionais envolvidos(as) nas questões relacionadas às pessoas idosas, agem de acordo com os recursos que dispõem.

Saí da administração pública e fui até a feirinha conversar um pouco. A Feira fica ao lado da Secretaria Municipal da Educação e acontece toda quarta, excepcionalmente, teve hoje. Alguns homens novos e velhos vendiam peixes vivos do rio em baldes e tonéis e havia a venda de produtos diversos: queijo e leite colonial, pimentões, batata salsa, bolos, bolachas e algumas bandejas de peixes picados. Alguns homens de variadas idades conversavam animadamente. Um senhor "puxou conversa" comigo, disse morar em Curitiba/PR há mais de 40 anos, mas é natural daqui, tem 80 anos e está só passeando na casa dos filhos. Comprei uma bandeja de peixe e agora fui eu quem "puxou conversa" com Mateus, um dos responsáveis pela Feirinha. A comunidade de algumas localidades se reúne para organizar a feira, disse-me o feirante. Ele é um dos moradores do "interior", mas ressalta: "não é tão longe assim, fica à beira da estrada, há uns 15 km mais ou menos daqui da cidade", completou. Estava trajado com botas, chapéu e bombacha. Uma vez ter aceito a gravação de nossa conversa, a entrevista transcorreu tranquila, as demais pessoas presentes na cena, interagiam vez ou outra, bem como a única mulher, também idosa, moradora da comunidade e vendedora da Feirinha. Após a feira fui no Banco do Brasil e peguei uma senha para fazer algumas perguntas rápidas para não atrapalhar o fluxo da fila:

- "Qual a média diária das pessoas idosas que vem ao banco?"- "50 por dia";

- "Mais homens ou mulheres?" - "mais mulheres".[para meu espanto, considerando a fala de Berenice do Sindicato que me informou que são os homens mais do que as mulheres que cuidam do dinheiro da família];
- "E a média de idade?" - "entre os 60 e 70 anos". [Como em muitos outros lugares, essa é a média das pessoas idosas participantes da vida social, após essa idade, geralmente se "aquietam" mais, seja por conta das doenças, do frio, etc., conforme relatos];
- "Quais são os tipos de serviços mais utilizados pelas pessoas idosas?" - "basicamente os benefícios da aposentadoria e a atualização dos cadastros para o recebimentos dos benefícios, alguns sobre poupança".
- "Há muitas pessoas idosas do interior? e há algum posto de atendimento do Banco Brasil em alguma localidade?" - "sim, muitas e não tem nenhum posto de atendimento. Os horários que mais frequentam é pela parte da manhã, no primeiro horário quando abre a agência e depois eles pegam o ônibus que volta em torno das 11 horas."
- "O benefício da aposentadoria é retirado somente pelo titular ou pode ser a família ou outra pessoa a retirar?". - "somente o titular pode retirar, mas não temos o controle dos que vem sacar no caixa eletrônico ..."

Após o almoço, antes das 13 horas me encontrei com Ana e o motorista da Prefeitura e nos dirigimos para o "interior". Passamos primeiramente pela localidade de Boa Parada, mas não "paramos". Disse-me Ana que nesta localidade há muitas pessoas idosas que vão para o centro da cidade, alguns participam do Grupo, mas nem sempre. Quando vão, é com condução própria, embora haja o ônibus Escolar e a própria Circular que passa por ali. Disse-me também que a maioria dessas pessoas do "interior", moram há mais ou menos um a dois quilômetros de distância de seus vizinhos. No caminho, na BR (a federal, como chamam aqui), um idoso com uma grande capa de chuva passa a cavalo tranquilamente.

Passamos pela localidade de Bom Jesus, onde Ana disse-me que apenas uma idosa participa do Grupo. À medida que vamos adentrando nas comunidades, surgem algumas igrejas da Assembléia de Deus e Ana desconhece que haja algum trabalho social por parte desta igreja. Passamos ao lado da localidade de Vargem, onde me disse que há um grupo bem ativo de pessoas idosas. Paramos então na propriedade do Sr. Pedro na localidade de Santo Antônio dos Pinhos. Da BR até sua propriedade a estrada é estreita e de chão, ladeada o tempo todo por pinheiros e outras árvores. Não há nenhum tipo de iluminação, exceto alguns triângulos vermelhos fixados nas árvores que, segundo meus acompanhantes, iluminam a estrada com o farol do carro à noite.

(Durante conversa com Seu Pedro posteriormente reclamou da estrada, disse que um caminhão que foi fazer uma entrega teve que ser rebocado, pois não saía). O tempo do trajeto foi de aproximadamente 15 minutos.

Imagem 20 - Sítio de Pedro.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Quando chegamos na casa de Pedro, fomos recebidos ainda lá fora pelo filho que tava saindo, o mesmo que estava com ele de manhã na feira vendendo peixe (mas eu não sabia que a tarde iria na sua casa). A esposa Rute e uma filha estavam na cozinha. Pedro estava descansando um pouco, pois tinha recém chegado da cidade. A cozinha era grande, com muitos armários e louças. No centro uma mesa redonda de madeira com muitos peixes na bacia. Sua esposa estava fazendo bolinhos de peixe pra congelar e vender na quaresma. No sofá, vários aventais verdes que ela está costurando para a Festa de São Pedro, grande festa religiosa de toda a região que acontece em julho. Nos aconchegamos em cadeiras de palhas com almofadas de crochês. Logo Pedro surgiu por detrás de uma porta de cortinas. É um senhor alto, magro, mas forte, caminha com passos firmes e não é inteiramente de cabelos brancos, aliás, os homens que tenho entrevistado são só grisalhos. Nos cumprimentou amigavelmente. Ana me apresentou, falando sobre o projeto que estou desenvolvendo no Cerrito. Como a conversa estava fluindo entre muitas pessoas (e a televisão), optei por não gravar e resolvi anotar. O idoso possui 70 anos. Nasceu no Cerrito, não exatamente nesta localidade. Seus pais também são daqui. Seus

avós acredita terem vindo do Rio Grande do Sul. É casado há 50 anos e tem sete filhos, três moram aqui e outros moram longe, mas costumam se visitar sempre, especialmente filhos e netos vão até seus avós. Falou muito de sua neta que tem uma foto na geladeira, de suas peraltices e espertezas. É aposentado como agricultor, mas continua trabalhando, especialmente com a criação dos peixes, mas também com a horta, até para incentivar o sobrinho que mora na propriedade. Além de lavrador, também foi vereador pela comunidade de Santo Antônio dos Pinhos, diz ter sido o único que conseguiu se eleger nesta localidade numa única urna. Levanta muito cedo, hoje, especialmente, levantou antes do sol nascer por causa da Feira. Costuma vender seus peixes no próprio local também, mas também em alguns supermercados fora, como em Lages/SC, mas desanimou porque aos poucos o valor de seu peixe foi sendo desvalorizado no mercado, além da fiscalização que exigiu uma série de normas para a venda, como a construção de um abatedouro que tivesse tais e tais medidas. Ainda assim, acredita que seria lucro para ele vender o peixe para frigoríficos e que uma reunião estava para ser realizada sobre isso. Perguntei se costumava visitar parentes e amigos, disse que sim, quando dava tempo, ao que a esposa Rute negou imediatamente e foi motivo de riso de todos, disse ela: "nunca sai, só quer saber de trabalho". No entanto, ao questionar se costumam participar de eventos na cidade, ambos disseram que sim e Ana me confirmou depois.

Disse-me Pedro que o vizinho mais próximo fica a mais ou menos 800 metros. Sobre o acesso ao Posto de Saúde, disse-me que primeiramente iria no Salto dos Marianos (comunidade mais ou menos próxima dali), mas que agora vem até a cidade com sua própria condução. Indagado se participa de missas, disse que sim, mas que quase nem precisa, já que o Padre Malaquias quase sempre almoça ali e eles saem juntos em alguns lugares. Inclusive, Pedro levantou-se da cadeira, dirigiu-se até a porta e disse: "perai que vou ver se o Padre está dormindo no mato, ele costuma vir pra essa região e dormir no carro por aqui". Todos riram, eu especialmente, pensei: "não consigo achar o Padre Malaquias na Paróquia e talvez o encontre aqui ". Mas Pedro acrescentou que sim, costuma participar de várias igrejas espalhadas pelas localidades vizinhas, participando de tudo: novenas, bingos das festas, inclusive quis me vender uma rifa.

Sobre o que achava da velhice de homens e mulheres, disse-me que para ele, era igual, ao que sua esposa interrompeu: "não, as mulheres são muito mais ativas!" e ele: "quero ver você entrar no açu de

pra pegar peixe!", ela: "eu limpo, cozinho e faço o serviço da casa". Foi um bom embate. Mudei logo de assunto e perguntei o que ele mais gostava de fazer, disse-me que era o que estávamos fazendo, "conversar, trocar ideia, aprender, porque por mais velho que seja, ainda não se sabe tudo". E o que não gosta é de beber cachaça, já que ele não pode mais ...

De sua infância relatou brincadeiras nas serrarias das muitas madeiras que existiam na região. Da juventude, disse que pouco passeava, já que trabalhava muito, para ir a bailes tinha que fugir. Somente aos 18 anos começou a plantar para ele, pois até então plantava para o consumo familiar. Plantava muito fumo e arava com o arador. Sobre a velhice, disse que segundo seu médico, "está na hora de parar", mas não é o que ele acha. Conta então fato que passou mal e seus filhos levaram-no ao médico, ele muito contrariado, nada diferente dos demais idosos ...

A propriedade de Pedro é conhecida pelos moradores, pois ele é grande criador de peixes: Tilápia, Dourado, Carpa. Seus açudes servem como "Pesque e Pague" e o terreno, eventualmente, como acampamento. As pessoas compram os peixes ali mesmo e há algumas visitas de turistas.

Imagem 21 - Açude do sítio de Pedro.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Durante a conversa me informou participar de uma Associação de Turismo chamada "Aconchego da Serra". Atualmente esta associação conta com 10 participantes moradores do "interior". Recebe turistas de

variadas idades, tem várias pousadas (em outros locais que não ali), agendam cavalgadas, salão pra festas, etc. Disse-me ele, que quando nas pousadas falta peixe ou os turistas querem, ele são levados para este sítio, não me informou se eles dormem no local. Após entrevista, ele fez questão de nos mostrar a propriedade, explicando "tim-tim-por-tim-tim" cada etapa da criação, seus baldes, tonéis, caixas de transporte com oxigênio extra, pequenos, médios e grandes açudes, cheios e vazios para replantar plantas que alimentam os peixes quando o rio sobe. Ele e seus empregados e familiares, controlam o escoamento e enchimento dos açudes via encanamento nas extremidades. Pontes móveis ligam um açude a outro, passando por pedaços de terra onde Pedro planta todo tipo de plantas: goiabas, flores variadas, araçás, etc. Deu-me algumas dessas frutinhas, as outras não estavam na época. Fez demonstrações de pesca com alguns peixes, ligou chafariz nos açudes.

Imagem 22 - Propriedade de Pedro (I).



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Imagem 23 - Propriedade de Pedro (II).



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

De volta à casa, mostrou uma pequena gruta de Nossa Senhora que fez ao lado da casa, mas que precisa reformar. Ana disse que eu era sobrinha do Tio Vavá e Pedro ficou muito contente, considerando-me nesse momento como "gente da família" e disse-me para aparecer outro dia lá.

Seguimos estrada de chão abaixo para a localidade de Socorro. Andamos há mais ou menos uma meia hora. No caminho, umas mais espaçadas que outras, surgiam algumas casas, em sua grande maioria de madeira, muito decoradas com jardins coloridos, cercas pintadas. Em seu entorno muitos animais de pequeno porte. Ana me disse que "não há como criar somente um tipo de bicho, nem se podem valer somente da lavoura", já que esta pode estragar com a geada, o frio, a chuva e, assim, o gado, por exemplo, pode fornecer leite, banha, carne. Ela própria é também lavradora e criadora de animais de pequeno porte.

Chegamos, ainda na localidade de Socorro, na residência de Jonas que mora com a esposa Jane. A casa não está sozinha no lote, em ambos lados e na frente há outras casas, uma delas é do filho deles, da nora e do neto. Notei que o banheiro fica fora da casa ao lado da lavanderia. Muitas casas na serra, embora seja muito frio, o banheiro fica na parte externa.

Fomos recebidos por Jane na área da casa onde havia mesa e cadeiras. Em volta desta área foi colocado uma cerca elétrica - diz ser costume da região, Ana também fez isso na sua casa - para impedir que a noite animais se aproximem e sujem a calçada. Disse-me Jane que o marido tinha tirado um cochilo, levantou e saiu. Foi chamá-lo. Logo ele chegou. Magro, cabelos grisalhos, mais ereto do que curvado, com camisa muito limpa e uma calça com vários remendos de tecido. Sentou-se e após as apresentações, ele aceitou que fosse gravado. Dentre os assuntos, destaco a plantação de uvas que exportam para outros estados do Norte e Nordeste. Disse-me que por conta de um enfisema pulmonar, há mais ou menos 13 anos, não usa mais veneno em suas plantações, muito usada nas batatas, mas suas uvas agora são orgânicas.

Durante entrevista, sua esposa queria muito interagir e respondia algumas perguntas, bem como puxava assunto com Ana e, enquanto isso eu entrevistava o homenzinho muito tranquilo sentado em sua cadeira de pernas cruzadas, muito lúcido e sereno.

A entrevista foi tranquila, ele agradeceu pela escolha do Cerrito. Nos despedimos e seguimos em frente. No caminho, Ana me mostrou

uma residência que mora um senhor cadeirante, ele não sai mais de casa, está depressivo. Não fez menção de parar, nem quis insistir, pois entendi que Ana e o motorista estavam me guiando. Os visitados anteriores são participantes do Grupo de Idosos, Pedro e sua esposa Rute⁷¹, do Grupo da "Cidade" e o casal Jonas e Jane do Grupo do "Interior".

Chegamos na localidade de Erva Doce. Paramos em frente a uma residência. No lado da casa uma garagem vazia, um galpão alto e, mais abaixo outra casa que avistei uma balança para criança. Atrás alguns animais de pequeno porte. Ana comentou que talvez o casal estivesse trabalhando ou foram pra "cidade". Ela me disse que somente a mulher participa do Grupo, o homem não, pois não acha "muita vantagem". Sem ninguém em casa, demos por satisfeitos e seguimos caminho, onde mais adiante já entramos na localidade de Mineiros e depois Toca da Onça. As localidades são, a meu ver, muito parecidas, ou seja, estrada de chão estreita, muita pedra, sem iluminação, algumas casas de madeira e animais de pequeno porte para própria subsistência. Na localidade de Mineiros, avistamos a igreja da comunidade. Chegamos na "cidade" do Cerrito antes das 17 horas ainda.

Imagem 24 - Igreja na localidade de Mineiros.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

⁷¹ Mas atualmente não estão participando mais devido trabalho com peixes. Sr. Pedro me disse que sua esposa Rute chega a chorar na terça-feira quando não vai no Grupo...

Pensamentos à noite na volta do campo...

Até agora tenho percebido uma grande carência por parte das instituições em relação à falta de cursos e capacitações para trabalhar com esta faixa etária. Comecei a separar alguns materiais para enviar por *email* para algumas entrevistadas, imprimir alguns artigos e ... de repente, às duas e meia da manhã, tive a ideia de preparar uma pequena palestra para esse grupo: Rebeca, Ana, meninas do CRAS, representantes do CMI, os padres, outros(as) interessados(as). Na verdade, não uma palestra, mas uma capacitação durante uma tarde toda que pudesse tratar de assuntos tais como: velhices, protagonismo e empoderamento, rede de apoio social, cidadania ... algo assim. Nesse devaneio demorei muito para dormir peguei no sono já de manhã e 2 horas depois levantei e fui correndo para a Prefeitura falar com Rebeca.

30.03 (segunda-feira)

Essa semana será curta, pois é Semana Santa e tudo funcionará só até quinta ao meio-dia, além do que, a maioria das instituições funciona até às 17 horas. Por outro lado, será "rica" de observações, pois participarei das atividades da igreja.

De manhã no centro da cidade, mesmo com chuva, os homens idosos se aglomeravam embaixo dos "parapeitos" dos bares, nas esquinas do comércio, com seu costumeiro chapéu. Comprei botas, elas foram necessárias. Passei na Prefeitura e propus minha ideia sobre o curso de capacitação para trabalhar com pessoas idosas e Rebeca adorou! Coincidentemente, ela recebeu um email da Regional da AMURES, informando que o município deveria sediar uma conferência do idoso para que pudessem escolher representantes e eixos temáticos para a Conferência Estadual da Pessoa Idosa. Pensamos então que essa capacitação poderia ser uma pré-conferência. Mais coincidência ainda, foi quando ela me mostrou a temática principal proposta pela Regional: protagonismo e empoderamento, os mesmos temas que na madrugada de ontem pensei. Acho "que sopraram no meu ouvido".

Fui até o Centro de Convivência e falei da novidade para Ana. Lá estavam o casal de idosos: Francisco e Safira para tomar o café da manhã. Mais tarde, Padre Malaquias chegou na cozinha onde estávamos e disse que estava me procurando, fiquei feliz, tanto o procurei, agora ele me acha. Convidou-me para ir almoçar na Casa Paroquial. Fomos

em seu carro. Antes de dar a partida, o Padre me fez várias perguntas: quem eu era, quem eram meus parentes, sobre a pesquisa, etc. Lembrou de meu avô e de meu tio, ambos ele fez a missa do velório. Vi que no carro havia estatuto municipal e estadual do idoso, cartilha e algumas folhas impressas sobre o estatuto também. Disse-me o Padre que quando soube que ele não iria viajar hoje de manhã, resolveu antecipar nosso encontro (mas nós não tínhamos marcado nada ...) e ficou até às onze da noite de ontem procurando material sobre a pessoa idosa, além de ir hoje às sete horas da manhã na Biblioteca Municipal buscar mais livros (ele soube pelo Padre Salomão que eu estava a sua procura e que era um projeto sobre o envelhecimento na cidade). Padre Malaquias disse querer ter "argumentos" para falar comigo ... e várias vezes me disse que ele não sabia nada ...eu ri ...

Ao chegarmos na Casa Paroquial, Padre Malaquias, nascido em 03 de novembro de 1927 e presente na Paróquia há 15 anos pela segunda vez, me mostrou todos os aposentos da Casa Paroquial. Um dos padres (são três) é torcedor do Palmeiras, de modo que a colcha de sua cama, alguns adereços e objetos são deste time. Outro padre é do Flamengo, mas seu quarto é mais sutil em relação a isso. Os quartos não lembram os aposentos que outrora via nos colégios internos de pessoas religiosas, com apenas uma cama, um bidê, um guarda-roupa e um crucifixo na parede. Até onde meus olhos conseguiram dar conta, vi muitos livros nas estantes e em cima de bidês e "penteadeiras", alguns remédios, shampoos, veneno para mosquito, fotos, roupas, um pôster de fotos do padre e da comunidade, um violão em um deles, além,do que já disse, os adereços sobre futebol.

O Padre me encaminhou para uma sala vazia com uma mesa e cadeiras somente e ali trouxe todos seus livros publicados, sempre intitulado primeiramente como: "Minha Vida, Minha História"; trouxe ainda outros escritos que estão sendo preparados para uma 9ª edição; a Bíblia, devidamente grifada em Eclesiastes e Salmos, que consta escritos sobre sabedoria e a velhice: "As palavras dos sábios devem em silêncio ser ouvidas, mais do que o clamor do que domina entre os tolos". (Eclesiastes, 9:17) e "fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua semente a mendigar o pão". (SALMOS, 37:25)

O Padre mostrou-me ainda muitas fotos sobre sua convivência com a comunidade, sua família nuclear, seus amigos, suas viagens. Fotos dele em eventos diversos: casamentos, aniversários, formaturas, almoços, cavalgadas, missas no "interior".

Padre Malaquias é a prova cabal de que nunca sabemos o que vai acontecer em uma entrevista e que nem sempre a que entrevista é a pesquisadora, pois tive a impressão de ser entrevistada também, numa conversa altamente fluída que mal consegui dar conta de tanta informação. Além dos materiais espalhados pela mesa, o Pe. já havia antecipadamente respondido as perguntas (a pedido do Padre Salomão, deixei uma cópia das perguntas aos cuidados dele). Uma vez o gravador ligado, ora eu perguntava e ele respondia, ora ele me perguntava e outras respostas ele me pedia pra encontrar no seu livro, enquanto ele já ia "emendando" mais alguma informação, enfatizando o que havia escrito. Foi até agora a única entrevista que teve quatro arquivos. Não consegui perceber quando havia acabado, pois quando se esgotou as perguntas que eu havia elaborado, o sábio ancião, de baixa estatura e cabelos inteiramente brancos, surgia sempre com uma nova história sua, de sua extensa família, de seus irmãos religiosos, de seu pai falecido aos 90 anos, das comunidades em que conviveu, de seus livros, de sua infância, de sua viagem aos 20 anos para a Europa de navio, de Roma, de quando viu o Vulcão Vesúvio, a Torre de Paris, de sua viagem à África. Falava fluentemente francês e espanhol, agora já não lembra muito. Em vários momentos dizia: "como pode eu lá do meio do mato sem cultura nenhuma ter viajado tanto! só por Deus mesmo".

Sua fala é muito rápida e, por isso, terei dificuldades na transcrição, muitas ondulações na voz e gesticulações, passa a mão em meu rosto carinhosamente, sorri, dá gargalhadas, se emociona, vai buscar novos materiais, passa na cozinha pra ver se o almoço está pronto, tudo isso só de meias num chão "lustrado", fico preocupada que possa escorregar. Pede ao outro padre pra fazer a caipirinha na hora da refeição. Diz-me para pegar o que eu precisar. Procuo escolher, dentre tantos materiais, àqueles que são mais pertinentes à pesquisa, mas não resisto e acabo tirando fotos de suas fotos, mesmo sabendo não poder usá-las por conta das imagens que não posso divulgar, mas por recordação mesmo.

Imagem 25 - Publicações do Padre Malaquias.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

Almoçamos eu, Padre Malaquias e Padre Noa (bem mais novo que o meu entrevistado), não sem antes rezarmos. A televisão estava ligada e os dois religiosos calaram-se na hora do futebol. Durante a refeição o copo de caipirinha circulou na mesa e, na Casa Paroquial, tomei minha primeira bebida alcoólica durante minha estadia aqui. Durante a refeição, Padre Noa lembrou da importância do meu tio para a comunidade local, responsável pela introdução do Conselho Tutelar, pela construção da Casa Paroquial e seus leitos e, como na época meu tio tinha a marcenaria, construiu muitos beliches e camas para esta Casa; lembrou de sua luta pelas comunidades atingidas pela barragem.

Depois do almoço, Padre Malaquias fez-me voltar à mesinha para que eu pudesse recolher o material que quisesse. Pediu que eu lesse algumas passagens engraçadas sobre sua infância e adolescência num dos livros que escreveu. Como li alto, pediu que eu lesse mais baixo, já que Padre Noa estava dormindo, sempre tira a sesta depois do almoço. Tomamos um café na cozinha e ele me levou até à porta, muito gentil sempre, se dispondo para o que eu precisasse. É muito ágil o homenzinho de óculos, camisa muito branca, calça social e meias pretas (tirou os sapatos assim que adentrou na Casa Paroquial). Nos abraçamos, saí de lá e fui pra tia baixar o material do gravador.

No período da tarde não fiz nenhuma entrevista, pois a bateria se esgotou, então optei para agendar algumas entrevistas e fazer outras sem gravador mesmo. Passei no Posto de Saúde e a enfermeira já havia

partido para o "interior". Essa semana ela está indo todos os dias, mas é devido a campanha de vacinação das crianças e visitas às gestantes, de modo que as pessoas idosas não estão sendo visitadas, necessariamente. Assim me informaram. Amanhã de manhã estará no Posto e gostaria de falar comigo para passar os endereços de alguns idosos doentes, segundo me disse a outra enfermeira.

Consegui falar com a enfermeira Carmela, representante do CMI e marcamos nossa entrevista para amanhã de manhã. Saí dali e passei em alguns locais do centro, segue:

- FRUTEIRA CARÚ. Falei com a moça que trabalha na Caixa, dona do local e moradora do município, sobre minha pesquisa e ela me relatou as seguintes informações: a média de pessoas idosas que comprem neste fruteira são 30 por dia, geralmente mais mulheres com idades entre os 60 e 70 anos. Clientes de 80 anos são minoria, geralmente homens, "eles são mais fortes", disse-me ela. De modo geral, os homens quando vão, acompanham suas esposas. Ela me disse que a maioria idosa mora com seu cônjuge, bem pouco com os filhos, alguns moram próximo dos pais, outros não. A maior parte vem do "interior", especialmente nas segundas, quartas e sextas quando tem ônibus, poucos vão com condução própria. O maior movimento se dá entre os dias 25 e 10, quando recebem os benefícios da aposentadoria. Para esta senhora, ela percebe o homem idoso do município como muito ativo, possuem suas próprias casas e trabalham muito na lavoura, poucos são doentes.

Disse-me ainda que as verduras e frutas que vende vem das Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S/A (CEASA) e do "interior" do município, no momento, apenas a alface.

- ÓTICA MONDADORI: é a única ótica da cidade e funciona há seis anos, sendo que há dois anos atende na ótica um médico oftalmologista. O dono da ótica e o médico moram em Lages/SC. A maioria dos clientes são pessoas idosas, em média de 40 a 50 pessoas vão por mês na ótica e mais ou menos dez pessoas idosas consultam quinzenalmente. A consulta é particular e custa R\$ 50,00. A maioria são homens e os motivos da procura é devido "falta de grau". Alguns são levados pela mulher, que "no começo não gostam muito da ideia, mas depois dos óculos prontos, ficam faceiros", relata-me a atendente. Muitos são diabéticos e já estão com início de catarata⁷², aí nesses casos, o

⁷² O termo "catarata" é dado para qualquer tipo de perda de transparência do cristalino, lente situada atrás da íris (Figura), seja ela congênita ou adquirida, independente de causar ou não prejuízos à visão. Segundo a Organização

oftalmologista encaminha para um especialista em Lages/SC, pois pelo SUS, nem sempre conseguem logo uma consulta. A grande maioria são moradores do "interior" e a atendente acredita que muitos não sabem da existência da Ótica e do médico oftalmologista, mesmo que eles divulguem na rádio local Coração da Serra. "O que funciona mesmo é a divulgação 'boca a boca'.", completa a atendente. A idade média das pessoas idosas que frequentam a Ótica é dos 60 aos 70 anos, poucos de 80. Disse-me que nos últimos tempos, a senhora mais idosa tinha 86 anos.

Sobre as condições de compra dos óculos, após a consulta, a Ótica costuma parcelar em até 12 e 13 vezes do valor total. Geralmente após a primeira consulta e com os óculos prontos, as pessoas idosas costumam voltar, pois as lentes tem duração de mais ou menos três anos. Há muitos casos de não adaptação aos óculos, devido alteração do grau em função da diabete. Nestes casos, o retorno é gratuito.

- **COMÉRCIO DE PRODUTOS VARIADOS:** são moradores locais e possuem esse comércio há oito anos. 70% dos seus clientes são também pessoas idosas, não há diferença, mulheres e homens compram por igual, sendo que geralmente é o casal, inclusive, alguns vão junto, mas possuem cadastros separados, "eles assim preferem", disse-me o atendente. A média é a mesma dos demais. Vende principalmente ração e remédios para a criação de bovinos, suínos, etc. e, em segundo lugar vende a "parte elétrica", como lâmpadas e vez ou outra, tintas para "pintar a cerca". Como em outros locais do comércio, o período de maior movimento é quando recebem o benefício da aposentadoria. A maioria é do "interior" e vem de ônibus, poucos vão de condução própria. O dono diz que se não fosse as pessoas idosas do Cerrito, o comércio tava falido e que os filhos e netos moram muitas vezes com os pais e avós, por causa da aposentadoria deles. Diz ainda, que é impossível viver somente da agricultura, que há alguns anos atrás isso era possível com o feijão, agora não. Se não fosse o comércio, o único local para trabalho era nas barragens.

- **BAR DO TIO ZECA:** Foi um pouco tenso, pois costumeiramente esse espaço é "masculino", ainda mais no interior do Estado. É um bar muito

Mundial de Saúde (OMS), a catarata é responsável por 47,8% dos casos de cegueira no mundo, acometendo principalmente a população idosa. Fonte: Associação Brasileira de Catarata e Cirurgia Refrativa (ABCCR). Disponível em: <<http://www.brascrs.com.br/publico/o-que-e-catarata>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

conhecido que funciona desde 1970 mais ou menos. É uma casinha de madeira simples bem no centro da cidade. Dentro do espaço é muito escuro e o teto é baixo. Um homem novo atende no bar e tem ao que parece um ajudante, também um rapaz novo. Na entrada tem uma mesa de sinuca e muitos idosos jogando. No balcão alguns homens se escoram tomando cerveja. Disse-me o moço de trás do balcão que mais ou menos 100 idosos vão até o bar durante o dia em vários horários, a noite não, pois fecha por volta das 19 e 20 horas. Mulheres idosas também vão ali, mas somente para comprar cigarros e nunca ficam. Os homens idosos consomem muita paçoca, mas pouquíssima bebidas alcoólicas, vez ou outra, cerveja preta somente. Suas atividades giram em torno da sinuca. As idades desses homens é entre 60, 70 e 80 por igual. A maioria mora no centro da cidade e, do "interior", somente no período do pagamento da aposentadoria. Não fiquei muito no local, não me senti confortável e meio que "zombavam" do que eu perguntava. Os idosos que jogavam sinuca não deram conta de minha presença e, por isso, não quis perguntar nada.

- CORREIOS: há alguns dias que queria ir na agência, mas geralmente está muito cheia, percebi que sempre tem muitas pessoas idosas. Os atendentes foram os mais empolgados com a pesquisa de todo o comércio (os únicos que quiseram saber do título, dos objetivos). A agência é própria, não é franquia, de modo que os(as) funcionários(as) são concursados. Informaram que a agência funciona há mais de 20 anos. Não há entrega dos correios no "interior", os moradores dessas localidades precisam buscar suas correspondências diretamente na agência e ninguém possui uma caixa postal. Os serviços mais procurados são: recebimento dos benefícios da aposentadoria, atualização de cadastro, compra de Tele Sena⁷³, contribuições religiosas, como as do Padre Robson que recebe contribuições voluntárias. As pessoas enviam cartinhas para pedir oração. A maioria de meus entrevistados idosos, especialmente Jó e Moisés, acompanham regularmente esse programa na Rede Vida⁷⁴.

⁷³ A Tele Sena é o mais conhecido título de capitalização no Brasil, lançado em 1991 e sorteado todo domingo no Programa Silvio Santos. O título tem por objetivo premiar os compradores. FONTE: O Sortudo. Disponível em: <http://loterias-sorte.blogspot.com.br/2012/06/como-funciona-teleseena.html#.V8Zb_krLIU>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

⁷⁴ Padre Robson de Oliveira: Sacerdote brasileiro, mestre em teologia moral, atual reitor do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno e conselheiro provincial

Nos Correios não há registros de quem envia cartas para parentes e amigos. Não há diferença entre homens e mulheres idosas, é igual, geralmente vão o casal. Apenas 20% mais ou menos tem 80 anos, a maioria tem entre 60 e 70 anos. Também como nos outros locais, a maioria dos clientes são do "interior" e vão de ônibus, poucos tem condução própria, geralmente são "pessoas mais humildes", relata o atendente, que completa "poucos idosos são mais 'abonados' que aqui frequentam". Padre Malaquias é um cliente assíduo, pois costuma enviar seus livros.

- Sistemas de Cooperativas de Crédito no Brasil (SICOOB) - não quiseram me atender.

Passei na Secretaria da Educação para falar com a responsável sobre a possibilidade de formular via essa Secretaria um certificado para a Capacitação, mas ela já tinha ido embora, vou amanhã. Retornei na Casa Paroquial e entreguei o material que xeroquei do Pe. e vim embora. Cansada. Começo a ficar gripada.

31.03 (terça-feira)

Acordei cedo e fui no CRAS conversar com as meninas sobre a Capacitação. Ficou agendada para o dia 29 de abril. Convidei, além delas, Catarina que trabalha artesanato com as idosas. Nos despedimos, pois só volto no CRAS na semana do dia 29.

Em seguida fui até o Posto de Saúde, conforme combinado ontem. A enfermeira já tinha saído novamente para o "interior" e percebi que só poderei acompanhar esse trabalho com as enfermeiras quando vir para cá de novo em outro momento.

Entrevistei a enfermeira Carmela. [maiores detalhes desta entrevista vide Perfil das Entrevistadas]. Saindo dali fui para a casa do Dr. Samuel, onde também atende de forma provisória. Ele costuma atender no Posto, mas já tinha ido embora. Me recebeu amavelmente. Após entrevista, disse-me morar sozinho neste apartamento, pois sua esposa, filhos e pais moram em Lages/SC. Disse-me também que seu pai está com 90 anos e já está com alguns problemas relativos a esta idade. Quando lhe falei de meu parentesco, disse-me que certa vez meu

ordinário da Província Redentorista de Goiás. FONTE: Rede Vida, o canal da família. Disponível em: <<http://redevida.com.br/programa/filhos-do-pai-eterno/>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

tio pediu que ele atendesse o meu avô, quando ele ainda morava em Lages/SC, ou seja, há mais de 20 anos. Nos despedimos.

Passei na Secretaria de Educação para me informar sobre o registro dos certificados da Capacitação e fiquei de enviar até quinta de manhã um ofício requerendo inserir o assunto na pauta da próxima reunião da Secretaria e um projeto para ser anexado. A moça que me atendeu, Ana Maria Marcon, também vereadora do município, ficou muito interessada em participar.

Durante o almoço na tia, Padre Malaquias foi me procurar para acompanhá-lo em algum lugar pelo "interior", mas infelizmente não pude por conta de meu compromisso com o Grupo de Idosos. Trouxeme mais dois livros dele. Disse-me que costuma tirar cópias de graça na Delegacia.

Cheguei no Grupo de Idosos e a novena da Quaresma já havia iniciado - mais tarde Ana me disse que como a orientadora física está de atestado, ela mesma fez algumas atividades de alongamento, mas somente as mulheres participaram, os homens não. Como da outra vez, as mulheres rezavam sentadas nas cadeiras em um grupo no meio do salão e, apenas dois homens estavam ali também, os demais permaneciam sentados no banco "a par" da parede, ora acompanhando as orações, ora não. A novena comandada por Ana e outra senhora durou em torno de uma hora mais ou menos. O dia estava quente e talvez por isso, apareceram algumas pessoas que não tinham comparecido semana passada. Findo a novena, alguns vieram ao meu encontro, especialmente Zaíra, esposa de Moisés. Aproveitei para medir a pressão também, pois me sentia sonolenta.

O lanche servido geralmente é um tipo de salgado e um tipo de doce, neste dia, era cuca de banana e uma espécie de empadinha. Além de café, suco e refrigerante. Zaíra me disse que não come doce há anos, só salgado, penso que são poucas como ela. Na hora do lanche alguns casais sentavam separados, outros não. As mesinhas são dispostas com quatro cadeiras e havia uma mesa no fundo onde quatro senhores há um bom tempo jogavam dominó. Após o lanche, Ana pegou o microfone e pediu que todos fossem se aproximando do centro do salão com suas cadeiras para a atividade que eu havia sugerido semana passada: cada um deveria levar um objeto seu qualquer e contar uma história a respeito. Zaíra desde o início do encontro, estava ansiosa por contar o que trouxe. Os quatro senhores do jogo de dominó quando fui chamá-los

não quiseram participar, um deles falou: "você podem ir pra lá que nós vamos ficar aqui mesmo". Poucos homens participaram da atividade.

Iniciei falando da importância de se contar histórias, tanto no sentido do repasse das tradições e saberes, quanto para trabalhar a memória. Das 23 mulheres e 13 homens presentes, somente 3 mulheres, incluindo Ana, levaram objetos. Zaíra levou moedas antigas. Enquanto ela contava a história, eu ia passando o prato com as moedas para todos olharem. Desta vez, até os "homens do dominó" se entusiasmaram para vê-las. Outra senhora levou uma faixa de quando fez a Primeira Comunhão. Ana levou uma imagem de Nossa Senhora que era de sua avó. Um senhor que eu havia entrevistado na semana passada no Grupo, resolveu falar, mesmo sem ter trazido objeto. Foi uma história engraçada de quando ele era criança e todos riram. Fiz uma última chamada, mais uma senhora se entusiasmou e contou uma história trágica, de quando seu primeiro marido foi morto a enxada pelo irmão, por ciúmes. No Grupo, a maioria das pessoas não conheciam a história da colega e ficaram boquiabertos, pois seu segundo marido participa do Grupo, eu achava e muitos também, que ele era seu primeiro marido.

Agradei a participação e Ana avisou que semana que vem não haverá encontro na terça-feira e sim a saída na sexta-feira para o "interior". Um ônibus deverá sair em frente ao Centro às 12 horas e 30 minutos. Depois de todos saírem, um senhor ficou muito tempo conversando comigo, era o mesmo que havia falado outro dia na Feira e que mora em Curitiba, Paraná. Ana me disse que ele é "passado".

Conversando com Ana sobre a Capacitação, indaguei se ela poderia na minha ausência convocar os representantes do CMI para participarem, devido ser uma preparação para a Conferência Municipal da Pessoa Idosa que deverá acontecer depois desta data. Consideramos importante que os representantes pudessem participar de ambos eventos.

Perguntei ainda sobre Francisco e Safira, o casal que frequentam o Centro diariamente para as refeições e banho. Ela me disse que não há nenhum tipo de cadastro ou critério de inclusão e que são os únicos nesta localidade que recebem este tipo de atenção, desde há muito tempo, segundo ela, desde outras gestões. Só não recebem ajuda nos fins de semana e nas terças, para não "atrapalhar" o Grupo. Ambos vivem sozinhos e ganham muita coisa de restaurantes e outras pessoas, de acordo com Ana, que acrescenta: "desta forma não passam fome quando não vão no Centro". Ana me explica que Francisco conseguiu (ou conseguiram) aposentá-lo, não sei se por idade ou por considerá-lo "anormal". Safira parece ter problemas mentais mais evidentes, disse-me

Ana que algumas pessoas e alguns advogados já tentaram aposentá-la, mas ainda não conseguiram.

Nos despedimos, pois só a verei na semana do dia 24 de abril quando acontecer a segunda saída para o "interior".

A noite na tia, tentei em vão escrever o ofício e o Projeto para a Capacitação, mas só consegui escrever o diário até a metade, estava muito cansada e dormi cedo. Escreveria no dia seguinte em algum intervalo.

01.04 (quarta-feira)

Acordei às seis e meia para pegar carona com minha prima e suas amigas que iam para o trabalho no Colégio Agrícola Caetano Costa, localizado na BR 282, cerca de 15 km do centro do Cerrito. Antes das oito horas já estava em Itararé, uma das muitas localidades do "interior". Lembrei que neste local foi onde meu pai nasceu. Desci uma estrada de chão com poucas casas de madeira localizadas mais ao fundo dos lotes, longe da estrada. Havia muitas árvores e a serração ainda cobria a grama, o sol, tímido, apareceu aos poucos.

Imagem 26 - Localidade de Itararé.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

Fui na casa de um casal muito especial. Eloá e Jó. Ele tem 80 anos e ela 76. Eloá foi professora do meu pai até a quarta série durante o tempo em que ele morava no sítio. O casal tem 10 filhos, 18 netos e 9

bisnetos. O casal sabia que eu iria visitá-los num dia desses, mas não pude informar a data, de modo que quando cheguei, Eloá levou um susto, pois era muito cedo ainda, embora o casal já havia levantado. Já estava lá fora ajudando os pedreiros a aumentar o rancho. Eloá acendia o fogão a lenha, ainda estava frio. Conversamos, ela perguntou de meu pai. Um tempinho depois seu marido entrou e tomou café conosco. Estava trajado com a roupa da lida, calças com remendo, camisa xadrez, botas de borracha, faca na cintura e chapéu de palha. Tomando conhecimento de minha pesquisa, após o café, a pedido de sua esposa, trocou de roupa para a entrevista. Voltou de calça jeans, camisa xadrez limpa e chinelos de casa.

Ficamos ao lado do fogão, onde vez ou outra eu alimentava o fogo com a lenha que estava embaixo da canastra onde eu sentara. A entrevista durou mais de uma hora e foi muito fluída. O casal sempre morou no Cerrito. Os avós paternos e maternos de meu entrevistado, assim como muitos outros moradores do Cerrito, inclusive os meus ancestrais, vieram do Rio Grande do Sul. Ele é um homem muito religioso e trabalhador. Aposentado, continua sendo lavrador, plantando, arando, colhendo, tanto ali, quanto no outro sítio que tem há mais ou menos dois quilômetros, vai a cavalo. Disse-me que há dois anos não dirige mais por conta de problemas na visão, por ele dirigia, mas seus filhos acharam melhor não. Não acha muita falta, pois tem táxi na região, ônibus e ali perto vai a cavalo.

Disse-me que ele e mais nove plantadores das localidades mais próximas, formam uma associação para utilizar um barracão do outro lado da estrada de sua casa para secar o milho e o feijão, inclusive hoje, num dos cômodos da casa foi tirado uma cama para colocar no chão uma grande quantidade de feijão vermelho para secar. No fim de semana um dos filhos vão visitá-los e deve ajudar a ensacar.

Imagem 27 - Feijão vermelho secando.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

Em toda conversa, fora e dentro da entrevista, relatos dos(as) filhos(as) e netos(as) estiveram sempre presentes. Ouvi as narrativas entre uma história e outra, vendo fotos e objetos da casa. Jó me contou que sua esposa Eloá, depois de casada é que fez o Curso Normal e a Faculdade de Letras em Lages/SC, nos anos de 1950. O marido, na época, foi quem cuidou das crianças para que a esposa pudesse trabalhar e estudar.

Em certo momento da entrevista, Jó chamou sua esposa para participar da "prosa" com a gente, mas ela disse que não, estava fazendo o almoço e disse-lhe que a entrevista era para o homem idoso. Eloá, foi a única esposa de meus entrevistados que teve esta postura. Assim que a entrevista acabou, fui ajudá-la na cozinha, mas fiquei com vergonha, já estava quase tudo pronto. Enquanto isso, Jó voltou para a lida mais um pouco antes do almoço.

Eu e Eloá fomos lá fora e ele estava trabalhando "parelhinho" com os dois empregados no galpão de madeira que faziam.

Imagem 28 - Jó na lida.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

Imagem 29 - Residência do casal Jó e Eloá.



Fonte: Orival Lopes. 2015.

É um sítio que abriga a casa deles de madeira, casa antiga, ampla com sótãos, vários quartos, dois banheiros, uma cozinha nova que fica após os degraus da escada, motivo de cansaço dos dois e de perigo também, Jó foi descer e quase caiu na minha frente, ficou

envergonhado, mas Eloá entrevistou dizendo que seus netos já caíram muito ali.

Fora da casa há um grande pátio que abriga um rancho onde ficam os animais de pequeno porte e ao lado é onde está sendo construído, segundo Jó, "um puxado para colocar um carrinho de arar que está no tempo estragando" e também servir de garagem para os(as) filhos(as) e netos(as) que vem de fora, principalmente agora para as festas da Páscoa. No pátio, um cão manso, alguns gatos ariscos e pintos crescendo disputam o gramado. Após o almoço aproveitamos para "prosear" mais um pouco. Reclamaram um pouco na hora do almoço do empregado que costuma faltar o serviço em alguns dos turnos, de manhã ou a tarde. Eloá comentou que eles tem uma casa em Lages/SC e que durante a sua reforma ficou braba com um empregado, pois ela não pode ficar cuidando direto, já que mora aqui. Nesse momento, perguntei ao casal se os filhos não tinham vontade de morar com eles ou no Cerrito. Jó disse-me que todos eles graças a Deus fizeram faculdade, se formaram, mas não há emprego nesta cidade, então eles não podem morar aqui. Me pediu licença e foi tirar a sesta, conforme faz todos os dias. Lavei a louça e depois nós duas fizemos o mesmo, tiramos uma sesta.

Dormi uns 40 minutos num dos quartos da casa ao lado do cômodo onde estava o feijão. Levantei e por um tempo não lembrava onde estava mais. Eloá dormia ainda, então fui lá fora e Jó veio ao meu encontro, estava recolhendo o milho. Nisso, Eloá já acordara e se ofereceu para chamar um táxi. Aqui vale uma ressalva. Nas duas semanas em que andei pelo Cerrito, sempre avistava um senhor de cabeça branca, olhos azuis, boné vermelho que entrava e saía em um Uno vermelho. De tanto me ver já, me cumprimentava de longe. Sempre ficava curiosa para saber o que ele fazia pra lá e pra cá. Pois bem, quando o táxi chegou, era ele! Sorriu quando me viu, pois penso que também estava curioso para saber o que eu andava fazendo pela cidade, conforme me confidenciou depois.

Despedi-me do casal e entrei no táxi de Gabriel. No caminho, disse-me que se aposentou como taxista, mas que continua, mesmo lhe tirando a "Praça", pois possui alvará. O carro, à primeira vista, não tem nenhuma menção de ser um táxi, mas todos já o conhecem e ele trabalha o dia todo. Inicia às sete horas da manhã quando vai buscar os jornais e entrega aos moradores até às 9h. Disse-me ainda que é fotógrafo, faz foto 3x4 e entrega na hora, "coisa que ninguém faz na cidade", disse-me

ele. O tempo todo foi brincando e fazendo piada. Quando lhe perguntei a idade, disse-me que eu tinha "tempo suficiente" até chegar na cidade para adivinhar. Não resisti e acabei ligando o gravador, pois conversar com aquele senhor, era coisa rara. Aproveitei e deixei marcado para que quando eu retornasse à cidade pudesse me levar no Rincão dos Albinos, nas casas subterrâneas. Paguei R\$ 12,00 pela "corrida" e me despedi.

Cheguei na tia e corri para fazer o officio e o projeto para levar na Secretaria de Educação, afim de legalizar a certificação da Capacitação. Imprimi na Delegacia e entrego amanhã. Terminei meu relatório de ontem e fiz uma sopa para esperar a tia que foi para Lages/SC. Há duas semanas não cozinho. Amanhã vou no sítio da comadre da tia.

02.04 (quinta-feira)

Acordei cedo e fui até à Secretaria da Educação entregar o officio, o projeto e uma cópia do currículo lattes para a certificação da Capacitação. Com a aprovação desta Secretaria, todos os participantes deste evento deverão receber certificado de 6h aula. Ana M^a (coordenadora de ensino) não estava, então deixei com Eva (secretária da Educação e representante do CMI). Por precaução, fiquei com um protocolo. A reunião deverá acontecer no dia sete de abril. Após esta data devo enviar email para Ana M^a, a fim de saber se a certificação foi aceita.

Como tinha um tempinho ainda, antes de fazer o passeio com a tia, desci a principal rua da cidade e avistei alguns senhores vendendo peixe. Mais à frente, vi Francisco. Me acenou de longe, estava catando latinhas e outras coisas no lixo. Fui até à APAE, mas não obtive sucesso, estava fechada. Poucas coisas funcionam hoje em véspera de feriado. Na volta encontrei o taxista, que aliás, descobri sua idade: 72 anos. Parou o carro só para me mostrar uma pilha de jornais que já estava entregando. Passei na CASAN e o funcionário me informou que nas localidades do interior a água utilizada é advinda de poço cartesiano e que tanto a Prefeitura, como os próprios moradores providenciaram que cada um pudesse ter seu próprio poço e acrescentou que a CASAN fornece água somente para a "cidade" e que esta vem do Rio Antunes, o rio que corta o Cerrito. Perguntei se sabia sobre luz elétrica e me disse que praticamente todo o "interior" já possui, mas que a extensão do município é muito grande, há muitos lugares que o acesso é muito difícil e que eu precisaria de dois anos mais ou menos para conhecer tudo ...

Voltei pra tia. Saímos por volta das dez e meia. Fomos no sítio de sua comadre Ordália de 82 anos, no entanto, ela é mais parente de sangue minha do que da tia. É sobrinha de meus avós. Na geração do meu avô, por volta de 1930, era muito comum aqui que irmãos se casassem com irmãs de outra família. Logo, duas irmãs de meu avô se casaram com dois irmãos de minha avó. E Ordália é sobrinha de meus avós por ambos lados da família.

O dia estava muito ensolarado, o que facilitou nossa ida, já que a estrada em dias de chuva fica inacessível. Minha tia levou muitas coisas para sua comadre: comidas congeladas para os cães, produtos de limpeza, tesoura para cortar o cabelo e outros presentes. Costumam fazer essas trocas. Da BR 282 até ao nosso destino, tem aproximadamente 8km de estrada de chão. É uma estrada muito estreita e cheia de pedras com muitas árvores ao redor. Pinheiros araucárias e americano e outras árvores. Minha tia ia me contando de quem pertencia e agora pertence àquelas terras. Se emocionava em vários momentos, quando avistava uma casinha de madeira, um açude ou qualquer outro lugar que ela, seus pais ou outros parentes moraram. Até que passamos por um local onde morou meus avós, meu tio e meu pai. Desci do carro.

Imagem 30 - Antigo local da residência de meus antepassados.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

Quando chegamos na entrada do portão, ainda faltava mais ou menos um quilômetro e meio até à casa, por uma estrada que achei

quase impossível passar. A casa se localiza num terreno bem abaixo. De longe parece pequena, são algumas casinhas de madeira, mas ao nos aproximarmos, no centro está a casa, com sótão, duas cozinhas, uma mais antiga e outra feita com chão de barro, uma grande mesa, pia com uma janela à frente que se abre para a vista inacreditável de campos, plantações, açudes. É ali onde se confeccionam os queijos que minha tia vende. Num terreno sempre em declive, ao lado direito tem duas casinhas de madeira, uma cheia de milho e outra ao lado que serve para "debuiá" esse milho e também serve de moradia para os gatos. No lado esquerdo, uma casinha um pouco menor para os porcos. Três cães esbravejavam sua indignação com nossa presença, dois deles não saíram da coleira. Disse-me o neto de Ordália que a raça desses cães serve para fazer "andar as vacas". Mais abaixo passa um riozinho que vai desaguar no rio "Lajeado da Taipa". Um filho de Ordália mora na entrada do sítio onde passamos, ele estava a cavalo e abriu o portão para nós, outra filha mora há uns 800 metros da casa, pra lá do rio.

Quando chegamos, Ordália nos esperava lá fora. Em frente à casa tem uma grande antena para a televisão aberta e ao lado da cozinha uma antena da OI. Todos os dias minha tia e ela conversam por telefone demoradamente. Quando a vi, reconheci logo, pois estava presente nos velórios de nossa família. Aos 82 anos, tendo já quebrado a perna, é muito ativa, como muitas mulheres daqui. Disse-me que casou aos 16 anos e seu marido um ano e meio depois já adoeceu, ficando a vida toda doente, até quando morreu um pouco depois dos 60 anos. Teve leucemia, úlcera e por fim problemas do coração. Foi sempre ela quem criou os filhos.

Neste dia, "carnearam" um porco e assaram, além das outras comidas típicas daqui: maionese, massa, arroz branco, saladas, frango na panela, arroz doce, pudim de leite. Voltamos por volta das 17 horas e passamos num sítio próximo dali para apanhar cáquis. Minha tia aos 72 anos subiu a pé conosco, passou por debaixo de uma cerca de arame e apanhou tantos cáquis, quanto pôde.

Imagem 31 - Janela da cozinha de Ordália.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

03.04 (sexta-feira)

Sexta-feira santa. Acordei de madrugada e começo a pensar que talvez seja hora de ir embora. O campo foi bem mais intenso do que imaginava. Por vezes, me sinto "sugada" para o interior do campo. Já não me surpreendo mais e facilmente naturalizo as relações de gênero, perpetuadas nos costumes e valores sócio-históricos da região.

Nesse dia fui na procissão e na missa com a tia. Muitos idosos estavam lá acompanhados por suas esposas, alguns já conhecidos por mim.

Em seguida fui na casa de Moisés e Zaíra. Ela havia me prometido um remédio caseiro para rinite alérgica. Na casa do casal estavam presentes filhas e netas por conta do feriado. Sobre a missa de hoje, Moisés comentou que não foi, pois não gosta de dramatizações, Cristo já morreu há mais de 2000 anos e para ele é um absurdo ficar lembrando de sua morte. Em seguida, me contou de quando esteve bem doente e sua mulher sempre esteve ao seu lado. Do mingau com leite de soja, feito por ela e que por isso, conseguiu engordar 10 quilos mais e abrir o apetite.

Nos despedimos, desejei feliz páscoa e fui me embora com a promessa do retorno. Sábado passou tranquilo e domingo fui embora.

Imagem 32 - Procissão de Sexta-Feira Santa



Fonte: Arquivo pessoal. 2015

II Parte

Tendo em vista a necessidade de continuar meu trabalho de campo, especialmente devido a saída ao "interior" no dia 24.04.2015 e a Capacitação, retornei para São José do Cerrito/SC no dia 23 de abril de 2015. Desta vez, ao contrário da primeira, acompanharam-me meu pai Orival e meu irmão Leonardo. O pai pela possibilidade do passeio e das fotos que poderia tirar. Meu irmão para desenvolver junto seu próprio nicho de pesquisa no campo das Artes Visuais. Saímos da Ilha num dia chuvoso, com chuva em praticamente toda viagem e para nossa sorte, aqui no Cerrito, apesar da "aragem" do inverno que chega, fazia sol e não chovia.

23.04 (quinta-feira)

Chegamos por volta das 17 horas e fomos direto para a casa de Eloá e Jó. Como da outra vez, Jó estava na lida e Eloá tinha acabado de chegar de onde ele estava arrumando uma cerca para o gado não fugir, fora levar café e um sanduíche para ele, há uns 500 metros mais ou menos pela estrada, lá nos pinheiros. Após os cumprimentos, meu pai ficou na casa conversando com sua antiga professora e eu e meu irmão fomos até ele. Andamos uns 10 minutos e logo já avistamos o cão que o

segue sempre. E lá estava o homem de quase 80 anos, agachado de costa para a estrada e de frente pro mato tomando o lanche que sua esposa levou. Estava de chapéu de palha, calças surradas do trabalho e uma faca na cintura. Logo que o chamamos virou-se e ao nos ver disse: "mas o que estão fazendo perdido aí!". Falamos que recém chegamos e ele falou-nos sobre a cerca e de que ainda faltava um "eito" para terminar, mas como já tinha feito um bom tanto, logo iria retornar para "prosear" um pouco, já que o dia também findava.

Voltamos e ajudei Eloá com o café. Um tempo depois Jó retornou e ficamos todos a "prosear" em torno da mesa, enquanto o casal assava pinhão no fogão a lenha, macetava e dispunha para nós. Consideram-nos como sendo "de casa". Jó explicou ao meu pai que apesar da idade e da doença que o assolou algum tempo atrás com várias viagens à capital para fazer quimioterapia, ele sabe que não pode parar, precisa sempre estar fazendo uma coisa ou outra, como de fato testemunhei nos dois dias em que convivi com eles. Marcamos novo encontro no sábado para visitar o sítio e andar a cavalo e continuamos viagem até a cidade do Cerrito, já que nos encontrávamos no "interior".

24.04 (sexta-feira)

O dia iniciou cedo e logo fui até à Prefeitura para falar com Rebeca. Ela disse que me esperava para escrever o convite da Capacitação, afim de ser enviado na segunda-feira para as instituições governamentais e não-governamentais que devem participar. Redigi o texto na própria Prefeitura. Saindo dali fui até o Centro de Convivência com meu irmão, enquanto meu pai tirava fotos pela cidade. Ana não estava, mas encontramos Francisco e Safira. Desta vez conversou mais, dizendo-nos que vende o quilo da lata a R\$ 1,50. Contou-nos que há 40 anos atrás, ou seja, quando tinha 27 anos, seu pai, achando o filho ser louco, levou-o para a Colônia Santana na Grande Florianópolis. Sofreu vários choques elétricos, mas de nada adiantou, pois seu problema, conforme nos relatava, era porque era "espiritado", ou seja, estava possuído por um espírito e, sendo assim, de nada adiantou os choques, que só estragaram sua cabeça e que foi curado por um benzedor que lhe tirou o espírito que o incomodava. Desde então, nunca mais voltou a Florianópolis/SC, "cidade de gente boa, não de gente ruim como no Cerrito", disse-me ele. Hoje vive sozinho na localidade de Boa Vista e, como é aposentado pela "loucura", disse-nos que tudo que ele compra:

violão, motosserra, uma gaita, alguns carros usados, são constantemente roubados pelos vizinhos. A cozinheira do Centro de Convivência que nos ouvia, disse-nos que esse pessoal se aproveita do fato dele ser considerado louco e roubam-no tudo que tem e que de nada adianta chamar a polícia que não faz nada.

O homem de 67 anos com uma roupa surrada, botas e muitas chaves penduradas no pescoço, relatava-nos sua vida quase chorando, enfatizando não ser louco, o que de fato não parecia mesmo. Diz não ter família, que todos morreram, mas a cozinheira me disse que tem irmãos, mas não o ligam, nem moram aqui. Não teve filhos, é sozinho no mundo. Seus vizinhos além de roubá-lo, já o agrediram várias vezes, conforme seus relatos e a confirmação da cozinheira. Ficamos ali, estupefatos. Ainda não tinha ouvido este tipo de história no Cerrito. Abracei-o e falei que até semana que vem estaria por aqui e outro dia a gente conversava. Ele ficou agradecido pela "prosa" e saímos em silêncio.

Fomos em direção a um som que ouvíamos até encontrarmos a banda do pessoal da APAE. Estavam ensaiando junto com um professor de música. Notei que dentre os participantes da banda tinham alguns homens idosos. Entrei na APAE e vi algumas salas com estudantes no computador e em torno das mesas estudando. A secretária me disse que a Diretora Dinorá não se encontrava naquele momento e fiquei de ir na segunda de manhã.

Fomos até o Posto de Saúde e, como de costume, muitos idosos transitavam. Encontrei Ana e confirmamos nossa saída à tarde. Retornamos pela rua de cima e fomos até à Casa Paroquial, Francisco estava ali conversando com o Padre Salomão. Cumprimentei os dois senhores e logo Francisco foi embora apressado. Apresentei meu pai e meu irmão aos Padres e eles queriam saber detalhes da Capacitação.

Ainda pela manhã, fomos até o CRAS, pois soube que as meninas ficaram responsáveis pela dinâmica a tarde no Grupo de Idosos do Interior e decidimos oferecer nossa ajuda. Quando eu lhes disse que seria melhor que elas tomassem à frente da atividade, pois já conheciam o grupo, disseram-me que não, também não os conheciam, afinal, conforme entrevista, faz pouco tempo que assumiram o cargo no CRAS. Combinamos que iríamos pensar durante o almoço o que fazer e retornamos para a tia. Leonardo incluiu algumas atividades de Educação Sonora na dinâmica, já que precisava ser algo que eles pudessem "se mexer", visto não gostarem muito de ouvir pessoas falando durante muito tempo, o "negócio deles é dançar", disseram-nos elas.

Às 12 horas e 45 minutos estávamos todos em frente ao Centro de Convivência. Levamos bolos, garrafas de chás, copos descartáveis, caixa de som e outras coisas necessárias. Estava um dia quente e todos nós estávamos empolgados.

A localidade do encontro foi Santo Antônio dos Pinhos. É muito perto da cidade e não precisamos passar pela estrada de chão. O centro comunitário fica ao lado da igreja de mesmo nome. É um espaço grande com várias cadeiras e bancos de madeira. O motorista nos deixou ali e foi buscar outras pessoas idosas de outras localidades. Aos poucos ele e outros motoristas, com o microônibus da Secretada da Educação, foram trazendo as pessoas das localidades de Santa Catarina, Araça, Salto dos Marianos, Bela Vista, Salete, Vargem Bonita, Ermida e Campina Dogelo, esta última com maior número de participantes neste dia. Soube que de Ermida teve baixa participação devido a morte de uma senhora idosa por estes dias. Durante o encontro, soube por alguns idosos que existem muitas pessoas que poderiam e até gostariam de participar do encontro, mas não ficam sabendo. Geralmente o pessoal do centro comunica via rádio, mas nem todos tem ou escutam e o telefone quase não pega. O maior problema que a equipe da Assistência Social encontra para a confraternização dos grupos é a falta de comunicação.

De acordo com o cadastro das pessoas participantes de cada localidade disponibilizado por Ana na primeira parte do campo, o encontro deveria reunir por volta de 187 pessoas, 72 homens e 115 mulheres. Porém, deve-se levar em conta que o único cadastro disponível era de 2013, de modo que algumas pessoas saíram dos grupos por diversos motivos, outras entraram, além do fato da falta de comunicação para chamada do encontro.

Fiquei na frente do Centro Comunitário recebendo as pessoas que iam chegando. Os senhores em sua grande maioria, com chapéu ou boné, camisas, botas ou ternos, as senhoras maquiadas com roupas coloridas e broches, as "faceiras", de Flávia Motta (1998).

Imagem 33 - Encontro entre o Grupo de Idosos do Centro e do "Interior".



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

Acompanhei um senhor idoso cego, Barnabé que logo foi me contando que sua esposa sempre participa do Grupo, só não foi esse dia, pois quebrou a perna e ele queria saber "essa história do Estatuto do Idoso", como pode fazer para conseguir os remédios, já que a visita do pessoal do Posto de Saúde não é regular.

Na entrada, as meninas do CRAS anotavam o nome e a localidade de cada um e entregavam um bombom com uma mensagem de Páscoa, mesmo já tendo passado, o encontro faz parte das comemorações pascoalinhas.

As pessoas foram se acomodando, algumas dançavam, outras conversavam. No centro do salão uma caixa de som alegrava o ambiente. Alguns já eram meus conhecidos, como Pedro e sua esposa Rute. Sentamos ao lado de Barnabé. Contou-nos que é vendedor de mel e que por conta disso viaja para vários lugares, inclusive São Paulo, Curitiba, Florianópolis e até Bahia, sozinho! É Testemunha de Jeová, "Deus está sempre comigo, por isso nunca nada me aconteceu, sempre fui bem tratado por onde passo, tenho tanto pra agradecer que nem sei como", confidencia-nos. Barnabé ficou cego ainda muito jovem, por conta da catarata. Teve duas esposas, uma "polaca", quando morava em Curitiba/PR, e outra com quem vive agora, segundo ele uma "bem velha". Nos disse que ele faz tudo dentro de casa, lava e passa roupa, faz comida e leva o café na cama para a esposa. Disse que não vê nada, mas que vê tudo a partir da ideia, que naquele momento enquanto nos falava,

podia ver Curitiba, Taboão da Serra e foi dizendo as localidades que via. Disse que apesar de ser grato pela vida, já está cansado deste mundo, que quer ir embora para o mundo do Sr. Jesus Cristo, onde também tem carro lá. Perguntei-lhe como os carros andavam se não tinha gasolina e ele: "com o poder de Deus ora!" e que do outro lado, iríamos nos movimentar somente pela força do pensamento. Barnabé é conhecido por todos ali.

Ana iniciou as atividades da tarde, agradecendo a hospitalidade da comunidade de Santo Antônio dos Pinhos. Em seguida apresentou a equipe da Assistência Social, nos incluindo. Uma vez me passado a palavra, me apresentei, informando brevemente o que faço aqui e destacando meu parentesco na cidade. Conforme combinado, fiz uma dinâmica da seguinte forma:

- Todos deveriam caminhar pelo centro do salão e se cumprimentar sem usar palavras, somente por gestos e expressões do rosto. Primeiro de modo alegre, contentes, depois como se estivessem tristes, num dia chuvoso, etc., para depois voltarem a se cumprimentar de forma alegre.

- Em círculo, falei sobre a lenda indígena⁷⁵ dos desaparecimentos dos animais da terra e da importância de todos os sons, especialmente os da natureza e fui pedindo para que eles pudessem emitir algum tipo de som com o corpo a partir de: som da infância, som de chuva, som de cavalos andando, som de seus pais e avós lhe chamando, som de chamamento da "criação" (animais de pequeno porte). Este último pareceu ter maior participação, mas de modo geral, ainda estavam muito tímidos. De qualquer forma, todos prestaram atenção e alguns participaram bastante.

Em seguida iniciou a dança gaúcha. Dancei com vários homens e mulheres e eles e elas também dançaram entre si. Alguns só observavam. A dança é o momento auge do encontro. Uma senhora sentada do outro lado do salão, gesticulava sorridente, fui até lá e perguntei se queria dançar, disse-me que apesar de gostar muito, não estava com sapatos apropriados. Sentei ao seu lado então e resumo o que ela me contou:

- Dona Nisa tem quase 80 anos e tem um filho único de 50 anos. Não tem marido, é mãe solteira. Na época em que engravidou, trabalhava em um hospital em Lages/SC, na forma de internato. Lá cuidava de um moço doente e por isso conheceu seu irmão, com quem se deitou por

⁷⁵ BOFF, Leonardo. "E os animais voltaram à terra". Lenda dos índios Kaingang. In: O casamento entre o céu e a terra: contos dos povos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.

duas vezes. Não queria casar, só engravidar, pois mal conhecia o rapaz, mas já tinha 25 anos e queria ter um filho. A família dele, bem como o próprio rapaz quis registrar a criança, mas ela não quis, pois o filho era opção dela. Sua família no Cerrito a expulsou de casa e ela teve que deixar a criança com um ano e meio aos cuidados dos tios que os acolheram. Ela foi embora para São Paulo/SP trabalhar como empregada doméstica em uma casa de família. Voltou um tempo depois e pôde comprar tudo, a casa e tudo que tinha dentro, nada faltou a ela e a seu filho. Hoje tem uma família, além do filho, a esposa dele, netos e bisnetos. Contou-nos esta história sem nenhum arrependimento, culpa ou amargura. E continuou sorrindo, gesticulando seus braços no tom da música.

E o lanche foi servido: cucas, bolo salgado, chá, suco e canjica. Todos comeram e continuaram a dançar, dessa vez, com maior participação. D. Nisa que no início não quis dançar por conta dos sapatos, me chamou, largou a bengala num canto e fomos dançar, pois desta vez tocava "vanerão", ela não gostava de valsa.

Por volta das 16 horas e 30 minutos os grupos foram se dispersando. Nosso micro levou algumas pessoas idosas até a localidade de Vargem Bonita e fomos juntos. A viagem teve duração de 30 minutos aproximadamente. Os caminhos das localidades do interior são muito parecidos uns com os outros. A estrada estreita com cascalhos, muito mato ao redor, algumas casas esparsas, geralmente bem cuidadas, pintadas e fechadas com cerca. A maioria das estradas não possuem iluminação a noite. Íamos deixando as pessoas que saíam contentes, agradecendo muito, enquanto cães e gatos vinham recebê-los.

25.04 (sábado)

Conforme combinado, a tarde fomos novamente à casa de Jó e Eloá. Na casa encontramos a filha deles, o marido, a neta e a bisneta de três anos. Enquanto esperávamos todos para irmos ao sítio, Jó nos apresentou sua égua baia⁷⁶ de raça, filha de cavalos baio também. Contou-nos que a mãe desta égua viveu 27 anos e que se cuidar bem do animal ele pode durar até 30 anos. É um bicho bem manso e, apesar do nosso mau jeito conseguimos andar pelo gramado ao redor da casa. Jó se divertindo com a cena dizia: "puxe na corda menina e dá umas

⁷⁶ Baia: tipo de pelagem cor de café com leite.

batidinhas pro animal andar". Uma vez subida, consegui sair "troteando" pelo pátio.

Imagem 34 - Passeio com a égua baia na casa de Jó e Eloá.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Após a "peleia" montando o animal, fomos todos de carro para o sítio, exceto Jó que na maior habilidade subiu na égua, abriu a porteira e saiu estrada afora até à BR, nos encontrando lá na frente, já no sítio. Não nos acompanhou até a casa, onde era nosso destino, pois ficou mato adentro atrás de pinhão e da boiada com seu cão fiel.

Imagem 35 - Jó em sua égua baia no seu sítio depois da BR.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Enquanto Jó ia atrás da boiada e do pinhão, seguimos o caminho estrada adentro. Eloá queria mostrar para meu pai a escola onde ela dera aula para ele durante 4 anos. Num tempo em que as crianças iam à escola de pé no chão, fosse inverno ou verão, a sola do pé era dura o suficiente para protegê-los. Geralmente da casa até a escola, demorava umas duas horas para chegar. Sapatos, só mesmo, vez ou outra. Assim, eles foram me contando.

O caminho até à antiga escola de meu pai foi íngreme e numa descida de mata fechada, onde o barro ficara mole, o carro atolou as rodas dianteiras. Continuamos a pé, mas logo retornamos para resolver o atolamento do carro. O genro de Eloá teve que rebocar o carro com um trator, caso contrário, o carro ficaria atolado. Jó soube do ocorrido bem depois, pois uma vez que se "embrenhou" no mato, demorou horas para voltar. Essa "peleia" toda durou em torno de três horas.

Na volta à casa do casal, jantamos e a "prosa" correu solta entre todos. Jó mostrava-se muito satisfeito, tocou violão e brincava com sua bisneta animadamente.

26.04 (domingo)

À tarde fomos na 18ª Feira do Terneiro e da Terneira. É o segundo maior leilão do Estado, só perde para Lages/SC. O evento aconteceu na localidade de Boa Parada no Centro de Remate. No meio do espaço, conduzidos por um vaqueiro, entram e saem vários terneiros de variadas raças e os possíveis compradores ficam sentados na arquibancada da arena, feita especialmente para essa exposição.

Muitas pessoas se aglomeram atentas aos animais que assustados entram em grupos (lotes), enquanto o leiloeiro vai dizendo o valor que sobe a cada vez que alguém informa que comprou. Alguns homens ficam de frente para a platéia e de costas para os terneiros, apenas para informar o leiloeiro quando alguém levanta a mão. Tudo acontece muito rápido, pois são várias mangueiras de terneiros para serem leiloados pertencentes aos vários donos do Cerrito e de outras localidades, como São Joaquim/SC, Lages/SC, Florianópolis/SC, Blumenau/SC, etc. Na tabela dos possíveis compradores consta o nome do dono, a raça dos terneiros, a quantidade e o valor que está sendo leiloado. Em sua grande maioria, são homens idosos que participam da compra ou da venda. Alguns bem mais velhos, com 90 anos aproximadamente. Percebi que a maioria chegou na Feira com condução

própria, são fazendeiros, médios e grandes proprietários de terra. Encontrei o senhor feirante que entrevistei outro dia. Lá fora, na parte detrás do evento, os terneiros se amontoavam em espaços pequenos.

O barulho tanto lá fora, como lá dentro era ensurdecedor com os gritos do leiloeiro, dos mugidos dos terneiros, da exaltação do público, das crianças correndo em volta. Foi um evento para a elite da região com direito a algodão doce, pastel frito, cerveja e churrasquinho.

Imagem 36 - 18ª Feira do Terneiro e da Terneira. Boa Parada. São José do Cerrito - SC.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Nos distanciamos do barulho e encontramos por detrás de uma cerca, uma das 107 casas subterrâneas do sítio arqueológico dos Jê Meridionais, vulgarmente conhecida pelo povo daqui como "o buraco dos bugre".

Imagem 37 - "Buraco dos Bugres". Boa Parada. São José do Cerrito - SC.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Contou-nos um morador, que essas casas só vieram à tona a pouco tempo (década de 1980 em diante), pois como as casas se encontram nas propriedades de fazendeiros, estes tinham medo de que suas terras se transformassem em patrimônio histórico e fossem tomados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) ou pelos próprios indígenas da região, enfim, que as terras deixassem de ser deles. Assim, os donos das propriedades "tapavam" com árvores, jogavam terra para que não fossem vistas, é provável que algumas ainda não sejam reconhecidas. A maior parte delas se encontram na localidade do Rincão dos Albinos em uma propriedade que não há como ir de carro, precisa-se caminhar duas horas com guia.

27.04 (segunda-feira)

Pela manhã fui até a Prefeitura tirar cópias do material para a Capacitação de quarta-feira. Rebeca assinou os convites que eu pudesse entregar nas instituições, embora elas já tivessem sido previamente convidadas. Consegui entregar todos ainda de manhã. Quando fui entregar o convite no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, estava aguardando ser atendida pela secretária, quando um moço jovem começou a falar. Abaixo segue seu relato:

bah, estou tentando conseguir uma consulta aqui moça, porque fui no Posto, mas pra fazer esses exames aqui está muito caro! Mais de 300 reais.

Mas o que eu preciso mesmo é ir num especialista, porque não aguento mais as dores no corpo, dizem que é osteoporose, me dói todas as juntas, incha os tornozelos fui na médica do Posto e o que ela disse? Que eu devia usar carrinho de mão ... já vi carrinho de mão plantar feijão? O meu problema não é se abaixar, porque não é só a coluna são todos os ossos! Por isso que preciso de um especialista de osso. Pra mim moça, é o veneno ... eu já disse lá no Posto, uso mais de seis tipos, desde os dez anos. Planto de tudo, mas veneno é só no feijão. Ah moça! Hoje em dia está assim, tem um rapaz com 28 anos lá perto de casa que está com problema de depressão, se eu ficar em casa, também fico, tem que tomar remédio pra não ficar triste em casa. (ANDRÉ, 2015).

André tem por volta de 40 anos. Esse relato demonstra o perfil relatado dos homens em geral, não só os idosos, que ao fazerem uso do veneno, geralmente adoecem com problemas pulmonares, como foi o caso do entrevistado Jonas e de tantos outros nas localidades do interior que não conseguem visitar, estão doentes e acamados. Bem como a fala do homeopata Davi, ao se referir como maior problema dos homens idosos cerritenses, a depressão.

Às 13 horas conforme combinado, fomos recebidos por Dinorá, diretora da APAE. A entrevista durou mais de uma hora. Após a entrevista, Dinorá nos mostrou todo o APAE e o trabalho desenvolvido.

28.04 (terça-feira)

Pela manhã fomos no Centro de Convivência testarmos os equipamentos de som para a atividade sonora da tarde e a apresentação para a Capacitação do dia seguinte.

Às 13 horas e 15 minutos estávamos no Centro de Convivência e a música gaúcha já estava "tocando aos quatro ventos", enquanto as pessoas idosas iam chegando. Os homens, como da outra vez, iam se sentando logo na entrada em um banco de madeira e no sofá, mesmo àqueles que chegavam acompanhados de suas companheiras, separavam-se delas e ficavam junto aos seus "pares masculinos" e elas com as outras mulheres.

Imagem 38 - Senhores participantes do Grupo de Idosos do centro.



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

Alguns homens dançavam, ora com suas esposas, mas também com outras. Ana me disse que não há ciúmes. A dança é um momento de grande descontração deles e delas, mesmo os que só observam, escutam a música e observam os demais dançando.

As mulheres estavam trajadas com roupas muito coloridas, geralmente com estampas, tecidos leves, crochês, pois também era quente e sapatilhas que permitissem dançar. Algumas com vários adereços como pulseiras, brincos, anéis. Na falta de pares masculinos, dançam entre elas.

Neste dia contei 40 mulheres e 18 homens, muito mais do que os encontros durante a Semana Santa que não havia dança. Dancei mais com mulheres do que com homens, eles são mais tímidos e há uma certa reserva de minha parte, já que sou mulher e mais nova e estas questões precisam ser ponderadas.

Ana me disse que geralmente a dança vai até às 14 horas e 45 minutos, mas por conta de nossa presença, foi até às 14 horas e 30 minutos quando a orientadora física fez um breve alongamento com todos. As mulheres participaram mais do que os homens. Os que estavam sentados no banco continuaram sentados.

Após o alongamento, Ana me passou a palavra e novamente fiz uma breve apresentação, já que muitos não estavam presentes da outra vez. Leonardo também se apresentou e em seguida, fizemos uma dinâmica sonora, mais ou menos como a que foi realizada em Santo Antônio dos Pinhos, exceto que desta vez, ao invés deles(as) emitirem algum tipo de som, nós propiciamos alguns sons recolhidos na própria

cidade: mugido dos terneiros, cascata de água na gruta, chuva, passos no mato, etc., afim de que eles pudessem reconhecer os sons e/ou buscar na memória possíveis lembranças relacionadas aos sons.

Não é fácil introduzir uma atividade nova em um grupo que já possui uma rotina de suas atividades, mas houve uma boa participação. Ficaram atentos à exposição e alguns ficaram surpresos ao saber que os sons foram recolhidos ali mesmo na localidade. A atividade durou em torno de 20 minutos. Após isso, o lanche foi servido e sentamo-nos à mesa com um grupo. Depois do lanche participamos do bingo com as "prendas" que eles trazem: saco de bergamotas, laranjas, caixa de ovos, litros de leite, etc. É uma atividade com grande aceitação. No final, retornamos à dança, mas muitos foram embora. Dancei com um senhor de 90 anos, trajado à moda serrana: botas, paletó, chapéu com barbicacho, lenço. Vangloriou-se de sua idade e de sua saúde. Convidou-nos ao final para tomar um chimarrão ou um café em sua casa e que, dependendo do horário, tem até uma "carninha".

Outra senhora quis falar comigo em particular: "queria falar contigo, mas você só trabalha com os homens idosos né?". Disse-lhe que para fins da pesquisa eu entrevisto somente eles, mas isso não impede que eu possa conversar com as mulheres também. Nos afastamos do grande grupo e ela me confidenciou que desde que ela mudou de casa, não consegue dormir, pois parece sempre que tem um espírito à espreita. Disse-me que antes desta mudança, morou há 35 anos em outra casa mais antiga. Fiquei ouvindo, sem saber exatamente o que dizer, mas percebendo que ela esperava algo de mim, disse-lhe que talvez pelo fato de morar tanto tempo na casa anterior, tenha se acostumado demais com a paisagem de lá, com a forma como o sol entrava na casa, com alguma sombra de árvore, com as formas do vento que batia em seus galhos e janelas, com a batida forte da porta e agora na casa atual, todas essas coisas podem ser diferentes.

Como ela insistia com o fato da presença de um espírito na casa, perguntei-lhe se tinha falecido alguém próximo dela nos últimos tempos, disse-me que sim, um cunhado de quem gostava muito e morreu há mais ou menos um mês. Disse-lhe então que acendesse uma vela para o anjo da guarda dela, pedindo-lhe intercessão para encaminhar o espírito do cunhado, mas que a vela fosse acendida somente no cemitério, onde é o lugar dos mortos e na igreja, porque é sagrado. Falei a partir das minhas concepções e do que aprendi com as pessoas idosas

de minha família. Ela então se deu por convencida, agradeceu e foi-se embora. E eu fiquei pensativa.

Durante a dança, outra senhora de 84 anos pediu que eu conseguisse para ela uma Bolsa Família, pois dependem dela um filho e um neto de 10 anos. A mãe do menino, sua nora, foi embora. São muito pobres, o filho trabalha, mas ganha pouco e ela, enquanto avó, se preocupa com a criança. Disse-lhe que ela deveria procurar a Assistência Social da Prefeitura. Imponderáveis da vida ...

29.04 (quarta-feira)

Finalmente chegou o dia da Capacitação do Curso Envelhecendo com Cidadania. Pela manhã, fomos até à Casa Paroquial para sermos atendidos pelo homeopata Davi. Em sua salinha há livros de medicina alternativa, remédios caseiros e muitas imagens de santos. Falou-nos que durante muito tempo resistiu ao que considera sua missão, pois é um homem do campo. Porém, como muitas pessoas o procuravam para pedir conselhos sobre diversos assuntos, resolveu ser autodidata e estudar a respeito. Assim, há anos presta atendimento à comunidade uma vez por semana e as pessoas lhe pagam o que podem.

Ainda de manhã, fui até o CRAS para pegar o *datashow* para a apresentação. Após o almoço, nos dirigimos ao Centro de Convivência, meu pai e meu irmão me acompanharam como meus assistentes, câmera fotográfica e áudio. Estava ansiosa, mas ao chegar lá, percebi que estava tudo bem preparado: cadeiras dispostas, mesa com os computadores, um cartaz desejando boas vindas. Ao todo compareceram 18 pessoas, sendo 16 mulheres das seguintes instituições: CRAS, Pastoral da Pessoa Idosa, Centro de Convivência, Assistência Social da Prefeitura, Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte, Posto de Saúde e Zaíra que participou na condição vinculada à Saúde Alternativa, já que trabalha com manipulação de ervas. E dois homens: Padre Salomão e Zaqueu, presidente do Sindicato Rural. A capacitação transcorreu com a participação efetiva de todos. A mais nova tinha 22 anos, psicóloga do CRAS e a mais idosa, Zaíra de 80 anos.

O objetivo foi capacitar e dar a conhecer aos agentes governamentais e não-governamentais que direta ou indiretamente trabalham com pessoas idosas, saberes específicos pertinentes à condição de envelhecimento dos seres humanos. O público alvo foram os agentes governamentais e não-governamentais que trabalham com esta faixa etária e a carga horária foi de seis horas-aula, das 13 horas às

16 horas e 30 minutos. A pauta da capacitação versou sobre: breve histórico do envelhecimento humano; identidades e pertencimentos; redes de suporte social; protagonismo e empoderamento; ação cidadã e educativa no envelhecer.

No final da Capacitação foi elaborado duas questões para os grupos responderem:

- Qual é o perfil da pessoa idosa de São José do Cerrito?

As respostas dos grupos apontaram um perfil de pessoas idosas participativas, autônomas e acolhedoras, vinculadas à religiosidade, aos valores como honestidade e trabalho, porém, alguns são muito acomodados(as) e dependentes, especialmente os homens. Em alguns casos, as pessoas idosas vivem sozinhas, sentem-se isoladas ou abandonadas pelos(as) filhos(as), necessitando de cuidados especiais, atenção e autonomia.

E a segunda questão:

- Como posso dentro das minhas atividades na instituição que faço parte, tornar as pessoas idosas mais autônomas e independentes, protagonistas de suas vidas?

As respostas sugeriram incentivar as pessoas idosas do município uma maior socialização e participação no Grupo de Idosos, maior estímulo para atividades físicas, como caminhadas, atividades recreativas e diferenciadas, aumento das visitas domiciliares às pessoas idosas. Implementar ainda um trabalho específico para autoestima envolvendo temas de: saúde, artesanato e nutrição, com melhoraria na alimentação. Desenvolver a autonomia através de palestras envolvendo mais o Grupo. Oferecer cursos sobre "identidade" e outros temas de interesse das pessoas idosas para atrair a participação, bem como orientação contínua e esclarecimento de seus direitos, empoderando-as para o dia-a-dia.

Imagem 39 - Capacitação Envelhecendo com Cidadania (I).



Fonte: Fonte: Orival Lopes, 2015.

Imagem 40 - Capacitação Envelhecendo com Cidadania (II).



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

III Parte

28.05.2015 (quinta-feira)

Cheguei no Cerrito pela manhã. A I Conferência Municipal da Pessoa Idosa estava marcada para às 13 horas e 30 minutos no Centro de Convivência Antônio Fortunado Pinheiro. Após almoçar na tia, me dirigi logo para lá. O pessoal da Assistência Social já estavam presentes. Iniciou com o credenciamento e em seguida iniciei a palestra: "Protagonismo e Empoderamento: por um Brasil de todas as idades" às 14 horas. Explanei alguns indicadores sociais sobre o envelhecimento no Brasil, em Santa Catarina e em São José do Cerrito/SC, perpassando por algumas políticas públicas específicas para esta faixa etária e a legislação vigente no município. Conceituei brevemente os termos constantes da temática: protagonismo e empoderamento, o primeiro atribuído aos diferentes papéis desempenhados pelo indivíduo ao longo da vida: papéis familiares, profissionais, na comunidade e na sociedade em geral. Papéis esses exercidos como protagonistas ou coadjuvantes, desde a infância à velhice, considerando de acordo com Negreiros (2004) que "cada homem e mulher foi e continua sendo protagonista, espectador e autor de rupturas e transformações sem precedentes nos costumes e estilos de vida". E, empoderamento, enquanto processo de autonomia e protagonismo que deve ser exercido em todas as fases da vida e, na fase adulta em diante cada vez mais ocupando espaços de ação coletiva, participando das decisões, seja no âmbito da família ou da comunidade. O protagonismo e o empoderamento são cruciais para a conquista da interdependência da pessoa idosa.

Explanei ainda o espaço da conferência, enquanto um evento popular democrático que prevê a participação e o compromisso de todos

(as), devendo propor avanços para a consolidação e efetivação das políticas públicas, visando um envelhecimento com dignidade, articulando ações coletivas em torno de propostas e estratégias que apontam diretrizes para as várias políticas setoriais envolvidas, como a da Assistência Social, da Educação, da Saúde, do Transporte e Acessibilidade, da Previdência Social, entre outros.

A Conferência contou, de acordo com o relatório elaborado por nós (eu, Rebeca e Ana) com 36 pessoas da sociedade civil, 19 pertencentes às instituições governamentais, num total de 55 pessoas, dentre elas, 26 abaixo de 60 anos e 29 com 60 anos ou mais. Os eixos discutidos, propostos pela Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, através do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso foram:

- 1º – **Gestão** (Programas, projetos e ações);
- 2º – **Financiamento** (Fundo do Idoso e Orçamento Público)
- 3º – **Participação** (política e no controle social).

No final da Conferência, foram eleitos os delegados que deverão participar da Conferência Estadual da seguinte forma: dois representantes da sociedade civil (pessoa idosa), (titular e suplente) um representante da organização não-governamental (titular e suplente) e dois representantes da organização governamental (titular e suplente). Nenhum homem idoso se candidatou, somente mulheres.

Como pontos positivos da Conferência, foram sinalizados: organização, participação ativa de todos(as) os(as) envolvidos(as), elaboração de propostas condizentes com as necessidades do município, palestra de linguagem acessível aos participantes, interesse por parte dos participantes para escolha dos delegados. E os pontos negativos: falta de participação de mais pessoas da sociedade civil e representantes de entidades governamentais e não-governamentais, sendo que os convites foram enviados para todos.

Imagem 41 - Convite da I Conferência Municipal da Pessoa Idosa.



Fonte: Arquivo pessoal. 2015

IV Parte

26.06.2015 (sexta-feira)

Teve início ontem a 55ª Festa de São Pedro, padroeiro de São José do Cerrito/SC. Segundo os moradores, é uma das maiores festas religiosas de Santa Catarina. A programação consta atividades para quatro dias, de quinta a domingo:

Imagem 42 - Programação da 55ª Festa de São Pedro.

55ª Festa de SÃO PEDRO
SÃO JOSÉ DO CEDRITO - SC

25 a 28
Junho de 2015

A maior Festa Religiosa da Serra Catarinense

PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA E CULTURAL

25 QUINTA
Festa de Inauguração, Missa, Bênção e Eucaristia. Apresentação Cultural. Apresentação de Danças Folclóricas. Apresentação do Grupo de Teatro São Pedro.

26 SEXTA
Missa. Apresentação Cultural. Apresentação de Danças Folclóricas. Apresentação do Grupo de Teatro São Pedro.

27 SÁBADO
Missa. Apresentação Cultural. Apresentação de Danças Folclóricas. Apresentação do Grupo de Teatro São Pedro.

28 DOMINGO
Missa. Apresentação Cultural. Apresentação de Danças Folclóricas. Apresentação do Grupo de Teatro São Pedro.

BINGÃO
de R\$ 30.000,00

01 MOTO OKM

PATROCINADORES

REALIZAÇÃO

FESTEIROS

COORDENADORES

NOVENEROS

PREÇOS

BRANCO

COMISSÃO

SICOOB

Fonte: Arquivo pessoal. 2015.

De acordo com Machado (2004), a imagem de São Pedro que se encontra hoje na matriz da Igreja, veio da Alemanha, comprada por um morador da região que doou a imagem para a Paróquia. No entanto, durante muito tempo a imagem circulou em várias casas até que a Igreja ficasse pronta.

Eu e meu irmão conseguimos chegar somente na sexta no fim da tarde e logo nos dirigimos ao local da festa, em frente à Igreja Paroquial. Lá já estavam armadas as barracas de pastéis, espetinhos doces e salgados, entrevero* e barracas diversas com outros apetrechos: meias, luvas, gorros, chaveiros e demais bugigangas vendidas na maioria das festas populares. Também um mini-parque para as crianças que, apesar do frio não se importavam em brincar.

Nos dirigimos a um dos festeiros responsáveis, o policial Estevão, com quem tratamos antes para exposição das fotos tiradas no Grupo de Idosos do Centro de Convivência. Seis fotos foram expostas bem no centro da festa, na barraca de venda dos tickets das bebidas. Algumas pessoas próximas à exposição mostraram-se curiosas, mas não perguntaram nada. Causou um estranhamento, pois a Festa de São Pedro

faz parte das comemorações juninas e julinas que acontecem todo ano vinculadas aos santos da Igreja Católica, como São João. Desta forma, muitas bandeirinhas compunham a decoração, especialmente de cores azul e vermelho, cores representativas de São Pedro. Fora isso, as barracas coloridas das guloseimas e os brinquedos das crianças, não havia nenhum espaço para outro tipo de exposição artística, de modo que as fotos cumpriram o papel de uma certa descontinuidade no evento, causando impacto, não só pelo ato em si, mas por sermos "de fora" e estarmos expondo fotos "deles". As imagens não expunham os rostos das pessoas idosas, mas de suas mãos, de sua dança.

Imagem 43 - Exposição das fotos na Festa de São Pedro (I).



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

Imagem 44 - Exposição das fotos na Festa de São Pedro (II).



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

No momento de colocação das fotos, praticamente estavam presentes pessoas mais jovens. Mais a noite, a programação contava com alguns *shows* regionais e, em sua maioria, o público era jovem, embora algumas pessoas idosas surgissem vez ou outra, além de uma apresentação de dança das mulheres do Grupo de Idosos.

Francisco, também estava lá coletando latinhas, apesar do frio da região nesta época. Em todos os dias da festa ele estava presente, quase invisível aos demais.

27.06 (sábado)

Como a programação da festa iniciaria às 17 horas e 30 minutos, durante o dia ficamos em casa, estava muito frio. A não ser algumas caminhadas pela cidade, onde percebemos que na rua principal - onde passaria o cortejo dos santos padroeiros das localidades do "interior" - as casas e o comércio estavam enfeitados com bandeiras e adereços azuis e vermelhos. Várias pessoas empenhavam-se nesta tarefa, embora a maior parte da rua já estivesse toda enfeitada.

Nas ruas, desta vez não só as pessoas idosas transitavam, mas também os jovens. Na "Lanchonete do Vando", um grupo de jovens amontoavam-se em torno de um violeiro que cantava músicas conhecidas por eles. A cidade estava em festa, pessoas andavam ligeiras

de um lado para o outro, carregando sacolas, alguns ambulantes nas esquinas se posicionavam para vender meias, balões e espetinhos de carne. O comércio no sábado de manhã estava movimentado.

Às 17 horas participamos da procissão que saiu em frente à Igreja e percorreu umas duas quadras, retornando em seguida. Na frente do cortejo seguia um carro com a imagem de São Pedro e balões enfeitados. Padre Noa conduzia a procissão com cânticos e mensagens, sendo auxiliado pelas irmãs e a comunidade que seguia com velas acesas. Poucos participaram da procissão, mas havia relativa quantidade de pessoas presentes na Praça da Igreja e em frente às casas. Os jovens eram minoria na procissão, a maioria eram pessoas idosas e mais mulheres e os homens geralmente acompanhados por suas esposas. No entanto, a missa estava lotada e foi presidida pelos padres locais e por alguns padres de outras paróquias que foram convidados. Por vezes, a missa era ofuscada pelo barulho das bandas lá fora que estavam testando o som.

O discurso da missa girou em torno da vida de São Pedro, o primeiro dos apóstolos de Cristo, nascido Simão e chamado Pedro por Jesus. Foi ressaltado o caráter de liderança de São Pedro e da importância do sentido da comunidade, uma vez ter sido este apóstolo o responsável pela propagação da comunidade cristã.

Após a missa demos uma breve passada pela Festa, mas o frio nos fez recolher antes. Poucas pessoas idosas estavam presentes.

28.06 (domingo)

Como não fomos ao baile, conseguimos acordar bem cedo para participar da "Procissão e Bênção dos Veículos" que acontece da seguinte forma: comunidades do "interior" se encontram em uma localidade específica, neste ano foi escolhida Boa Parada. Cada uma leva seu santo padroeiro. De lá, um carro com a imagem de São Pedro conduz os demais carros com as imagens, buzinando, cantando e parando de vez em quando para fazer orações. Em frente à Praça da Igreja, na rua principal, Padre Malaquias juntamente com algumas senhoras da comunidade, ministras da eucaristia, entre outras e alguns jovens do Grupo, esperavam o cortejo na mesinha posta com água benta e um ramo para benzer os carros. Na entrada da Igreja pessoas iam chegando e se posicionando para melhor ver o evento, dentre elas, nós. À medida que os carros iam se aproximando, Padre Noa ia revelando o nome de cada padroeiro, informando em um microfone um breve

histórico do santo de cada comunidade. Enquanto isso, Padre Malaquias, feliz da vida, ia benzendo carro por carro. Após benzidos, os carros que levavam as imagens dos santos das paróquias, estacionavam e uma pessoa conduzia a imagem até ao altar da Igreja passando pelas escadas e o corredor da Praça onde eram esperados sob aplausos da comunidade. Padre Malaquias benzia todos os carros: os com santos, os sem santos, os que apenas passavam, os estacionados.

Imagem 45 - Ritual de benzimento dos carros.



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

No meio do evento, encontramos Davi, o homeopata. Em conversa, nos falou que achava por bem que a cidade pudesse homenagear seus mortos ilustres, dentre eles, meu tio, nomeando alguma rua ou alguma escola. Falou ainda sobre os problemas causados pelos transgênicos que causam tantos males ao povo local e nos confidenciou que consegue comer 75% de produtos naturais que ele mesmo planta. Reclamou da barragem, que em nada ela é útil, que outras formas de energia poderiam ser usadas, sem precisar expulsar nenhum morador de suas comunidades, como o que está acontecendo.

Já havia, de certa forma, finalizado minhas entrevistas, mas achei por bem entrevistar Davi. Quase idoso (57 anos), do ponto de vista "cronológico-legal", o homeopata conhece muito da realidade dos homens idosos cerritenses, intercedendo em suas velhices através da

homeopatia, massoterapia e, conforme ele ressalta: "às vezes o que eles precisam é só de uma palavra".

Assim, nessa conversa decidi que amanhã irei entrevistá-lo, após receber seu convite para irmos até à sua casa. Pensamos em contactar o taxista Gabriel, com quem já dei um "dedo de prosa" dia desses e lhe falei da "corrida" que pretendia fazer na segunda-feira. Davi reside na localidade de Santo Antônio dos Pinhos e quando o santo de sua comunidade chegou, ele saiu e foi acompanhá-lo até à Igreja, depois não nos vimos mais.

Nunca vi a cidade tão cheia e barulhenta como esteve hoje. Carros parados em todas as esquinas disputando várias músicas conflitantes entre si, em sua maioria de jovens. Meu primo me disse que a droga já é um problema bem sério entre os jovens da região. Eles participam, ao que parece, não da festa religiosa, mas é um evento de encontro entre seus pares. Alguns costumam participar de várias festas pelo interior de Santa Catarina, como Morro da Fumaça/SC, Içara/SC, Correia Pinto/SC e todas as cidades mais próximas de Lages/SC, especialmente as localidades do "interior" do Cerrito.

À tarde fomos no bingo que reuniu mais de dez mil pessoas de todas as idades. A premiação foi farta, algumas pessoas idosas das localidades do interior foram agraciadas com os prêmios. Padre Salomão deu a benção na festa e o vice-prefeito conduziu o evento. Após o bingo, as pessoas se dissiparam, exceto os mais jovens que continuaram ainda por um bom tempo.

29.06 (segunda-feira)

Diz que São Pedro "tem a chave do céu" e decide quando vai chover. Decidiu então que durante sua festa este ano, não choveria, contrariando os outros anos, conforme relatos de muitos. Amanheceu com sol.

Conforme programado, de manhã fomos até o local onde ocorreu a Festa para buscar as fotos que foram expostas. O local estava repleto de lixo jogado no chão. Havia poucas lixeiras, mas segundo conversa com Padre Salomão, não há uma consciência a respeito disso. Um dos festeiros estava reunido com o Padre na Casa Paroquial para acertarem os resultados da festa, por isso pegamos as fotos e logo saímos.

Fomos então até a casa de Zaíra. Moisés, seu marido nos falava a respeito das facilidades e dificuldades da vida de ontem e de hoje.

Considerou que antigamente um menino começava a trabalhar com nove anos ou até antes, já ganhava uma "machadinha" e ia pra roça, de modo que aos 15 anos já sabia do valor da terra, do trabalho e do dinheiro. Enquanto hoje, com a proibição do trabalho para o menor, quando chega aos 18 anos, diz Moisés: "você acha que agora ele vai querer trabalhar?". Também ressaltou das dificuldades em plantar produtos orgânicos, já que 10m de cada lado do rio que corta seu terreno é do governo.

Enquanto isso, Zaíra e sua filha estavam na cozinha preparando o almoço. A idosa, com seu jeitinho de menina, contava suas peripécias durante a Festa de São Pedro. Contou-nos que na semana anterior da geada, estivera fazendo um cursinho de tricô e crochê, mas que num dos dias não foi, pois sentiu-se gripada e queria melhorar para a Festa.

Pela janela da cozinha avistei algumas ovelhas muito gordas, Zaíra me disse que estavam "prenhas" e que hoje, apesar de ser dia santo, Dia de São Pedro, Moisés estivera pela manhã trabalhando no barracão para se "mexer" um pouco.

Tomamos água, não qualquer água, mas uma que vem direto de uma fonte do "interior" que Zaíra vai buscar e que segundo ela, é a mais pura que tem. Nos despedimos, não sem antes escolher uma blusa de crochê feita por ela e recolher algumas ervas para fazer chá.

Almoçamos na tia que nos aguardava. Às 13 horas e 30 minutos em ponto, conforme marcado, o taxista Gabriel de 72 anos nos aguardava. O dia permanecia com sol. Nos dirigimos à Hidrelétrica São Roque, mais ou menos uns 18 km de São José do Cerrito e oito quilômetros da BR 282 até sua entrada. No caminho, placas em árvores iam nos avisando: "Entrada Proibida", mas continuávamos. Vimos várias árvores derrubadas e empilhadas. Segundo Gabriel, isso acontece porque o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) não liberou ainda a saída das madeiras. Enquanto isso, como soubemos logo depois, a Hidrelétrica São Roque importa madeira de Minas Gerais, ou seja, paga-se um alto custo para importar madeira de tão longe, sendo que poderiam ser melhor aproveitadas as madeiras da região que afinal, como vimos já foram cortadas e, por conta da demora da liberação, elas acabam apodrecendo.

Imagem 46 - No táxi de Gabriel.



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

Histórias de Gabriel e da cidade iam surgindo, "entremeando" com suas piadas. Morou em Curitiba/SC durante 28 anos, até por volta de 1985, quando se separou de sua esposa. Contou-nos que durante a juventude quando fora estudar em Curitiba/PR, lavava pratos para pagar a pensão e conheceu um fotógrafo alemão que lhe contratou como intérprete, já que Gabriel falava alemão e italiano. Tem descendência italiana por parte de pai e por parte de mãe é bugre, "minha avó materna era uma índia velha", disse-nos. Assim, acompanhando o fotógrafo alemão durante os finais de semana, Gabriel aprendeu as técnicas e logo já começou a fazer cobertura fotográfica de alguns eventos sozinho.

Quando saiu de Curitiba/SC, Gabriel foi morar em um sítio aqui no Cerrito, "se esconder", segundo suas palavras. Mas, de tanto os filhos, mulher e cunhado insistir, disse-nos que vendeu o sítio, dividiu entre eles e foi morar em uma casa. Com o golpe do então presidente Fernando Collor nas poupanças na época, perderam todo o dinheiro da venda do sítio. A família culpou Gabriel, "eu tava na minha, não tenho nada a ver com isso", arrematou.

Foi vereador três vezes, duas vezes em Curitiba e uma vez em São José do Cerrito/SC, mas nosso guia, não quer mais saber de política, pois para aprovar um projeto seu, precisava aprovar muitos outros projetos que ele não concordava. Mas ressalta com orgulho que foi um dos responsáveis pela finalização da BR 282, estrada principal

que vai de Lages/SC à Campos Novos/SC, finalizada em 2010⁷⁷. Gabriel nos contou que na época foi até Brasília, acompanhado pela Ideli Salvati pedir apoio para a finalização da 282.

Ao chegarmos em frente à Hidrelétrica, fomos informados pelo vigilante que seria impossível fazer a visita hoje. Nosso taxista conhecia o vigilante e convenceu-o a chamar o engenheiro responsável. Um tempo depois, o Engenheiro^o Arthur veio até à portaria e após nos identificarmos (sem papel algum, apenas na conversa), permitiu que fôssemos em seu carro fazer uma visita, já que ele ia já ia fazer uma *ronda*. Mostrou-nos os locais do escritório, do atendimento médico - que segundo o engenheiro, serve mais para "desculpas" de entrega de atestados dos trabalhadores -, da fabricação de alguns materiais, as turbinas, etc. À medida que íamos descendo cada vez mais próximos da construção da barragem, após cada curva, avistávamos cada vez mais o Rio Canoas. Poucas mulheres trabalham entre os 1.200 trabalhadores, advindos de municípios próximos, mas a grande maioria vem do estado do Maranhão.

O perigo é iminente, apesar das placas informando a obrigatoriedade de luvas, óculos, capacete (nós também ganhamos um), segundo o engenheiro, considerando outras hidrelétricas em que trabalhou na construção, "até que aqui não tem muito acidente". Segundo relato de alguns moradores do Cerrito, eles "acabam sabendo" de alguns trabalhadores que morrem e não acham mais. Muitos trabalhadores passavam por nós olhando atentamente, me senti intrusa. Perguntei ao final sobre as condições de trabalho e soube que eles trabalham de segunda a quinta durante 9h e na sexta 8h e sábado é hora-

⁷⁷ A BR-282 em Santa Catarina acaba de ser pavimentada. O Governo Federal investiu R\$ 202 milhões nos 133 quilômetros de pista nova. São dois trechos: o primeiro, entre Lages e Campos Novos, incluiu um segmento executado em parceria com o Governo de Santa Catarina, que investiu R\$ 5 milhões entre Lages e São José do Cerrito. O outro trecho de pavimentação tem aproximadamente 30 quilômetros de extensão e vai de São Miguel do Oeste até Paraíso, na fronteira com a Argentina. A BR-282 é a rodovia de integração catarinense. É por meio dela que escoam a produção das maiores agroindústrias do país. Além disso, a produção de milho, cebola, alho e da indústria de leite também passa por ali. O turismo é outra atividade econômica beneficiada com a obra: a estrada é o acesso para as cidades do Circuito das Águas Termais e Turismo Rural, como Lages, São Joaquim, Urubici e Rancho Queimado. 30/11/2010 ASSESSORIA DE IMPRENSA/DNIT.

extra. Almoçam e jantam na própria Hidrelétrica, onde fica a administração, a comida é terceirizada e dormem em alojamentos disponibilizados pela Engevix no município de Vargem/SC. A Hidrelétrica tinha um prazo de conclusão de 28 meses, mas devido alguns "percalços", o engenheiro nos disse que deverão entregar em 30 meses e que nos próximos dias irão contratar mais ou menos 300 trabalhadores. A entrevista de emprego é feita em Vargem/SC e ali na Hidrelétrica eles são treinados e passam pelo médico que dá o atestado de admissão.

Imagem 47 - Rio Canoas.



Fonte: Leonardo Lima, 2015.

A visita durou por volta de 40 minutos. Retornamos até à entrada onde Gabriel já nos aguardava. Na volta passamos na casa de Davi, conforme previamente combinado na Festa ontem.

A casa do homeopata fica alguns quilômetros distante do Centro Comunitário de Santo Antônio dos Pinhos, em uma descida escura de cascalhos. Ele mora só. No caminho, senti que Gabriel estava um pouco cansado e fiquei preocupada, já tinha ouvido dizer que o taxista não estava muito bem de saúde, mas continuamos.

A convite de Davi, Gabriel entrou também na casa e tomou um chimarrão conosco. Davi limpava o fogão à lenha para fazer o fogo. Entramos pela sala com muitos quadros antigos expostos. Passamos por um estreito corredor onde ao lado ficavam os quartos amplos. Na cozinha, potes de bolacha, vidros de remédios homeopáticos, alguns

livros de ervas medicinais e de espiritismo. Disse-nos Davi que hoje só não trabalha porque guarda dia santo. Durante a entrevista, Gabriel ficou atento à história de Davi, talvez nem ele soubesse de tantos detalhes.

Alguns gatos cercavam a casa, pelo telhado que dá na janela da pia e entravam às escondidas pela porta, sendo acariciados por Davi. Meu irmão recebeu dele três espigas de milho antigas, pertencentes aos indígenas da região. Me apressei, pois o sol se pôe logo por aqui nessa estação e a estrada de volta ficaria num "breu" total. Davi queria que dormíssemos lá, mas precisávamos ir embora.

Imagem 48 - Sítio de Davi.



Fonte: Orival Lopes, 2015.

Findo o dia, Gabriel nos deixou em casa, cobrando a metade do que geralmente um taxista cobraria. Disse-nos que tem uma "estratégia", tudo que ganha até às três da tarde ele deposita no Banco, mas hoje é feriado aqui, então seu dia já estava ganho.

V Parte

28.07.2015 (segunda-feira)

"Você é responsável por quem cativas". Essa é a expressão famosa do "Pequeno Príncipe" que se encaixa neste contexto. Depois de ministrar a Capacitação e a palestra na Conferência Municipal da Pessoa Idosa, Rebeca me solicitou ministrar também palestra na IX Conferência

Municipal de Assistência Social, visto, segundo ela, a empatia que conquistei entre os participantes dos eventos anteriores.

Na segunda dia 28 após o meio-dia, saímos, meu pai e Leonardo. Devido meu campo, depois o campo do meu irmão, o pai se empolgou e também começou a "se inteirar" com as coisas da cidade (e do campo) nesta localidade, fazendo fotos pela localidade e expondo depois na Prefeitura.

29.07 (terça-feira)

Estava muito frio pela manhã. Como de costume, meu primo em quarto grau que vende queijos e leite, vindos do sítio onde reside com sua avó em uma localidade no interior, chegou na cozinha para entregar as encomendas à minha tia. O rapaz tem aproximadamente 25 anos e contraria as estatísticas de migração dos jovens para a cidade.

Após o café dirigi-me à Prefeitura para tratar da Conferência na parte da tarde. Precisava saber algumas informações sobre como o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) atua neste município. Nossa conversa foi animada, o Sol deu o ar de sua graça e isso predizia uma maior participação no evento. Segue abaixo informações a respeito do SUAS e de como ele funciona em âmbito municipal, especialmente em São José do Cerrito/SC, a partir do nosso diálogo:

O Sistema Único de Assistência Social (SUAS) foi instituído em 2004 pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS) através da Lei nº 12.435 de 2011 que alterou a Lei nº 8.742/93 – Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS). O SUAS é um marco histórico no campo das políticas sociais do Brasil porque estabelece uma relação direta entre o Governo Federal, os governos estaduais e municipais. Com o Sistema, define-se com maior clareza as entidades efetivamente não-governamentais que reúnem as condições éticas, técnicas e sociais para participar desse programa e as condições para a transferência fundo a fundo. Em São José do Cerrito/SC, o SUAS atua através do Conselho Regional de Assistência Social (CRAS) que atende desde a gestante até a terceira idade, especialmente grupos de risco. O CRAS é responsável pelo município todo, ou seja, a

"cidade" e as localidades do interior, pois não há uma assistência social volante, centralizando assim todo o trabalho no CRAS da "cidade" que atende "como pode" a demanda do "interior". O encaminhamento do Benefício de Prestação Continuada (BPC)⁷⁸ se dá também através do CRAS, que só pode prestar serviço e não pode fornecer outro tipo de auxílio, este é realizado via central da Assistência Social, localizada na Secretaria da Prefeitura, onde presta os seguintes auxílios: moradia, funeral, alimentação, calamidades públicas, entre outros. No CRAS, enquanto lócus de prestação de serviço, auxilia no sentido de dar autonomia e empoderamento para que a própria pessoa tenha motivação e condições de buscar uma melhor qualidade de vida para si e seus familiares, oferecendo atividades de artesanato, promovendo jogos, etc. O princípio de autonomia é o mesmo princípio básico do trabalho

⁷⁸ O Benefício de Prestação Continuada (BPC) é um benefício individual, não vitalício e intransferível, que assegura um salário mínimo mensal à pessoa idosa e à pessoa com deficiência que comprovem não possuir meios de garantir o próprio sustento ou de tê-lo provido por sua família. Para acessá-lo, não é necessário ter contribuído com a Previdência Social. Ele foi instituído pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, Lei nº 8.742, de 7/12/1993 e pelo Decreto nº 6.214, de 26 de setembro de 2007. Sua gestão é realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e sua operacionalização é pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Os recursos para o custeio do BPC provêm da Seguridade Social, sendo administrado pelo MDS e repassado ao INSS, por meio do Fundo Nacional de Assistência Social (FNAS). Tem direito ao BPC a pessoa idosa, com 65 anos ou mais, e a pessoa com deficiência, de qualquer idade, com impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Em ambos os casos, devem comprovar não possuir meios de garantir o próprio sustento, nem tê-lo provido por sua família. A renda mensal familiar per capita deve ser inferior a ¼ (um quarto) do salário mínimo vigente. (Brasil - Mapa das Políticas, Programas e Projetos (2014). População idosa, Governo Federal (2014). I. Muller, Neusa Pivatto, II. Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2014, p.35)

da Assistência Social: promover a integração da pessoa à vida comunitária. Algumas necessidades específicas que o CRAS não consegue dar conta, deve ser encaminhada para a Rede de Apoio, ou somente Rede (Secretaria da Saúde, Secretaria da Agricultura, Secretaria da Educação), sendo que as secretarias de Saúde e Educação são as mais atuantes na parceria. Os sindicatos atuam mais no sentido de oferecimento de cursos, mas não é específico para o grupo prioritário da Assistência Social. A Paróquia através das pastorais (Pastoral da Saúde, Pastoral da Pessoa Idosa - em processo de instauração -, Pastoral da Família, Pastoral da Criança e do Adolescente) atua também, mas não como uma Rede junto à Assistência Social. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO,.2015).

Aproximadamente 72 pessoas, dentre crianças (inclusive de colo), adultos e idosos, participaram da Conferência. A maior parte das pessoas idosas já eram meus conhecidos e alguns homens idosos eu já havia entrevistado, o que me tranquilizou, por ter sido já "aceita" e por sentir-me fazer parte deste lugar, considerada já uma "cerritense". Percebi a presença de pessoas muito carentes, muitos(as) usuários(as) do SUAS que foram convocados a participar. De modo geral, a Conferência contou com representantes do governo e da sociedade civil (entidades e organizações de assistência social; representações de trabalhadores do SUAS e seus usuários e/ou organizações de usuários).

O dia ensolarado e quente, em pleno julho na serra, nos animou. Uma das assistentes sociais deu início à Conferência, passando a palavra à Rebeca e em seguida ministrei a palestra enfatizando a ideia do "cuidado", palavra essa - que no meu entender - subsidia a assistência social. Tracei um panorama do ato de cuidar ao longo da história, do surgimento dos hospitais, asilos e orfanatos, perpassando pela "Lei dos Pobres" (1601) na Inglaterra, as primeiras iniciativas da assistência social, as leis que subsidiaram e subsidiam essa assistência, o papel do SUAS em âmbito federal, estadual e municipal e, finalmente as cinco dimensões propiciadoras do debate público para posterior encaminhamentos (deliberações das propostas e escolha dos delegados: representantes governamentais e não-governamentais) para participarem da Conferência Estadual. Tais dimensões foram formuladas pelo Conselho Nacional de Assistência Social e encaminhada para o

município via Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES). Segue abaixo:

- DIMENSÃO 1 – Dignidade Humana e Justiça social;
- DIMENSÃO 2 - Participação social no SUAS;
- DIMENSÃO 3 - Responsabilidade do Estado: por um SUAS Público, Universal, Republicano e Federativo;
- DIMENSÃO 4 – Qualificação do Trabalho no SUAS;
- DIMENSÃO 5 - Assistência Social é direito;

Além disso, foi estabelecido a possibilidade de se buscar maior parceria entre as entidades governamentais e não-governamentais, como por exemplo, um maior diálogo entre os gestores da Assistência Social e as pastorais da Paróquia.

A palestra durou em média uma hora e em seguida já foram se encaminhando as deliberações. Vale ressaltar que o público desta Conferência, ao contrário da Capacitação e da Conferência Municipal da Pessoa Idosa foi diferenciado. A Capacitação foi pensada para os agentes governamentais e não-governamentais vinculados à prestação de serviços às pessoas idosas. A Conferência também, mas agregando o público idoso, enquanto sociedade civil. Já a Conferência da Assistência Social abrangeu o público dos dois primeiros eventos, mas também os beneficiários do SUAS, especialmente do Benefício do Bolsa Família. Rebeca me informou de manhã antes da Conferência que eu pudesse enfatizar os critérios de adesão e continuidade ao Benefício, a saber:

Imagem 49 - Critérios de adesão ao Bolsa Família.



Fonte: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/04/fique-por-dentro-dos-criterios-para-adesao-ao-bolsa-familia/image_view_fullscreen>. Acesso em 01 de set.2016.

Era, de acordo com a gestora da Assistência Social, de suma importância, explicitar aos participantes esses critérios, uma vez que muitos não estavam cumprindo e corriam o risco de perder o benefício, alguns, inclusive, já tinham perdido por não seguir essas regras. E, uma vez perdido, é muito difícil, de acordo com Rebeca reestabelecer novamente para a família que perdeu, é necessário um acompanhamento das condicionalidades dos beneficiários do Programa Bolsa Família.

Outro ponto a salientar, foi que, nesta Conferência, eu pude vislumbrar um maior número de pessoas descendentes de indígenas e de negros, ou os "caboclos". E, embora não tenha conseguido durante meu campo, adentrar nas localidades mais longínquas com comunidades descendentes destas etnias, é certo que eles estão lá.

Imagem 50 - IX Conferência Municipal de Assistência Social (I).



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Imagem 51 - IX Conferência Municipal de Assistência Social (II).



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

3.1.3 Uma leitura da cartografia do campo

Início pelo "não-dito", pelos idosos que não consegui visitar e entrevistar. Das 36 localidades do interior, visitei e entrevistei três localidades: Jonas da localidade de Socorro, Pedro de Santo Antônio dos Pinhos e Jó, de Itararé. Os dois primeiros foram possíveis pelo transporte disponibilizado pela Prefeitura e a presença do motorista e de Ana do Grupo de Idosos, enquanto guias e "informantes do campo". E Jó, por ser conhecido de minha família. Penso que de outro modo, não teria sido tão fácil entrevistá-lo, já que não participa do Grupo de Idosos, lócus de boa parte de meus entrevistados.

A IX Conferência Municipal de Assistência Social ministrada no dia 29 de julho, marco final do meu campo, deu a dimensão de todos àqueles e àquelas que não vi, uma população em sua maioria "não branca", descendentes, talvez, dos caboclos de outrora, da história contada no capítulo I sobre os "Campos das Lagens". Moradores, em sua grande maioria, pertencentes às estatísticas da AMURES, encontradas no Relatório do CRAS, que aponta que as famílias de São José do Cerrito/SC

possuem uma renda média de um salário mínimo, sendo que o desemprego ultrapassa 25% (vinte e cinco por cento) da população. Somente dois bairros do referido município possui estação de tratamento de esgoto. Quanto à habitação, o município de São José do Cerrito/SC, possui um déficit habitacional de 16,69% correspondente a 508 moradias. (Fonte: Projeto análise da Situação de Saúde segundo condições de vida da Região da AMURES, 1996).

Advindos de diversas localidades, tanto as mais próximas, quanto as mais longínquas do centro da cidade, estiveram presentes na Conferência em função do benefício do Bolsa Família, principalmente, da necessidade de preenchimento dos cadastros para a continuidade do recebimento.

Não foram raras as vezes em que me dispus a visitar os acamados, àqueles que não poderiam participar do Grupo de Idosos, àqueles que não poderiam participar da Feira do Terneiro, nem na Feira de Verduras na cidade, àqueles que não poderiam estar na missa e, se porventura apareciam vez ou outra, desapareciam tão logo a missa acabava, sem que eu pudesse me aproximar e sumiam pelas ruazinhas da cidade. Mas não foi possível, conforme exposto no diário de campo.

A pesquisa não foi de cunho quantitativa. A dificuldade de acesso em muitas localidades e o clima frio da região, não me possibilitou fazer uma amostra quantitativa, de modo, que o perfil aqui delineado, não pretende ser um perfil dos idosos cerritenses de toda a localidade, mas de um pequeno grupo. Grupo esse vinculado às instituições da assistência social - especialmente do Grupo de Idosos - e da Igreja, alguns outros encontrados no caminho "por acaso", enquanto "cartografava", ora permitido pelo meu parentesco, ser "neta" ou "sobrinha" de alguém e as portas se abriam para um chimarrão. Outras, no sentido mesmo da "bola de neve", especialmente no local onde tudo começou: o Grupo de Idosos.

E os percalços dos percursos cartográficos no campo, não se restringiram somente encontrar outros idosos além dos do Grupo, mas também encontrar os próprios agentes institucionais, especialmente do CMI, conforme este trecho do diário de campo: "Quem é que me colocou como suplente do Conselho do Idoso que eu nunca vi? [risos] eu não sabia, me pegou de surpresa, eu sei que sou suplente do Conselho de Saúde! agora o Conselho do Idoso não tinha nem ideia! [risos]"

No entanto, se não consegui acessá-los pessoalmente, obtive dos agentes governamentais, não governamentais, dos padres e dos comerciantes, um perfil geral dos idosos cerritenses: seus costumes, a faixa etária média dos consumidores, suas principais doenças, suas dificuldades de transporte, seu "machismo" e retraimento, muitos afirmaram o caráter mais "fechado" do homem do Cerrito, mas também sua predisposição ao trabalho, conforme visto nos perfis de cada um dos agentes entrevistados.

Cartografando...

Quando elaborei a metodologia, não fazia ideia do quanto ela faria sentido no percurso. À citação de Rolnik (1989, s/p):

a prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social [...] o que importa é que, para o cartógrafo, teoria é sempre cartografia. Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência [...] tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo.

Retive que teoria é sempre cartografia e vice-versa. As teorias sociológicas, antropológicas, metodológicas e do envelhecimento, levadas na mala, para qualquer eventualidade buscar conforto em suas palavras, foram se moldando, tal qual os projetos globais se moldam nos contextos locais, moldavam-se à medida em que fui me despidendo da linguagem acadêmica e científica: "o senhor conhece as casas subterrâneas?", perguntei ao senhor de chapéu que me respondeu na Feira do Terneiro: "ah, a moça quer dizer o buraco dos bugre!". E assim foi. No Grupo de Idosos, palavras como "gerontologia", "processo de envelhecimento", "cultura", outras tantas que surgiam nas conversas, perderam o sentido, ou foram ressignificadas. De nenhum modo isso é novidade, Bourdieu já atestava que:

a linguagem levanta um problema particularmente dramático para o sociólogo: ela é, com efeito, um enorme depósito de pré-construções naturalizadas, portanto, ignoradas como tal, que funcionam como instrumentos inconscientes de construção. (BOURDIEU, 1989, p. 39).

O adaptar-se, moldar-se ou mesmo o retomar de algumas das linguagens locais, afinal de contas, é minha terra natal, foi só um dos dispositivos de acesso. Ao papel da linguagem falada, atribuo ainda ao evento da entrevista. Mesmo institucionalizada dentro de um tempo marcado com papéis definidos (entrevistadora - entrevistado), esses papéis facilmente foram invertidos. Padre Malaquias, costumava me pedir para ler as respostas de minhas perguntas em seus livros dispostos todos à minha frente, outras vezes ele próprio me perguntava.

O "absorver matéria de qualquer procedência" cunhado por Rolnik na citação, pode ser apreendida em outras tantas linguagens possíveis de trocas de saberes, como Jó, ao me ensinar andar a cavalo e fazer me sentir tão leiga quanto talvez ele próprio se sentiu quando cheguei a primeira vez com caneta, papel e gravador, "puxe na corda menina e dá umas batidinhas pro animal andar".

Longe de ser uma "lagartixa na parede", jargão antropológico que delimita o papel do pesquisador a uma mera observação participante, construí junto com os "observados" alguns percursos, enveredada pelas conferências, capacitação e os consequentes relatórios. De modo que me reconheci como um "deles", pelo menos por algum tempo, uma vez que a "experiência próxima" precisava ser contraposta pela "experiência distante". Além do que, o "fazer junto" é uma característica desta população, a psicóloga Ester do CRAS foi uma das que mencionou esse fato: "a gente trabalha junto, faz tudo junto". Talvez o "pixurum" de outrora, mencionado pelos mais velhos, continue acontecendo em outras esferas. O "fazer e estar junto" diz respeito ainda à pesquisa de meu irmão Leonardo. No início, vinculada ao registro fotográfico do Grupo de Idosos e da localidade, mas em seu percurso, as metodologias se cruzaram e tomaram forma na atuação conjunta, na troca de referências e nos infinitos diálogos.

Retomo o objetivo da pesquisa, compreender as concepções de velhice e envelhecimento do idoso da localidade de São José do Cerrito, SC, um 'transitante' na fronteira entre a perspectiva da personalidade, nas maneiras com que se percebem e atribuem sentido ao seu próprio envelhecer e, entre a perspectiva da vida social e pública, de como a

legislação vigente a respeito da pessoa idosa atua com os moradores que vivenciam sua velhice.

As fronteiras do "transitante" idoso se dão entre 1) o rural e o urbano. Por um lado, os idosos entrevistados possuem um vínculo com o espaço-tempo da vida rural, principalmente pela lida na agricultura, conforme Jó e Jonas descrevem seu cotidiano:

Ah, eu levanto cedo, primeira coisa vou tirar o leite, tiro um leitinho pro gasto, depois quando tem qualquer serviço pra fazer eu faço, faço cerca, planto, fico ali na lavoura, tenho trator ali, faço qualquer serviço com trator, roço o campo com trator, cuido da criação, tenho um gadinho lá no sítio (outro sítio uns 2 km dali onde estávamos). Todo dia quase tem que ir lá atender. (JÓ, 2015).

Ah eu é 6h ... hoje o dia acordei mais tarde um pouquinho, mas 6h, quinze pra 6h eu já pulo da cama [...] não bebo chimarrão. E também não bebo café, por causa que já apresso no dia-a-dia, vamos dizer, aí vou tirar leite e ...depois venho e pego um cafezinho, qualquer coisa ... (JONAS, 2015).

Por outro, sua condição de cidadão está vinculada às normatizações da velhice, como o recebimento do benefício da aposentadoria, ressaltado por todos os comerciantes que explicitaram que o comércio funciona principalmente nos dias do pagamento.

A cidade do Cerrito, contrapondo às suas localidades, é o espaço institucional da urbanidade: disponibiliza o recebimento da aposentadoria, propicia consultas médicas pelo SUS, faz acordos e acertos no Sindicato, trâmites diversos na Prefeitura, Delegacia e outros espaços. Jonas, morador da localidade de Socorro, demonstra que algumas necessidades básicas, ele e a esposa precisam ir até a "cidade": "daí assim pra saúde, farmácia, médicos, missa, a gente vai até o Cerrito". A diferença entre um lugar e outro é tão explícita que o centro da cidade é considerado o "Cerrito", contraponto à localidade onde residem, mesmo que essa se situe também no Cerrito.

O homem do campo que monta a cavalo ou planta uvas, como fazia há 20 ou 40 anos, é também um cidadão idoso, sujeito de direitos à ficha de atendimento do SUS, à participação no Grupo de Idosos, à fila no Banco do Brasil.

Mas é no espaço rural onde ele quer estar e viver sua velhice:

às vezes, vamos à São Paulo eu não gosto de ir, já fui umas quantas vezes, mas não gosto de São Paulo. Nossa Senhora! Muito corrida aquela vida lá ... tudo diferente, lá também parece uma poeira assim, uma poluição que não deixa a gente ficar em paz. Eu não me atrevia, eu não posso morar lá. Florianópolis até que vai, é bem melhor. (JÓ, 2015).

Vale ainda ressaltar, que os espaços rurais não possuem demarcadores etários como os demarcadores dos espaços urbanos:

Imagem 52 - Demarcadores Urbanos.



Fonte:

https://www.google.com.br/search?q=estacionamentos+idosos&biw=1366&bih=643&source=Inms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiQurCtz_zOAhXIqZAKHaWzADsQ_AUIBigB#imgrc=_

E, por assim dizer, não os fazem lembrar a todo momento que são "velhos", especialmente com esses símbolos estigmatizadores. Porém, vale ressaltar que a não demarcação dos espaços, atua também como forma de não efetivação dos direitos das pessoas idosas.

No caso observado entre os idosos no Karú, o espaço rural é um espaço aberto de liberdade, onde ainda podem usufruir, se a saúde permitir, dos mesmos hábitos e costumes de quando mais jovens.

Os idosos transitam também na fronteira 2) entre o "ser jovem" e o "ser velho". Em alguns momentos na entrevista, de forma não muito direta, eles contrapõem essa condição. Zaíra, esposa de Moisés, ao relatar um fato de quando o marido era jovem e quase caiu, ressalta: "não caiu porque ele era ligeiro, era novo e ligeiro (...)", e seu marido consente a afirmação em silêncio, mexendo a cabeça. Um tempo depois na conversa, Moisés, que fundou o Grupo de Idosos junto com outros companheiros, afirma que gosta muito de participar dos encontros e de ir na Praça "prosear", mas lembra que ele agora é mais velho: "então gosto muito, tenho muito amigo lá, só porque agora a maioria é gente nova (...)".

Eva, representante do CMI e secretária da Educação, revela que: "ser jovem é mais fácil, pois se tem mais saúde e mais resistência. Os próprios idosos dizem que eles trabalhavam, estudavam, faziam isso, faziam aquilo, que agora não tem o que fazer ..."

Já Maria, assistente social do CRAS, credita a maior diferenciação na aparência física, nas limitações e no pensar sobre a morte: "eu acho que é a questão da aparência física e das limitações. Eu acredito que é isso e também quando eles estão ficando mais velhos, já começam a pensar um pouco na morte e os jovens não pensam muito nisso".

As concepções de velhice e envelhecimento do campo estudado, estão vinculadas aos vários discursos e as "várias verdades", a começar pelo próprio conceito de velhice, que não é um dado empírico. O campo dos discursos da velhice não é só formado por velhos, eles não estão interessados em definir suas velhices, mas de vivê-las simplesmente, não como velhos, mas como homens, trabalhadores, agricultores. Suas narrativas vão além do "ser" e "estar" velho,

A narrativa de um indivíduo revela mais que "suas" experiências, mas como ele(a) as descreve, qual ordenação apresenta na cadência dos fatos e os momentos de crise e/ou mudança que servem como marcos temporais no decorrer da articulação da narrativa. Além disso, o interesse do pesquisador nas narrativas não se limita à análise isolada dos quadros de memória deste ou daquele indivíduo. Almeja, antes, concatenar as várias

narrativas no interior da lógica mais abrangente do “discurso social”, que extrapola o indivíduo. (BAO, 2014, p.66).

Bao (2014) demonstra que as narrativas dos indivíduos - sejam eles os próprios idosos ou os(as) agentes institucionais -, apresentam uma ordenação tal dos fatos que, no caso desta pesquisa, possibilitaram compreender seus discursos sobre a velhice, não só de forma isolada, mas nas diversas narrativas de sujeitos diferentes em espaços-lugares diferentes.

Enquanto membros participantes de uma "comunidade de destino", o envelhecimento é um *estar-sendo* para todos (as) os (as) entrevistados e entrevistadas. Foram ao mesmo tempo informantes do campo, pois que são vinculados de alguma forma ao trabalho com pessoas idosas, mas também às suas próprias subjetividades de como se percebem ou imaginam suas velhices. De modo que a compreensão das velhices, foram ordenadas a partir dos velhos(as) e dos não velhos(as). Ester, a psicóloga do CRAS, tem 22 anos e assim ela ressalta:

Medo assim não tenho da velhice, mas eu fico pensando o que vai ser de mim daqui há quanto tempo. Eu quero ter saúde, ter uma vida financeira boa, pra viver melhor, porque a gente está sempre na corrida. Na velhice eu quero ter uma vida tranquila, poder aproveitar, os últimos momentos da minha vida, enfim. (ESTER, 2015).

Ester é também uma agente institucional ligada à Assistência Social e desenvolve atividades com as pessoas idosas. Sua compreensão sobre a velhice masculina do Cerrito é tal qual a do grupo a que pertence, mas também das meninas do Posto de Saúde e outras falas, que consideram os homens do Cerrito,

são mais fechados. É mais fácil criar um vínculo com uma mulher, tanto idosa, como jovem, dependendo da pessoa também, pois tem casos que o homem é mais fácil de criar vínculo. Mas eu percebo desta forma que há casos de resistência maior do homem de criar vínculo.

Enquanto psicóloga, sua compreensão perpassa ainda pela ciência. De modo que, considerando os capítulos desta dissertação, os discursos das velhices no campo da ciência iniciou com uma concepção puramente biológica, ampliada pelos saberes interdisciplinares da

Gerontologia Social e as últimas pesquisas no âmbito da Gerontologia Ambiental. Discursos que, de acordo com Laclau & Mouffe (2000, p.3), se esforçam para impor ordem e necessidade em um campo de significação [...] os discursos são entidades relacionais cujas identidades dependem de suas diferenciações em relação aos outros discursos, eles mesmos são dependentes e vulneráveis àqueles significados que são necessariamente excluídos em qualquer articulação discursiva.

Laclau e Mouffe continuam afirmando que "em termos sociais e políticos, projetos hegemônicos tentarão entrelaçar diferentes fios de discurso num esforço de dominar ou estruturar um campo de significado". (LACLAU & MOUFFE, 2000, p.2).

A ideia de "esforço para impor ordem" presente na citação dos autores, conota a impossibilidade de uma imposição total dos discursos, no caso aqui, do envelhecimento. A realidade é dinâmica, mutável e plástica e, como tal, escapa sempre às imposições dos discursos hegemônicos da ciência, da legislação, dos projetos globais. No sentido de Gramsci,

É no interior do bloco histórico que se explicitam as relações de hegemonia, os mecanismos de dominação e direção exercidos por uma classe social sobre toda a sociedade em determinado momento histórico, bem como se esclarece a função dos intelectuais como organizadores da hegemonia. (SCHLESENER, 1992, pgs 17-18).

A luta pela hegemonia da legitimidade dos discursos em torno da velhice se dá primeiramente pela normatização das categorias etárias atribuindo como idoso a pessoa com 60, 65 anos ou concedendo a aposentadoria a partir dos 55 anos para as mulheres e 60 para os homens, de acordo com a fala de Davi,

E na Constituição de 1988 melhorou muito, porque antigamente alguém na roça - pegando o exemplo da roça né - ganhava meio salário e depois da Constituição Federal de 1988 daí que foi aprovada a aposentadoria pra mulher da roça com 55 anos e o homem com 60 anos, já baixou 5 anos ali, que a vida da roça é muito sofrida, não adianta [...]. (DAVI, 2015).

A hegemonia é, portanto, de acordo com Gramsci (in Schlesener, 1992) o exercício das funções de direção intelectual e moral

unida àquela do domínio do poder político. E, sob esse novo domínio, a respeito dos novos discursos, as normas da aposentadoria novamente se alteram,

o governo interino de Michel Temer propõe regras mais rígidas para a concessão de aposentadorias: idade mínima de 65 anos para homens e de 62 anos para mulheres, inicialmente, para solicitar o benefício. A intenção é igualar os dois em 65 anos e, no futuro, elevar para 70 anos⁷⁹.

Outros discursos vão se sobrepondo na luta hegemônica pela "verdade". No caso desta pesquisa, procurei mapear os discursos hegemônicos da legislação vinculada às políticas públicas de assistência social que por sua vez estão vinculadas ao Estatuto do Idoso (2003) e à Política Nacional do Idoso (1994) e estas à Constituição Federal de 1988, que vincula-se às prerrogativas da Assembléia na Áustria e assim por diante, para tentar compreender como o contexto local do Karú, ele próprio inserido em outros tantos discursos sóciohistóricos ressaltados no capítulo I, absorve e se molda aos vários discursos do envelhecimento. Como visto com Ana, a coordenadora do Grupo, há um conflito etário que modificou a participação das pessoas no Grupo, antes, era admitido antes dos 60 anos, a partir do Estatuto do Idoso, perceberam a necessidade de se adaptar, mas o que fazer com àqueles que já estão lá e não tem ainda 60 anos?

No início o Grupo de Idosos permitia entrar com 55 anos e o grupo era menor, estavam criando e de repente ... até não sei se existia lei ou não nessa época, mas aí eles permitiram que entrassem com 55. Aí teve um grupo aí que não tinha idade. Aí quando entrei, a gente começou exigir pela lei [Estatuto do Idoso], porque a gente acha certo, se é pra trabalhar com idosos é com idosos né. Que só cadastrariamos os que

⁷⁹ Fonte: Diário Catarinense. Reforma da Previdência. "Veja como a proposta de mudança da aposentadoria pode atingir você". Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2016/08/veja-como-a-proposta-de-mudanca-na-aposentadoria-pode-atingir-voce-7081603.html>>. Acesso em 01 de agosto de 2016. No entanto, a previdência do setor rural no governo Temer é polêmica e não foi mencionada neste texto.

tivessem 60 anos. Só que aqueles que estavam no Grupo cadastrados há muito tempo a gente não retirou, tanto que ainda tem idosos agora que não tem 60! (ANA, 2015, grifos nossos).

A participação dos membros no Grupo foi vinculada ao critério cronológico, no entanto, foi necessário relativizar as idades, como ela diz "tinha um grupo que não tinha idade", ou seja, não tinha idade suficiente para participar, mas ainda hoje no Grupo existem pessoas abaixo dos 60 anos. Além disso, em conversa, Ana me informa que há uma lista enorme de pessoas que só estão esperando completar 60 anos para entrar no Grupo. Se a velhice por um lado é negada, pelos estereótipos geralmente atribuídos, por outro, é acessada pelos direitos adquiridos, seja participar em um grupo, receber o benefício da aposentadoria, não pegar fila no banco, entre outros.

Na luta pela hegemonia, todo discurso precisa se manter, sob pena de ser ultrapassado por outros, é uma escolha que define o que fica de fora, o Projeto de Modernidade se efetiva, portanto, novamente mencionando Mignolo (2003) como "uma máquina geradora de alteridades". E, ao se ver vulnerável, ele, o discurso hegemônico, através de seus intelectuais orgânicos, no sentido de Gramsci (1992) ou dos seus especialistas do sistema perito, no sentido de Giddens (1991), vinculados à ciência, por exemplo, criam outras formas que se pretendem hegemônicas, novas tentativas classificatórias, conforme Debert (2004), no intuito de reestabelecer a ordem, classificar e dominar:

Ao louvar as pessoas saudáveis e bem-sucedidas que aderiram aos estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal veiculadas pela mídia, assistimos à emergência de novos estereótipos [...]. 'Dar voz aos velhos', transformá-los em 'sujeitos do seu destino' são palavras de ordem usadas pelos defensores de uma gerontologia crítica, empenhados em descrever a 'indústria da velhice' [...] cuja tarefa tem sido pôr em ação tecnologias de saber e poder, a partir das quais as populações são reguladas, classificadas, divididas e dominadas. (DEBERT, 2004, p.229).

Nos discursos sobre a alteridade, outras identidades heterogêneas da velhice surgem contrapondo o estabelecido como "normal". A alteridade do saudável pode ser o doente, o "louco". Na APAE do Cerrito, 50% dos que participam são pessoas com 60 anos ou

mais, geralmente são muito ativos e, conforme Dinorá nos conta: "esse nosso público não sente que está envelhecendo, pois que não tem consciência dessa condição". De acordo com a coordenadora Dinorá, o critério de entrada se dá a partir do momento em que seja diagnosticado alguma deficiência e que os familiares aceitem a participação.

Ao contrário dos discursos aparentemente hegemônicos sobre o idoso cerritense, de que "são acomodados", "descuidados", "depressivos", os idosos da APAE, àqueles que não se "comportam" como velhos, nem como "loucos", já que não possuem essa consciência (embora alguns percebam que são diferentes, que possuem necessidades especiais) em sua grande maioria são ativos. Gostam de jogar futebol, participam da banda, da ginástica e em atividades intergeracionais.

Durante a pesquisa, Francisco foi também um contraponto. O idoso de 67 anos relatou o percurso de sua loucura, explicitado no diário de campo, ressaltando aqui um trecho: "A cozinheira do Centro de Convivência que nos ouvia, disse-nos que esse pessoal se aproveita do fato dele ser considerado louco e roubam-no tudo que tem e que de nada adianta chamar a polícia que não faz nada". (Trechos do Diário de Campo). O discurso fê-lo louco, legitimado primeiramente pelo pai que o considerou - sabe-se lá por quais critérios - como louco, o internando na Colônia Santana - hoje Instituto de Psiquiatria - ao retornar para o Cerrito, o discurso já se consolidara, provavelmente pelo fato da internação. 40 anos depois, nem a polícia, nem os vizinhos o creditam de outra forma. Não é por suas palavras que a loucura é percebida, pois que de louco nada tem em seu discurso, mas nos discursos externos que se formam e se sobrepõem ao seu próprio. Foucault (2005) considera um princípio de exclusão a oposição razão e loucura, afirmando que,

desde a Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros; pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade, nem importância. (FOUCAULT, 2005, pgs.10-11).

Os discursos dos(as) agentes institucionais e de todos (as) àqueles (as) que de alguma forma atendem o idoso no Cerrito, é um discurso de alguém que não "chegou pra idade", não alcançou a marca classificatória dos 60 anos. Alguns já se projetam muito próximo, como é o caso de Davi, com 57 anos. A velhice é pautada por ele, através da velhice de seus pais falecidos e de todos àqueles e àquelas que lhe conhece:

Eu acho que se a pessoa não tem uma pessoa pra lhe cuidar na velhice, vai ter que ver uma casa de abrigo, porque ... quem tem meios, eu sempre digo o seguinte, porque eu vi coisa muito complicada de pai ou mãe, passar tudo pros filhos, não deve passar, hoje o juiz nem deixa mais né e não deve, passa um pouco e deixa um pouco, porque na velhice vai remédio, se tiver ainda tem que ter fralda ... (DAVI, 2015).

Outros, pautam sua concepção de velhice, tendo como exemplos moradores da localidade, de como querem ou não querem envelhecer:

Ah eu quero chegar com mais idade, me espelhando na D. Zaíra (risos). Eu quero ser uma idosa, não velha (risos). Quero ser uma idosa e todo mundo quem nem mesmo você colocou, se não morrer, vai envelhecer né. Então a gente tem que ter uma cabeça e acompanhar as modernidades que vai surgindo, uma cabeça boa pra não ser aqueles velhinhos teimosos, aqueles velhinhos que os filhos não tem quem lide. (ANA, 2015).

Os discursos deles próprios são mais subjetivos, suas velhices se pautam, principalmente nas concepções do trabalho na agricultura, nas relações com suas companheiras, elas também velhas e do cuidado de si, com elas, seus familiares e com a terra, conforme já explicitado. Seria uma nova concepção de velhice?

Os (as) agentes, tanto informantes, como entrevistados (as), eles próprios propiciaram suas concepções, ora vinculadas às subjetividades e experiências de vida, ora, e, com mais ênfase, enquanto portadores dos discursos das instituições pela qual pertencem. Pe. Salomão, cientista social de formação e atento às questões sociais de sua comunidade, perpassa pelas esferas pessoal, religiosa e social:

Na verdade, a diferença às vezes não está na idade, está no estado de espírito, que às vezes tem uma pessoa de 90 anos com espírito de jovem, às vezes tem jovens de 18, 20 anos, tem espírito de uma pessoa de 100 anos. Então eu vejo assim que é um estado de espírito [...] então é uma questão de estar aberto, encarar a vida, ser uma pessoa que luta, uma pessoa que ajuda, isso é muito importante. [...] a gente sempre tem que pensar, mesmo até entre nós padres, porque a gente não

tem até agora uma casa que poderia abrigar, poderia acolher as pessoas, os padres da terceira idade né. Então penso assim, é um desafio também pra nós, que a gente deve estar pensando pro futuro [...] quantas pessoas que vieram do interior pra nossa região serrana, São José do Cerrito e outros municípios? Que deram a sua vida, uma vida sofrida, desassistida, infelizmente a agricultura não é muito valorizada. É importante acolher essas pessoas e estar atentos aos direitos que sejam garantidos, a vida, o cuidado e o direito. E conscientizar também as famílias, é muito importante no atendimento ao seu idoso. (PADRE SALOMÃO, 2015).

De acordo com Foucault (2005, p.9), "sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa". Quer dizer, falar pode, mas Foucault está se referindo à autoridade de quem fala, a questão da interdição. Ele nota quem em nossos dias - considerando que essa sua aula, a Ordem do Discurso foi proferida em 1970 - "as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e da política (...)"(Foucault, 2005, p.9). Sobre essa citação, tenho dois pontos a destacar, o primeiro a respeito da fala da enfermeira Carmela que mencionou que em uma das visitas das enfermeiras nas localidades do interior, no intuito de orientar a respeito do câncer de próstata, elas falaram sobre sexualidade "e aí os homens ficavam de lado né, iam pro um lado, depois iam pra outro, ficaram envergonhados". Câncer de próstata é considerado um dos maiores motivos de óbito entre os homens, de acordo com as enfermeiras do Posto de Saúde. Outras características, como ir no médico somente quando a esposa vai junto, o próprio "machismo" mencionado por alguns e o comportamento "mais fechado", contribui para delinear um perfil de homens avessos ao discurso da sexualidade.

Outro ponto a destacar a partir de Foucault, é que a autoridade do discurso está sempre em disputa, na política, ela vincula-se às normas e leis, mas até mesmo essas, estão sujeitas a serem destoadas e moldadas por outros discursos locais. Todos os discursos a respeito do envelhecimento percebidos durante o campo e produzidos nele, são válidos, ainda que os discursos da ciência e da política detenham o

controle em algumas esferas e circunstâncias, discursos regionais de outras ordens transitam por entre os discursos hegemônicos.

Ser velho no Cerrito pode ser viver ainda do mesmo modo que há 50 anos atrás ou então, optar não usar veneno, mesmo que o mercado pressione do contrário. Ser velho no Cerrito é também usufruir das tecnologias disponíveis para o plantio de uvas, ter um celular para falar com os filhos que estão longe. Ser velho no Karú, é confiar na bondade e com 81 anos pegar carona no trajeto Lages-Cerrito e Cerrito-Lages:

porque quase nem dá de acreditar, porque é o seguinte, a pessoa ... se pedir uma carona, dão carona, eu sei, porque às vezes eu vou pra Lages e pego carona [...] ó esses dias, eu fui lá fazer o exame de tirar o sangue, era pra mim vir com o ônibus que sai de lá 11h, mas quando eu saí lá do laboratório que me tiraram o sangue, olhei no relógio, era 9:30h. Daí eu pensei : "esperar até 11h pra pegar ônibus. Cheguei lá no terminal e tava um ônibus que ia pra Cidade Alta"⁸⁰, pensei: "o tempo que eu vou pra rodoviária, eu já vou pegar esse ônibus, vou pra Cidade Alta, está sujeito pegar uma carona lá e se eu não pegar carona, eu já estou na estrada! 11h quando o ônibus vir eu já estou lá". Olha, passou um, era um caminhão não pedi carona, aí passou uma caminhonete, não pedi carona também, mas daí o motorista parou um pouquinho e voltou de ré: "o senhor vai pra onde?" - "vou pro Cerrito" - daí ele disse: "quer ir comigo, vou indo pra lá" - "então vamos" - aí embarquei, vim proseando com aquele homem, coitado do homem mais bom do mundo. (JÓ, 2015).

Ser homem idoso nesta localidade é transitar em meio aos "Campos da Lagens", lócus simbólico de memórias e experiências individuais e de grupo, mas também por entre as curvas do discursos e percursos do progresso, onde "tudo é diferente", conforme a fala de muitos. Diferente pode ser o mundo transitável, mas também a forma como se anda.

⁸⁰ Cidade Alta é uma linha urbana de ônibus que circula na cidade de Lages e seu trajeto vai até o bairro Cidade Alta que fica na saída para São José do Cerrito.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Início com uma citação de Sigmund Freud (in Goldfarb, 1998, p.33), na época com 63 anos:

Estava eu sentado sozinho no meu compartimento do carro-leito quando, devido a um violento solavanco do trem, a porta que dava para o banheiro anexo se abriu e um homem de uma certa idade, de roupão e boné de viagem entrou na minha cabine. Imaginei que ao sair do banheiro que ficava entre os dois, ele tivesse se enganado de direção e tivesse entrado por engano no meu compartimento. Precipitei-me para informá-lo do equívoco, mas percebi, completamente perplexo, que o intruso nada mais era do que minha própria imagem refletida no espelho da porta de comunicação. Recordo-me ainda que esta aparição me desagradou profundamente.

Essa estranheza ante a própria imagem, o não se identificar consigo mesmo, conforme Freud explicitou, não reconhecer-se no espelho, acostumado com a imagem de outrora que projetou para si, é costumeiramente mencionado na literatura, em algumas biografias, romances e letras de música, como Bertrand Russel, Cecília Meireles e Arnaldo Antunes:

"Estou aprisionado num velho corpo". (BERTRAND RUSSELL).

"Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo. Em que espelho ficou perdida a minha face?". (CECÍLIA MEIRELES).

"Eu não tenho mais a cara que eu tinha. No espelho essa cara já não é minha. É que quando eu me toquei, achei tão estranho. A minha barba estava deste tamanho". (ARNALDO ANTUNES).

Os idosos entrevistados e observados na localidade do Karú não demonstraram durante a entrevista e a nossa convivência, esta aversão às suas imagens. Há um certo pragmatismo na maneira com que vivenciam o processo de envelhecimento. Este não é percebido de um modo tão brutal quanto os mencionados nas citações. Especialmente Jó, Jonas, Moisés, Pedro e Marcos, se se percebem velhos parece mais vinculados à falta de protagonismo e independência de exercerem suas atividades diárias. Todos são agricultores aposentados, mas ainda

continuam exercendo atividades na agricultura, especialmente Jonas com a plantação das uvas orgânicas e Jó: "quando tem qualquer serviço pra fazer eu faço, faço cerca, planto, fico ali na lavoura, tenho trator ali, faço qualquer serviço com trator, roço o campo com trator, cuido da criação, tenho um gadinho lá no sítio". (JÓ, 2015).

Moisés é o mais velho deles, tem 86 anos. Em uma das visitas que fiz, sua esposa Zaíra me informou que Moisés aproveitando o sol estava lá fora lidando com as ovelhas, mas outro dia durante a entrevista, ele me confidenciou: "eu agora estou muito relaxado, não é relaxado é porque a gente já tá né .. não tenho ido quase à missa, porque é custoso, a ida daqui lá é longe a pé, mas eu assisto todo dia a missa da Rede Vida". Moisés não deu continuidade na frase "a gente já tá né ...", preferiu demonstrar sua estratégia em driblar alguns obstáculos do envelhecimento, como a dificuldade de sair algumas vezes de casa, vendo a missa pela TV.

Pedro tem 70 anos, aposentado rural e também piscicultor, trabalha na criação de peixes e vende-os na Feira no centro da cidade. Durante nossa conversa, quando a velhice entrou em pauta, apenas mencionou que seu médico lhe disse que "tava na hora de parar", mas que ele não concordava com essa afirmativa. O "parar" pode ser entendido como parar de trabalhar e este sim, seria para Pedro, como para os demais, tempo de envelhecer.

O envelhecimento destes homens que, embora transitem nos espaços públicos institucionais e reguladores da "cidade", mas são muito mais voltados aos afazeres no campo, difere um pouco do envelhecimento dos homens que residem em cidades maiores. Estes, parecem estar sujeitos a um tipo específico de violência simbólica, de segregação e demarcação dos espaços que lhes são permitidos. No centro da cidade do Cerrito estas demarcações institucionais também existem, enquanto direitos adquiridos há filas preferenciais nos bancos e correios, mas é no espaço do campo que esses homens preferem estar e passam a maior parte de seu tempo. E nesses espaços rurais, a velhice não é demarcada, nem circunscrita, as relações com o meio ambiente é mais intensa. Viver no sítio, como eles costumam mencionar, mais do que condição, é uma opção, uma questão estética, envolvendo os laços afetivos com o lugar, uma topofilia, conforme Tuan (1980, p.107):

Topofilia definido em sentido amplo, inclui todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A

resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

Moisés, Jonas e Jó demonstraram em suas falas o prazer de viver no espaço rural, suas percepções perpassam pelo corpo, pelas sensações cognitivas, no exemplo de Jó:

Agora, mesmo que ela não tivesse o ordenado dela, tivesse só o meu salário mínimo, então dava pra nós viver, porque a gente tem muita coisa crioula aqui, mas se fosse lá em Lages já não dava ... e outra coisa, lá eu não posso também, não posso com aquela barulheira. Nós temos duas casas em Lages, uma nós alugamos e a outra fica pra quando a gente precisar ir, pra resolver qualquer problema, tem a casinha pra nós lá, qualquer coisa tem lugar onde parar lá, mas prefiro morar aqui. (JÓ, 2015. Grifos nossos)

A preferência de Jó em residir no espaço rural se dá também pela possibilidade de plantar o que come, sem o uso de agrotóxicos, pela liberdade em se locomover a cavalo. E a relação com o cavalo, ou melhor, com a "égua baia", não se trata só de um transporte, mas pela estética da beleza do animal:

nós temos tudo crioulo, sempre tem repolho, tem alface, tudo essa verdurazinha aí é crioulo [...] vou a cavalo, eu tenho um animal aqui, o outro sítio é perto, 2km [...] não! Eu tenho a baia é porque eu acho bonita! Aquela uma outra que está lá no sítio é mais trotada, essa aqui é trote burro, mas também é égua boa [...] olha eu trato das vacas por duas coisas, uma porque eu gosto de tratar e outra, porque se a gente tratar bem das vacas, quando chega aquela hora da tardinha, elas já vem procurar o trato, não precisa nem ir buscar e se eu não tratar, elas ficam lá num canto, daí eu dou a comida pra

elas, aparto os terneiros, outro dia a mesma coisa. (JÓ, 2015).

Tuan (1980) compreende que a preferência ambiental de uma pessoa perpassa pela sua criação, educação, trabalho e, no nível das preferências de grupo, perpassa pela história e experiência cultural no contexto de seu ambiente físico. Jó e boa parte dos entrevistados nasceram nas terras férteis do Karú ou residem nesta localidade há muitos anos. Mesmo Padre Malaquias, assim que foi ordenado padre em 1976, foi a primeira Paróquia que assumiu. Suas sociabilidades se constituíram no trabalho coletivo do "pixurum", logo, suas velhices se constituem no lócus dessas reminiscências e memórias, na vida coletiva de pertencimento ao grupo de trabalho na agricultura, nos Sindicatos, na entrega do leite na comunidade, nos eventos da igreja.

Essas velhices se constituem também no cuidado ou na falta de cuidado. Como pode ser percebido, há grande resistência por parte do homem desta localidade - não só os homens idosos - em cuidar de si, de sua saúde. Porém, por outro lado, à designação etimológica da palavra Tupi Guarani, Karú, atribuo de que o "homem cerritense é forte" porque a "terra é fértil" e vice-versa. Entre os entrevistados, a relação com a terra lhes propicia vitalidade e a vontade de se cuidar mais. Mas não só. O homem do Karú é forte também, pelas relações sociais e conjugais. A maioria dos entrevistados, especialmente Jó, Moisés, Jonas e Pedro que entrevistei em suas casas, vivem com as mesmas companheiras desde a juventude. São elas também as responsáveis pelo cuidado do envelhecimento de seus maridos, seja plantando junto com eles, no caso de Jonas, na plantação de uvas, nos "emplastos" de argila contra o câncer de próstata, no caso de Moisés, no cuidado e preparo da alimentação e, por estarem na companhia deles.

Ressalto a cumplicidade e o cuidado mútuo observada nesses casais, em especial de Jó e Eloá. Em entrevista ele relata que na década de 1960 ele ficava com os filhos pequenos, enquanto Eloá ia para Lages/SC estudar. Ela se formou no Curso do Magistério e por anos trabalhou como professora na localidade do Karú, enquanto seu marido cuidava da casa e dos filhos. Algumas vezes, conforme relato do meu pai, aluno de Eloá, se ela precisava por algum motivo faltar na escola - geralmente quando um filho nascia, pois o casal teve dez filhos - era Jó quem ia lecionar. No dia da entrevista, Eloá foi a única companheira dos meus entrevistados que teve a percepção de seu espaço nesse evento. Depois de algumas horas conversando comigo, notei Jó um pouco incomodado e, em dado momento ele diz à esposa que estava na

cozinha: "venha prosear com a gente Eloá!", ao que ela prontamente responde: "não, a pesquisa dela é com os homens idosos". Esse fato demonstra o cuidado do espaço do outro, embora historicamente a relação homem *versus* mulher no Planalto Serrano, tenham sido cunhadas pela ideologia das relações patriarcais e de submissão da mulher, conforme visto no capítulo I e II, entre os casais idosos que tive acesso, há um esmaecimento das diferenças de gênero e uma maior cumplicidade. No caso de Eloá, talvez devido sua maior instrução escolar, há um respeito pelo espaço do marido na pesquisa. Embora a presença das outras esposas durante o evento da entrevista com seus maridos, foram de crucial importância por fazê-los lembrar daquilo que sozinhos, talvez não lembrassem.

Mas o companheirismo não foi percebido somente nas relações conjugais, mas em outros tipos de sociabilidades. Padre Salomão me informou que o motivo de sua transferência para a Paróquia foi para cuidar do Padre Malaquias que tinha sido diagnosticado com câncer de próstata. Em entrevista, Padre Malaquias em tom divertido conta que durante sua internação, ouviu a enfermeira se referir a ele, como alguém que iria logo desocupar o leito: "olha aquele velhinho lá, pouco tempo de vida, já vai sobrar leito". E ele continua: "Melhorou tudo! nasci de novo, pela segunda vez com 87 anos, vou pro interior tudo". A Casa Paroquial abrigava em 2015 três padres, dois deles foram entrevistados. Nas visitas à Casa - local de minhas entrevistas - percebi o cuidado de um para com o outro.

O protagonismo e a independência como forma de percepção de ser ou não ser velho encontra sua legitimidade de ação, além do trabalho na agricultura e no cuidado de si e do outro, na participação política e social na comunidade. Praticamente todos os entrevistados já participaram de sindicatos, foram ou são lideranças em associações diversas. Padre Malaquias antes da entrevista, se munuiu de materiais afim de "se preparar" para este evento, dentre eles, o Estatuto do Idoso e passagens bíblicas sobre o envelhecimento. Indagado sobre suas expectativas em relação à pessoa idosa do Cerrito, ele relata: "No futuro quero escrever mais livros, participar mais da Câmara de Vereadores e da Paróquia, sair, viajar. Me chamam já o 13º vereador viu, porque eu vou em todas as sessões da Câmara".

Se o envelhecimento é percebido por alguns através da imagem refletida no espelho, por outros, como Malaquias aos 87 anos, àquele refletido no espelho passa totalmente despercebido.

O tempo vivido por esses homens, mesmo que entrecortados pelas mudanças de seus corpos, pelo progresso percebido, seja na construção de novas estradas, nas tecnologias de comunicação - como o celular -, as mudanças nas sociabilidades geracionais, em que seus pares vão se ausentando, conforme aponta Moisés: "Então, gosto muito de ir na Praça e no Grupo, tenho muito amigo, só porque agora a maioria é gente nova", ainda assim esse tempo é vivido como um contínuo,

Mesmo as hachuras percebidas nas suas falas não aparecem com força suficiente para quebrar o devaneio desse tempo vivido como contínuo. São tempos sociais de um passado ritmado pelo trabalho na mina que eles ordenam e encadeiam em uma relação lógica com o tempo presente. (ECKERT, 2007, p.177).

Tal qual a pesquisa de Eckert entre os ex-mineiros franceses, os idosos entrevistados do Cerrito ordenam suas atividades ainda ritmados pela amizade e solidariedade adquiridas durante o trabalho coletivo realizado na juventude e idade madura, o "pixurum". Estes valores são (re)significados e (re)atualizados em outros espaços, como o Grupo de Idosos. É lá que a amizade se solidifica nas histórias em comum, nas experiências próximas construídas naquele local.

E, embora meu campo tenha se estabelecido a partir deste Grupo, apenas quatro dos entrevistados: Moisés, Zacarias, Ezequiel e Marcos pertencem ao Grupo. Optei por apenas observar e participar das atividades, deixando-os à vontade em suas conversas com seus pares geracionais. Os entrevistados foram àqueles que me procuraram para fazer a entrevista, uma vez que após falar sobre minha pesquisa, explicitiei que gostaria de entrevistá-los, mas ninguém era obrigado. Desta forma, a compreensão dos discursos sobre o envelhecimento a partir do Grupo associa-se mais à convivência junto com eles.

Mas, se a entrevista com os idosos foi, de certa forma opcional, com os profissionais das instituições o evento da entrevista foi colocado em primeiro lugar. E, uma vez explorado alguns discursos a respeito da compreensão do processo de envelhecimento a partir dos próprios idosos, passo agora para a compreensão dos vários patamares discursivos dos profissionais das instituições e do comércio local que em esferas distintas atuam com as pessoas idosas da localidade do Karú.

Boa parte da população do Cerrito é constituída por pessoas mais velhas, de modo que o comércio, segundo consta no diário de campo, é mantido por essas pessoas, caso contrário, de acordo com suas

falas, o comércio falia e o único lugar possível de trabalho seria na agricultura ou nas barragens, segundo os comerciantes:

1) Casa Móveis: 80% dos clientes são pessoas idosas, sendo que aproximadamente 20% são da cidade, os demais são das localidades do interior. Mulheres idosas e homens idosos, compram por igual, geralmente vão o casal. Os filhos em sua grande maioria, moram longe e dificilmente os acompanham na loja, mais no fim do ano quando vão visitar os pais. A maioria de seus clientes moram com o cônjuge. O acesso é dificultado pelos horários dos ônibus, poucos vão com condução própria. Assim como na Ótica, fui informada que geralmente as pessoas idosas compram no período do recebimento da aposentadoria. A média de idade da maioria de seus clientes é 60 anos, poucos de 80 anos. O dono considera o povo cerritense muito acolhedor e que paga suas contas "certinho". 2) Material de Construção: os donos são moradores daqui e possuem esse comércio há oito anos. 70% dos seus clientes são pessoa idosas, não há diferença, mulheres e homens compram por igual, sendo que geralmente é o casal, inclusive, alguns vão junto, mas possuem cadastros separados, "eles assim preferem", disse-me o atendente. A média é de 60, 70 anos e poucos de 80 anos. Como em outros locais do comércio, o período de maior movimento é quando recebem o benefício da aposentadoria. A maioria é do "interior" e vem de ônibus, poucos vão de condução própria. O dono diz que se não fosse as pessoas idosas do Cerrito/SC, o comércio tava falido. Se não fosse o comércio, o único local para trabalho era nas barragens. (TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO, 2015. grifos nossos).

Cabe ressaltar que os mais jovens não costumam frequentar o comércio do Cerrito, pois fazem suas compras nas cidades próximas, como Lages/SC e Campos Novos/SC, enquanto as pessoas idosas, por dificuldades diversas, utilizam o comércio local.

Outro dado percebido neste trecho, são as convergências e divergências nos discursos. Enquanto Berenice do Sindicato, no capítulo II, aponta a submissão da mulher das localidades do interior, confinadas

ao trabalho na agricultura, os comerciantes desta citação demonstram o protagonismo feminino, as mulheres acompanham seus maridos nas compras e possuem seu próprio cadastro.

Outros exemplos de divergência e convergência nos discursos da velhice, se dá entre as profissionais da Assistência Social, os representantes do CMI, as profissionais do Posto de Saúde e os profissionais religiosos, incluindo o homeopata Davi. Converte, num primeiro momento, discursos convencionais sobre a categoria da velhice, do que lhes atravessa, de suas subjetividades e vivências das velhices percebidas em seus entes, da concepção de seu próprio envelhecimento. Davi ao saber do objetivo de minha pesquisa, questiona: "e tem um jeito de escolher pra não ficar velho?" e acrescenta um exemplo de sua família: "Meu pai morreu com 70 anos, morreu de um câncer no intestino, mas o meu pai foram as consequências ... a questão de nervos que foi desencadeando, depressão".

Por outro lado, os discursos ficam sob a égide das instituições a que pertencem, remodelados e normatizados por essas, mas não totalmente desvinculados das convicções e subjetividades de seus profissionais. Davi em seu trabalho como homeopata na Paróquia, mas também observando o perfil dos idosos no Cerrito, relata: "se a pessoa idosa não tiver quem lhe cuide, não há outro jeito, senão o de procurar uma casa de abrigo".

Maria, assistente social do CRAS, na faixa etária entre os 25 e 30 anos, ao ser questionada sobre a velhice reflete: "Pois olha, que bom se todos nós chegássemos até lá e com boa saúde, é isso que eu penso, porque infelizmente, muitas pessoas não vão alcançar".

Sua reflexão perpassa por sua própria velhice, mas também do seu grupo, de seus pares geracionais ao se referir ao "nós" que talvez me incluísse, mas já prevendo uma impossibilidade de "chegar até lá", na idade da velhice. Sobre seu papel no CRAS, seu discurso adquire um viés mais pragmático:

Estamos começando agora a fazer um bom trabalho. Claro que não vamos conseguir abraçar todos os idosos, mas pelo menos, os mais prioritários que passarem pra nós que precisam de um atendimento mais sistemático, mais visitas, mais acompanhamento e trabalhar algumas orientações com a família, eu quero conseguir e estamos aguardando concurso. Porque como fomos contratadas em março, a gente não sabe do dia de amanhã [...] trabalhava lá na secretaria da

Prefeitura e daí lá é alta complexidade, chegava muita denúncia [...] mas as denúncias não são feitas aqui, aqui a gente faz atendimento ao Grupo dos Idosos. (MARIA, 2015).

Um dos discursos divergentes, foi sobre a violência contra a pessoa idosa. Outros profissionais, além de Maria, denunciaram a violência doméstica, seja física, moral e financeira principalmente. No entanto, Raquel, suplente do CMI e funcionária da Administração da Prefeitura, ao ser indagada durante entrevista se haviam muitos casos de maus tratos com as pessoas idosas do Cerrito, responde: "Aqui não tem ninguém, mas pelo que a gente vê na mídia né". (RAQUEL, 2015).

O discurso dominante a respeito das pessoas idosas pelos profissionais da Assistência Social, do Posto de Saúde e da Igreja, geralmente coincidem entre eles, divergindo pouco. Há um consenso em considerá-los como "mais retraídos", "mais quietinhos", "mais acomodados", alguns acamados ou não, moram sozinhos, com suas esposas, um ou outro(a) filho(a) optam por permanecer na localidade ou outros familiares assumem o papel de cuidadores. No entanto, apesar da falta de iniciativa desses homens em cuidar de si, conforme os discursos, especialmente das profissionais da Saúde e do médico Samuel, a enfermeira Carmela considera que os homens estão se cuidando mais. Ana, do Grupo de Idosos, também ressalta o que percebi entre os entrevistados, o papel ativo na agricultura e na "lida lá fora": "eles sempre querem estar fuçando em alguma coisa, nem que não possam, eles tem a vida rural, porque tem animais, lavoura, quintalzinho".

Os discursos geralmente são muito sutis, parecem estabelecer em alguns momentos, um padrão de comportamento desses homens, talvez omitindo casos maiores de abandono, mais ou menos denunciado em algumas falas, mas sem adentrar muito. Foucault (2005) já advertia que "não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância (...) por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições o atingem". E, tais interdições podem estar submetidas às instituições a que esses profissionais respondem, aos limites das normativas, ainda que ocultados ou mesmo não percebidos por esses profissionais.

A fala de Padre Salomão, parece expor de forma mais peremptória o discurso da velhice masculina do Cerrito, que está entre o participante ativo, o acamado fragilizado e àquele que opta por se isolar, apontando, inclusive, a cultura e o frio como motivo deste isolamento:

Como eu percebo, nestes anos que a gente está aqui, sabe-se que são muito ativos, são bem participativos, também assim na vida da Igreja, na religião são bem atuantes né, a gente vê uma boa participação na Igreja e também assim na sociedade, tem uma boa participação, até mesmo ali nos encontros de terça-feira, tem sempre um grupo bem grande que se encontram! fazem algumas atividades, se divertem, acho que isso é muito importante. E tem algumas situações assim que a gente vê, que realmente precisa de uma ajuda, de um acompanhamento, são pessoas que às vezes ficam na sua casa, no seu ambiente, no seu canto, como eles dizem: "eu quero ficar aqui", às vezes alguns até dizem: "ah, eu gosto de ficar sozinho", então existe isso também, alguns que não aceitam ninguém, uma companhia, tem esses casos também aqui. Que as pessoas se isolam, e se fecham no seu mundinho, no seu canto. Acho que é um pouco da região, um pouco cultural também. O frio ajuda ainda. (PADRE SALOMÃO, 2015).

Entre os discursos dos idosos entrevistados e os discursos dos profissionais institucionais e comerciantes dos idosos, há um hiato, pois os primeiros foram entrevistados por mim, seus discursos foram construídos no ato da entrevista, mais ou menos direcionada pelo roteiro proposto, com uma margem mais ou menos aberta para que pudessem ir e voltar em suas memórias, articulando-as num discurso também mais ou menos linear. Já os discursos do segundo grupo - representantes de uma certa urbanidade e legitimidade discursiva das instituições -, me apresentaram um perfil também daqueles idosos que não vi, não conversei, não tive nenhum contato, ou seja, a massa dos acamados, dos solitários, dos fragilizados, dos demenciados, moradores das localidades do interior. Embora tenha entrevistado alguns moradores das localidades de Santo Antônio dos Pinhos, Socorro e Itararé, estes fazem parte de um grupo específico de idosos que não são representativos da localidade como um todo. Portanto, os discursos sobre o envelhecimento masculino no Karú vinculam-se aonde meu braço alcançou ou pelos discursos terceirizados dos(as) profissionais sobre os outros tantos que não alcancei.

Há uma pluralidade discursiva das velhices enquanto categoria regulamentada e, de acordo com Laclau e Mouffe (2000, p.1-2)

Cada uma dessas estruturas discursivas é uma construção social e política, que estabelece um sistema de relações entre diferentes objetos e práticas, ao mesmo tempo fornecendo "posições de sujeito" com os quais agentes sociais podem se identificar [...] a estrutura discursiva é uma prática articulatória que constitui e organiza as relações sociais.

O discurso além de organizar as relações sociais, definir as "posições de sujeito", também define suas identidades. A velhice e a forma como os sujeitos se percebem velhos, também é influenciada por elementos externos. Receber o benefício da aposentadoria, ter acesso facilitado na fila de algumas instituições e ser aceito no Grupo de Idosos, lhes informa sua condição de velhos. No entanto, conforme ainda Laclau e Mouffe (2000), nenhum padrão discursivo [da velhice] consegue tornar-se efetivo, contemplando as contingências da realidade, pois que esta as escapa. No privilégio de determinados discursos que se tornam hegemônicos, outros tantos ficam de fora e as arestas discursivas nem sempre podem ser aparadas. Os discursos da velhice, alguns deles mencionados nessa dissertação, vinculados à ciência, às relações de gênero, à construção das identidades, à legislação normativa das categorizações etárias, possuem sua legitimidade discursiva, algumas mais evidentes no campo, outras nem tanto, pois seus moradores também possuem seus próprios discursos. E estes discursos "nativos" são eles próprios resultados de como discursos hegemônicos lhes atravessam, como são assimilados, remodelados de acordo com suas percepções sobre seu processo de envelhecimento.

Ana, a coordenadora do Grupo, disse-me que "não que ser velha, mas sim uma idosa para acompanhar a modernidade". Conceito este construído pelos aparatos midiáticos e sociais reproduzido cotidianamente para minimizar a condição de ser velho. Para Ana há um hiato, velha é aquela que não quer ser, contrário à idosa, entendida como pessoa ativa, sociável, saudável, participante na comunidade.

O que quer que se possa dizer sobre a velhice dos homens do Karú é sempre relacional e contextual, padrões são destoados a todo momento e o próprio evento da entrevista pode aprisionar um tipo de discurso que se modifica depois.

Mais do que uma "luta pela hegemonia da legitimidade", termo advindo de Gramsci, os discursos não se encontram apenas na posição

dos que se legitimam e daqueles que lutam para se legitimar, mas são dispositivos que de acordo com Deleuze (1990, s/p):

são uma espécie de novoel, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferentes que não abarcam, nem delimitam sistemas homogêneos (objetos, sujeito, linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio[...] os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como vetores ou tensores [...] não possuem, de modo definitivo, contornos definitivos, são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si. Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar.

Cartografar no campo, conforme metodologia utilizada, criou também outras versões discursivas sobre o envelhecimento e a velhice. Os eventos da capacitação e das conferências ministradas, por exemplo, trouxe à tona novos contornos e possibilidades de práticas discursivas, além das existentes, sem hierarquias, mas com direções distintas, com outras enunciações, nunca definitivas, mas sempre relacionadas pelas mudanças da própria realidade, atravessadas pelas linguagens, pelo contexto, pela cultura.

Dois elementos destas linguagens não foram mencionados na dissertação, embora figurassem nas falas dos(as) entrevistados(as) e no percurso do campo: os discursos sobre a morte/finitude e a religiosidade. À falta do primeiro, justifico que, embora a pergunta sobre a morte fizesse parte do roteiro que produzi, a conversa não fluiu, ou seja, em lugar da morte, os idosos entrevistados preferiam falar mais da vida. Novamente, o pragmatismo emoldurava suas enunciações:

Eu sempre digo pra Eloá o seguinte: tem gente que não quer morrer, eu não digo nem que queira e nem que não queira, mas na hora que vier, eu aceito, porque eu sei que a morte não é o fim da picada. Tem gente que diz que morreu se acabou, não senhora, a vida mais importante está lá pra frente, aqui é passageira, essa aí, daí quando a gente morrer então que se vive. (JÓ, 2015).

Ou ainda retratada de forma apressada pelo Padre Malaquias: "a morte é normal, isso é só o que eu digo". A morte também se apresentou no percurso da pesquisa. O taxista, fotógrafo e jornalista Gabriel,

recentemente veio a óbito, praticamente um ano depois da pesquisa de campo, conforme fomos informados pelos moradores do Karú. Tornar público sua fala e sua participação durante o campo é lhe designar, de certa forma, sua presença no mundo,

O falecimento físico não basta para realizar a morte na mente dos que continuam a viver. A lembrança dos que se foram não deixa de ser presença deles no mundo [...]As ações dos falecidos não cessam imediatamente de produzir efeitos. Eles continuam sujeitos, prolongando sua presença no aqui. (RODRIGUES in GOLDENBERG, 2011, p. 358)⁸¹.

As questões relacionadas à religiosidade estiveram em alguns momentos implicadas também nos discursos e nas práticas. Ora vinculadas aos eventos mencionados no diário como o período da Quaresma, as missas, procissão e a Festa de São Pedro, além das atividades diárias dos idosos em que organizam seus afazeres em função da missa da Rede Vida:

tem uma missa da Rede Vida às 19:10, então de tardinha faço tudo minhas obrigações que tem que fazer lá por fora, tratar das vacas, dos terneiros, mas a hora da missa eu estou ali e eu assisto a missa todo dia, eu e a Eloá, tanto é que eu sei o nome de quase tudo os padres lá que trabalham na Rede Vida e depois vem a novena dos filhos do pai eterno, pago uma contribuição pra eles. (JÓ, 2015).

⁸¹ Apresento para um(a) leitor(a) interessado(a), três artigos a respeito de morte e finitude, todos eles vinculados à questão do envelhecimento: 1) PY, Lígia. De estrelas e brilhos infinitos. In: **Revista A Terceira Idade**. Vol.17 n.35. São Paulo: SESC-GETI, 1988; 2) PESSINI, Léo. Finitude: viver no pesadelo do cronos ou escolher a benção do kairós? In: **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC: PUC, 2006. (vários colaboradores) e 3) RODRIGUES, Carlos José. Imagens e significados da morte no Ocidente. In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

A religiosidade rege também as velhices dos homens, seus hábitos e costumes. Durante minha estadia na casa de Jó e Eloá, em dado momento a entrevista é interrompida por ela, para perguntar se eu queria comer carne, como era quarta-feira santa, o casal costuma se abster de carne. E Moisés, no final da entrevista dá um conselho aos mais jovens: "Uma coisa eu peço, que a juventude de hoje possa acompanhar a religião, porque eu sempre digo, duas coisas que eu não misturo: é a religião e a política. A religião é o seguinte, todas elas são boas, mas tem que seguir ela". (MOISÉS 2015).

A escolha de um determinado discurso, implica no abandono de outro. Por opção, não tratei teoricamente a religiosidade como mote de análise, ficando como sugestão para futuras pesquisas.

Finalizando, resgato a justificativa desta pesquisa realizada ainda no projeto: "A justificativa empírica recai também para o fenômeno apontado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) de uma maior expectativa de vida dos homens em São José do Cerrito/SC em relação à mulher, contrariando o índice apontado em Santa Catarina e no Brasil. A expectativa de vida das pessoas idosas (dos 60 aos 70 anos) no Cerrito, de acordo com o IBGE (2010) era maior entre os homens (8,1%) do que entre as mulheres (7,4%). No entanto, no percurso da dissertação, outras leituras surgiram, dentre elas o Mapa das Políticas, Programas e Projetos para a População Idosa no Brasil (2014), sancionado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Neste documento, é ressaltado que, apesar da maior expectativa de vida das mulheres idosas em relação aos homens idosos no país, no espaço rural, essa expectativa altera,

Proporcionalmente, 51% da população brasileira são compostas por mulheres. No campo, entretanto, a maioria é masculina, com 52,6% da população rural. Considerando o recorte etário da população, 10,8% dos brasileiros encontram-se na faixa de idade igual ou superior a 60 anos. No campo, esta proporção é maior: 15,9% da sua população são consideradas idosas (8,4% de homens e 7,5% de mulheres). (BRASIL, 2014, p.109).

Desta forma, o pressuposto inicial de que este fenômeno ocorria somente na localidade do Cerrito, de acordo com as informações e leituras obtidas na época, foi superado. Este fenômeno não é uma condição somente desta localidade, mas se insere à realidade de outras localidades rurais do Brasil.

Ressalto ainda nesta discussão que de acordo com as estatísticas veiculadas pela mídia, pelo IBGE e outros sites específicos, a expectativa dos homens no Brasil é de 75,2 anos, e da mulher é de 78,8 anos⁸², considerando como já foi explícito, que nas áreas rurais esta estatística altera. Ora, faz-se mister ressaltar que além da maior expectativa de vida masculina no meio rural, também há uma maior expectativa de vida das mulheres e homens idosos em relação à média da faixa etária estipulada em âmbito nacional. Nas falas dos(as) entrevistados(as), foram mencionadas pessoas com idades bem acima desta média (75,2 e 78,8): "Tenho duas irmãs, Maria que está com 91 anos, foi a que me criou. Tinha a outra que era mais nova do que ela, hoje está com 86 anos" (Jó, 2015); "Tenho três irmãos viúvos, um está com 91 anos, outro com 92" (Malaquias, 2015); "Eu tenho um compadre que está com 84 anos (...) minha mãe faleceu com 91 anos". (DAVI, 2015).

Apenas para mencionar alguns casos, o suficiente para refletir que a regulamentação das categorizações etárias continua sendo um Projeto de Modernidade e que enquanto projeto, a todo momento é (re)definido, (re)apropriado em discursos cada vez mais estigmatizantes e que não dão conta das heterogeneidades vividas por idosos em contextos urbanos, rurais e em suas fronteiras.

Como proposta de continuidade desta pesquisa, sugiro que para se obter melhor compreensão dos discursos sobre o envelhecimento no contexto rural é necessário ampliar a compreensão para outras faixas etárias, como por exemplo, as saídas dos(as) mais jovens no meio rural, com o conseqüente aumento da faixa etária idosa. Este fenômeno tem sido apontado, dentre outros(as) autores(as), por Porto & Stropasolas (2010) e Kummer (2013). Na pesquisa dos primeiros, a "vulnerabilidade da atividade agrícola e a característica do trabalho na agricultura é considerada como desestímulo para a permanência do(a) jovem no meio rural, especialmente das moças". (PORTO & STROPASOLAS, 2010, p.161).

Na pesquisa de Kummer sobre a permanência dos jovens rurais na comunidade de Cerro Azul, uma pequena comunidade rural do município de Palma Sola/SC, o autor atesta que:

⁸² Fonte: Portal Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-2-anos>>. Acesso em 30 de agosto de 2016.

a realidade conjuntural dos espaços rurais do Brasil na atualidade demonstra que o número de habitantes tem diminuído. Entre os indivíduos que deixam a zona rural a maior parte é de jovens, com maior incidência entre as jovens do sexo feminino. Esse movimento de abandono do campo é de tal forma compreendido que existe uma “tendência à saída (KUMMER, 2013, p.19).

Com a saída das jovens moças, há uma masculinização do campo, especialmente dos homens mais idosos. Dos entrevistados, Moisés, Jonas e Jó, mencionaram que seus filhos e filhas não residem com eles no Cerrito/SC, todos foram embora em busca de trabalho e/ou estudo.

ele trabalha no Fórum em Lages e a minha filha trabalha no Fórum em Joinville. (MOISÉS, 2015) não, no Cerrito não mora ninguém. Tem duas filhas que moram em Lages que são as que moram mais perto. E os outros tão tudo espalhado, lá em Florianópolis, tem duas. As outras em São Paulo. (JÓ, .2015).

De acordo com a OMS (2008), em muitos países há uma grande porcentagem de pessoas idosas em áreas rurais e remotas, como consequência da emigração dos mais jovens.

Ampliar essa discussão a respeito dos discursos e percursos do envelhecimento nesta ou em outras localidades rurais, especialmente no Planalto Serrano, sugere ampliar o leque analítico a partir dos sujeitos de outras faixas etárias, desde as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos, mas esta seria uma outra pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.171-2002.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**, 10ª edição, Trad.Roberto Raposo, Ed. Forense Universitária, São Paulo, 2007.
- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado**: a organização da Irmandade Cabocla. 4ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- BAO, E. Carlos. **Fronteiras da italianidade**: representações entre gerações na cidade de Toledo-Paraná (1990-2014). 2014. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis SC, 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Pinchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BARROS, Myriam Lins De (Org.). **Família e Gerações**. Rio De Janeiro:FGV, 2006.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo II: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 2ª Ed. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1967.
- _____. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991
- BIRMAN, Joel. **A ética e a psicologia masculina forjadas pela cultura**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC - São Paulo.
- BOAVENTURA, L. Ilka. Produzir o texto, polir o olhar. In: **Ética e Estética na Antropologia**. Florianópolis, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 2ª ed. SP: T.A. Queiroz: Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial. 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** DIFEL, Lisboa. Editora Bertrand, Rio de Janeiro, 1989.

BRASIL. Mapa das Políticas, Programas e Projetos (2014). População idosa, Governo Federal (2014). I. Muller, Neusa Pivatto, II. Brasil. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. 2014

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **Pierre Nora, ou o historiador da memória.** História social, Campinas, n.6, 1999, p. 13-33

BUTLER, Judith. Sujeitos de sexo/gênero/desejo. In: **Problemas de Gênero.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade.** Campinas/SP: Ed. Alínea, 2003.

CARADEC, Vincent. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: GOLDENBERG, Myriam. **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. Revista Transdisciplinar de Gerontologia. Universidade Sênior Contemporânea. Ano 1. Vol. 1. Dezembro-Maio. 2006/2007.

CASOTTI, Letícia; CAMPOS, Roberta. Consumo da Beleza e Envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. (pgs.109 a 131) In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, Envelhecimento e Felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. En libro: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.2005.

CASTRO, Viveiros. **Os involuntários da pátria**. Aula pública durante o ato Abril Indígena. Cinelândia. Rio de Janeiro 20 de abril 2016.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

COSTA, Licurgo. **O continente das Lagens**: sua história e influência no sertão da terra firme. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

DEBERT, G. Guita. Gênero e Envelhecimento: Os Programas para a Terceira Idade e o Movimento dos Aposentados. In: **Revista Estudos Feministas**. v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.

_____. **Cadernos Pagu**: Gênero em gerações. Campinas/SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1999

_____. **A Reinvenção da Velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 2004.

_____. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **Velhice ou Terceira Idade?** 4ª ed. São Paulo: FGV 2007.

_____. **Sexualidade, conjugalidade, viuvez e novos relacionamentos na vida do homem idoso**. SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC São Paulo.

DELEUZE, Gilles. ¿Que é un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo; In: Edgardo Lander (org.). A colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais. **Perspectivas Latino-americanas**. São Paulo: CLACSO, 2005. p. 55-69.

ECKERT, Cornelia. A vida em outro ritmo. In: **Velhice ou Terceira Idade?** Myriam Moraes Lins de Barros (org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. pgs.169-206

ESTATUTO DO IDOSO. Senadora Ideli Salvatti. Brasília, 2003

FABIAN, Johannes. **O Tempo e o outro:** como a antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FERRIGNO, C. José. A identidade do jovem e a identidade do velho: questões contemporâneas. In: **Velhices: reflexões contemporâneas.** São Paulo: SESC: PUC, 2006

FERNANDES, B. Raquel. Pierre Bourdieu e a noção de liderança política. **Revista Eletrônica Ensaios.** v.2, nº 3, ano 2. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2010

FONSECA, Claudia. Palestra. Antropologia através das antropologias. **Jornadas Antropológicas PPGAS/UFSC.** 13 a 16 de outubro. Florianópolis, 2015

FOUCAULT, Michel. O nascimento da medicina social. In: **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos.** Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A ordem do discurso.** Edições Loyola: São Paulo. 12ª edição, 2005.

GEERTZ, Clifford. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991

GOFF, Le Jacques. **História e Memória.** Trad. Bernardo Leitão. 2ª edição, SP: UNICAMP, 1992. (pg. 525-541)

GOLDENBERG, Miriam. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Mirian Goldenberg (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. pgs. 45 a 64.

GOLDFARB, C. Delia. **Corpo, tempo e envelhecimento**. 1998. Dissertação de Mestrado no Programa de Psicologia Clínica da PUC SP. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão, n. 24, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 199

GUIA GLOBAL: Cidade Amiga do Idoso. Organização Mundial da Saúde 2008

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, T. Edward. **A Dança da vida: a outra dimensão do tempo**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 1996.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Quem precisa de identidade? Trad. Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996], 2000.

HERRERA, M. Karolyna. **Da invisibilidade ao reconhecimento: uma análise do papel da mulher rural a partir da perspectiva da multifuncionalidade agrícola**. 2015. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis SC, 2015

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: Passos et.al. (org.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KUMMER, Rodrigo. **Juventude rural, entre ficar e partir: a dinâmica dos jovens rurais da comunidade de Cerro Azul, Palma SolaO/SC**. 2013.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. UNIOESTE, Campus de Toledo. TOLEDO/PR 2013

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**. Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas. São Paulo: CLACSO, 2005.

LINDNER, Maísa Karsten; ROSSINI, Ivana Schmidt. Dança como linguagem corporal. In: **Revista Caminhos “Saúde”** [on-line]. n 7. Rio do Sul, 2013

LIPPARD, Lucy. **Notas de uma recém-chegada**. Tradução da versão publicada no livro *Situation* organizado por Claire Doherty. London: Documents of Contemporary Art. Whitechapel Gallery, 2009, pp. 154-157. Fragmento do original publicado em *Longing and Belonging: From the Faraway Nearby* (Santa Fé: SITE Santa Fe, 1995). In: MELIN, Regina (org.) *HAY EN PORTUGUÉS*, 2015.

LOCKS, A. Geraldo. **Identidade dos agricultores familiares brasileiros de São José do Cerrito, SC**. 1998. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

MACHADO, G. Nelia. **São José do Cerrito: sua gente e sua história**. Lages SC: Papervest Editora, 2004

MACHADO, Pinheiro Paulo. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912 – 1916)**. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2004.

MAFFESOLI, Michel. Comunidade de destino. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 273-283, jan./jun. 2006

MANNHEIM, Karl. **Essays on the sociology of knowledge**. Collected Works Volume Five. Edited by Paul Kecskemeti. London, 1998.

MAZON, S. Marcia. **A construção social do mercado olerícola na ótica da Nova Sociologia Econômica**. Estudo de caso em Urubici –

Santa Catarina. 2005. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005

MENDONÇA, Jurilza Maria Barros. **Políticas públicas para idosos no Brasil: análise à luz da influência das Normativas Internacionais**. 2015. Tese de Doutorado. Departamento de Serviço Social. Universidade de Brasília, Brasília, 2015

MERCADANTE, F. Elizabeth. A identidade e a subjetividade do idoso. In: **Revista Kairós: gerontologia**. Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. PUC-SP. Ano 1, v.1 (1998). São Paulo: EDUC, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de C. A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIGNOLO, W D. **Histórias locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOLINA, A. César. **Viaje a la Costa da Morte**. Huerga y Fierro Editores, 2003.

MORAGAS, M. Ricardo. **Gerontología Social: envejecimiento y calidad de vida**. Barcelona: Editorial Herder, 1991.

MOTTA, M. Flávia. **Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

MOTTA, B. Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: **Cadernos Pagu: Gênero em gerações**. Org. Guita Grin Debert. Campinas/SP: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1999.

_____. **O homem idoso e sua participação social: lazer, militância política e cultural**. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009. SESC São Paulo

MUNDURUKU, Daniel. **Karú Tarú: o pequeno pajé**. Erechim RS: Edelbra, 2009.

NOSSWITZ, Juliana. **A ação profissional do assistente social nos conselhos municipais de políticas públicas: uma análise na região da AMPLASC**. Florianópolis, 2008. (111) fls. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social.

NOVASCO, Raul. **As casas subterrâneas e sua paisagem: cartografando o ambiente**. Dissertação para obtenção de mestre pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. 2013

OITICICA, Hélio. A obra, seu caráter objetal, o comportamento. **Revista GAM**. Galeria de Arte Moderna. Londres, 1986.

PASCHOAL, P.M.Sérgio. Epidemiologia do Envelhecimento. In: **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. Neto, P. Matheus. (org.) São Paulo: Atheneu, 1996

PASSOS, Eduardo & BARROS B. Regina. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: Passos et.al. (org.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PATROCÍNIO, P. Wanda. Musicalidade e movimento corporal para adultos e idosos. In: **Revista A Terceira Idade**. Vol. 21. n. 47. São Paulo. SESC-GETI, 2010

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3. 1989, p. 3-15.

_____. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Projeto História. São Paulo, n. 15, abr./1997, p. 13-49.

PORTO & STROPASOLAS. As problemáticas de gênero e geração nas comunidades rurais de Santa Catarina. In: SCOTT, Parry et.al. **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010

RAMOS, S. Flávia. **Entre a teoria e a prática agroecológica, onde e como estão as mulheres rurais?** Um estudo na região da Grande Florianópolis (SC). 2016. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis SC, 2016.

RODRIGUES, Carlos José. Imagens e significados da morte no Ocidente. In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, Envelhecimento e Felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SCHLESENER, A. Helena. **Hegemonia e Cultura: Gramsci**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1992.

_____. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SILVA, F. Elizabeth. **O fracasso da oposição no poder**. Lages: 1972-1982. Letras Contemporâneas: Ilha de Santa Catarina, 1994.

SILVA, L. Elaine. **Velhices masculinas: um estudo sobre experiências do envelhecer**. 2011. No prelo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

SIMÕES, Júlio A. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: BARROS, Myrian. **Velhice ou Terceira Idade?** 4ª ed. São Paulo: FVG, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Trad. Livia de Oliveira. DIFEL Difusão Editorial S.A. São Paulo/Rio de Janeiro, 1980

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** 1ª edição Cosac Naify Portátil. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 384 pp.

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **Impensar a ciência social.** Aparecida,SP: Ed. Idéias e Letras, 2006

WALLERSTEIN, Immanuel Maurice. **World-Systems Analysis: an introduction.** Duke University Press. 2004.

WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações.** Tradução Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 1967 e 1968. Dunker & Humblot, Berlim.

_____. **Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima.** Tradução de Gabriel Cohen. Rio de Janeiro: VGuedes Multimídia, 2008.

Artigos on-line, sites consultados

BATISTONI, T. S. Samila. **Gerontologia Ambiental:** panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. Curso de Graduação em Gerontologia, Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo, SP. In: Rev. Bras. Geriatr. Gerontol., Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbgb/v17n3/1809-9823-rbgb-17-03-00647.pdf>>. Acesso em 3 de julho de 2016.

BORDA, B. W. Erik. **As várias peles que encarnamos: a questão da identidade cultural.** Disponível em:
<<http://www.revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/viewFile/329/pdf>>. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

BRASIL. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. (Princípios e Diretrizes). 2008. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Disponível em:

<<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2008/PT-09-CONS.pdf>>. Acesso em 20 dez 2009.

DOMINGUES, Perpétua. **A teoria do discurso de Laclau e Mouffe.**

Tradução Érika E. V. Frazão; Vitor A. Barcellos. capítulo 6 do livro Discourse de David Howarth. Buckingham. Open University Press, 2000. Disponível em

<http://www.academia.edu/8519998/A_TEORIA_DO_DISCURSO_DE_LACLAU_E_E_MOUFFE

IBGE. Censo 2010. Cidades. São José do Cerrito. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 28 julho.2015.

YOUTUBE. Uma leitura do cotidiano escolar com Michel de Certeau. Marília G. Duran. International Studies on Law and Education 12 set-dez 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto. file:///C:/Users/user/Downloads/certeau.pdf

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil.** (trechos) Cartografia Sentimental, Transformações

contemporâneas do desejo. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989. Disponível em:

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em 02 agosto de 2015.

APÊNDICE A - Ofício da Capacitação e Projeto

Ofício da Capacitação e Projeto
São José do Cerrito, abril de 2015.

OFÍCIO

A/C

Sra. Lúcia Aparecida Pires Garcia Paes

Venho através deste, requerer para ser incluída na pauta da reunião de abril, o Projeto de um Curso de Capacitação para Trabalho com Idosos, intitulado "Envelhecendo com Cidadania", afim de que possa ser analisado para possível certificação. O Curso acontecerá no dia 29 de abril de 2015. Se possível, peço por gentileza, uma vez o Projeto seja aprovado, que a emissão do certificado possa sair no mês de maio.

Desde já agradeço,

Atenciosamente,

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Sociologia Política - UFSC
Professora Voluntária de Antropologia no Núcleo de Estudos da Terceira Idade
- NETI/UFSC

Projeto Curso de Capacitação para Trabalho com Idosos "Envelhecendo com Cidadania"

Introdução: Em março de 2015, estando no segundo ano de mestrado no Programa de Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina, iniciei meu trabalho de campo em São José do Cerrito SC. A dissertação em andamento versará sobre as concepções de velhice e envelhecimento de homens idosos desta localidade. O objetivo do Projeto da Dissertação é "Identificar para compreender e analisar a implementação no local das políticas públicas sobre a concepção de velhice e envelhecimento dos idosos masculinos de São José do Cerrito SC." . Durante o trabalho de campo, realizado através de entrevistas com agentes ligados direta ou indiretamente com idosos, percebi a necessidade de capacitação específica para lidar com este segmento etário, apesar da boa vontade dos envolvidos em realizar um bom trabalho. Cito alguns: CRAS, Igreja Católica, especialmente no processo de implementação da Pastoral da Pessoa Idosa, Sindicatos, Centro Comunitário, entre outros. Sendo assim, concomitante ao trabalho de campo ora realizado e, recebendo apoio dos principais envolvidos, resolvi ministrar um Curso de Capacitação para Trabalho com Idosos deste município no dia 29 de abril de 2015. **Justificativas:** O interesse e a escolha por esta localidade para ministrar este Curso, deu-se primeiramente por abrigar histórias dos meus antepassados e de familiares. Meus avós paternos, tio e meu pai nasceram aqui. Realizar um Projeto e ministrar um Curso sobre as questões do envelhecimento é em primeira instância dedicado à memória daqueles que estiveram aqui primeiro,

especialmente do Sr. João Maria Pereira da Silva (*in memorian*) e Lourival Lopes da Silva (*in memorian*). Num segundo momento, uma vez que grande parte da população é composta por pessoas idosas, faz-se necessário ofertar oportunidades para os que trabalham com idosos e os que estão envelhecendo, maiores conhecimentos sobre velhices, através de cursos, capacitações, palestras, entre outros. **Objetivo Geral:** Capacitar e dar a conhecer aos agentes governamentais e não-governamentais que direta ou indiretamente trabalham com idosos, saberes específicos pertinentes à condição de envelhecimento dos seres humanos. **Carga Horária** (horas-aula) - 6h aula. Das 13h às 16:30h. **Público Alvo:** agentes governamentais e não-governamentais que trabalham com pessoas idosas. **Prévia Pauta do Curso:** Breve histórico do envelhecimento humano; Identidades e pertencimentos; Redes de suporte social; Protagonismo e empoderamento; Ação Cidadã e Educativa no envelhecer.

APÊNDICE B – Entrevistas

ENTREVISTA PARA OS PROFISSIONAIS DAS INSTITUIÇÕES

1. Nome
 2. Onde nasceu e reside?
 3. (*) Desde quando mora em São José do Cerrito?
 4. Qual sua formação e profissão?
 5. A que instituição faz parte?
 6. Há quanto tempo trabalha nesta área?
 7. Por que resolveu trabalhar com idosos, poderia me falar sobre seu trabalho com eles?
 8. (*) Quais são as leis que protegem o idoso neste município?
 9. Quais as maiores dificuldades encontradas por você neste trabalho?
 10. (*) O fato de ser homem (ou mulher) dificulta ou facilita seu trabalho com os idosos?
 11. Como você percebe o idoso homem de São José do Cerrito? e a mulher idosa?
 12. Como você percebe o "ser jovem" e o "ser velho"?
 13. O que pensa da velhice?
 14. O que pensa da morte?
 15. Quais são seus projetos para o futuro?
 16. Tem alguma coisa que eu não perguntei que gostaria de falar?
- (*) Perguntas que dependem da resposta da pergunta anterior e perguntas direcionadas dependendo de quem é entrevistado.

ENTREVISTA PARA O IDOSO

1. Nome
2. Idade
3. Onde o nasceu?
4. (*) Desde quando mora em São José do Cerrito?
5. (*) Porque escolheu esse lugar para morar?
6. Seus avós e seus pais nasceram onde?
7. (*) Sabe porque eles vieram morar aqui?
8. Se dava melhor com sua mãe ou seu pai?
9. Qual a sua profissão?
10. É aposentado?
11. O sr. é casado?
12. Tem filhos, netos e bisnetos?
13. (*) Eles moram em São José do Cerrito?
14. (*) Costuma visitar eles?
15. O sr. poderia me dizer como é o seu dia-a-dia?
16. Costuma visitar parentes e amigos?
17. Qual sua religião?

18. Costuma ir à missa?
19. Já participou de algum tipo de movimento? Qual?
20. Já participou de algum grupo para idosos?
21. Sua esposa participa de algum grupo?
22. (*) Porque acha que as mulheres participam mais de grupos?
23. O que o sr. acha da mulher hoje em dia?
24. Poderia me falar sobre seu casamento?
25. O que pensa da velhice? Tem diferença entre velhice de homens e velhice de mulheres?
26. O que gosta de fazer?
27. O que não gosta de fazer?
28. Poderia me falar de sua infância e de sua juventude?
29. (*) Na época de sua juventude quais eram as expectativas para o futuro?
30. Qual a diferença entre "ser jovem" e "ser velho".
31. O que pensa da velhice?
32. O que pensa da morte?
33. Quais são suas maiores necessidades hoje?
34. Gosta de morar em São José do Cerrito? Porque? Mudaria alguma coisa?
35. Que mensagem gostaria de deixar para os mais novos, como eu?
36. Tem alguma coisa que eu não perguntei que gostaria de falar?

(*) Perguntas que dependem da resposta da pergunta anterior

ANEXO A - Resumo das políticas internacionais e nacionais destinadas às pessoas idosas

Mendonça, Jurilza Maria Barros de. Políticas públicas para idosos no Brasil: análise à luz da influência das Normativas Internacionais / Jurilza Maria Barros de Mendonça, 2015. 172 f. : Il. Tese de Doutorado. Departamento de Serviço Social – Universidade de Brasília. Brasília, 2015

1903 - Foi reconhecido aos profissionais da agricultura e das indústrias rurais o direito de organizar e de formar sindicatos. Os sindicatos demonstraram a importância da organização social e de luta, principalmente no que dizia respeito às conquistas por direitos relacionadas ao trabalho. Assim, suas organizações foram marcantes desde a Revolução Industrial.

1923 - Deputado paulista Eloy Chaves apresentou projeto logo transformado no Decreto-Lei de nº 4.682, criando as Caixas de Aposentados e Pensão dos Ferroviários. Tipicamente ela se destinava à criação de um fundo, mediante a contribuição dos empregados, dos empregadores e do Estado (este através de recursos adicionais de tributação e, portanto, mediante recursos extraídos do público), com o objetivo de garantir parte do fluxo da renda normalmente auferida pelo empregado, no momento em que ele se desligasse da produção por velhice, invalidez ou por tempo de serviço – ou a seus dependentes em caso de morte, além da assistência médica. Mas não era um direito a todos, mas compromisso a rigor entre os membros de uma empresa e seus proprietários. Essa modalidade de proteção social guardava semelhança com o sistema de Seguridade Social instituído na Alemanha, no século XIX, pelo chanceler conservador Otto Von Bismarck, o qual ficou conhecido como modelo profissional por cobrir, sob a forma de seguro, apenas os trabalhadores inseridos no mercado de trabalho. Quem estivesse fora desse mercado e não pudesse contribuir no presente para sua segurança no futuro ficava desprotegido pelo Estado.

1926 - Funcionavam 33 caixas de Aposentadorias e Pensão com as mesmas características iniciais. Contudo, pelo Decreto Legislativo nº 5.128, o governo foi autorizado a criar o Instituto de Previdência para os servidores da União, no qual o Estado passou a desempenhar as funções correspondentes ao do empregador privado.

1927 - Instituída a competência exclusiva do Estado para tratar da Previdência dos servidores públicos, dando origem ao Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Servidores do Estado.

1931 - Foi instituído o Decreto nº 20.465, que disciplinava a reforma da legislação das CAPs, além de fixar 8% do fundo disponível a ser gasto em assistência médica, sendo este montante ampliado para 10% de acordo com o disposto no Decreto nº 21.081, de fevereiro de 1932.

1932 - Já estavam em funcionamento 140 Caixas de Aposentadoria e Pensões, cobrindo 189.482 segurados ativos, 10.279 aposentados e 8.820 pensionistas,

ficando claro que, enquanto o Estado respondia lenta e seletivamente às demandas de ampliação da proteção social por parte da classe trabalhadora, as empresas avançavam na sua cobertura previdenciária, de caráter compensatório, mediante acordos privados de seguro entre empregadores e empregados.

1933 - Criado pelo Decreto 22.872, de 29 de julho, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos – IAPM, com financiamento tripartido, semelhante aos das Caixas. “todos os profissionais marítimos, no caso do IAPM, estavam qualificados para receber os mesmos benefícios, independentemente da empresa à qual estivessem ligados produtivamente” (SANTOS, 1979, p. 32).

1934 - Foram criados o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes – IAPC e o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários – IAPB.

1937 - Protagonizado por Getúlio Vargas, surgiram o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários – IAPI, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Trabalhadores e Empregados em Cargas – IAPETEC e o Instituto de Previdência e Aposentadoria dos Servidores do Estado – IPASE.

1948 - O sistema de Previdência Social era constituído por 30 Caixas de Aposentadorias e Pensões – CAPS e 6 Institutos de Aposentadorias e Pensões – IAPs, cobrindo aproximadamente 3.000.000 segurados ativos, 158.800 aposentados e 171.000 dependentes. Vale destacar que, na Constituição democrática de 1946, no Capítulo da Ordem Social, não foi inserida nenhuma inovação.

1960 - (Lei nº 3.807) Lei Orgânica da Previdência Social unificou a legislação aplicável aos Institutos. Contudo, as imposições do governo demonstraram que não se poderia ter uma proteção social universal e evidenciaram a possibilidade de corte na assistência médica mesmo de segurados que contribuíssem com a manutenção superavitária do Sistema Previdenciário.

1964 - Com o Golpe Militar e a instituição de um regime ditatorial ocorreu maior velocidade à expansão da cobertura previdenciária à população brasileira, sem, no entanto, vinculação entre benefícios sociais e acumulação de riquezas, pavimentando caminhos da universalização segmentada, para usar a expressão de Rodriguez Cabrero (apud PEREIRA, 2008); ou seja, só teria cobertura quem fosse segurado, o que contribuía para ratificar as desigualdades sociais.

1966 - Criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Esse Instituto unificou todos os institutos existentes, com exceção do Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Servidores do Estado – IPASE. Uniformizou também todos os benefícios e serviços e unificou toda parte político-administrativa das agências estatais incumbidas de promover a proteção social, independentemente da categoria profissional, sendo incluídos igualmente os trabalhadores rurais, empregados domésticos e autônomos.

1971 - Para beneficiar a população do campo, foi criado o Programa de Assistência ao Trabalhador Rural – FUNRURAL, por meio da Lei Complementar nº 11, de 25 de maio que previa a concessão de benefícios de aposentadoria por velhice e invalidez, pensão por morte, auxílio-funeral, serviço de saúde e serviço social (melhoria dos hábitos e de suas condições de

assistência, mediante ajuda pessoal, nos desajustamentos individuais e da unidade familiar e, predominantemente em suas diversidades). E a aposentadoria correspondia a 50% do salário mínimo.

1973 - Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU chamou atenção sobre a necessidade de proteger os direitos das pessoas idosas.

1974 - Ministério da Previdência e Assistência Social – MPAS foi criado pela Lei nº 6.062 de 25 de junho, com a função de promover a maximização da equidade na sociedade brasileira. Também com a Lei nº 6.179 de 11 de dezembro, instituiu-se o amparo previdenciário às pessoas maiores de setenta anos, incapacitados para o trabalho, sem exercer atividades remuneradas e que tivessem sido filiados ao INPS pelo menos 12 meses consecutivos, ou ainda, tivessem ingressado no regime do INPS após completar 60 anos de idade. O benefício chamado de Renda Mensal Vitalícia não ultrapassava 60% do salário mínimo.

1975a - Instituído o Sistema Nacional de Saúde e a compra de serviços no mercado pelo Estado, transferindo a função provedora para a iniciativa privada. A partir daí tiveram início as privatizações do sistema de saúde desonerando o Estado e passando a responsabilidade ao contribuinte, o que representou retrocesso na política social no Brasil.

1975b - O INPS unificou e uniformizou as prestações de benefícios e serviços aos trabalhadores integrados no mercado formal urbano. O IPASE foi responsável por prestar benefícios e serviços aos servidores públicos dos Estados, cobrindo uma categoria específica de servidores públicos.

1976 - Por intermédio do Ministério da Previdência e Assistência Social, foram realizados no Brasil três seminários regionais (São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza), com o objetivo de identificar as condições de vida da pessoa idosa. Em seguida a esses seminários, realizou-se no mesmo ano em Brasília, um seminário nacional com o tema “Política Social da Velhice”, originando, com base nas suas conclusões, o documento “Política Social para o Idoso: diretrizes básicas”, editado pelo Ministério da Previdência e Assistência Social

1978 - O Ministério da Previdência e Assistência Social se reorganizara em agências de previdência e assistência médica, em função da Lei nº 6.439, de 2 de setembro de 1977, criando o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social –SINPAS, voltado para: a universalização do atendimento médico com a implantação do Plano de Ações Integradas de Saúde; a concessão e a manutenção de benefícios; a prestação de serviços; o custeio de atividade e programas; a gestão administrativa, financeira e patrimonial da Previdência e Assistência Social. Para cumprir essa missão, foram criados o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social – INAMPS, o Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social – IAPAS, a Central de Medicamentos – CEME, a Legião Brasileira de Assistência – LBA, a Empresa de Processamentos de Dados da Previdência Social – DATAPREV e a Fundação Nacional do Bem-estar do Menor – FUNABEM.

1982 - Realizada a 1ª Assembleia Mundial sobre Envelhecimento em Viena; e, por ocasião da 68ª Sessão Plenária das Nações Unidas, em 14 de dezembro de 1990, em cumprimento à Resolução nº 46/106, foi designada a data de 1º de outubro como o Dia Internacional das Pessoas Idosas.

1987 - Decreto nº 94.657, muitas das deliberações da VIII Conferência Nacional de Saúde foram colocadas em prática, tornando-se universal o atendimento médico e desaparecendo a distinção entre segurado e não segurado da Previdência e o privilegiamento da rede pública.

1988a - Protocolo de San Salvador assinado pelos Estados integrantes da Organização dos Estados Americanos⁸³ - (OEA) por ocasião do Décimo Período de Sessões da Assembleia Geral. É o único documento de caráter juridicamente vinculante para América Latina e Caribe que inclui normas sobre os direitos básicos das pessoas idosas. Além disso, obriga os Estados a garantirem progressivamente proteção especial à velhice para que os idosos desfrutem de alimentação e de atenção médica especializada, de execução de programas trabalhistas específicos, que possibilitem a realização de atividades produtivas e a promoção da formação de organizações sociais destinadas a melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas.

1988b - Com a Constituição Federal conhecida como Constituição cidadã, novas normatizações entraram em cena. Pela primeira vez na história política do país, uma Constituição da República Federativa do Brasil contemplou um Sistema de Seguridade Social, composto pelas políticas de Previdência, Saúde e Assistência Social. Esta também foi reconhecida como política pública que deveria concretizar direitos sociais de caráter assistencial, assumindo, assim, um *status* legal diferente das ações assistências realizadas pela LBA que foi extinta em 1995⁸⁴. Os artigos 203 e 204 da Carta Magna de 1988 garantiram à pessoa idosa um sistema de proteção social de acordo com as diretrizes emanadas das normativas internacionais. Foi a partir desse momento histórico que o Brasil não só passou a participar com maior regularidade das discussões internacionais

⁸³ A Organização dos Estados Americanos é uma organização internacional criada em 1948, com sede em Washington, cujos membros são as 35 nações independentes do continente americano. Estados Membros da OEA - Antígua e Barbuda, Argentina, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Equador, Estados Unidos da América, Grenada, Guatemala, Guiana, Haiti, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Saint Kitts e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trinidad e Tobago, Uruguai, Venezuela (República Bolivariana da)

⁸⁴ Com a extinção da Legião Brasileira de Assistência, as políticas assistenciais destinadas à pessoa idosa passaram a ser coordenadas pela Secretaria de Assistência Social, vinculada ao Ministério da Previdência e Assistência Social. (BARROS, 2015, p.106)

sobre a temática do envelhecimento, como também passou a levar em conta as normativas produzidas com base nessas discussões.

1991 - A ONU editou a Resolução nº 46, instituindo os princípios dessa Organização em favor das pessoas idosas, os quais são: independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade, que devem ser assegurados às pessoas idosas para que estas realmente possam ter um envelhecimento ativo e digno.

1993 - A Lei Orgânica da Assistência Social, Lei nº 8.742/1993, que regulamenta os artigos 203 e 204 da Constituição Federal vigente, foi aprovada após vetos presidenciais e amplas mobilizações sociais. Prevê benefícios, programas e projetos destinados à população idosa, como o Benefício de Prestação Continuada (BPC), de caráter não contributivo.

1994 - Com o objetivo de promover a autonomia, a integração e a participação efetiva do idoso na sociedade foi criado a Lei nº 8.842/94, instituindo a Política Nacional do Idoso.

1999 - O Comitê dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais – DESC (Pacto Internacional de Derechos Económicos, Sociales y Culturales) afirmou que os Estados partícipes do Pacto do DESC devem prestar especial atenção ao fomento e à proteção às pessoas idosas no que diz respeito: à igualdade de direitos entre homens e mulheres, ao direito ao trabalho, à previdência social, à proteção da família, a um nível de vida adequado, à saúde física e mental, à educação e à cultura.

2002 - Após vinte anos da 1ª Assembleia Mundial, a Organização das Nações Unidas realizou a IIª Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento em Madrid. A autora desta tese participou dessa Assembleia e assistiu, naquela cidade, pessoas idosas protestando nas ruas por não terem sido chamadas ou convidadas a participar de um evento que lhes dizia respeito. Nessa assembleia, pelo que se pôde observar, as organizações não governamentais participaram, sem, contudo, terem direito à voz. Em compensação, elas realizaram o Fórum Mundial das ONG's sobre envelhecimento, em abril do mesmo ano em Madrid e encaminharam os resultados de suas análises e discussões à Organização das Nações Unidas.

2003a - Foi realizada em Santiago do Chile a I Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento – América Latina e Caribe sob a organização do governo chileno em conjunto com a CEPAL, o Fundo das Nações Unidas sobre População – UNFPA, a Organização Panamericana de Saúde – OPS, a Organização Internacional do Trabalho – OIT, o Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, Banco Mundial e Programa sobre Envelhecimento das Nações Unidas. Essa Conferência foi a primeira de caráter intergovernamental sobre envelhecimento realizada na região, como instância de análise e de intercâmbio a respeito da situação do envelhecimento e de pessoas idosas. Nessa ocasião, foi acordada pelos países participantes a estratégia regional de implementação do Plano de Ação Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento (2004).

2003b - A organização da sociedade civil realizou a Reunião Regional da Sociedade Civil sobre Envelhecimento em Santiago do Chile. Na ocasião, o Grupo Interagencial sobre Envelhecimento – GIE⁸⁵ apresentou um documento com uma síntese do processo de seguimento da Assembleia Mundial do Envelhecimento, na qual estavam detalhadas as atividades de seguimento paralelo desenvolvido pela sociedade civil.

2003c - Lei nº 10.741 que instituiu o Estatuto do Idoso para regular os direitos assegurados às pessoas com 60 anos e mais de idade. Essa lei foi fruto dos movimentos sociais de base em prol da ampliação dos mecanismos de proteção e de defesa dos direitos da pessoa idosa. É uma lei que se pautou pelas orientações do II Plano Internacional para o Envelhecimento, resultante da II Assembleia Mundial do Envelhecimento realizada em Madrid em 2002.

2003d - Foi criado o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS), ao qual coube a coordenação tanto da Política de Assistência Social como da Política Nacional do Idoso. Entretanto, sob o Decreto nº 6.800/2009, a coordenação da Política Nacional do Idoso foi atribuída à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República.

2004 - Regulamenta as Leis nºs 10.048 de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098 de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

2006a - Instituído, através da Lei nº 11.433/2006, 1º de outubro como o Dia Nacional do Idoso.

2006b - Publicação do Decreto nº 5.934 que regulamenta o Art. 40 do Estatuto do Idoso, referente à utilização dos transportes coletivos interestaduais para idosos com renda de até dois salários mínimos que poderão adquirir passagens gratuitas e com descontos de 50%; aprovação da Resolução da Diretoria Colegiada – RDC/283/2005, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA, que instituiu norma técnica definidora de padrões de funcionamento das Instituições de Longa Permanência para Idosos; publicação da Portaria nº 5.228/2006, que aprova a Política de Saúde para Pessoa Idosa e da Portaria nº 2.529/2006, que instituiu a internação domiciliar no âmbito do Sistema Único de Saúde.

2007a - Foi realizada a II Conferência Intergovernamental sobre o Envelhecimento na América Latina e Caribe, da qual resultou a Declaração de Brasília. O Governo brasileiro apresentou em seu informe nacional sobre a

⁸⁵ O GIE é integrado pela CEPAL, Organização Panamericana de Saúde (OPS), Fundo de População das Nações Unidas – UNFPA, Programa de Envelhecimento das Nações Unidas, Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID e Organização Internacional do Trabalho – OIT, e tem o apoio da Divisão de População das Nações Unidas e da Secretaria de Cooperação Técnica Iberoamericana. (BARROS, 2015, p.76)

aplicação da Estratégia Regional de Implementação para América Latina e Caribe e do Plano de Ação Internacional de Madri sobre envelhecimento, seus avanços por intermédio da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH).

2007b - Foi realizado em Brasília, o Fórum das Organizações não governamentais, sob o patrocínio do Serviço Social do Comércio – SESC – Direção Nacional, em parceria com Organizações não governamentais da América Latina e do Caribe, destacando-se as seguintes participações: Coordenação de Organismos Regionais da Sociedade Civil da América Latina e Caribe – CORV; Programa Regional Adulto Mayor Cáritas na América Latina e da PRAM – Cáritas.

2008a - Em Santo Domingo, República Dominicana, por ocasião do XXXII Período de Sessão da Comissão Econômica para América Latina e Caribe – CEPAL foi aprovada a Resolução nº 644 e ratificada a Declaração de Brasília. A Secretaria Executiva da CEPAL solicitou assessoramento técnico da própria CEPAL para realização das reuniões de seguimento da referida Declaração, em particular no que se refere ao tema de mecanismos internacionais de proteção dos direitos das pessoas idosas.

2008b - Em Buenos Aires, por ocasião da 11ª reunião de Altas Autoridades de Direitos Humanos e Chancelarias do MERCOSUL e Membros Associados, foi realizado o seminário Regional “*Idosos: discriminação, direitos humanos e políticas públicas*”. Nessa ocasião, os países participantes concordaram em estudar a possibilidade de fazer uma declaração de apoio do MERCOSUL à criação de uma Convenção sobre os Direitos das Pessoas Idosas.

2009a - O governo argentino realizou a segunda reunião de seguimento da Declaração de Brasília, contando com o apoio da CEPAL, CELADE e da UNFPA, e com a participação de 22 países da América Latina, Caribe e Europa; dos Estados Unidos e organizações não-governamentais. Contou ainda com a presença de organismos internacionais, tais como: Organização dos Estados Americanos – OEA; Comissão Interamericana de Direitos Humanos; Organização Panamericana de Saúde – OPS/OMS; Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas – UN/DESA; Organização Internacional do Trabalho e o Fundo das Nações Unidas para População. Presentes também representantes da Organização Iberoamericana de Seguridade Social – OISS; International Network for the Prevention of Elder Abuse; Cáritas Alemã; Associação Internacional de Gerontologia; Health Foundation of South Flórida; HelpAge Internacional; Conferência Interamericana de Seguridade Social – CISS do Centro de Estudos de Seguridade Social – CIESS e a Associação Internacional de Geriatria e Gerontologia.

2009b - Foi realizada a III Reunião de seguimento em Santiago do Chile. Organizada pelo Governo chileno por intermédio do Serviço Nacional do Adulto Maior – SENAMA, com apoio da CEPAL, CELADE, Organização Panamericana de Saúde – OPS, UNFPA, Organização Iberoamericana de

Seguridade Social-OISS e Rede Intergovernamental Iberoamericana de Cooperação Técnica-RIICOTEC. Contou com a participação de 24 países.

2009c - 5ª Conferência das Américas realizada em Trinidad e Tobago. Foi assinada a Declaração de Porto Espanha que em seu artigo 42 dispõe: “Neste contexto promoveremos um marco regional e com apoio da OPAS e CEPAL um exame sobre a viabilidade de elaborar uma Convenção Interamericana sobre os direitos das pessoas idosas”.

2009d - Durante a realização do XXXIX Período Ordinário de Sessões da Organização dos Estados Americanos, em San Pedro Sula, Honduras sob o AG2455-XXXIX-O/09, ficou assentado alguns resultados da Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento (Madrid, 2002) e as duas Conferências Regionais Intergovernamentais (Santiago, 2003 e Brasília, 2007).

2010a - Os presidentes dos estados componentes do MERCOSUL e Estados Associados, reunidos na cidade de San Juan, República Argentina, por ocasião da XXXIX Reunião do Mercado Comum, fizeram o seguinte comunicado: "reiteramos o interesse em aprofundar o tratamento dos direitos das pessoas idosas na Organização dos Estados Americanos e nas Nações Unidas, com o objetivo de contar com um instrumento internacional juridicamente vinculante que assegure os direitos dos mesmos e uma velhice com dignidade".

2010b - Realizada uma sessão especial do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos – OEA que contou com a participação de representantes dos estados membros e especialistas em direitos humanos e da sociedade civil. Nessa ocasião foi discutida a viabilidade de se criar um documento de caráter vinculante que protegesse e promovesse os direitos das pessoas idosas nas Américas, de acordo com a Resolução AG/RES 2.562 (XL0/10), reiterando a realização de uma reunião com especialistas, a qual ocorreu em outubro do mesmo ano.

2011a - A Assembleia Geral da OEA, por intermédio da AG/RES 2.654 (XLI-O/11), solicitou ao Conselho Permanente que criasse um grupo de trabalho composto por representantes nacionais, especialistas da área acadêmica, da sociedade civil, de organismos internacionais e agências especializadas. O GT apresentou uma minuta de convenção à Comissão de Assuntos Jurídicos e Políticos.

2011b - Aconteceu em Nova York a primeira sessão do Grupo de Trabalho criado pela Resolução nº 65/182 da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (2010). Foi analisada a situação dos direitos das pessoas idosas em âmbitos internacional e regional. Essa primeira sessão enfocou os estudos da atual situação dos direitos humanos das pessoas idosas ao redor do mundo e incluiu dois painéis de discussão sobre marcos internacional e regional de direitos humanos e sua contribuição à proteção dos direitos na velhice. A segunda sessão do Grupo de Trabalho ocorreu no período de 1º a 4 de agosto do mesmo ano também em Nova York.

2012a - A presidenta do GT da OEA encaminhou às delegações o documento enviado pela CEPAL referente “a los lineamientos para una convención de los

derechos de las personas mayores/edad”, para que fosse utilizado como referência e as delegações enviassem comentários e proposta.⁸⁶

2012b - Em agosto de 2012, foram convidados todos os países signatários da Organização das Nações Unidas para dar continuidade às discussões do GT de composição aberta sobre os direitos da pessoa idosa. A maioria dos que estiveram presentes expuseram as políticas para as pessoas idosas praticadas em seus respectivos países, assim como concordaram em fazer algo que assegurasse os direitos humanos das pessoas idosas. O representante da Malásia, que, pela primeira vez, participou do GT, ressaltou a importância do diálogo nesse encontro, convencendo-se da necessidade de uma convenção sobre os direitos humanos das pessoas idosas no sentido de afirmar e fortalecer esses direitos. Alguns Estados-Membros, dentre os quais os Estados Unidos, o Canadá e os países da União Europeia posicionaram-se contrários às normas específicas para assegurar os Direitos Humanos da Pessoa Idosa, sugerindo que fosse revisado o Plano de Madri, uma vez que a sua aplicação não tem sido monitorada, que fosse incluído o debate na Comissão de Desenvolvimento Social e as agências das Nações Unidas tivessem maior envolvimento. As organizações não governamentais sugeriram convidar representantes das comissões de direitos humanos com o objetivo de serem discutidos os benefícios econômicos, o empoderamento das pessoas idosas para o desenvolvimento econômico, a permissão para que as pessoas idosas exponham suas experiências vividas e os mecanismos regionais de direitos humanos que estão sendo criados em seu benefício. A referida sugestão, além de aceita, foi confirmada pelos países latino-americanos e africanos.

2013a - Realizado GT de composição aberto na Argentina que convidou as organizações não governamentais para uma reunião com o objetivo de traçar estratégias de pressão junto aos seus governos – no caso, os que são contra a convenção – para que concordem em dar continuidade à discussão do tema, com a proposta de se produzir um documento de âmbito internacional e juridicamente vinculante. A metodologia adotada foi como das demais e vários países expuseram as ações desenvolvidas em benefício das pessoas idosas.

- A União Europeia informou que 2012 foi o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo, no qual várias atividades científicas foram realizadas, porém continua reafirmando que possuem um compêndio de normas e que o Plano de Madri vem sendo seguido em suas

⁸⁶ Infelizmente no Brasil, o referido documento, que era a minuta da Convenção, não foi repassado pelo órgão coordenador da Política Nacional do Idoso (Secretaria de Direitos Humanos) aos demais Ministérios para que dessem as suas contribuições, principalmente no tocante à previdência, assistência social e saúde. (BARROS, 2015, p.91)

recomendações, não havendo necessidade de uma Convenção dos Direitos da Pessoa Idosa.

- Argentina, Chile, Costa Rica, El Salvador, Brasil e alguns países africanos presentes à reunião continuam reafirmando a importância de uma Convenção. A Argentina coordenou um encontro com vários países da América Latina e Caribe, resultando na criação de um grupo “Amigos do Idoso” com o objetivo de lutarem pela Convenção.
- Os Estados Unidos não têm respaldado a convenção da OEA por entender que os direitos dos idosos devem ser protegidos independentemente de convenção.

2013b - Foi aprovado pelo GT da OEA o Plano de Trabalho sobre a proteção dos direitos humanos das pessoas idosas. O referido Plano servirá como marco geral para as atividades do grupo durante o período 2013-2014, ao qual poderão ser incorporadas as modificações que sejam requeridas durante os trabalhos para assegurar melhores resultados. Em 19 de julho de 2013, o Secretário-Geral das Nações Unidas apresentou o Informe referente às resoluções da Assembleia Geral 67/143, intitulada "Seguimento da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento", e da Assembleia Geral 67/139, intitulada "Um instrumento jurídico internacional amplo e integral para promover e proteger os direitos e a dignidade das pessoas idosas".

2013c - O quinto período de sessão do GT de composição aberta sobre os direitos humanos da pessoa idosa foi realizado na sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York. De acordo com a Resolução nº 24/20, a Sra Rosa Kornfeld foi nomeada especialista independente do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, com a função de avaliar os instrumentos de direitos humanos existentes que contemplam a pessoa idosa, identificando as melhores práticas e suas eventuais deficiências, além de trocar opiniões com outros especialistas de universidades e da sociedade civil.

- A Grécia, representando os países da Europa Ocidental, expôs a importância de se inserir ações positivas nos documentos da ONU sobre envelhecimento e sobre o uso de eventos paralelos por parte dos países, para que apontem soluções para determinados problemas e, ainda, para que o envelhecimento seja inserido nos planos estratégicos da ONU, do Fundo das Nações Unidas para População, da ONU Mulheres, da OIT, com vistas ao desenvolvimento de políticas acessíveis;
- Os Estados Unidos pediu aos demais Estados que se concentrem em medidas práticas e oportunas para tratar do abuso e da violência contra a pessoa idosa, informando que foi assinada uma lei pelo Presidente Obama que criou um conselho composto de 12 chefes de agências do governo para tratar do referido tema;
- A China conta com 200 milhões de pessoas idosas e diz que os governos devem desempenhar papel de liderança por meio da

incorporação do envelhecimento nos planos de desenvolvimento, além de estabelecer um sistema legal para proteger os direitos das pessoas idosas criando comissões locais;

- O Brasil abordou o Estatuto do Idoso e informou que o Conselho Nacional dos direitos do idoso é um exemplo da sociedade civil no monitoramento e na aplicação das políticas públicas destinadas às pessoas idosas. Junto com a Argentina, propôs-se a apresentar uma Resolução ao Conselho de Direitos Humanos em Genebra, que incluisse pedido de criação de uma convenção no âmbito dos Estados Americanos, cuja previsão é junho de 2015. Esta Convenção Interamericana é considerada de grande importância para o Brasil.

ANEXO B - Decreto da I Conferência Municipal da Pessoa Idosa e Certificado



MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO CERRITO - SC

CERTIFICADO DE PUBLICAÇÃO

Certifico que na data de 15.05.15 este ato oficial foi publicado no mural oficial.

São José do Cerrito/SC, 15 de 05 de 15.

Poliana W. Melo

DECRETO Nº 2843/2015

De 15 de maio de 2015

“Convoca a 1ª Conferência Municipal de Direitos da Pessoa Idosa”.

O PREFEITO MUNICIPAL DE São José do Cerrito, em conjunto com a Presidente do Conselho Municipal do Idoso, no uso de suas atribuições e, considerando a necessidade de avaliar e propor diretrizes para a implementação da Política Nacional do Idoso no município,

DECRETA:

Art. 1º - Fica convocada a 1ª Conferência Municipal de Direitos da Pessoa Idosa, a ser realizada no dia 28 de maio de 2015, no Centro de Convivência Antonio Fortunato Pinheiro situado a Rua Manoel Batista de Oliveira, no município de São José do Cerrito, sob a coordenação da Secretaria Municipal de Assistência Social, tendo como tema central: “Protagonismo e Empoderamento da Pessoa Idosa - Por um Brasil de todas as idades”.

Art. 2º - A Conferência Municipal tem como objetivo proporcionar um espaço democrático de discussões e reflexões em torno das estratégias que apontam diretrizes para as várias políticas intersectoriais que atendem a pessoa idosa, além de garantir a implantação no município e na região da Política da Pessoa Idosa.

Art. 3º - A Comissão organizadora da Conferência Municipal, será composta por:

Titulares:

- a) Neiva Presotto Esmério de Oliveira
- b) Poliana Wiggers Melo
- c) Neusa de Oliveira Passos

Suplentes:

- a) Ana Luiza Antunes
- b) Edileusa Rosana Ramos
- c) Salete das Graças de Lima

RECEBIDO PARA PUBLICAÇÃO

NO DIA 19/05 / 2015

Yara Yara

ANEXO C - Certificado da X Conferência Nacional de Assistência Social



MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO CERRITO – SC
SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
CNPJ: 14.819.230/0001-91 – www.social@cerrito.sc.gov.br
Rua: Anacleto da Silva Ortiz, 127 – Centro – CEP 88570-000
Fone/Fax: (49) 3242- 1111

CERTIFICADO

Certificamos que *Elaine Lima da Silva* ministrou palestra na IX Conferência Municipal de Assistência Social em São José do Cerrito - SC com o Tema: "*Consolidar o SUAS rumo a 2026*".

São José do Cerrito, 28 de julho de 2015.

Deize Aparecida Correa Pinheiro
Secretaria Mun. De Assistência Social

